Autor best-seller do *The New York Times*

TIMOTHY KELLER

e Katherine Leary Alsdorf

COMO INTEGRAR FÉ & TRABALHO

Nossa profissão a serviço do reino de Deus

VIDA NOVA

Autor best-seller do *The New York Times*

TIMOTHY KELLER

e Katherine Leary Alsdorf

COMO INTEGRAR FÉ & TRABALHO

Nossa profissão a serviço do reino de Deus

VIDA NOVA

COMO INTEGRAR

FÉ & TRABALHO


AUTHORITY
AUBDR
UNIQUE IDENTIFICATION

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keller, Timothy

Como integrar fé e trabalho: nossa profissão a serviço do reino de Deus/Timothy Keller e Katherine Leary Alsdorf; tradução de Eulália Pacheco Kregness. – São Paulo: Vida Nova, 2014.

recurso digital; 6 MB

ISBN 978-65-86136-25-8 (recurso eletrônico)

Título original: Every good Endeavor: Connecting Your Work to God's Work

1. Trabalho – Aspectos religiosos – Cristianismo 2. Vida religiosa 3. Sacerdócio 4. Fé I. Título II. Kregness, Eulália P.

14-0223

CDD 253

Índices para catálogo sistemático

1. Vida religiosa – sacerdócio

Autor best-seller do *The New York Times*

TIMOTHY KELLER

e Katherine Leary Alsdorf

COMO INTEGRAR FÉ & TRABALHO

Nossa profissão a serviço do reino de Deus

tradução

Eulália Pacheco Kregness

VIDA NOVA

Copyright ©2012 Redeemer City to City e Timothy Keller

Título do original: Every Good Endeavor: Connecting Your Work to God’s Work

Traduzido a partir da primeira edição publicada pela Dutton, empresa pertencente ao Penguin Group, EUA.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2014

Edição digital: maio de 2020

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não

ser em citações breves com indicação de fonte.

SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

EDIÇÃO DE TEXTO

Curtis A. Kregness

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COPIDESQUE

Rosa M. Ferreira

REVISÃO DE PROVAS

Fernando Mauro S. Pires

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO GRÁFICA

Ubevaldo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO

Luciana Di Iorio

CAPA

Wesley Mendonça

PRODUÇÃO DO ARQUIVO EPUB

Booknando

À equipe e aos líderes voluntários do Center for Faith & Work [Centro para Fé e Trabalho] da Redeemer Presbyterian Church, que têm levado nossa congregação a entender que o evangelho transforma de verdade todas as coisas.

Em 1957, vivenciei, pela graça de Deus, um despertamento espiritual que resultou em vida mais produtiva, mais rica e mais completa. Naquela época, como forma de gratidão, pedi humildemente os recursos e o privilégio de levar felicidade às pessoas por intermédio da música. Creio que isso me foi concedido pela graça de Deus. A ELE SEJA TODA A GLÓRIA...

Este álbum é uma oferta humilde a Deus. Uma tentativa de dizer “MUITO OBRIGADO, SENHOR” por meio do trabalho que realizamos com o coração e os lábios. Que Deus ajude e fortaleça a todos em toda boa obra.

John Coltrane, extraído do encarte de A Love Supreme

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

PARTE 1.

O plano de Deus para o trabalho

UM.

O design do trabalho

DOIS.

A dignidade do trabalho

TRÊS.

O trabalho como cultivo

QUATRO.

O trabalho como serviço

PARTE 2.

Nossas dificuldades com o trabalho

CINCO.

O trabalho se torna infrutífero

SEIS.

O trabalho perde o sentido

SETE.

O trabalho se torna egoísta

OITO.

O trabalho revela nossos ídolos

PARTE 3.

O evangelho e o trabalho

NOVE.

Novo enredo para o trabalho

DEZ.

Novo conceito de trabalho

ONZE.

Nova direção para o trabalho

DOZE.

Novo poder para o trabalho

Epílogo: Orientando os cristãos a integrar fé e trabalho

Biografia dos autores

Agradecimentos

O nome da Katherine e o meu estão na capa deste livro, mas o capitão do time é Scott Kauffmann, cujos conselhos e extenso trabalho editorial foram cruciais para sua existência. A longa experiência no mundo corporativo e a perspicácia, assim como o traquejo com as palavras, habilitaram Scott de modo extraordinário a nos conduzir na produção deste trabalho conjunto. Se este livro lhe for útil, caro leitor, agradeça ao Scott. Como sempre, sou grato a David McCormick e Brian Tart, cujo apoio editorial continua favorecendo o crescimento literário da Redeemer Church.

Também tenho de reconhecer o impacto que dois amigos tiveram na compreensão que tenho do assunto deste livro. Mike Bontrager e Don Flow são cristãos envolvidos com o mundo corporativo que, a meu ver, aliam a fé evangélica ao trabalho diário por meio de uma integração fiel e repleta de contentamento. Minha tarefa é expor as Escrituras e fazer discípulos, mas sem o exemplo deles — e sua habilidade em me discipular — eu não teria entendido tão bem muito do que a Bíblia ensina sobre trabalho.

Por fim, meus agradecimentos àqueles a quem este livro é dedicado — a equipe e os líderes leigos do Centro para Fé e Trabalho de nossa igreja — por enfrentarem as dificuldades e analisarem as implicações da integração entre fé e trabalho. Só podemos escrever a respeito porque vocês fazem tudo isso. Sob a liderança da Katherine, a equipe do CFW — Kenyon Adams, Chris Dolan, Calvin Chin, Maria Fee, David Kim e Amilee Watkins — não apenas leu e aprendeu, discutiu e aplicou, desenvolveu e ensinou a teologia do trabalho apresentada neste livro. Eles se dispuseram a vivê-la no trabalho — ou seja, analisaram suas próprias motivações, aplicaram o evangelho aos próprios corações, testemunharam a mudança que lhes aconteceu e trabalharam com a alegria resultante da profunda apreciação bíblica do trabalho. Nossos líderes leigos, em meio às dificuldades e aos aborrecimentos de suas profissões e atividades, estão lutando com Deus em relação a seus próprios desejos e

motivações porque desejam vê-lo trabalhando. São transparentes a fim de ajudar outros a crescer no conhecimento e na prática. Parabenizamos vocês, pois, ao fazerem o que fazem, vocês testemunham do evangelho — as boas-novas do reino vindouro de Deus — na cidade onde o Senhor os colocou.

Prefácio

Em 1989 uma amiga insistiu para que eu visitasse sua igreja, que começava a se formar em Manhattan e chamava-se Redeemer Presbyterian Church. Havia alguns anos, eu me sentia plenamente vacinada contra igrejas, convencida de que a religião de minha família continha mais forma do que substância e de que todas as lições que porventura tivesse aprendido quanto ao assunto haviam sido rapidamente superadas pelo pensamento esclarecido por meus estudos. Contudo, a Redeemer captou minha atenção de várias maneiras: o pastor era inteligente e falava como gente comum, parecia levar a Bíblia muito a sério e buscava aplicá-la a aspectos da vida que me eram importantes — como o meu trabalho.

Alguns anos depois, tomei a decisão de abraçar a fé e "entregar minha vida" às verdades e promessas da Bíblia. Admito que tive medo de que esse compromisso matasse minhas ambições profissionais e regalias materiais, pois dois de meus irmãos que haviam se tornado cristãos foram "chamados" a ser missionários em outros países. Um deles vivia em uma área rural da África sem água corrente nem eletricidade. Se eu estava mesmo decidida a colocar Deus em primeiro lugar, teria de aceitar seu chamado para servi-lo onde quer que fosse. E ele de fato chamou. Algumas semanas após minha decisão, fiquei perplexa com a doença repentina que acometeu meu chefe, o diretor-executivo da empresa — e com seu pedido para que eu o substituísse à frente dos negócios. Em vista das circunstâncias, entendi que a vontade de Deus era que eu fizesse minha parte não no terceiro mundo, e sim no mundo dos negócios.

Na década seguinte, exerci liderança executiva em várias empresas de tecnologia na cidade de Nova York, na Europa e no Vale do Silício [Califórnia]. Em cada trabalho e a cada dia eu me debatia com o que significava ser "chamada para servir a Deus" como líder no campo empresarial. A Redeemer Church e Tim Keller, seu pastor sênior, tinham me oferecido bons fundamentos. Entendi que deveria ser transformada pelo evangelho de Jesus Cristo e, portanto, ser "usada por Deus" em meus relacionamentos, quem sabe até ser diferente na maneira de

gerenciar as empresas. Belos conceitos, mas como funcionavam na prática?

Os exemplos eram poucos e, aos meus olhos, pareciam remanescentes de uma época em que a maioria dos americanos ia à igreja. Um diretor-executivo me disse que deixava uma Bíblia em cima da escrivaninha e que de vez em quando alguém perguntava o motivo. Outro costumava orar pelos negócios, e a empresa estava indo de vento em popa. Para muitos o trabalho era o meio principal de ganharem muito dinheiro que seria destinado a instituições de caridade e organizações de sua preferência. Quando perguntei a pastores e empresários de que modo sua fé se relacionava ao trabalho que exerciam, geralmente a resposta era que a missão principal, se não única, do cristão no ambiente de trabalho era evangelizar os colegas. Contudo, a maioria dos empresários se apressava em esclarecer que evangelismo não era um de seus dons. Nenhuma das respostas abordava a questão de como a fé deveria influenciar a maneira de o cristão trabalhar.

O mundo emergente da inovação tecnológica, especialmente na década de 1990, era muito cheio de si. Os empresários e engenheiros eram vistos como deuses em nossa cultura, e a tecnologia era a resposta para todos os problemas do mundo. Meus funcionários demonstravam mais fervor evangélico quanto à visão (e tecnologias) da empresa do que os membros de qualquer igreja que eu havia conhecido. A esperança gerada por uma IPO1 era bem mais tangível e motivadora do que os cenários etéreos do céu retratados pelo mundo cristão. Na maior parte do tempo eu trabalhava com gente muito boa — pessoas maduras, de caráter admirável, que se esforçavam para contribuir de modo significativo com a sociedade e que pareciam não necessitar de igreja ou do Jesus da Bíblia para fazer isso. Com pessoas que não partilhavam de minha fé, aprendi lições inestimáveis sobre alegria no serviço, paciência e esperança, trabalho de equipe e sinceridade no falar. Pelo jeito, os membros de minha equipe que passavam o fim de semana em retiros de meditação voltavam mais renovados do que as pessoas que cultuavam juntas no domingo em uma igreja evangélica. Passei a ver meu trabalho mais como um cadinho em que Deus estava me esmagando, me moendo e refinando do que um local onde eu o servia de modo ativo e eficiente.

Eu cria na verdade do evangelho — que Deus criou todas as coisas, criou o homem à sua imagem e enviou seu Filho para resgatar tudo o que se havia perdido. Também acreditava que Deus tinha um plano para mim como funcionária e líder, bem como para muitas outras pessoas com potencial de transformar o mundo para melhor. Entretanto, no mundo corporativo que gerenciava e liderava, onde a competitividade nos empurra a vencer a qualquer preço, eu não fazia a menor ideia de como colocar em prática o plano de Deus.

Com exceção da Redeemer Presbyterian Church, as igrejas que encontrei não ofereciam muita orientação sobre como eu deveria fazer isso. A maioria dos pastores se preocupava mais em nos ajudar a servir dentro da igreja do que em nos discipular e equipar para servir no mundo. No final da década de 1990, nos tempos de expansão no Vale do Silício, muitas igrejas pareciam indiferentes a qualquer tipo de decadência do mundo ou de si mesmas. Muitos dos que se importavam verdadeiramente com os pobres não tinham noção de como os sistemas, estruturas e metodologias industriais contribuíam para as rupturas na sociedade. O ato de exercitar a fé no ambiente de trabalho me parecia relegado a pequenos gestos simbólicos, à abstenção moralista de certos comportamentos e a certos posicionamentos políticos a respeito das mais importantes questões culturais e jurídicas do momento.

A última empresa que gerenciei me ofereceu uma experiência fantástica de liderança. Ocupei o lugar de seu fundador, que havia induzido a maioria de sua equipe e seus primeiros clientes a ter uma visão extraordinária de inovação de produto e riquezas provenientes de IPO. No início do ano 2000, os bancos de investimento brigavam pela compra de nossa empresa, cortejando-nos com cifras potenciais de 200 a 350 milhões de dólares em IPO. Ainda não tínhamos os produtos, mas vários estavam em fase de desenvolvimento e sendo testados por clientes em potencial. Minha tarefa era conquistar a confiança da equipe, dos investidores e dos clientes, enquanto colocava no mercado produtos que cumprissem o prometido e gerassem equilíbrio financeiro à empresa. A pressão para avançarmos nessas áreas era incessante. Durante o processo, eu pensava desesperadamente sobre o lugar do evangelho nisso tudo. Algumas observações que fiz naquela época foram:

O evangelho me garante que Deus se importa com tudo o que realizo e ouve minhas orações. Ele talvez não responda como desejo e, se não o faz, é porque sabe de coisas que eu desconheço. Meu grau de sucesso ou fracasso é parte de seu plano excelente para minha vida. Deus é minha fonte de poder e perseverança.

O evangelho ensina que Deus se importa com os produtos que fabricamos, as empresas para as quais trabalhamos e os clientes a quem servimos. Além de nos amar, Deus também ama o mundo e espera que o sirvamos com excelência. Meu trabalho é um caminho decisivo para Deus cuidar dos seres humanos e renovar seu mundo. Deus nos dá visão e esperança.

O evangelho significa boas-novas, boas notícias. Nas palavras do pastor e conselheiro Jack Miller: “Alegre-se: você é um pecador bem pior do que ousa imaginar e muito mais amado do que ousa esperar”.2 Ou seja, continuarei errando e pecando, mas ainda assim Deus prevalecerá em minha vida por meio de sua bondade e graça.

O evangelho confere significado ao nosso trabalho como líderes. Devemos tratar dignamente todas as pessoas e o trabalho que realizam. Temos de proporcionar um ambiente onde os funcionários se desenvolvam e usem os talentos que Deus lhes deu para melhorar a sociedade. Temos de personificar graça, verdade, esperança e amor nas organizações que construímos.

Devemos dar testemunho de nosso relacionamento com Deus e de sua graça para conosco na maneira de falar, trabalhar e liderar, não como se fôssemos exemplos de perfeição, mas como aqueles que apontam o caminho de Cristo.

Após um ano e meio de trabalho implacável, a empresa faliu. Fazíamos parte da bolha da Internet e, quando ela estourou, fomos juntos. Embora nosso produto tenha sido lançado no mercado na data prevista, não conseguimos levantar o dinheiro adicional necessário depois que o investimento inicial secou. Contratamos agentes financeiros para encontrar um comprador que, ao menos, nos permitisse conservar o produto no mercado, manter alguns funcionários trabalhando e fornecer algum retorno aos nossos investidores. No entanto, as oscilações do mercado assustaram o comprador com quem estávamos

negociando, que acabou desistindo poucos dias antes da assinatura do contrato. Tive de dispensar uma centena de funcionários no dia seguinte e, depois, vender nossa propriedade intelectual.

Como é que todo esse trabalho duro e bem-feito deu tão errado? Minhas indagações e meus protestos a Deus eram feitos em nível pessoal, empresarial e industrial. Por que Deus não nos levara ao sucesso quando era óbvio que me havia "chamado" para realizar esse trabalho? Tentei ser justa com nossos funcionários e agora eles estavam desempregados em um mercado em colapso. Fiquei imaginando se eu não havia contribuído para a "bolha da Internet e sua explosão" por causa da visão de nossa empresa de obter rendimentos e valorizações estratosféricos e imediatos. Quais eram minhas responsabilidades diante de nossos acionistas e da sociedade em geral? Os únicos empresários cristãos que eu tinha ouvido davam crédito a Deus pelos grandes sucessos alcançados; como eu deveria lidar com o fracasso? Eu queria um evangelho que anunciasse boas notícias até mesmo nessa situação.

Algo extraordinário aconteceu quando avisei aos funcionários que a empresa fecharia as portas no dia seguinte, embora só algum tempo depois eu tenha entendido plenamente a dádiva e a beleza absoluta do acontecido. Os funcionários, inteiramente por conta própria, compareceram no dia seguinte com o propósito de celebrar uns aos outros e o trabalho que haviam realizado. Apesar do gostinho de tristeza que permeava a festa, alguns funcionários trouxeram instrumentos musicais e cantaram para o grupo, outros fizeram demonstrações de tai chi que aprenderam em aulas realizadas após o expediente e todos riram se lembrando dos momentos divertidos que passaram juntos. Fiquei de queixo caído. Eles estavam dando honra a uma cultura, a uma organização que lhes havia proporcionado alegria no trabalho e nos relacionamentos — apesar do resultado final. Mais tarde, passei a ver aquele dia como um vislumbre de Deus no ambiente de trabalho, na maneira de Deus fazer as coisas: curando, renovando e redimindo.

Poderíamos chamar de justiça poética o fato de que a resposta à desilusão total

que sofri quanto à falta de apoio das igrejas veio seis meses depois, quando a Redeemer Presbyterian Church me convidou para retornar a Nova York e ajudar na implantação de um ministério no mundo corporativo. Após uma década lutando com Deus, analisando o poder transformador do evangelho e reclamando da falta de orientação e apoio da igreja no ambiente de trabalho, recebi a chance de ajudar outros a dar um testemunho melhor da esperança e verdade do evangelho em seu chamado profissional.

Este livro reúne algumas diretrizes fundamentais de entendimento sobre Deus, Jesus e o Espírito Santo; sobre quem somos em relação a essa Trindade divina; e sobre como tudo isso afeta o trabalho para o qual fomos criados. Nosso modo de trabalhar — no contexto de nossa cultura particular, da época da história em que vivemos, de nossa vocação e organização — é algo que todos temos de avaliar muito bem em nossas comunidades. Todas as respostas, no entanto, dependem desta teologia fundamental: saber quem Deus é, entender seu relacionamento com os seres humanos, seu plano para o mundo e como as boas-novas (o evangelho) sobre Jesus Cristo viram de cabeça para baixo nossa vida e a maneira de trabalharmos.

Sou grata a Tim Keller por aplicar o evangelho à carreira profissional em sua liderança e mensagens nestes últimos 25 anos. Também sou grata por ele ter investido tempo em transformar esses fundamentos em livro, de modo que todos nós possamos ir mais fundo e descobrir como Deus quer que vivamos fielmente em nossa área de trabalho.

Katherine Leary Alsdorf

Diretora-executiva do Centro para Fé e Trabalho da Redeemer Presbyterian Church

[1] Sigla de inicial public offering, expressão que se refere à entrada de uma

empresa no mercado de ações. [N. do T.]↩

[2]C. John “Jack” Miller foi pastor da New Life Presbyterian Church, da qual a família da autora fez parte na década de 1980. Embora, até onde sabemos, a frase não tenha sido publicada em nenhum livro de Jack, ele a repetia com frequência em suas pregações e palestras.↩

Introdução

A importância de resgatar a vocação

Em seu consagrado livro Habits of the Heart [Hábitos do coração], Robert Bellah levou muitas pessoas a identificar o que destruía (e ainda destrói) a natureza coesiva de nossa cultura: o “individualismo expressivo”. Em outra obra, Bellah afirma que os americanos desenvolveram uma cultura que valorizou de tal modo a escolha e a manifestação individual que qualquer forma de vida compartilhada, verdades preponderantes ou valores que nos uniam deixaram de existir. Como Bellah escreveu:

“... estamos nos encaminhando para uma validação ainda maior da sacralização do indivíduo, [mas] nossa capacidade de imaginar uma estrutura social que mantenha as pessoas unidas está desaparecendo [...] A sacralização do indivíduo não é equilibrada por nenhuma noção do todo ou preocupação com o bem comum”.1

Porém, quase no final de Habits of the Heart, o autor propõe uma medida bastante eficiente para o reentrelaçamento da cultura fragmentada:

Para que a diferença seja real [...] [teria de haver] uma reapropriação do conceito de vocação ou chamado, um retorno à noção de trabalho sob uma nova ótica que o veja como contribuição para o bem comum, e não meramente como um meio para o progresso individual.2

Trata-se de uma afirmação surpreendente. Se Bellah estiver correto, uma das esperanças para nossa sociedade fragmentada é a redescoberta do conceito de que todo e qualquer trabalho humano não é simplesmente uma tarefa, mas um chamado. O termo latino vocare — chamar — é raiz de nossa palavra "vocação". Hoje a palavra remete apenas a trabalho, mas este não era o sentido original. O trabalho só é uma vocação se alguém chamar você para fazê-lo e se ele for feito para quem o chamou, e não para você mesmo. Da mesma forma, nosso trabalho só é um chamado se for repensado como uma missão ou um serviço em favor de algo acima dos nossos meros interesses pessoais. Veremos mais tarde que enxergar o trabalho principalmente como meio de satisfação e realização individual destrói lentamente a pessoa e — como Bellah e muitos outros enfatizaram — solapa a própria sociedade.

No entanto, se vamos "reapropriar" uma ideia antiga, temos de analisar sua origem. Nesse caso, a fonte da ideia de trabalho como vocação é a Bíblia Sagrada. Portanto, inspirando-nos na proposta de Bellah, faremos o possível neste livro para ajudar a esclarecer a conexão transformadora e revolucionária entre a fé cristã e o local de trabalho. Vamos nos referir a essa conexão — e às ideias e práticas que a cercam — como "integração entre fé e trabalho".

As muitas "correntes" sobre fé e trabalho

Não estamos sozinhos nessa tentativa. Talvez desde a Reforma Protestante não se tenha dado tanta atenção ao relacionamento da fé cristã com o trabalho como hoje em dia. O número de livros, pesquisas sérias, programas acadêmicos e debates online sobre o assunto cresceram exponencialmente nas duas últimas décadas. Mesmo assim, os cristãos que buscam orientação prática sobre como agir no trabalho são, de modo geral, mal servidos por esse movimento crescente. Alguns, como Katherine Alsdorf (veja Prefácio), frustram-se com a superficialidade dos conselhos e exemplos. Outros ficam perplexos com a diversidade — alguns diriam dissonância — de conselhos em como ser cristão no ambiente de trabalho.

Imaginemos o atual “movimento fé e trabalho” como um rio alimentado por diversas correntes vindas de muitas fontes. Talvez a maior parte da força e a maioria dos grupos que querem ajudar as pessoas a integrar fé e trabalho estejam entre os que têm uma compreensão evangélica da Bíblia e da fé cristã, mas outras tradições e alas da fé também têm dado contribuição importante. O movimento ecumênico enfatizou que os cristãos devem usar seu trabalho para promover a justiça social no mundo. Isso nos fez entender que o trabalho fiel exige a aplicação de uma ética distintamente cristã.3 O movimento de pequenos grupos, que surgiu no século 20, enfatizou a necessidade de os cristãos oferecerem nutrição e apoio mútuos para enfrentar as lutas e dificuldades no ambiente de trabalho. Isso mostrou que o trabalho fiel requer renovação espiritual interior e mudança de coração.4 O impulso reavivalista no evangelicalismo enxerga o local de trabalho principalmente como um lugar onde devemos testemunhar de Jesus Cristo.5 O trabalho fiel implica, sim, em algum tipo de identificação com Jesus Cristo, de tal modo que colegas mostrem interesse em saber mais a respeito do Senhor.

Muitos também buscam fontes mais antigas para integrar fé e trabalho. Os reformadores protestantes do século 16, particularmente Martinho Lutero e João Calvino, defendiam que todos os tipos de trabalho, até mesmo o secular, eram um chamado de Deus tanto quanto o ministério de um monge ou sacerdote.6 As fontes da teologia luterana davam ênfase especial à dignidade de todo e qualquer trabalho, observando que Deus cuidava, alimentava, vestia, abrigava e sustentava a raça humana por meio do trabalho do ser humano. Quando trabalhamos, somos, como a tradição luterana afirmava, os “dedos de Deus”, os agentes de seu amor providencial aos outros. Essa compreensão eleva o propósito do trabalho de ganha-pão para amor ao próximo e, ao mesmo tempo, nos liberta do fardo esmagador de trabalhar especialmente para provar nosso valor. Seguidores da tradição calvinista, ou “reformada”, como Abraham Kuyper, abordaram outro aspecto do trabalho como chamado divino. Além de cuidar da criação, o trabalho a orienta e estrutura. Nessa visão reformada, o objetivo do trabalho é desenvolver uma cultura que honre a Deus e capacite os seres humanos a prosperar. Claro que devemos amar o semelhante, mas o cristianismo nos oferece lições específicas sobre a natureza humana e o que estimula seu pleno desenvolvimento. Devemos nos assegurar que nosso trabalho

seja realizado de acordo com essa compreensão. Portanto, trabalhar fielmente significa agir sob uma “cosmovisão” cristã.7

Todas essas diferentes tradições oferecem respostas um tanto diversas sobre como devemos resgatar a vocação. Em geral, as correntes parecem confusas para os cristãos, pois elas não se complementam perfeitamente. A teologia luterana oferece certa resistência ao conceito reformado de “cosmovisão” e argumenta que a maneira de os cristãos realizarem seu trabalho não deve ser muito diferente da maneira dos não cristãos. A maioria das igrejas protestantes liberais não sente a mesma urgência que as igrejas evangélicas conservadoras sentem de evangelizar, pois não vê o cristianismo clássico como o único caminho para a salvação. Muitas pessoas acham que a ênfase dos escritores e das organizações que se orientam pela cosmovisão é cognitiva demais, com pouca ênfase na mudança interior. E mesmo essas pessoas não chegam a um acordo sobre o que significa transformação interior e crescimento espiritual. Portanto, se você é um cristão que procura ser fiel em seu trabalho, talvez se veja tentando pesar noções tão variadas quanto estas:

O modo de servir a Deus no trabalho é promovendo justiça social no mundo.

O modo de servir a Deus no trabalho é sendo honestos e evangelizando os colegas.

O modo de servir a Deus no trabalho é executando-o com toda a nossa capacidade.

O modo de servir a Deus no trabalho é criando algo belo.

O modo de servir a Deus no trabalho é exercendo sua profissão com motivação cristã para a glória de Deus, buscando engajar-se na cultura e influenciá-la com esse propósito.

O modo de servir a Deus no trabalho é exercendo sua profissão de coração agradecido, alegre, transformado pelo evangelho, sejam quais forem as circunstâncias.

O modo de servir a Deus no trabalho é fazendo o que nos dá mais alegria e entusiasmo.

O modo de servir a Deus no trabalho é obtendo o maior lucro financeiro possível, para, então, ser tão generoso quanto possível.

Até onde essas noções se complementam ou se opõem? É uma pergunta difícil, porque todas têm pelo menos um pouco de base bíblica. A dificuldade reside não apenas na grande quantidade de compromissos e fatores teológicos envolvidos, mas também em como eles funcionam de diferentes maneiras, dependendo do campo ou forma de trabalho. A ética cristã, mas também motivos cristãos, identidade cristã, testemunho cristão e cosmovisão cristã moldam nosso trabalho de modos bem diferentes conforme o tipo de trabalho.

Por exemplo, suponhamos que uma artista plástica cristã mostre habitualmente sua preocupação com a justiça social, conduza sua carreira com honestidade em todas as transações comerciais, receba o apoio de amigos para atravessar os altos e baixos da vida, testemunhe de sua fé aos colegas de profissão e veja sua arte como um serviço a Deus e ao próximo, e não um modo de conseguir autoestima e fama. Isso é tudo o que é necessário para integrar fé e trabalho? Além de tudo isso, será que o ensinamento cristão sobre a natureza da realidade influencia o que essa artista retrata de tal realidade e como ela a retrata por meio de sua arte? Influenciará as histórias que ela conta com sua arte? Sua arte será influenciada por suas crenças sobre pecado, redenção e esperança para o futuro? Acredito que sim. Dessa forma, descobrimos que o trabalho fiel envolve vontade, emoções, alma e mente — à medida que refletimos sobre as implicações de nossas crenças e as vivenciamos no contexto de nosso trabalho diário.

Contudo, e se você for um sapateiro cristão ou pianista? De que maneira uma cosmovisão cristã afeta o tipo de sapato que fabrica ou como toca a Sonata ao luar? A resposta não é muito clara.

Quem nos libertará de toda essa complexidade? A maioria das pessoas que começam a ler livros ou envolver-se em grupos que integram fé e trabalho geralmente: a) adota apenas uma das correntes teológicas; ou b) fica confusa com a leitura ou o ensino contraditório das diferentes correntes. Igrejas e organizações que se preocupam com a relação entre fé e trabalho tendem a certo desequilíbrio ao destacar um ou mais desses aspectos e excluir outros. No entanto, simplesmente combinar todas as ênfases — e esperar que produzam algo coerente — também não é a solução.

Não temos a pretensão de resolver neste livro todas essas diferenças. Mas esperamos deixar as coisas mais claras. Para começar, fazemos duas observações sobre a lista de proposições anteriormente oferecida. Primeiro, se você analisar cada uma das proposições acrescentando a palavra “principal” — como “o modo principal de servir a Deus no trabalho é...” — então as noções vão de fato contradizer-se. Você terá de escolher uma ou duas delas e descartar as restantes. Na verdade, a maioria das pessoas que discorrem sobre fé e trabalho faz exatamente isso, de modo tácito ou explícito. No entanto, se você mantiver as proposições da maneira que estão, entendendo que cada uma é um modo de servir a Deus por meio do trabalho, então as diferentes afirmações acabarão se complementando. Segundo, como já observamos, esses fatores podem assumir formas bem diferentes dependendo de nossa vocação em particular, da cultura e do momento histórico. Quando mantemos esses dois princípios em mente, seguimos em frente enxergando as diversas correntes, afirmações e verdades como uma caixa de ferramentas a ser usada na construção de um modelo que integre fé e trabalho em nosso campo de atuação, tempo e contexto.

Tão importante quanto esclarecer essas ideias, nosso objetivo é torná-las mais vívidas, reais e práticas. Nosso alvo é alimentar a imaginação do leitor e estimular sua atitude com a riqueza do que a fé cristã afirma (direta e indiretamente) sobre esse assunto inesgotável. A Bíblia fervilha de sabedoria, recursos e esperança para quem está aprendendo a trabalhar, procurando trabalho, tentando trabalhar ou para quem irá um dia trabalhar. Quando afirmamos que a Bíblia “nos dá esperança” para trabalhar, reconhecemos tanto que o trabalho pode ser imensamente frustrante e difícil quanto que nossa esperança espiritual deve estar profundamente enraizada, se desejamos enfrentar

o desafio de buscar nossa vocação neste mundo. Não conheço nenhum testemunho que mais instigue essa esperança do que a negligenciada historinha “Leaf by Niggle”, de J. R. R. Tolkien.

Existe mesmo uma árvore

Quando J. R. R. Tolkien já estava escrevendo O senhor dos anéis havia algum tempo, chegou a um impasse.8 Tolkien imaginava uma história até então nunca vista pelo mundo. Como professor especialista em inglês antigo e outras línguas antigas da Europa Setentrional, ele sabia que a maior parte da mitologia britânica da antiguidade sobre os habitantes dos “Reinos Encantados” — elfos, anões, gigantes e magos — havia desaparecido (ao contrário dos mitos dos gregos e romanos ou mesmo os dos escandinavos). O grande sonho de Tolkien era recriar e reimaginar a mitologia britânica antiga. O senhor dos anéis estava enraizado nesse mundo perdido. O projeto exigiu que ele criasse ao menos os rudimentos de vários idiomas e culturas imaginários como também resgatasse milhares de anos da história de várias nações — tudo a fim de que a narrativa tivesse a profundidade e o realismo que, segundo Tolkien, se faziam necessários para que o conto fosse envolvente.

Enquanto trabalhava no manuscrito, Tolkien chegou ao ponto em que a narrativa se dividia em muitas subtramas. Personagens importantes viajavam a várias partes do mundo imaginário, enfrentavam múltiplos perigos e atravessavam circunstâncias complicadas. Era um desafio tremendo desenrolar todas essas subnarrativas de modo claro e, a seguir, dar a cada uma delas uma resolução satisfatória. Não somente isso, mas a Segunda Guerra Mundial estourou e, embora Tolkien, na época com 50 anos, não tivesse sido convocado para lutar, a sombra da guerra caiu pesadamente sobre ele. O escritor havia experimentado o horror da Primeira Guerra Mundial e jamais esquecera esse período terrível. A Grã-Bretanha estava em posição precária, sob invasão iminente. Quem poderia saber se ele sobreviveria, mesmo como civil?

Tolkien começou a se desesperar, achando que nunca terminaria a obra de sua vida. A essa altura, ela não era apenas o esforço de alguns anos. Quando começou a escrever O senhor dos anéis, Tolkien já havia trabalhado por décadas nos enredos, línguas e tramas que sustentavam a história. A possibilidade de não terminar o livro era "um pensamento terrível e paralisante".9 Naquela época, existia uma árvore ao lado da estrada perto da casa de Tolkien. Certa manhã, ele descobriu que a árvore havia sido podada e mutilada por um vizinho. O escritor passou a ver sua obra mitológica como sua "Árvore interior", que poderia ter a mesma sorte. Sua "energia mental e inventiva" havia secado.10 Um dia ele acordou com um conto na mente e colocou-o no papel. Quando o jornal Dublin Review lhe pediu um artigo, Tolkien enviou o conto, que havia intitulado "Leaf by Niggle". Era sobre um pintor.

No começo da história, descobrimos duas coisas sobre o pintor. A primeira é que ele se chama Niggle. O Oxford English Dictionary, para o qual Tolkien havia contribuído, define "niggle" como "trabalhar [...] de modo inútil ou ineficiente [...] desperdiçar tempo com detalhes insignificantes".11 Niggle, claro, era o próprio Tolkien, que sabia muito bem que esse era um de seus defeitos. Ele era perfeccionista, nunca satisfeito com o que produzia, sempre se desviando dos assuntos importantes e preocupando-se com detalhes de menor valor, propenso à ansiedade e à procrastinação. Niggle agia da mesma forma.

Também lemos que Niggle "tinha uma longa jornada a cumprir. Ele não queria ir, na verdade a coisa toda lhe desagradava muito, contudo o pintor não tinha outra saída". Niggle vivia adiando a jornada, mas sabia que ela era inevitável. Tom Shippey, que também era professor de Literatura Inglesa Antiga em Oxford, explica que, na literatura anglo-saxônica, "longa e necessária jornada" significava a morte.12

Niggle estava tentando pintar um quadro específico. Ele tinha em mente a imagem de uma folha, e, depois, de uma árvore inteira. Em sua imaginação, atrás da árvore, "um país começou a aparecer; depois, vislumbres de uma floresta que se alastrava pela terra e cumes de montanhas cobertos de neve". Niggle se

desinteressou de todos os seus outros quadros e, para dar espaço à visão, arrumou uma tela tão grande que precisou de uma escada. Niggle sabia que teria de morrer, mas disse a si mesmo: “Seja como for, terminarei este quadro, meu quadro verdadeiro, antes de iniciar essa jornada deplorável”.

Então, Niggle trabalhou em sua tela, “dando um toque aqui, retirando um borrão ali”, mas sem fazer muito progresso. Havia dois motivos para isso. Primeiro, ele era o “tipo de artista mais habilidoso em pintar folhas do que árvores. Niggle gastava muito tempo em uma única folha...” tentando conseguir o tom exato, o reflexo exato e as gotas de orvalho mais precisas. Assim, por mais que se esforçasse, muito pouco era retratado na tela. O segundo motivo era seu “coração gentil”. Niggle estava sempre interrompendo a pintura para atender às necessidades de alguém. De modo particular, seu vizinho Parish, que não apreciava nem um pouco a arte de Niggle, vivia lhe pedindo favores.

Certa noite, quando Niggle percebe, e com razão, que seu tempo está chegando ao fim, Parish insiste em que ele saia no frio e na chuva atrás de um médico para sua esposa. Como resultado, Niggle fica resfriado e com febre e, enquanto trabalha desesperadamente em seu quadro, o Motorista chega para levá-lo na jornada sempre adiada. Niggle, entendendo que tem de ir, cai no choro. “Ai, ai!”, exclama o pobre Niggle aos prantos, “nem deu para terminá-lo!”. Algum tempo depois da morte do artista, a pessoa que comprou sua casa notou que, na tela deteriorada, uma “única e linda folha” permanecia intacta. Ela foi exposta no Museu Municipal “e, por muito tempo, ‘A folha: de Niggel’ permaneceu pendurada em um canto, admirada por poucos olhos”.

Contudo, a história não termina aqui. O corpo de Niggle é enviado de trem para as montanhas celestiais da vida pós-morte. A certa altura da viagem, ele ouve duas Vozes. Uma parece a da Justiça, a voz severa, denunciando que Niggle perdeu muito tempo e realizou muito pouco na vida. A outra voz, mais gentil (“embora não fosse suave”), que parece a da Misericórdia, contrapõe o julgamento anterior dizendo que Niggle decidiu se sacrificar pelos outros, sabendo exatamente o que fazia. Como recompensa, quando Niggle chega aos

arredores do país celestial, uma coisa chama sua atenção. Ele corre para ver o que é — e lá está ela: “Diante dele se encontra a Árvore, sua Árvore, concluída; suas folhas se abrindo, seus galhos crescendo e dobrando-se ao vento que Niggle tantas vezes sentiu ou imaginou e, mesmo assim, não conseguiu reproduzir. Ele admirou a Árvore, ergueu os braços devagar e abriu-os amplamente. ‘É um presente!’, exclamou”.13

O mundo antes da morte — seu velho país — se esqueceu de Niggle quase de imediato; nele, seu trabalho ficou incompleto, útil somente para poucas pessoas. Mas nesse novo país, o mundo real verdadeiro, o artista descobre que sua árvore, com todos os detalhes e terminada, não era apenas um sonho que morreu com ele. Não, ela fazia parte da Realidade Verdadeira, que existiria e seria apreciada para sempre.14

Já contei essa história para profissionais de várias áreas — especialmente artistas e outros criadores — e, independentemente do que creiam sobre Deus e a vida pós-morte, todos ficam profundamente emocionados. Tolkien possuía um entendimento bastante cristão da arte e, na verdade, de todo tipo de trabalho.15 Ele acreditava que Deus nos dá talentos e dons para fazermos pelos outros o que deseja fazer por nós e por nosso intermédio. Como escritor, por exemplo, Tolkien conseguia dar significado à vida das pessoas por meio de histórias que mostram a natureza da realidade.16 A Niggle foi dada a certeza de que a árvore que ele havia “sentido e imaginado” era “uma parte verdadeira da criação”17 e que até mesmo o pedacinho que ele revelou às pessoas na terra tinha sido uma revelação da Verdade. Tolkien foi muito consolado por sua própria história. Ela ajudou a “exorcizar alguns dos temores de Tolkien e a fazê-lo retornar ao trabalho”, embora também tenham sido a amizade e os cutucões carinhosos de C. S. Lewis que o incentivaram a voltar ao manuscrito.18

Artistas e empreendedores conseguem identificar-se de imediato com Niggle. Eles trabalham a partir de sonhos, geralmente grandes, de um mundo que só eles imaginam. Poucos de nós conseguem enxergar até mesmo uma fração desses sonhos, e um número ainda menor pode afirmar que chegou perto. Os que são

perfeccionistas e metódicos em excesso, como Tolkien era, também conseguem identificar-se de verdade com o caráter de Niggle.

No entanto, lá no fundo, todo mundo é Niggle. Todo mundo se imagina realizando coisas, e todo mundo se descobre bastante incapaz de produzi-las. Todo mundo deseja ser bem-sucedido em vez de esquecido, e todo mundo deseja contribuir para melhorar o mundo. Mas isso foge ao nosso controle. Se esta vida é tudo o que existe, então tudo acabará sendo consumido pelas chamas quando o Sol morrer, e ninguém estará aqui nem mesmo para se lembrar do que aconteceu. Todo mundo será esquecido, nada do que realizarmos fará diferença e todas as boas obras, até as melhores, acabarão em nada.

A não ser que haja Deus. Se o Deus da Bíblia existe, e se existe uma Realidade Verdadeira por detrás e para além desta, e se esta vida não é a única vida, então cada boa obra, até a mais simples, se buscada em resposta ao chamado de Deus, terá significado eterno. É isso que a fé cristã promete. “Nele [no Senhor] o vosso trabalho não é inútil”, Paulo escreve em sua primeira carta aos coríntios, capítulo 15, versículo 58. Ele estava falando do ministério cristão, mas o conto de Tolkien mostra que isso pode ser completamente verdadeiro em relação a todo tipo de trabalho. Tolkien havia se preparado, por meio da verdade cristã, para realizar coisas bem simples aos olhos do mundo. (A ironia é que ele produziu algo que muitos consideram uma obra de gênio e que seu livro está entre os mais vendidos na história do mundo.)

E você, como é que fica? Digamos que você, jovem ainda, se aventure no campo de planejamento urbano. Por quê? Você acha as cidades o máximo e imagina como uma cidade de verdade deveria ser. Possivelmente você desanimará porque durante a vida inteira talvez não consiga terminar mais do que o equivalente a uma folha ou um galho. Acontece que existe uma Nova Jerusalém, uma cidade celestial, que descerá à terra igual a uma noiva enfeitada para seu marido (Ap 21—22).

Digamos que você seja advogado e abra um escritório porque tem o sonho de fazer justiça e de ver uma sociedade próspera governada por igualdade e paz. Em dez anos, estará profundamente decepcionado porque, por mais que queira trabalhar em coisas importantes, muito do que faz é pífio. Uma ou duas vezes na vida, você achará que, finalmente, "terminou uma folha".

Seja qual for seu trabalho, você tem de saber uma coisa: existe mesmo uma árvore. Não importa o que você busque em seu trabalho — uma cidade de justiça e paz, um mundo de brilhantismo e beleza, a história, a ordem, a cura —, a árvore está lá. Deus existe, existe um mundo futuro restaurado que ele trará, e nosso trabalho é mostrá-lo (em parte) aos outros. Nos seus melhores dias, seu trabalho em trazer esse mundo à existência será apenas parcialmente bem-sucedido. Mas inevitavelmente a árvore inteira que você busca — beleza, harmonia, justiça, conforto, alegria e comunidade — produzirá frutos. Se você sabe disso tudo, então não ficará desanimado por conseguir uma ou duas folhas nesta vida. Você trabalhará com satisfação e alegria. Não ficará arrogante devido ao sucesso nem devastado pelos contratempos.

Acabei de dizer: "Se você sabe disso". Para trabalhar dessa maneira — para ter o consolo e a liberdade que a fé cristã ofereceu a Tolkien em relação a seu trabalho —, você precisa conhecer as respostas da Bíblia para estas três perguntas: Por que você quer trabalhar? (Ou seja, por que temos de trabalhar para ter uma vida realizada?) Por que é tão difícil trabalhar? (Ou seja, por que geralmente isso é tão infrutífero, inútil e complicado?) Como vencemos as dificuldades e encontramos satisfação em nosso trabalho por intermédio do evangelho? O restante deste livro buscará responder a essas três perguntas em três seções, respectivamente.

▪

[1]Robert N. Bellah, "Is There a Common American Culture?", disponível em: <www.robertbellah.com/ articles_6. htm>.↩

[2]Robert Bellah, Richard Madsen, William M. Sullivan, Ann Swidler e Steven M. Tipton, Habits of the Heart: Individualism and Commitment in American Life. Berkeley: University of California Press, 1985, p. 287-8.↩

[3]Para um bom resumo geral do movimento “Fé no Trabalho” e especialmente de suas fontes nas igrejas protestantes liberais, v. David W. Miller, God at Work: The History and Promise of the Faith at Work Movement, Oxford, 2007. Miller descreve como alguns grupos evangélicos universitários — especialmente o Student Volunteer Movement [Movimento Estudantil Voluntário] e a World Student Christian Federation [Federação Mundial de Estudantes Cristãos], que veio a ser conhecido como Student Christian Movement [Movimento Cristão Estudantil] — mudaram sua ênfase, no início do século 20, de evangelização e missões mundiais para ministérios sociais. Essa mudança resultou na criação de novas conferências e agências, incluindo o grupo Faith and Order [Fé e Ordem] e o grupo Life and Work [Vida e Trabalho], que se uniram para formar o Conselho Mundial de Igrejas (p. 163, n. 43). A conferência mundial do grupo Vida e Trabalho, em 1937, realizada em Oxford, enfatizava o impacto da fé no trabalho e na economia. A conferência foi liderada por Joseph H. Oldham, para quem a igreja enfrentava “uma tarefa histórica — a tarefa de restaurar o elo perdido entre adoração e trabalho” (Miller, God at Work, p. 31). A maior parte dos livros escritos na metade do século 20 sobre a perspectiva bíblica do trabalho surgiu desses círculos protestantes mais liberais e enfatizava como a fé cristã torna o trabalho mais sensível à ética social. Entre eles, encontramos Alan Richardson, The Biblical Doctrine of Work, SCM Press, 1952; Work and Vocation, ed., J. O. Nelson, Harper and Brothers, 1954; W. R. Forrester, Christian Vocation, Scribner, 1953; Hendrik Kraemer, A Theology of the Laity, Westminster, 1958; e Stephen Neill e Hans-Ruedi Weber, The Layman in Christian History, Westminster, 1963. Este último talvez seja o único livro de história da igreja a destacar o serviço de profissionais cristãos leigos fora da igreja, em vez de se concentrar apenas nos feitos de pastores e missionários. As obras de Elton Trueblood têm uma abordagem mais popular, especialmente Your Other Vocation, Harper and Brothers, 1952.↩

[4]Na metade do século 20 houve um renascimento de pequenos grupos liderados por leigos na igreja. Esse movimento tinha muitas ramificações — uma delas foi

a estratégia de criar pequenos grupos usada por organizações evangélicas que começaram a trabalhar nas universidades americanas após a Segunda Guerra, como a Inter-Varsity Christian Fellowship, Campus Crusade for Christ e Navigators. Mas talvez a pessoa mais influente nesse movimento tenha sido o pastor episcopal Rev. Sam Shoemaker. Ele fundou a Faith at Work, na cidade de Nova York e, mais tarde, a Pittsburgh Experiment — duas organizações embasadas em pequenos grupos dirigidos por leigos que almejavam alcançar pessoas no mundo dos negócios e influenciar o local de trabalho (Miller, God at Work, p. 32). ↩

[5]As igrejas protestantes liberais entendiam a relação entre fé e trabalho sobretudo como um esforço para aplicar uma ética social justa ao capitalismo, o qual era visto com desconfiança. Em contrapartida, muitos evangélicos conservadores tinham um conceito mais individualista da fé. Estes consideravam o capitalismo de mercado algo positivo e, assim, não tentavam reformá-lo. Em vez disso, preocupavam-se com a salvação e a decisão individual por Cristo. Dessa forma, ser cristão no local de trabalho significava, em primeiro lugar, evangelizar os colegas. Grupos como Full Gospel Business Men's Fellowship, no meio pentecostal, fundado por Demos Shakarian, e o Fellowship of Companies for Christ, International, eram distintos dos movimentos ligados a igrejas protestantes liberais, pois enfatizavam a ética individual acima da ética social — isto é, trabalhar com integridade e honestidade — assim como treinar as pessoas no mundo dos negócios a evangelizar seus colegas de trabalho (Miller, God at Work, p. 51).↩

[6]Lutero, Calvino e outros reformadores enunciaram sua doutrina de trabalho em contraste com a da Igreja Católica Romana medieval. Para os medievais, o trabalho humano era necessário para a aquisição de bens passageiros nesta vida, mas de pouca utilidade para a aquisição de bens eternos na vida futura. Portanto, o trabalho era uma questão periférica. Para os reformadores, no entanto, o trabalho humano estava no centro do propósito de Deus para a vida humana. Os calvinistas viam o trabalho como um meio de continuar a obra criadora de Deus de edificar uma cultura que o honrasse. Os luteranos viam o trabalho como um instrumento da obra providencial de Deus de cuidar da criação. Mas a teologia católica do trabalho não permaneceu estática. Começando com a encíclica

Rerum Novarum do papa Leão XIII, em 1891, e continuando até o Laborem Exercens do papa João Paulo II, em 1981, observamos uma grande mudança. O papa Paulo VI, por exemplo, comenta Gênesis 1.28, quando Deus manda os seres humanos encher a terra e dominá-la, dizendo que “a Bíblia, desde a primeira página, ensina que a criação inteira é para o homem, que é responsabilidade dele desenvolvê-la por esforço inteligente e aperfeiçoá-la, por assim dizer, por meio de seu trabalho, para seu uso” (citado em Lee Hardy, The Fabric of This World: Inquiries into Calling, Career Choice, and the Design of Human Work [Eerdmans, 1990], p. 71. Muitos têm enfatizado as semelhanças entre o entendimento católico da lei natural e o entendimento reformado da graça comum, ou seja, que Deus dá sabedoria e iluminação a todas as pessoas, incluindo as não cristãs, para que enriqueçam o mundo por meio de seu trabalho. Resumindo, hoje em dia não existe mais um grande divisor entre o ensino social católico quanto à importância do trabalho e o ensino da Reforma Protestante (v. Hardy, Fabric o f This World, 67ss.).↩

[7]Em outros capítulos, apresentaremos muitas outras contribuições dos reformadores protestantes à nossa compreensão do trabalho.↩

[8]O conto “Leaf by Niggle” foi publicado primeiramente em The Dublin Review, em janeiro de 1945. Há controvérsia a respeito da data em que foi escrito. O biógrafo de Tolkien, Humphrey Carpenter, acredita que isso ocorreu na época em que o periódico solicitou sua publicação, em setembro de 1944 (v. Humphrey Carpenter, Tolkien: a Biography, Ballantine Books, 1977, p. 220-1), mas Tom Shippey acha que o conto foi escrito mais perto do início da Segunda Guerra (v. T. A. Shippey, JRR Tolkien: Author of the Century, Houghton Mifflin, 2000, p. 266). A história pode ser encontrada hoje em J. R. R. Tolkien, Tree and Leaf e The Homecoming of Beorhtnoth, HarperCollins, 2001, e em J. R. R. Tolkien, The Tolkien Reader, Del Rey, 1986. Esses livros contêm tanto “Leaf by Niggle” quanto o ensaio clássico de Tolkien “On Fairy Stories”. As citações de “Leaf by Niggle” nesta seção foram extraídas de J. R. R. Tolkien, “Leaf by Niggle”, in: Tree and Leaf e The Homecoming of Beorhtnoth, p. 93-118.↩

[9]Essa citação e a análise a seguir do pensamento de Tolkien são extraídas de Humphrey Carpenter, Tolkien, p. 220-1 e 293-4.↩

[10]Ibidem, p. 221.↩

[11]Apud Shippey, JRR Tolkien, p. 267.↩

[12]Shippey cita o poema do inglês antigo “Bede’s Death-Song” [Canção da morte de Bede], que começa assim: “Antes da viagem premente”. Uma “viagem premente” era uma viagem compulsória e extensa que todos têm de fazer e que começa (diz Bede) no “dia-da-morte” do viajante. Ibidem.↩

[13]Tolkien “Leaf by Niggle”, p. 109-10.↩

[14]Tom Shippey e Humphrey Carpenter apresentam duas interpretações ligeiramente diferentes do final da história. Carpenter diz que a árvore de Niggle é “uma parte verdadeira da criação” — isto é, ela estava lá o tempo todo, como parte da terra verdadeira e gloriosa de Deus. Como artista, Niggle estava dando ao mundo presente um vislumbre parcial do mundo futuro, da verdade subjacente. Shippey tem aspirações ainda maiores. Ele escreve: “O galardão de Niggle é descobrir que seu quadro se tornou verdadeiro [grifo nosso] no fim de sua jornada, que sua ‘subcriação’ foi aceita pelo Criador” (p. 276-7). Em outras palavras, Deus concedeu um galardão a Niggle na pátria celestial ao tornar real a imaginação artística dele.↩

[15]Shippey afirma que, de início, o The Dublin Review pediu a Tolkien um artigo sobre “humanidade católica” (p. 266). Em outras palavras, Tolkien via sua história como algo que expressava um entendimento especificamente cristão e

católico de criatividade e arte. Shippey enfatiza que no reino celestial que nela é retratado existe um “pastor”, obviamente uma referência a Cristo (p. 277).↩

[16]V. o famoso ensaio de Tolkien, “On Fairy Stories”, in: Tolkien, Tree and Leaf, p. 3ss.↩

[17]São as palavras de Carpenter em Tolkien, p. 221.↩

[18]Ibidem.↩

PARTE UM

O plano de Deus para o trabalho

um

O design do trabalho

Assim foram concluídos os céus e a terra, com todos os seus elementos. No sétimo dia, Deus já havia completado a obra que fizera; nesse dia ele descansou de toda a sua obra. E Deus abençoou e santificou o sétimo dia, porque nele descansou de toda a obra que havia criado e feito [...] E o Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para que o homem o cultivasse e guardasse.

Gênesis 2.1-3,15

No princípio, houve trabalho

A Bíblia começa a falar em trabalho assim que começa a falar sobre tudo que foi criado — isso mostra como ele é importante e fundamental. O autor do livro de Gênesis descreve a criação do mundo por Deus como sua obra.1 Na verdade, descreve o projeto magnífico da criação do cosmo no período de uma semana regular de trabalho.2 A seguir, retrata os seres humanos trabalhando no paraíso. Essa visão de trabalho — ligada à criação divina ordenada e ao propósito humano — se distingue entre importantes regras de fé e sistemas de crença do mundo.

A narrativa da criação no livro de Gênesis é singular entre os antigos relatos das origens. Muitas culturas tinham histórias que descreviam o início do mundo e a

história da humanidade como resultado de uma batalha entre forças cósmicas em guerra. Na história babilônica da criação Enuma Elish, o deus Marduque derrota a deusa Tiamate e usa seus restos mortais para criar o mundo. Neste relato e em outros parecidos, o universo visível era um equilíbrio inquietante de poderes em tensão uns com os outros.3 Na Bíblia, porém, a criação não é resultante de um conflito, pois Deus não tem concorrentes. Na realidade, todos os poderes e seres celestiais e terrenos são criados por ele e dependem dele.4 Portanto, a criação não é resultado de uma batalha, mas o plano de um artesão. Deus criou o mundo não como um soldado cava uma trincheira, mas como um artista cria uma obra-prima.

O relato dos gregos sobre a criação inclui a ideia de sucessivas “eras da humanidade”, começando com a era de ouro. Durante essa época, os seres humanos e os deuses habitavam a terra em harmonia. No início, o relato lembra vagamente a história do jardim do Éden, porém uma diferença é bastante reveladora. O poeta Hesíodo afirma que nem os humanos nem os deuses da era de ouro tinham de trabalhar. No paraíso original a terra simplesmente produzia fartura de alimento.5 O livro de Gênesis não poderia ser mais diferente. Seus primeiros capítulos descrevem repetidamente Deus “trabalhando” e usam o hebraico mlkh, palavra usada para o trabalho comum dos seres humanos. Como um estudioso afirmou, é algo totalmente “inesperado que a atividade divina extraordinária envolvida na criação do céu e da terra seja descrita dessa forma”.6

No princípio, então, Deus trabalhou. O trabalho não é um mal necessário que adentrou o cenário mais tarde ou algo que fora criado para os seres humanos fazerem, mas que estava abaixo da dignidade do poderoso Deus. Não. Deus trabalhou por puro prazer e alegria. O trabalho não poderia ter tido um início mais glorioso.

As formas do trabalho de Deus

É algo notável que, no capítulo 1 do livro de Gênesis, Deus não só trabalhe como também se alegre no trabalho. “E Deus viu tudo quanto fizera, e era muito bom. E foram-se a tarde e a manhã, o sexto dia [...] Assim foram concluídos os céus e a terra, com todos os seus elementos” (Gn 1.31; 2.1). Deus acha bonito o que criou. Ele dá um passo atrás, observa “tudo o que fez” e, verdadeiramente, declara: “Está muito bom!”. Como em todo trabalho bem-feito e recompensador, o trabalhador se vê no que faz. “A harmonia e a perfeição dos céus e da terra criados expressam mais adequadamente o caráter de seu criador do que quaisquer componentes poderiam expressar de forma isolada.”7

O segundo capítulo de Gênesis mostra que Deus trabalha não somente para criar, mas também para cuidar de sua criação. É isso o que os teólogos chamam de “providência”. Deus cria os seres humanos e depois trabalha para o bem deles como seu Provedor. Forma o homem (Gn 2.7), planta e rega um jardim para ele (2.6,8) e cria para esse homem uma mulher (2.21,22). O restante da Bíblia nos fala que Deus continua seu trabalho de Provedor, cuidando do mundo por meio da chuva e do cultivo da terra (Sl 104.10-22), alimentando a todos que criou, oferecendo ajuda a todos os que sofrem e suprindo as necessidades de cada criatura viva (Sl 145.14-16).

Por fim, vemos Deus não apenas trabalhando, mas chamando trabalhadores para continuar sua obra. Em Gênesis 1.28, Deus ordena aos seres humanos: “Enchei a terra e sujeitai-a”. O verbo “sujeitar” mostra que, embora tudo o que Deus fez fosse bom, ainda havia muito a ser desenvolvido. Deus deixou a criação com grande potencial inexplorado para o cultivo que as pessoas teriam de desenvolver por meio de seu trabalho.8 Em Gênesis 2.15, Deus colocou o homem no jardim para que “o cultivasse e guardasse”. A implicação é que, enquanto Deus trabalha para nós como Provedor, nós também trabalhamos para ele. Na verdade, Deus trabalha por nosso intermédio. Salmos 127.1 — “Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam” — revela que Deus está construindo a casa (suprindo nossas necessidades) por meio dos construtores. Como Martinho Lutero afirmou, o salmo 145 diz que Deus alimenta todas as coisas vivas, ou seja, ele está nos alimentando por intermédio do suor de lavradores e de outros.9

A virtude de nosso trabalho

O livro de Gênesis apresenta uma verdade surpreendente — o trabalho fazia parte do paraíso. Um teólogo resumiu tal fato desta maneira: “É perfeitamente claro que o excelente plano de Deus compreendia os seres humanos sempre trabalhando, ou, mais especificamente, vivendo no constante ciclo de trabalho e descanso”.10 Novamente o contraste com outras religiões e culturas não poderia ser mais nítido. O trabalho não apareceu após um período dourado de lazer. Ele fazia parte do design perfeito para a vida humana, pois fomos criados à imagem de Deus, e parte de sua glória e felicidade é que ele trabalha, assim como o Filho de Deus, que afirmou: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (Jo 5.17).

O fato de Deus ter inserido o trabalho no paraíso nos causa surpresa porque pensamos nele como um mal necessário ou até mesmo um castigo. Mas o trabalho não é inserido na história humana depois da Queda de Adão, como parte da ruína e maldição; é parte da bênção do jardim de Deus. O trabalho é uma necessidade humana básica tanto quanto o alimento, a beleza, o descanso, a amizade, a oração e a sexualidade; não é simplesmente uma boa solução para remediar uma situação, mas alimento para a nossa alma. Sem um trabalho significativo, sentimos um grande vazio e perda interior. Pessoas que ficam desempregadas por problemas de saúde ou por quaisquer outros motivos percebem logo como precisam trabalhar para se desenvolver emocional, física e espiritualmente.

Nossos amigos Jay e Barbara Belding, empresários da Filadélfia, perceberam essa necessidade até mesmo entre adultos com deficiências mentais. Quando lecionava para pessoas com necessidades especiais de aprendizagem, Jay ficou desconcertado com as perspectivas profissionais de seus alunos que terminavam o curso. O treinamento profissional tradicional e os programas de emprego geralmente não tinham vagas suficientes de emprego e, como resultado, havia

muito tempo ocioso e falta de renda. Em 1977, Jay e Barbara fundaram a Associated Production Services, um empreendimento que oferecia treinamento de qualidade e emprego para essas pessoas. Hoje a organização treina 480 pessoas que estão engajadas em uma variedade de trabalhos manuais de empacotamento e linha de montagem para um grande número de empresas de produtos de consumo em quatro diferentes instalações. Jay se concentra em oferecer ferramentas e métodos que garantam qualidade, maior eficiência e rendimento, o que ajuda no desenvolvimento de uma cultura de sucesso para a empresa e para as pessoas a quem eles servem.

Os Belding estão empolgados e agradecidos porque descobriram um modo prático e sustentável de atender à necessidade intrínseca que seus funcionários tinham de ser produtivos: “Nossos empregados querem participar do mundo do ‘trabalho diário’, querem sentir orgulho de si mesmos e querem contribuir para o sustento da própria vida”. Esses funcionários finalmente estão capacitados a satisfazer de modo completo um aspecto vital de seu design divino como trabalhadores e criadores.

Na verdade, o trabalho é tão fundamental à nossa composição que é uma das poucas coisas que podemos assumir em doses substanciais sem nos prejudicarmos. De fato, a Bíblia não diz que devemos trabalhar um dia e descansar seis, ou que trabalho e descanso devem ser feitos na mesma proporção; pelo contrário, ela nos leva à escala oposta. Lazer e prazer são coisas excelentes, porém não dá para exagerar na dose. Quando perguntamos a pacientes de hospitais e clínicas de idosos como estão se sentindo, a reclamação principal é quanto à ociosidade, ao fato de que se sentem inúteis. Acham que têm muito tempo livre e nenhuma tarefa. Ficar sem trabalho é profundamente inquietante porque fomos criados para trabalhar. Perceber isso confere um significado mais profundo e muito mais positivo à visão comum de que trabalhamos para sobreviver. De acordo com a Bíblia, não precisamos apenas de dinheiro para sobreviver; precisamos do trabalho para sobreviver e viver plenamente como seres humanos.

Nos próximos capítulos vamos discorrer mais sobre os motivos pelos quais isso acontece, mas um deles é o fato de o trabalho nos tornar úteis aos outros, em vez de passarmos a vida olhando para nós mesmos. Mais ainda, o trabalho também é um meio de descobrir quem somos, porque é através dele que conhecemos nossas habilidades e dons, componentes importantíssimos de nossa identidade.11 Assim, a autora Dorothy Sayers escreveu com propriedade: “Qual é o entendimento cristão sobre o trabalho? [...] O trabalho não é, primordialmente, algo que fazemos para viver, mas algo que vivemos para fazer. Ele é, ou deveria ser, a expressão plena das habilidades do trabalhador [...] o meio pelo qual ele se oferece a Deus”.12

A liberdade de nosso trabalho

Saber que o trabalho está em nosso “DNA”, em nosso design original, ajuda-nos a entender o sentido cristão e singular de liberdade. A sociedade moderna gosta de definir liberdade como a ausência completa de qualquer restrição ou limite. Mas pensemos nos peixes. Como os peixes absorvem oxigênio da água, e não do ar, eles são livres apenas se ficarem restritos à água. Se um peixe for “libertado” do rio e colocado na grama para sair fazendo descobertas por aí, sua liberdade de se mexer e em breve até de viver será destruída. Se não respeitar a realidade de sua natureza, o peixe não tem mais liberdade, e sim menos. O mesmo acontece com aviões e pássaros. Caso infrinjam as leis da aerodinâmica, vão despencar no chão. Contudo, se seguirem essas leis, vão decolar e voar a grandes altitudes. Assim também acontece em muitas áreas de nossa vida: liberdade não é tanto viver na ausência de restrições quanto é perceber as restrições corretas, as que se encaixam às realidade de nossa natureza e da sociedade.13

Portanto, os mandamentos de Deus apresentados na Bíblia são instrumentos de libertação, pois por intermédio deles Deus nos chama a ser o que ele nos criou para ser. Os carros funcionam bem quando seguimos o manual do fabricante e respeitamos o modo como foram feitos. Ninguém é multado ou preso por não trocar o óleo do carro; o carro simplesmente deixa de funcionar porque o dono violou a natureza da máquina. A consequência é natural. Da mesma forma, a

vida humana funciona apropriadamente quando é dirigida de acordo com o "manual do fabricante", os mandamentos de Deus. Se desobedecermos aos mandamentos, além de entristecer e desonrar a Deus, agimos contra a natureza com a qual Deus nos "fabricou". Quando Deus repreende o povo desobediente de Israel em Isaías 48.17,18, ele afirma: "Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho em que deves andar. Ah! Se tivesses obedecido aos meus mandamentos! Então a tua paz seria como um rio, e a tua justiça, como as ondas do mar".

O mesmo acontece com o trabalho, que (em equilíbrio com o descanso) é um dos dez mandamentos. "Seis dias trabalharás e farás o teu trabalho" (Êx 20.9). No princípio Deus nos criou para o trabalho e agora nos chama e dirige de modo inequívoco a exercer essa parte do projeto. Esse não é um mandamento oneroso; é um convite à liberdade.

Os limites do trabalho

Todavia, é significativo que o próprio Deus tenha descansado depois de trabalhar (Gn 2.2). Muitas pessoas cometem o erro de achar que o trabalho é uma maldição e que o único meio de encontrar significado para a vida está em outra coisa (lazer, família e até mesmo tarefas "espirituais"). A Bíblia, como vimos e veremos, expõe a mentira dessa ideia. Mas também nos impede de cometer o erro oposto, ou seja, de achar que o trabalho é a única atividade humana importante e que o resto é um mal necessário — algo que realizamos estritamente para "recarregar as baterias" e poder continuar a trabalhar. Para argumentar sobre a questão, analisamos o que conhecemos a respeito de Deus. Ele não precisava de jeito nenhum restaurar suas forças — no entanto, descansou no sétimo dia (Gn 2.1-3).

Como seres humanos feitos à imagem de Deus, podemos pressupor que o descanso e aquilo que fazemos enquanto descansamos são em si mesmas coisas

boas e geradoras de vida. Trabalho não é a única coisa que existe na vida. Não temos vida plena sem trabalho, mas não podemos afirmar que o trabalho é o significado de nossa vida. Quem faz do trabalho o propósito de sua vida — mesmo que seja o ministério cristão — cria um ídolo que compete com Deus. Nosso relacionamento com Deus é o alicerce mais importante da vida e, na verdade, impede que todos os outros fatores — trabalho, amizades, família, lazer e diversão — se tornem tão importantes a ponto de se transformarem em vício e distorção.

Josef Pieper, filósofo católico alemão do século 20, escreveu um ensaio famoso intitulado “Leisure, the basis of culture” [Lazer, o alicerce da cultura]. Pieper afirma que lazer não é mera ausência de trabalho, porém um estado da mente ou alma em que conseguimos contemplar e aproveitar as coisas exatamente como são, sem levar em conta seu valor ou utilidade imediata. A mente obcecada pelo trabalho — como é o caso na cultura ocidental — tende a analisar as coisas em termos de eficiência, valor e rapidez. Contudo, também é necessário saber aproveitar os aspectos simples e comuns da vida, até mesmo os que não são estritamente úteis, mas apenas prazerosos. De maneira surpreendente, até o austero — segundo dizem — reformador João Calvino concorda com isso. Em seu tratado sobre a vida cristã, ele adverte contra a atitude de valorizar as coisas apenas por sua utilidade:

Será que Deus criou o alimento apenas para satisfazer uma necessidade (nutrição), ou também para o deleite e o júbilo? Da mesma forma, o propósito da vestimenta, além da satisfação de uma necessidade (proteção), era beleza e decência. Nos gramados, nas árvores e nos frutos, independentemente de suas várias serventias, também há beleza na aparência e delícia na fragrância [...] Resumindo, ele não nos concedeu tantas coisas que, além de úteis e necessárias, são atraentes?14

Em outras palavras, devemos observar todas as coisas e dizer algo assim:

Todas as coisas reluzentes e belas

Todas as criaturas grandes e pequenas

Todas as coisas sábias e maravilhosas —

O Senhor Deus criou todas elas.15

A não ser que interrompamos o trabalho regularmente e separemos tempo para adorar (que Pieper considera uma das atividades principais dentro do “lazer”) e simplesmente contemplar e aproveitar a natureza — incluindo o fruto de nosso labor —, nossa vida não terá significado verdadeiro. Pieper escreve:

Lazer é considerarmos as coisas em espírito de celebração [...] O lazer vive do reconhecimento. Lazer não é o mesmo que ausência de atividade [...] É muito mais parecido com o silêncio na conversa dos apaixonados [...] E, como está escrito na Bíblia, quando “descansou de toda a obra que havia criado e feito”, Deus viu que tudo era bom, muito bom (Gn 1.31), a fim de que o lazer do ser humano tenha em sua essência o contemplar comemorativo, aprovador, prolongado dos olhos interiores sobre a realidade da criação.16

Ou seja, o trabalho — muito trabalho — é um componente indispensável da vida humana significativa. É uma dádiva suprema de Deus e uma das principais coisas que dão propósito a nossa vida. No entanto, o trabalho tem de exercer seu papel correto, subserviente a Deus. Tem de propiciar regularmente não apenas o descanso para renovação do corpo, mas também o acolhimento com júbilo da natureza e da vida comum.

Isso pode parecer óbvio. Costumamos dizer: “É claro que trabalho é importante, e é claro que não é a única coisa da vida”. Porém, é vital entender bem essas verdades. Neste mundo caído em que vivemos, trabalhar é frustrante e exaustivo; podemos concluir apressadamente que o trabalho deve ser evitado ou

simplesmente suportado. E porque nossos corações confusos almejam reconhecimento e aprovação, também é tentador lançar-se na direção oposta — concentrar tudo na carreira profissional e praticamente esquecer o restante. De fato, trabalhar em excesso geralmente é uma tentativa de tirar logo do caminho uma vida inteira de serviço e, assim, ficar livre dele de uma vez por todas. Atitudes como essa só fazem o trabalho parecer ainda mais tolo e insatisfatório.

Quando pensamos: “Odeio trabalhar!”, é bom lembrar que, embora o trabalho possa ser um lembrete especialmente poderoso (e até amplificador) da maldição do pecado sobre todas as coisas, ele não é uma maldição em si mesmo. Fomos criados para o trabalho e libertados por ele. Mas, quando achamos que nossa vida está completamente absorvida pelos afazeres, lembremos que é importante respeitar os limites do trabalho. Não existe ponto de partida melhor para uma vida de trabalho significativa do que entender bem a equilibrada teologia do trabalho e descanso.

▪

[1]Victor Hamilton, estudioso do Antigo Testamento, escreve: “A atividade criativa de Deus é descrita duas vezes como sua obra. O AT usa duas palavras para “labor”. A segunda palavra enfatiza o labor que é rústico e amador. A primeira — e que usamos aqui — indica labor hábil, trabalho que é realizado por um perito ou artífice. Tal é o alcance do refinamento e das habilidades da obra de Deus”. V. P. Hamilton, The Book of Genesis: Chapters 1-17, Eerdmans, 1990, p. 142.↩

[2]Como muitos versículos do Antigo Testamento deixam claro, a semana de seis dias de trabalho, com um dia de descanso para todos, até para servos e rebanhos, tornou Israel diferente de seus vizinhos. “No Egito não havia dia de interrupção no interminável círculo de trabalho forçado. Os pedidos de Moisés para que tirassem tempo para adorar foram recebidos com zombaria pelo faraó; mas Javé ‘os tirou de lá’ e mandou que celebrassem o dia do sábado como um dia ‘de parar tudo’, proclamando não somente a dependência dos israelitas de Javé como também a independência deles de todos os outros povos e poderes.” J. I.

Durham, Word Biblical Commentary: Exodus, Word, 2002, p. 290.↩

[3]Uma compilação útil e resumida sobre os mitos antigos da criação pode ser encontrada em Encyclopedia Britannica Online, disponível em: <www.britannica.com/EBchecked/topic/142144/creation-myth>.↩

[4]O estudioso da Bíblia Gerhard von Rad afirmou que, diferentemente de seus vizinhos, Israel não concebia poderes divinos que se igualassem ao Senhor. Gerhard von Rad, Wisdom in Israel, SCM Press, 1970, p. 304.↩

[5]V. Hesíodo, Works and Days, linhas 109-29. A tradução em inglês pode ser encontrada online em Elpenor: Home of the Greek Word, disponível em: <www.ellopos.net/elpenor/greek-texts/ancient-greece/hesiod/works-days.asp?pg= 4>. ↩

[6]G. J. Wenham, Word Biblical Commentary, v. 1, Genesis 1-15, Word, 2002, p. 35.↩

[7]Ibidem, p. 34.↩

[8]Para ler mais sobre isso, v. o cap. 3, “O trabalho como cultivo”.↩

[9]Para ler mais sobre isso, v. o cap. 4, “O trabalho como serviço”.↩

[10]Ben Witherington, Work: A Kingdom Perspective on Labor, Eerdmans, 2011, p. 2.↩

[11]Lester DeKoster, Work: The Meaning of Your Life, Grand Rapids, Christian Library Press, 1982, p. 17.↩

[12]Dorothy Sayers, “Why Work?”, in: Creed or Chaos? Harcourt, Brace, 1949, p. 53.↩

[13]Para ler mais sobre esse conceito, v. Timothy Keller, Is Christianity a Straitjacket?, in: The Reason for God: Belief in an Age of Skepticism, Dutton, 2008. [Publicado no Brasil com o título A fé na era do ceticismo, Rio de Janeiro: Campus, 2009.]↩

[14]John Calvin, Institutes of the Christian Religion, John T. McNeill, org., Ford Lewis Battles, trad., Westminster Press, 1960, III. 10.2.720-1. [Publicado no Brasil com o título As Institutas, Waldyr Carvalho Luz, trad., São Paulo: Cultura Cristã, 1985.]↩

[15]Hino anglicano de William Henry Monk, “All Things Bright and Beautiful”.↩

[16]Pieper, Leisure, p. 33.↩

dois

A dignidade do trabalho

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre o gado, sobre os animais selvagens e sobre todo animal rastejante que se arrasta sobre a terra. E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Gênesis 1.26,27

O trabalho como necessidade aviltante

Ayn Rand é uma das filósofas mais lidas do século 20 quando o assunto é trabalho. Em seus dois romances mais famosos, ela apresenta personagens que lutam contra as tendências do socialismo e do coletivismo. Howard Roark, o arquiteto de The Fountainhead [A nascente], inspira a alma com sua paixão por construir edifícios que usem criativamente os recursos do ambiente natural, complementem com bom gosto a natureza que os cerca e atendam de modo eficiente às necessidades de seus futuros residentes. Rand o retrata como alguém totalmente humano, em comparação com outros arquitetos que realizam seus trabalhos por dinheiro ou prestígio. Em Atlas Shrugged [A revolta de Atlas], conhecemos John Galt, um tipo diferente de mocinho, que encabeça uma greve das pessoas mais produtivas da sociedade, as quais se recusam a continuar sendo exploradas. Ele espera mostrar que um mundo onde as pessoas não têm liberdade para criar está condenado. Para Rand, o trabalho criativo e produtivo é essencial à dignidade humana, mas geralmente é aviltado pela burocracia e pela

mediocridade. Uma das personagens em Atlas Shrugged afirma: “Seja uma sinfonia, seja uma mina de carvão, todo trabalho é um ato de criação e jorra da mesma fonte: [...] a capacidade de enxergar, de conectar e de criar o que não tinha sido visto, conectado e realizado antes”.1

Ayn Rand vislumbrou um dos aspectos centrais da dignidade do ser humano, segundo a compreensão que temos disso ao ler Gênesis 1. Infelizmente, a escritora também foi uma das críticas mais veementes do cristianismo no século 20, rejeitando o Deus da Bíblia que criou o homem à sua imagem. Ainda assim, vemos em sua obra que o trabalho é um componente fundamental da dignidade humana — e essa ideia repercute até hoje entre os pensadores mais seculares que existem. Nem sempre foi assim, contudo.

Os gregos antigos, que também achavam que Deus criou os seres humanos para o trabalho, não viam bênção nenhuma nisso. Para eles, trabalhar era aviltante. Como o filósofo italiano Adriano Tilgher explicou: “Para os gregos, o trabalho era uma praga, e nada mais”.2 Na verdade, Aristóteles disse que desemprego — e ele falava da capacidade de viver sem ter de trabalhar — era a qualificação mais importante para uma vida genuinamente digna.3 O que levou os gregos a esse ponto de vista sobre o trabalho?

Em seu diálogo Fédon, Platão sustenta que o estar no corpo distorce e atrapalha a alma em sua busca pela verdade. Nesta vida, para desenvolver discernimento espiritual e pureza, a pessoa tem de ignorar o corpo o mais que puder. A morte, então, é uma forma de libertação e até mesmo uma amiga da alma.4 “Os filósofos gregos, em sua maioria, achavam que os deuses eram criaturas perfeitas — solitários, autossuficientes, distantes das coisas do mundo ou das mazelas de seus habitantes. Para ser semelhantes aos deuses, os seres humanos tinham de se afastar da vida ativa e devotar-se à contemplação.”5 A contemplação levava a pessoa a entender que o mundo físico é temporário, e até mesmo ilusório, e que ficar superenvolvida ou ligada emocionalmente com ele a arrasta para um tipo de existência animal marcado por medo, raiva e ansiedade. Em vez disso, o caminho que leva à paz e à felicidade verdadeiras consiste em aprender a

conquistar um “desapego” pelas coisas deste mundo. Epiteto ensinou aos seus discípulos que “a vida boa é despida de esperanças e medos. Ou seja, é vida reconciliada com a situação atual, vida que aceita o mundo como ele é”.6 Ser totalmente humano era estar envolvido o mínimo possível com o mundo físico.

O trabalho, então, era uma barreira para a vida mais nobre. O trabalho impossibilitava ao homem pairar acima da monotonia da vida na terra e alcançar o reino da filosofia, o domínio dos deuses. Os gregos entendiam que a vida na terra exigia trabalho, porém acreditavam que nem todos os trabalhos foram criados iguais. O trabalho que usava a mente em vez do corpo era mais nobre, menos animalesco. A forma mais elevada de trabalho era a mais cognitiva e a menos braçal. “A estrutura social grega inteira ajudava a sustentar esse conceito, porque se apoiava na premissa de que escravos [e artesãos] realizavam o trabalho, possibilitando assim que a elite se dedicasse a exercitar a mente nas artes, na filosofia e na política.”7 Como é sabido, Aristóteles afirmou em Política I.V.8 que algumas pessoas nasceram para ser escravas. Isso significa que, segundo ele, algumas pessoas são incapazes de raciocínios mais elevados e, portanto, devem fazer o trabalho que libera os mais talentosos e brilhantes para a busca de uma vida de honras e cultura.

A sociedade moderna fica indignada ao ouvir esse tipo de afirmação, mas, apesar de não apoiarmos a ideia de escravidão humana, as atitudes que sustentavam a declaração de Aristóteles continuam vivas e ativas hoje em dia. O filósofo cristão Lee Hardy e muitos outros argumentam que essa “atitude grega em relação ao trabalho e sua posição na vida do ser humano foram amplamente preservadas no pensamento e prática da igreja cristã” através dos séculos e continua a exercer grande influência em nossa cultura.8 O que nos foi transmitido é um conjunto de ideias que se tornou universal.

Uma dessas ideias é que o trabalho é um mal necessário. O único trabalho bom, segundo esse conceito, é aquele que nos leva a ganhar dinheiro para sustentar nossas famílias e pagar alguém para fazer o trabalho braçal. Em segundo lugar, acreditamos que o trabalho de nível inferior ou mal remunerado é uma afronta à

nossa dignidade. Um resultado dessa crença é que muitas pessoas aceitam empregos que lhes são totalmente inadequados, escolhendo carreiras que não se ajustam aos seus dons, mas oferecem altos salários e prestígio. As sociedades ocidentais cada vez mais se dividem entre as “classes eruditas” altamente remuneradas e o “setor de prestação de serviços” de baixa remuneração, e a maioria de nós aceita e perpetua os juízos de valor atribuídos a essas categorias. Outro resultado é que muitas pessoas preferem ficar desempregadas a aceitar um trabalho que esteja, segundo elas, muito abaixo de seu nível, e a maioria dos empregos que envolvem trabalho serviçal ou braçal se encaixa nessa categoria. Com frequência as pessoas que chegaram às classes eruditas mostram enorme desprezo por porteiros, trabalhadores do tipo faz-tudo, encanadores, cozinheiros, jardineiros e outros prestadores de serviço.

O trabalho como sinal de dignidade humana

A visão bíblica desses assuntos é totalmente diferente. Trabalhos de qualquer natureza, não importa se feitos com as mãos ou com a mente, evidenciam nossa dignidade de seres humanos, pois refletem em nós a imagem de Deus, o Criador. Derek Kidner, estudioso da Bíblia, observa algo profundo na criação dos animais e dos seres humanos em Gênesis 1: apenas o homem é destacado e recebe uma descrição de tarefas, “um ofício (1.26b,28b; 2.19; cf. Sl 8.4-8; Tg 3.7)...”.9 Em outras palavras, enquanto plantas e animais são chamados a simplesmente “frutificar” e “multiplicar-se”, os seres humanos recebem explicitamente um trabalho. São chamados a “subjugar” e “ter domínio”, ou seja, governar a terra.

Recebemos tarefas específicas porque somos feitos à imagem de Deus. O que significa isso? “Os governantes do antigo Oriente Próximo colocavam imagens e estátuas de si mesmos nos lugares onde exerciam ou diziam exercer autoridade. As imagens representavam o governante e eram símbolos de sua presença e autoridade...”10 A ligação íntima de Gênesis 1.26 com a ordem de “ter domínio” mostra que o ato de governar é um componente do que significa ser à imagem de Deus. Somos convocados a representar Deus aqui no mundo, administrando o restante da criação em seu lugar como vice-governantes. Somos parceiros de

Deus ao fazer as mesmas coisas que ele fez na criação — colocando ordem no caos, usando a criatividade para desenvolver uma civilização com recursos de natureza física e humana, cuidando de tudo o que Deus fez. Essa é uma parte fundamental daquilo para o que fomos criados.

Enquanto os pensadores gregos achavam que o trabalho comum, especialmente o braçal, colocava os seres humanos no mesmo nível dos animais, para a Bíblia todo e qualquer trabalho distingue os seres humanos dos animais, elevando-os a uma posição de dignidade. Victor Hamilton, estudioso do Antigo Testamento, observa que, em culturas vizinhas, tais como o Egito e a Mesopotâmia, o rei ou outros de sangue real eram, muitas vezes, considerados a "imagem de Deus"; contudo, ele ressalta, esse termo elitizado "não era aplicado ao escavador de valas ou pedreiro que trabalhava no zigurate... [Mas Gênesis capítulo 1 usa] a linguagem da realeza para descrever o 'homem' comum. Aos olhos de Deus a humanidade toda vem de linhagem real. A Bíblia democratiza os conceitos monarquistas e exclusivistas das nações que circundavam Israel".11

O trabalho é digno porque é algo que Deus faz e porque nós o fazemos no lugar de Deus, como seus representantes. Aprendemos que o trabalho não somente tem dignidade em si, mas também que todos os tipos de trabalho são dignos. O trabalho que o próprio Deus faz em Gênesis 1 e 2 é "braçal", quando nos cria do pó da terra — colocando deliberadamente um espírito em um corpo físico — e quando planta um jardim (Gn 2.8). É difícil imaginarmos hoje como esse conceito tem revolucionado a história do pensamento humano. O pastor e escritor Phillip Jensen explica desta forma: "Se Deus viesse ao mundo, como ele seria? Para os gregos da Antiguidade, talvez fosse um rei-filósofo. Para os romanos de outrora, ele seria apenas um estadista justo e nobre. Mas como o Deus dos hebreus veio ao mundo? Como carpinteiro".12

A economia atual tem nos oferecido novas formas de estigmatizar trabalhos como os de lavrador e babá — trabalhos que supostamente não exigem "conhecimento" e, por isso, são mal remunerados. Em Gênesis, vemos Deus como jardineiro e, no Novo Testamento, como carpinteiro. Nenhum trabalho é

um jarro pequeno demais para conter a imensa dignidade do trabalho dado por Deus. Trabalho braçal é trabalho de Deus tanto quanto a formulação de uma verdade teológica. Pensemos no trabalho supostamente humilhante de fazer faxina na casa. Se não limpar a casa — ou não contratar alguém para fazê-lo —, você acabará ficando doente e morrerá por causa dos germes, vírus e infecções que irão proliferar por todos os cantos. Deus criou o mundo físico para ser desenvolvido, cultivado e cuidado de inúmeras maneiras por intermédio do trabalho humano. Até o mais simples desses cuidados, porém, é importante. Sem todos eles, a vida humana não floresce.

Mike, um amigo da Katherine, minha esposa, é porteiro em Nova York e, juntamente com quatorze colegas de profissão, também é voluntário em uma cooperativa. O prédio onde ele é porteiro abriga mais ou menos cem famílias. Atualmente, com 60 e poucos anos, Mike imigrou da Croácia para os Estados Unidos quando era jovem e trabalhou em vários empregos, de restaurante a outros ambientes que exigiam trabalho braçal. Faz vinte anos que ele é porteiro e chama a atenção por sua atitude diferenciada com relação ao trabalho. Para Mike, ser porteiro é muito mais do que um simples emprego. Mike se interessa pelos moradores do edifício e se orgulha em ajudá-los a carregar e descarregar coisas, a encontrar lugar para estacionar e a recepcionar visitantes. Ele faz questão de manter o corredor e a entrada do edifício sempre limpos e arrumados.

Quando lhe perguntam por que ele para o que está fazendo e vai ajudar um morador que volta de férias a descarregar o carro, Mike responde: “É o meu trabalho” ou “Eles precisavam de ajuda”. Por que ele se lembra do nome das crianças? “Porque elas moram aqui.” Quando insistem: “Mas por que você se dedica tanto a cada aspecto de seu trabalho?”, Mike responde: “Sei lá... é só disso que eu preciso para me olhar no espelho de manhã. Não conseguiria me olhar nos olhos se não tentasse fazer o melhor todos os dias”. Parece que Mike é motivado pela gratidão ao trabalho e à vida que tem. Ele se sente feliz por morar nos Estados Unidos e pelas oportunidades que recebeu.

Quase todas as pessoas a quem Mike serve são profissionais e empresários que

muito provavelmente se alegram por não serem porteiros. Algumas até achariam aviltante trabalhar como porteiro, se precisassem. Porém, a atitude de Mike mostra que ele reconhece a dignidade inerente de seu trabalho e, com isso, ressalta a excelência e o valor de ser porteiro.

O mundo físico é importante

Todo trabalho é digno porque reflete a imagem de Deus em nós e também porque o mundo físico posto sob nossos cuidados é bom. Para os gregos, a morte era uma amiga, porque ela libertava os seres humanos da prisão da vida física. Para a Bíblia, a morte não é amiga, mas inimiga (1Co 15.26), porque o mundo criado é um bem magnífico e belo (Gn 1.31), destinado a existir para sempre (Ap 22.1-5). Na verdade, a doutrina bíblica da criação se harmoniza com a doutrina da encarnação (na qual Deus se reveste de um corpo humano) e da ressurreição (na qual Deus redime não apenas a alma, mas também o corpo) para mostrar como o cristianismo é profundamente "pró-físico". Para os cristãos, até nosso futuro eterno é físico. Para certos conceitos de realidade, o espiritual é mais real e verdadeiro do que o físico; já outros conceitos, mais naturalistas, consideram que o espiritual é ilusório e o físico é a única coisa verdadeira. Nenhum desses conceitos, todavia, está de acordo com a Bíblia.

Reconhecemos que o mundo é bom. Ele não é um palco temporário para representarmos nossas histórias pessoais de salvação e depois irmos viver desencarnados em outra dimensão. Segundo a Bíblia, este mundo é precursor do novo céu e da nova terra e será purificado, restaurado e melhorado na renovação de todas as coisas (Mt 19.28; Rm 8.19-25). Nenhuma outra religião antevê matéria e espírito vivendo juntos para sempre em integridade. Portanto, pássaros voando, oceanos bramindo e pessoas se alimentando, caminhando e amando são coisas eternamente boas.

Como já vimos, isso significa que os cristãos não podem desprezar o trabalho,

que requer contato íntimo com o mundo físico. Cuidar deste mundo físico e cultivá-lo é importante, mesmo que seja apenas cortando grama. Também significa que o trabalho “secular” não é menos digno e nobre do que o trabalho “sagrado” do ministério. Somos corpo e alma, e o ideal bíblico de shalom inclui tanto o vicejar físico quanto o espiritual. “Alimento que nutre, telhados que barram a chuva, sombra que protege do calor do sol [...], a satisfação das necessidades materiais e dos desejos de homens e mulheres [...], quando os negócios produzem bens materiais que melhoram o bem-estar da comunidade, estão engajados em trabalho que importa para Deus”.13

Em Salmos 65.9,10 e 104.30 deparamos com Deus cultivando o solo por meio da chuva e renovando a face da terra por meio do Espírito Santo. No entanto, João 16.8-11 afirma que o Espírito Santo convence as pessoas do pecado e do juízo de Deus — que é algo que o pregador faz. Portanto, observamos aqui o Espírito de Deus cuidando do jardim e pregando o evangelho. As duas coisas são trabalhos de Deus. Como podemos afirmar que um tipo de trabalho é elevado e nobre e o outro é indigno e degradante?

Nosso alicerce é firme se entendemos a excelência da criação e a dignidade do trabalho. Trabalhamos em um mundo fantástico projetado, pelo menos parcialmente, para nossa alegria. Segundo o escritor de Gênesis, deveríamos ficar extasiados diante da criação, pois ela é exuberante e cheia de vida. Deus parece se deleitar na criatividade e na diversidade. Outros versículos da Bíblia falam que a criatividade de Deus é motivada pelo simples prazer de criar (v. Pv 8.27-31). Isso também faz parte do que Deus planejou para ser a essência de nosso trabalho e que corresponde àquilo que ele seria se não tivéssemos vivenciado a Queda, que danificou tudo, incluindo nosso trabalho.

Fomos criados para o trabalho e para a dignidade que ele nos confere como seres humanos, seja qual for o status ou a remuneração desse trabalho. As implicações práticas desse princípio são abrangentes. Temos liberdade para encontrar o trabalho adequado a nossos dons e interesses. Podemos estar abertos a melhores oportunidades de trabalho quando a economia estiver fraca e as ofertas de

emprego forem escassas. Não temos mais nenhuma razão para condescendência ou prepotência nem qualquer motivo para inveja ou sentimentos de inferioridade. E todos os cristãos deveriam ter capacidade de identificar, com convicção e satisfação, como seu trabalho colabora com Deus em termos de sua criatividade e cultivo. Para nos ajudar nesse aspecto, voltemo-nos à compreensão bíblica da cultura.

▪

[1]Ayn Rand, Atlas Shrugged, Penguin, 1999, p. 782. [Publicado no Brasil com o título A revolta de Atlas, Paulo Henriques Britto, trad., Rio de Janeiro: Sextante, 2010.]↩

[2]Adriano Tilgher, Work: What It Has Meant to Men Through the Ages, Arno Press, 1977, apud Lee Hardy, The Fabric of This World: Inquiries into Calling, Career Choice, and the Design of Human Work, Eerdmans, 1990, p. 7.↩

[3]Aristóteles, Política, I.VIII. 9, e Ética a Nicômaco, X. 7, ambos citados em Hardy, op. cit.↩

[4]Platão, Phaedo, in: Plato in Twelve Volumes, v. 1, Harold North Fowler, trad., Harvard University Press, 1966.↩

[5]Hardy, Fabric of This World, p. 27.↩

[6]Esse é o resumo do ensino de Epiteto, feito por Luc Ferry, A Brief History of Thought: A Philosophical Guide to Living, Theol Cuffe, trad., HarperCollins, 2010, p. 45.↩

[7]Leland Ryken, Work and Leisure in Christian Perspective, Multnomah, 1987, p. 64.↩

[8]Hardy, Fabric of This World, p. 16.↩

[9]Derek Kidner, Genesis: An Introduction and Commentary, Inter-Varsity Press, 1967, p. 61. [Publicado no Brasil com o título Gênesis, introdução e comentário, São Paulo: Vida Nova, 1991.]↩

[10]Alec Motyer, Look to the Rock: An Old Testament Background to Our Understanding of Christ, Kregel, 1996, p. 71.↩

[11]V. P. Hamilton, The Book of Genesis: Chapters 1-17, Eerdmans, 1990, p. 135.↩

[12]Phillip Jensen e Tony Payne, Beginnings: Eden and Beyond, Faith Walk Bible Studies, Crossway, 1999, p. 15.↩

[13]Jeff Van Duzer, Why Business Matters to God (And What Still Needs to Be Fixed), Inter-Varsity Press, 2010, p. 28-9.↩

O trabalho como cultivo

Então Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que rastejam sobre a terra.

Gênesis 1.28

Então o Senhor Deus plantou um jardim, para o lado do oriente, no Éden; e colocou ali o homem que havia formado. E o Senhor Deus fez brotar do solo todo tipo de árvore agradável à vista e boa para alimento [...] E o Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para que o homem o cultivasse e guardasse. Então o Senhor Deus ordenou ao homem: Podes comer livremente de qualquer árvore do jardim, mas não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal; porque no dia em que dela comeres, com certeza morrerás. Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; eu lhe farei uma ajudadora que lhe seja adequada. E o Senhor Deus formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem, para ver como lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o nome deles. Assim o homem deu nomes a todo o gado, às aves do céu e a todos os animais do campo; mas não se achava uma ajudadora adequada para o homem. Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou-lhe, então, uma das costelas e fechou a carne em seu lugar; e da costela que o Senhor Deus lhe havia tomado, formou a mulher e a trouxe ao homem.

Gênesis 2.8,9,15-22

Povoando e dominando a Terra

O trabalho é parte de nossa constituição original e nossa dignidade; também é um modo de servirmos a Deus por meio da criatividade, especialmente no desenvolvimento da cultura.

Deus colocou os seres humanos em um jardim. Derek Kidner, estudioso do hebraico, afirma que o trabalho se destaca na gama de prazeres ali existentes: “O paraíso terrestre [...] é um modelo de cuidado paterno. O ser inexperiente é abrigado, mas não sufocado: por todos os lados, descobertas e achados aguardam que ele exerça seus poderes de discernimento e escolha, e há farta nutrição para seu apetite estético, físico e espiritual; mais ainda, há bastante trabalho diante dele para o corpo e a mente (v. 15,19)”.1 Para que haja crescimento espiritual, existe uma Palavra divina a ser obedecida (v. 16,17). Para que haja desenvolvimento cultural e criativo, existe o trabalho físico de cuidar do jardim (v. 15) e a tarefa de dar nomes aos animais, que envolve esforço mental e discernimento (v. 19). Por fim, a criação de Eva e a instituição do casamento foram provisões para que a raça humana se desenvolvesse em uma sociedade plena (v. 19-24). Todas essas tarefas foram dadas como desdobramento do encargo descrito em Gênesis 1.28: “enchei a terra e sujeitai-a”. Essa ordem é conhecida como “mandato cultural”. O que isso significa?

Primeiro, recebemos a ordem de “encher a terra” — crescer em número. Embora, em geral, Deus ordene que as plantas e animais se multipliquem (Gn 1.11, 20a, 20b, 22 e 24), os seres humanos recebem não só a ordem de fazer isso ativamente (v. 28a), mas também recebem uma descrição detalhada de tarefas (28b, 29). Em outras palavras, apenas os seres humanos recebem a ordem de se multiplicar como um meio de encher a terra propositadamente. Mas por que isso seria um trabalho? Não é simplesmente um processo natural? Não exatamente. O

fato de seres humanos “encherem a terra” significa muito mais do que plantas e animais encherem a terra. Significa civilização, não apenas procriação. A impressão é que Deus deseja mais do que meramente aumentar a quantidade de indivíduos da espécie humana; ele também quer que o mundo seja povoado por uma sociedade humana. Com uma única palavra, ele teria criado milhões de pessoas em milhares de assentamentos, mas não foi assim. A criação e o desenvolvimento da sociedade são tarefas nossas.

Segundo, fomos chamados a “governar” o restante da criação e até mesmo a “sujeitá-la”. O que isso significa? O verbo “sujeitar” pode sugerir que as forças da natureza eram adversárias e tinham de ser derrotadas de algum modo. Algumas pessoas reclamam que esse texto dá aos seres humanos licença para abusar da natureza. Contudo, o texto não fala nada disso.2 É importante lembrar que essa ordem foi dada antes da Queda, antes de a natureza ficar sujeita à decadência (Rm 8.17-27) e produzir espinhos juntamente com frutos (Gn 3.17-19). Existe ainda uma harmonia original na criação que, depois da Queda, deixou de existir da forma que era. Portanto, “sujeitar” a terra não sugere violência nenhuma. Ao contrário, “governar” o mundo como portadores da imagem de Deus deve ser encarado como mordomia ou administração. Deus é dono do mundo, mas o colocou sob nossos cuidados para ser cultivado. Definitivamente, essa não é uma ordem para que tratemos o mundo e seus recursos como se fossem nossos para serem usados, explorados e descartados como bem entendermos.

De qualquer forma, a palavra traduzida como “sujeitar” é um termo forte que indica firme declaração de vontade. Essa é a postura de Deus para com a criação; ao criar o mundo físico, Deus não o deixa completamente pronto. Ao contrário, a terra é “sem forma e vazia” (1.2). Deus, então, lida com essas condições progressivamente em Gênesis 1 — por intermédio de seu trabalho. Naquilo em que o mundo é disforme e indistinto, Deus o diferencia e elabora. Ele pega o geral e separa-o em particulares, por exemplo, separando o céu do mar (1.7) e a luz da escuridão (1.4). Testemunhamos esse amor pela diversidade até mesmo na criação de Eva. Deus poderia facilmente ter criado a humanidade apenas de uma forma, porém ele nos criou em dois gêneros, diferentes e complementares, ainda que semelhantes. A criação de Adão e Eva como seres de dois sexos diferentes

leva à procriação biológica, outra maneira pela qual, como pessoas à imagem de Deus, continuamos o trabalho por ele iniciado. E Deus preenche o que está vazio. Nos três primeiros dias, Deus cria reinos (céus, firmamento e águas, terra) e, nos outros três, povoa cada reino com seus habitantes (sol, lua e estrelas, pássaros e peixes, animais e humanos).

Portanto, a palavra “sujeitai” indica que o mundo, até mesmo em sua forma original e pura, foi criado por Deus com necessidade de ser trabalhado. A criação ocorreu de tal maneira que mesmo ele teve de trabalhar para que o mundo ficasse conforme o planejado, para desenvolver todas as suas riquezas e seu potencial. Não é coincidência que, em Gênesis 1.28, Deus mande que sejamos seus imitadores e façamos as mesmas coisas que ele fez: encher a terra e dominá-la.

A formação da cultura com Deus

O filósofo Al Wolters escreve:

A terra antes era completamente sem forma e vazia; nos seis dias do processo de criação, Deus formou e encheu a terra — mas não totalmente. Agora as pessoas tinham de trabalhar para desenvolvê-la: sendo frutíferos, os seres humanos enchem a terra ainda mais; ao dominá-la, acabam por formá-la ainda mais [...] como representantes de Deus, continuamos de onde ele parou. Mas agora o desenvolvimento da terra tem de ser humano. A raça humana povoará a terra com sua própria espécie e formará a terra para sua própria espécie. De agora em diante, o desenvolvimento da terra criada será de natureza social e cultural.3

Se queremos ser portadores da imagem de Deus no que diz respeito à criação, é necessário mantermos seu padrão de trabalho. Deus não criou um mundo hostil que tem de ser derrotado como um inimigo. Ao contrário, seu potencial continua

rudimentar e, assim, tem de ser cultivado como um jardim. Portanto, não devemos nos relacionar com o mundo como guardas florestais, cujo trabalho não é transformar o ambiente, mas preservar as coisas como elas são. Também não devemos “pavimentar o jardim” do mundo criado e transformá-lo em estacionamento. Não, temos de ser jardineiros que adotam uma postura ativa em suas tarefas. Jardineiros não deixam a terra como a encontram. Eles a retrabalham para torná-la mais frutífera, para extrair os potenciais de crescimento e desenvolvimento do solo. Os jardineiros escavam o solo e trabalham nele com um objetivo em mente: dispor a matéria-prima do jardim de modo que produza alimento, flores e beleza. E esse é o padrão para todo e qualquer trabalho. Ele é criativo e assertivo. Dedica-se a trabalhar a matéria-prima da criação de Deus de tal forma que ajude o mundo em geral e as pessoas em particular a crescer e florescer.

Esse padrão é encontrado em todos os tipos de trabalho. Na lavoura, o solo e a semente — recursos naturais — se combinam e produzem o alimento. Na música, as propriedades físicas do som se combinam e transformam-se em algo belo e empolgante que dá significado à vida. Quando um pedaço de tecido é transformado em roupa, quando a vassoura varre uma sala, quando a tecnologia é usada para canalizar a força da energia elétrica, quando tomamos uma mente humana informe e ingênua e lhe ensinamos um assunto qualquer, quando ajudamos um casal a resolver seus problemas de relacionamento, quando transformamos materiais comuns em uma obra de arte que toca o coração — estamos continuando o trabalho que Deus começou de encher a terra e sujeitá-la. Sempre que colocamos ordem no caos, sempre que usamos nosso potencial criativo, sempre que melhoramos e “expandimos” a criação para além de seu estado original, estamos seguindo o padrão de desenvolvimento cultural e criativo de Deus. Na verdade, a palavra “cultura” tem origem nessa ideia de cultivo. Assim como Deus dominou a terra enquanto a criava, hoje ele nos chama para trabalhar como seus representantes na continuação e expansão desse domínio.

Em minha igreja, procuramos incentivar nossos empreendedores — aqueles que buscam criar valor, com os recursos que têm à disposição, a fim de desenvolver algo diferente e inovador. James Tufenkian é um deles. Em 2005, depois de ter

iniciado vários empreendimentos, entrou no ramo de fabricação e distribuição de geleia artesanal. James trabalhava na Armênia e estava desanimado com a pobreza e o desperdício no país. Vastas áreas desse país tinham uma produção fabulosa de frutas, que eram comercializadas e usufruídas nas devidas estações, mas quantidades enormes eram desperdiçadas por causa do transporte e acondicionamento inapropriados. James e um sócio decidiram entrar no mercado de fabricação de geleia de fruta e transformar o comércio rural sazonal em um empreendimento anual. Hoje as geleias de frutas Harvest Song conquistam prêmios internacionais pela excelência de sua qualidade e são vendidas no mundo inteiro, graças ao clima em que as frutas crescem e ao método usado na fabricação do produto. De acordo com James, um de seus valores vitalícios e derivados da fé é "criar coisas belas de valor permanente".4 De fato, após analisar o trabalho que Deus fez ao formar e encher a terra, analisando em seguida e concluindo que "isso era bom", James teve um "estalo". Dominado pela alegria, exclamou: "Deus não cria porcarias. Eu não crio porcarias". Uma compreensão bíblica do trabalho revitaliza nosso desejo de criar coisas de valor com os recursos que temos à disposição. Reconhecer que Deus nos fornece os recursos e nos dá o privilégio de cultivá-los juntamente com ele incentiva-nos a trabalhar com incansável criatividade.

Mark Noll escreve em The Scandal of the Evangelical Mind [O escândalo da mente evangélica]:

Quem, afinal de contas, criou a natureza e depois possibilitou o desenvolvimento das ciências por meio das quais descobrimos mais sobre a natureza? Quem formou o universo de interações humanas, oferecendo matéria-prima para a sociologia, a política, a economia e a história? Quem é a fonte de harmonia, forma e modelo de narrativa, abrindo assim todas as possibilidades artísticas e literárias? Quem criou a mente humana de tal forma que ela possa assimilar as realidades infinitas da natureza, das interações humanas e da beleza, tornando possível a filósofos e psicólogos formar teorias sobre essas questões? Quem sustenta passo a passo o mundo natural, o mundo das interações humanas e o equilíbrio da existência? Quem mantém segundo a segundo as conexões entre o que povoa nossa mente e o que povoa o mundo além dela? A resposta em todos os casos é a mesma: Deus fez tudo isso. E Deus faz tudo isso.5

Em Gênesis 2.19,20, dar nome aos animais é um convite para que o ser humano se envolva na criatividade divina. Por que Deus simplesmente não deu nome aos animais e pronto? Afinal, em Gênesis 1, Deus dá nome às coisas, chamando à luz “dia” e à escuridão “noite”; portanto, ele também era perfeitamente capaz de escolher nomes para os animais. Mas Deus nos convida a continuar seu trabalho de desenvolvimento da criação, a fim de expandir as habilidades humanas e a natureza física para construir uma civilização que o glorifique. Por intermédio de nosso trabalho, colocamos ordem no caos, criamos novos entes, utilizamos os padrões da criação e construímos a comunidade humana. Logo, seja unindo genes, realizando cirurgia no cérebro, limpando entulho ou pintando um quadro, nosso trabalho ajuda a desenvolver, manter ou reparar a estrutura do mundo. Dessa maneira, integramos nosso trabalho à obra de Deus.

Todo trabalho é formador de cultura

Durante uma palestra feita em Nova York a um grupo de banqueiros, Richard Mouw, presidente do Seminário Fuller, direcionou sua audiência ao livro de Gênesis e mostrou que Deus era um criador/investidor que formou o mundo como um lar para todos os tipos de criatividade. Mouw incentivou seu auditório a pensar em Deus como um investidor. Ele potencializou seus recursos para criar um mundo cheio de vida. Da mesma forma, suponhamos que você observe que uma necessidade humana não está sendo satisfeita e descubra um talento ou recurso capaz de satisfazê-la. Você aplica então recursos — por sua conta e risco — de maneira a satisfazer a necessidade e cria novos empregos, novos produtos e melhor qualidade de vida. Ao fazer isso, você está agindo à semelhança de Deus, Mouw conclui.

Depois da palestra, muitos participantes perguntaram: “O senhor poderia conversar com meu líder religioso a respeito disso? Ele acha que eu só me importo em ganhar dinheiro”. É fato que nem todos os empreendimentos comerciais servem ao bem comum.6 Vários líderes religiosos, porém,

pressupõem que investidores e empreendedores só se interessam em ficar ricos e não levam em conta o bem comum. Se esses líderes ainda não enxergam o mundo corporativo como um modo de criar cultura e cultivar a criação, deixarão de apoiar, apreciar e liderar de maneira adequada muitos membros de suas igrejas.

Esse aspecto do conhecimento bíblico sobre o trabalho confere perspectiva e significado não somente a projetos ambiciosos, mas também aos mais comuns, pois é igualmente necessário cultivar a criação em tarefas do dia a dia. Em seu livro marcante e de fácil leitura Culture-Making: Recovering Our Creative Calling [Formação cultural: recuperando nosso chamado à criatividade], Andy Crouch enfatiza que nosso trabalho é importante em qualquer nível, seja ele grandioso ou modesto. Andy descreve o impacto das atitudes de sua esposa, Catherine, professora de Física:

Como professora de Física, Catherine tem muitas chances de moldar a cultura em seus cursos e pesquisas. Ela coloca música clássica no ambiente árido e tecnológico de um laboratório e, assim, promove uma atmosfera de criatividade e beleza. Ela pode trabalhar a reação de seus alunos aos resultados decepcionantes e animadores e pode ser exemplo positivo tanto de empenho no trabalho quanto de descanso benéfico, em vez de exemplo negativo de trabalho frenético e procrastinação vacilante. Quando, às vezes, leva os filhos consigo à universidade, Catherine está criando uma cultura na qual a família não é uma interrupção ao trabalho e na qual pesquisa e ensino são partes naturais da vida de uma mãe; quando convida os alunos a vir a nossa casa, ela mostra que os valoriza como pessoas, não apenas como unidades de produtividade de pesquisa. Em seu pequeno laboratório e sala de aula, Catherine tem uma verdadeira capacidade de reformar o mundo.7

Nenhum trabalho comum é indigno de seguir o padrão do trabalho de Deus, porém nenhum negócio milionário ou iniciativa de política pública é tão grandioso que possa exceder os padrões e limitações de Deus para o trabalho. Mais ainda, Deus não nos deixou à própria sorte para descobrir como e por que

devemos cultivar sua criação; ao contrário, ele tem um propósito claro para nosso trabalho e nos faz um chamado para executá-lo fielmente.

▪

[1]Derek Kidner, Genesis, p. 61.↩

[2]Alguns comentaristas afirmam que, embora Adão e Eva recebam o comando de "governar" sobre os animais e "sujeitá-los", Gênesis 1.29 mostra que esse domínio original nem mesmo lhes permitia matar animais ou usar sua carne como alimento. Foi somente após o dilúvio, em Gênesis 9, que Deus permitiu que os animais fossem usados como alimento. Portanto, "governar" e "sujeitar" não podem significar "abuso". V. P. Hamilton, The Book of Genesis: Chapters 1– 17, Eerdmans, 1990, p. 139.↩

[3]Albert N. Wolters, Creation Regained: a Transforming View of the World, Eerdmans, 1985, p. 36. [Publicado no Brasil com o título A criação restaurada, São Paulo: Cultura Cristã, 2006.]↩

[4]Disponível em: <www.tufenkian.com/about/james-tufenkian.html>. ↩

[5]Mark Noll, The Scandal of the Evangelical Mind, Eerdmans, 1995, p. 51.↩

[6]Você não está fazendo o que Deus fez, se — e é um "se" maiúsculo — o seu projeto não acrescenta valor à vida humana, mas somente dá lucro a você mesmo. Os exemplos mais óbvios de coisas desse tipo são as drogas e a pornografia. Contudo, há uma infinidade de outros projetos — muitos surgiram no período de recessão recente — que também só trouxeram ganhos imediatos para empreendedores individuais, mesmo ficando claro que os negócios não

traziam benefícios às instituições, a muitos clientes e acionistas nem à sociedade em geral. ↩

[7]Andy Crouch, Culture-Making: Recovering Our Creative Calling, Inter-Varsity Press, 2008, p. 47.↩

quatro

O trabalho como serviço

Somente viva cada um como o Senhor lhe determinou, cada um como Deus o chamou. É isso que ordeno em todas as igrejas.

1Coríntios 7.17

Chamado e designado

Mike Ullman, ex-diretor-executivo da rede de lojas de departamentos JCPenney, relata uma conversa que teve com Howard Schultz, fundador da rede de cafés Starbucks, na época em que recebeu o convite para trabalhar na rede de lojas JCPenney. Mike havia se aposentado depois de uma longa e bem-sucedida carreira como gerente de lojas e relutava em voltar ao mundo dos negócios. Mas Schultz explicou a Ullman: “Esta oportunidade tem tudo a ver com você. Eles precisam trazer o serviço de volta à missão da empresa, e você é o homem certo para essa tarefa”. Ullman não precisava do dinheiro nem do reconhecimento público, mas aceitou o convite porque viu uma oportunidade de levar 25 mil funcionários das lojas JCPenney a entender que o trabalho de cada um era importante e que servir aos clientes era uma carreira digna. Resumindo, Ullman acreditou que Deus o estava chamando para uma oportunidade especial de servir.

Temos usado o livro de Gênesis para entender o projeto de Deus para o trabalho, bem como questões como sua dignidade e seu padrão, mas é o Novo Testamento,

e particularmente as cartas de Paulo, que nos oferecem mais discernimento sobre como Deus confere propósito a nosso trabalho quando nos chama a servir ao mundo.

Analisemos o uso bíblico do termo muitas vezes traduzido como “chamado”. Nas cartas do Novo Testamento, a palavra grega para “chamar” (kaleo) geralmente descreve o chamado de Deus à salvação pela fé e à comunhão com seu Filho (Rm 8.30; 1Co 1.9). É também um chamado para servi-lo, levando sua mensagem ao mundo (1Pe 2.9,10). Além do aspecto individual, o chamado de Deus também tem um aspecto comunitário, que nos leva ao relacionamento não somente com ele, mas com o corpo de cristãos (1Co 1.9; Ef 1.1-4; Cl 3.15). Na verdade, até mesmo a palavra grega para igreja — ekklesia — tem o sentido literal de “os chamados”.

Em 1Coríntios 7, Paulo explica aos leitores que, ao se converterem, não precisam mudar o que fazem na vida — o estado conjugal, o trabalho ou a posição social — para agradar a Deus. No versículo 17, Paulo orienta: “Somente viva cada um como o Senhor lhe determinou, cada um como Deus o chamou. É isso que ordeno em todas as igrejas”.

Aqui Paulo usa duas palavras carregadas de sentido religioso para descrever o trabalho comum. Em outras passagens, Paulo se refere a Deus chamando as pessoas a ter um relacionamento redentor com ele e designando-lhes dons espirituais para a realização do ministério e a edificação da comunidade cristã (Rm 12.3 e 2Co 10.13). Paulo usa termos semelhantes quando afirma que cada cristão deve permanecer no trabalho que Deus “lhe determinou, cada um como Deus o chamou”. Contudo, nesse caso, Paulo não está se referindo a ministérios da igreja, mas às tarefas social e econômica — “trabalho secular”, poderíamos dizer —, afirmando que se tratam de chamados e designações feitos por Deus.1 A implicação é óbvia: assim como Deus equipa os cristãos para a edificação do corpo de Cristo, também equipa todas as pessoas com talentos e dons para os vários tipos de trabalho, para a edificação da comunidade de seres humanos.2

O estudioso da Bíblia Anthony Thiselton escreve sobre esse texto: “Esse conceito paulino de chamado e serviço é bem diferente do conceito moderno secular, que privilegia a ‘autonomia’, e do conceito pós-moderno secular, que privilegia a realização pessoal e ambições de poder [...] [O conceito] dá a essa seção [dos escritos de Paulo] nova relevância para o presente”.3

A percepção de Thiselton lembra a citação de Robert Bellah feita na introdução deste livro. Bellah nos chamou a resgatar a noção de que trabalho é uma “vocação” ou um chamado, “uma contribuição para o bem comum, e não simplesmente [...] um meio para o desenvolvimento pessoal”.4 É importante lembrar que algo só é uma vocação ou um chamado quando alguém nos chama a realizá-lo e fazemos o trabalho por causa de quem nos chamou, e não por nossa causa. Nosso trabalho diário só é um chamado se for reconcebido como designação de Deus para servirmos ao próximo. É exatamente assim que a Bíblia nos ensina a ver o trabalho.

Nossa igreja tem muitos jovens brilhantes que foram contratados assim que terminaram a faculdade de administração para trabalhar no setor financeiro. Seduzidos pelo processo de recrutamento, bônus e pacote de benefícios que excede em muito os oferecidos por outras profissões ou empresas, muitos desses jovens dificilmente consideram outras carreiras. Há décadas esses empregos oferecem posição e segurança financeira incomparáveis. Diante de oportunidades assim, como o cristão fiel deve considerar objetivamente o seu “chamado”?

Certamente, alguns entendem que seu trabalho em vendas, comércio, investimentos privados, finanças públicas ou áreas afins é um modo de colocar suas habilidades únicas a serviço de Deus e do próximo. Alguns, no entanto, após uns anos em Wall Street, descobrem que seus pontos fortes e interesses são mais apropriados a outra profissão. Jill Lamar, por exemplo, trabalhou vários anos no Merrill Lynch [famoso banco americano de investimentos] antes de perceber a necessidade de mudança. Amante dos livros e sendo ela mesma uma boa escritora, Jill se transferiu para a área de publicações, começando novamente

lá embaixo, tanto em termos de posição quanto de salário. Ela se debateu com o fato de que a oportunidade de ganhar muito dinheiro não significava necessariamente que gerenciar negócios bancários era a profissão na qual deveria continuar. Jill procurou usar melhor seus dons e interesses a serviço do próximo. Sua decisão causou furor, até mesmo na igreja!

Os cristãos deveriam estar cientes desse entendimento revolucionário sobre o propósito de seu trabalho neste mundo. Não devemos escolher empregos e conduzir nosso trabalho visando obter satisfação pessoal e poder, porque ser chamado por Deus para realizar alguma coisa já é algo suficientemente poderoso. Temos de trabalhar como um meio de servir a Deus e ao semelhante e, então, escolher e conduzir nosso trabalho de acordo com esse propósito. A pergunta relacionada à escolha de nosso trabalho deixa de ser: “Quem me paga mais e oferece mais status?”. A pergunta tem de ser: “Levando em conta minhas habilidades e oportunidades, como posso ser mais útil às pessoas, sabendo o que sei a respeito da vontade de Deus e da necessidade humana?”.

Jill levou essa última pergunta muito a sério. À medida que trabalhava em publicações, ela descobriu que era boa em editar e em descobrir novos escritores. A paixão de Jill em fazer chegar às mãos dos leitores boas histórias só aumentava. Às vezes as histórias refletiam sua maneira de ver o mundo pelas lentes da Bíblia, às vezes não. Jill busvaca excelência. Mais tarde, ela gerenciou um programa maravilhoso para a famosa rede americana de livrarias Barnes & Noble chamado Discover Great New Writers. Por meio dele, Jill ofereceu a novos autores talentosos uma chance de conquistar um número maior de leitores.

Observe algo contraintuitivo nas duas perguntas feitas anteriormente: é a segunda que produz em nós motivação mais sustentável para disciplina e excelência no trabalho. Se a razão para o trabalho for servir e exaltar a nós mesmos, inevitavelmente ela terá menos a ver com o trabalho em si e mais a ver conosco. Nossa ousadia acabará se transformando em abuso, nosso esforço, em estresse e nossa autossuficiência, em autodepreciação. Contudo, se o propósito do trabalho for servir e exaltar algo além de nós mesmos, acabaremos tendo uma

razão melhor para colocar em prática nosso talento, ambição e força empreendedora — e teremos mais chances de ser bem-sucedidos a longo prazo, mesmo segundo a definição da sociedade.

A vocação e as “máscaras de Deus”

Ninguém se apoderou tanto do ensino de 1Coríntios 7 quanto Martinho Lutero. Nesse capítulo, ele traduziu a palavra “chamado” por Beruf, que em alemão significa “ocupação”, e criou uma polêmica contra a ideia de vocação que prevalecia na igreja medieval.5 Naquela época, a igreja se via como a totalidade do reino de Deus na terra6 e, portanto, somente o trabalho na igreja e para ela se qualificava como sendo de Deus. Isso significava que o único chamado à obra de Deus era para ser monge, sacerdote ou freira. Esses religiosos eram chamados de “classe espiritual”; o trabalho das outras pessoas era mundano, e o emprego secular era tido como uma necessidade degradante, o mesmo conceito que os gregos tinham do trabalho braçal.7 Lutero atacou essa ideia vigorosamente em seu tratado To the Christian Nobility of the German Nation [À nobreza cristã da nação alemã]:

É pura invenção [ficção] isso de o papa, os bispos, os sacerdotes e os monges serem chamados de “classe espiritual”, enquanto príncipes, lordes, artesãos e lavradores são chamados de “classe secular”. Na verdade, não passa de engodo e hipocrisia. Mas ninguém precisa temer tal coisa, e por esta razão: todos os cristãos são verdadeiramente da classe espiritual, e não há diferença entre eles exceto a do ofício [...] Todos somos sacerdotes consagrados pelo batismo, como São Pedro afirmou: “Mas vós sois [...] sacerdócio real, nação santa” (1Pe 2.9). O livro de Apocalipse diz: “Com o teu sangue compraste [...] e os constituíste reino e sacerdotes” (5.9,10).8

Lutero está afirmando que Deus chama igualmente todos os cristãos para o trabalho de cada um. Na exposição que faz do salmo 147, Lutero apresenta sua

ideia básica de vocação e explica o que a motivou. Ele analisa o versículo 13, que assegura uma cidade onde “Deus reforça as trancas das tuas portas”. Lutero indaga como Deus reforça as trancas — providencia segurança e proteção — de uma cidade. Ele responde: “Pela palavra ‘trancas’, temos de entender não apenas a barra de ferro que o ferreiro molda, porém [...] tudo o que ajuda a proteger, como um bom governo, boas leis, boa ordem [...] e governantes sábios [...] isso é uma dádiva de Deus”.9 Como Deus oferece proteção a uma cidade? Não é por intermédio dos legisladores, policiais e políticos? Deus supre nossas necessidades civis por meio do trabalho de terceiros, a quem ele chama para determinadas profissões.

Ao discorrer em seu Catecismo Maior sobre o “pão de cada dia”, na oração do Pai-Nosso, Lutero afirma que, “quando você ora pelo ‘pão diário’, está orando por todas as coisas que contribuem para que tenha e desfrute seu pão diário [...] Você tem de abrir e expandir o pensamento, de modo que ele vá além do saco de farinha e do forno e chegue às plantações, às lavouras e ao país inteiro que produz, processa e traz a nós o pão diário e todos os tipos de alimento”.10 Como é que Deus satisfaz “o desejo de todos os viventes” (Sl 145.16) de hoje? Não é por meio do lavrador, do padeiro, do varejista, do web designer, do caminhoneiro e de todo mundo que contribui para que o alimento chegue até nós? Lutero escreve: “Deus poderia lhe dar cereais e frutas sem que você tivesse de arar e plantar, mas ele prefere não fazer isso”.11

Lutero apresenta então uma analogia para mostrar por que Deus age dessa forma. Os pais desejam oferecer aos filhos tudo de que eles necessitam, mas também querem que sejam pessoas diligentes, cuidadosas e responsáveis. Por isso, dão serviços domésticos para os filhos fazerem. Claro que os pais podem realizar a tarefa muito melhor que os filhos, mas isso não ajudaria no amadurecimento das crianças. Assim, os pais dão aos filhos aquilo de que eles precisam — caráter — por meio da diligência necessária à tarefa que lhes cabe. Lutero conclui dizendo que, pela mesma razão, Deus trabalha por intermédio de nosso trabalho:

O que é nosso trabalho para Deus — seja na lavoura, no jardim, na cidade, em casa, na guerra, ou na política — se não apenas o desempenho de uma criança, por meio do qual o Senhor nos oferece suas dádivas na lavoura, em casa e em todo e qualquer lugar? Essas são as máscaras de Deus, por trás das quais ele decide permanecer oculto e realizar todas as coisas.12

Em sua exposição de Salmos 147.14, Lutero pergunta: Como Deus "estabelece a paz para as tuas fronteiras?". Ele então responde que é por meio de bons vizinhos, que são honestos e íntegros nos afazeres diários e que participam da vida em sociedade.13 Para Lutero até o relacionamento sexual entre marido e mulher faz parte desse padrão. Deus poderia nos dar filhos diretamente. "Ele poderia dar filhos sem usar homens e mulheres. Porém ele não quer fazer isso. Ao contrário, ele une homem e mulher de modo que a procriação pareça obra do homem e da mulher, todavia ele age por trás das máscaras".14

Entendemos, assim, o que Lutero quer dizer com vocação que vem de Deus. Os trabalhos mais modestos — como arar a terra ou abrir valetas — não são as únicas "máscaras" que Deus usa para cuidar de nós; os papéis sociais e tarefas mais básicos, como votar, participar de organizações públicas e ser pais também o são. Todas essas coisas são chamados de Deus, são instrumentos usados por ele para a distribuição de suas dádivas a nós. Até a mais simples lavradora está cumprindo o chamado de Deus. Como Lutero pregou: "Deus ordenha as vacas pelas mãos da ordenhadeira".15

Vocação e o evangelho

A contribuição de Lutero para nosso assunto vai além dessa ideia notável de que todo trabalho é uma vocação de Deus. A doutrina da justificação unicamente pela fé — o compromisso fundamental da Reforma Protestante — molda ainda mais densamente o entendimento cristão quanto ao trabalho. A perspectiva medieval mais antiga (que defendia que o trabalho secular é insignificante e o

trabalho religioso é engrandecedor) estava parcialmente enraizada em um equívoco quanto à salvação. “Nos dias de Lutero”, escreve Lee Hardy, “a crença geral era que os monges, ao fazerem seus votos e ao se submeterem aos rigores do claustro, obtinham favor divino especial e, portanto, a segurança da salvação eterna”.16 No entanto, Lutero percebeu que todas essas observâncias religiosas exemplares e ministérios não haviam modificado a realidade de que sua vida estava longe da justiça que Deus exigia. Fez então a célebre descoberta na Bíblia de que a justificação era pela graça, por meio da fé em Cristo, independentemente de qualquer boa obra realizada. Ele vinha lutando com a expressão “a justiça de Deus” porque, “embora eu fosse um monge de viver irrepreensível, sentia que era pecador diante de Deus, com uma consciência extremamente perturbada. Não conseguia acreditar que ele fora apaziguado por minha penitência [obra religiosa] [...] Assim, sentia-me assolado por uma consciência ardente e perturbada...”. Lutero começou a meditar em Romanos 1.16,17, quando Paulo afirma que a salvação e a justiça de Deus “são pela fé”. Ele escreveu:

Comecei a entender que a justiça de Deus é aquela pela qual o justo viverá graças a uma dádiva de Deus, ou seja, a fé [...] Senti, então, que nasci de novo e atravessei os portais abertos do paraíso. Ali, um aspecto completamente diferente das Escrituras me foi revelado.17

Como Lutero observa na última frase, quando entendeu que a salvação era pela graça, e não por meio de qualquer esforço pessoal, ele repensou tudo o que entendia da Bíblia, incluindo sua perspectiva do trabalho. Lutero descobriu duas implicações em particular. Primeiro, se as obras religiosas eram vitais para conseguirmos uma boa nota com Deus, então sempre existiria uma diferença fundamental entre quem exercia o ministério religioso e as outras pessoas. Contudo, se as obras religiosas não ajudavam em absolutamente nada para conquistarmos o favor de Deus, não poderiam mais ser vistas como superior às outras formas de trabalho.

O evangelho da salvação unicamente pela graça contém uma segunda implicação

quanto ao trabalho. Embora os monges antigos possivelmente buscassem salvação por meio de obras religiosas, muitas pessoas hoje buscam um tipo de salvação — autoestima e valorização pessoal — no sucesso profissional. Isso nos leva a correr atrás somente de empregos que ofereçam salários altos e posição elevada e a "adorá-los" de maneira obstinada. Contudo, o evangelho nos liberta da pressão inexorável de provar que somos bons e de firmar nossa identidade por intermédio do trabalho, pois já estamos aprovados e seguros. O evangelho também nos liberta da atitude de menosprezar empregos menos sofisticados e ambicionar empregos mais enaltecidos. Todo e qualquer trabalho se transforma em um modo de amar o Deus que nos salvou gratuitamente e, por extensão, se torna em um modo de amar o próximo.

Dessa forma, Lutero pôde escrever sobre os cristãos: "Até mesmo seus trabalhos aparentemente seculares são um culto a Deus e um ato de obediência que agrada a Deus".18 Ele disse ainda: "Por que, então, eu não me entregaria voluntaria e alegremente, de todo o coração, com toda presteza [...] como um Cristo ao meu semelhante, assim como Cristo se entregou por mim [...], uma vez que por meio da fé tenho o mais que suficiente de todas as coisas boas em Cristo?".19 Como já temos em Cristo as coisas que outras pessoas buscam no trabalho — salvação, autoestima, consciência limpa e paz —, agora trabalhamos simplesmente por amor a Deus e aos nossos semelhantes. É um sacrifício de alegria, uma limitação que oferece liberdade.

Ironicamente, isso significa que os cristãos que entendem a doutrina bíblica devem apreciar o trabalho dos não cristãos mais do que qualquer pessoa. Sabemos que fomos salvos unicamente pela graça e, portanto, não somos melhores pais, artistas e empresários do que aqueles que não creem nas mesmas coisas que nós. Nossos olhos treinados pelo evangelho enxergam o mundo cintilando com a glória da obra de Deus por meio das pessoas que ele criou e chamou — desde os trabalhos mais modestos, como ordenhar uma vaca, às realizações artísticas e históricas mais brilhantes.

O trabalho como um ato de amor

Essa maneira revolucionária de ver o trabalho confere a todas as ocupações um propósito comum e sublime: honrar a Deus amando nossos semelhantes e servindo-lhes com nosso trabalho.

A escritora Dorothy Sayers relata que muitos britânicos depararam com essa visão de trabalho durante os dias terríveis da Segunda Guerra Mundial:

A ideia de que o trabalho é algo que fazemos para ganhar dinheiro está de tal modo arraigada em nós que mal conseguimos imaginar a mudança revolucionária que seria pensar nele em termos do serviço em si [...]20 [...] Creio que existe uma doutrina cristã de trabalho, intimamente relacionada às doutrinas da força criativa de Deus e à sua imagem no ser humano [...] A heresia essencial [moderna] [...] é que o trabalho não é expressão da força criativa do homem a serviço da sociedade, mas apenas algo que ele faz para conseguir dinheiro e lazer.21

Sayers explica os resultados: “Os médicos exercem a medicina não com o objetivo primeiro de aliviar o sofrimento, mas para ganhar a vida — a cura do paciente é algo que acontece pelo caminho. Os advogados aceitam causas não porque são apaixonados pela justiça, mas porque a advocacia lhes garante o sustento”. Contudo, durante a guerra, muitas pessoas foram convocadas para o exército e descobriram uma nova e surpreendente satisfação no trabalho. “A razão de os homens geralmente se sentirem felizes e satisfeitos no exército é que pela primeira vez se descobrem fazendo algo não pelo dinheiro, que é pífio, mas somente pelo interesse de concluir uma missão”.22

A escritora estava falando sobre o tempo da guerra na Grã-Bretanha, quando cada pessoa entendia que seu trabalho era uma contribuição à sobrevivência do país. Entretanto, o escritor Lester DeKoster se sai muito bem ao mostrar como o trabalho é indispensável à vida humana em todos os tempos e lugares:

O trabalho é o meio de nos tornarmos úteis aos outros [...], e os outros se tornarem úteis a nós. Nós plantamos [com nosso trabalho]; Deus dá o crescimento para unificação da raça humana...

[Observe] a cadeira onde você descansa [...] Você poderia fazê-la por conta própria? [...] Como você conseguiria, digamos, a madeira? Derrubaria uma árvore? Mas só depois de fabricar as ferramentas para isso, e montar um tipo de veículo para arrastar a árvore, e construir uma serraria para preparar a madeira, e abrir estradas para ir de um lugar ao outro, não é? Resumindo, precisaria de uma ou duas vidas para fabricar uma cadeira! [...] Se nós [...] trabalhássemos não somente quarenta horas semanais, mas cento e quarenta horas, não realizaríamos nem uma fração de todos os bens e serviços que temos à disposição. [Nosso] salário nos compra muito mais do que conseguiríamos fabricar no tempo que levamos para ganhar o salário [...] O trabalho [...] rende muito além do que os meros esforços que colocamos em nossos empregos [...].

Imaginemos que todo mundo pedisse as contas do trabalho hoje mesmo! O que aconteceria? A vida civilizada desapareceria imediatamente. Os mantimentos sumiriam dos supermercados, a gasolina secaria nas bombas, as ruas não seriam mais patrulhadas e os incêndios consumiriam tudo. Os meios de comunicação e transporte deixariam de existir, e os serviços públicos chegariam ao fim. Os sobreviventes — se houvesse — logo se ajuntariam ao redor de fogueiras, dormindo em cavernas e vestindo-se de peles de animais. A diferença entre [um deserto] e cultura é simples: trabalho.23

Talvez não exista melhor jeito de amar o próximo — seja você guarda de trânsito, inventor de softwares ou escritor — do que simplesmente fazer o seu trabalho. Mas isso vale somente se o trabalho for bem-feito, habilidoso.

O trabalho como ministério de competência

Uma das principais maneiras de você amar os outros com seu trabalho é por intermédio do “ministério de competência”. Se o propósito de Deus para seu trabalho é que você sirva à sociedade humana, então o melhor jeito de servir a Deus é realizando a tarefa da melhor maneira possível. Dorothy Sayers escreve:

A orientação da igreja a um carpinteiro inteligente é, de modo geral, exortá-lo a não se embebedar nem aprontar arruaças em suas horas de folga e ir à igreja aos domingos. Mas a igreja deveria lhe dizer o seguinte: a primeira exigência que a religião lhe faz é que fabrique mesas de excelente qualidade.24

Gostaria de dar um exemplo dramático disso. No dia 24 de fevereiro de 1989, o voo 811 da United Airlines decolou de Honolulu a caminho da Nova Zelândia. O 747 havia chegado à altitude de 6.700 metros quando a porta dianteira do bagageiro se abriu com toda força, rasgando um buraco na fuselagem do avião. Nove passageiros foram sugados imediatamente para a morte. Os dois motores da direita foram atingidos por estilhaços e ficaram inutilizados. O avião estava a 160 km da Nova Zelândia. O comandante, David Cronin, lançou mão de toda a sua perícia e seus 38 anos de profissão:

Para compensar a falta da propulsão dos dois motores, ele lutou com as mãos para manter o estabilizador firme enquanto usava os pés para colocar pressão no leme de controle no piso e, assim, estabilizar o avião. Sua maior complicação, no entanto, era decidir a que velocidade voar. [Ele] reduziu a velocidade o mais que pôde para impedir que o ar soprando sobre o avião abrisse ainda mais o buraco na fuselagem. Como o buraco havia mudado a aerodinâmica da enorme embarcação, as informações normais relacionadas à diminuição de velocidade não eram mais relevantes. O comandante [sabendo disso] teve de tomar a decisão que achava melhor. Além disso, como o avião tinha acabado de receber mais de 136 toneladas de combustível para a longa viagem, estava pesado demais para aterrissar sem quebrar o trem de pouso [...] Então, o comandante se viu diante de outro problema. Os flaps usados para diminuir a velocidade não estavam funcionando de modo adequado [...] Ele teria de aterrissar o avião a quase 315 km por hora, em comparação com a velocidade normal de 273 km. O

avião pesava mais de 276 toneladas, bem acima das 255 toneladas recomendadas pela Boeing. Mesmo assim, o comandante Cronin fez uma das aterrissagens mais suaves de que a tripulação conseguia se lembrar, em meio a salva de palmas dos passageiros. Peritos em aviação consideraram a aterrissagem um milagre [...] Alguns dias depois da experiência angustiante, um entrevistador perguntou ao comandante Cronin qual foi seu primeiro pensamento ao perder a porta do bagageiro. Ele respondeu: “Fiz uma oração rápida pelos meus passageiros e voltei ao trabalho”.25

O líder e empresário luterano William Diehl conta essa história inspiradora para enfatizar algo importante. Ele escreve: “Se os leigos não conseguem encontrar nenhum significado espiritual em seus trabalhos, estão condenados a levar uma vida dupla; não ligam o que aprenderam no domingo com o que fazem no restante da semana. Precisam descobrir que as atitudes do dia a dia são espirituais e capacitam [...] as pessoas a alcançar Deus no mundo, e não fora dele. Tal espiritualidade afirmará...: ‘Seu trabalho é sua oração’.” 26

Portanto, como ligamos o que fazemos no domingo com o que fazemos no restante da semana? Como podemos “tocar Deus no mundo” por meio do nosso trabalho? Diehl responde que o primeiríssima maneira de nos certificarmos de estar servindo a Deus em nosso trabalho é sendo competentes.

Quando o voo 811 da United Airlines começou a ter problemas, a maior dádiva que o capitão Cronin ofereceu aos passageiros foi sua experiência e bom senso. Naqueles momentos de perigo, o que importava aos passageiros não era o relacionamento dele com os colegas ou como ele comunicava sua fé aos outros [...] O ponto crítico era se ele seria competente o bastante como piloto para aterrissar em segurança aquele avião detonado [...] Por meio de nosso trabalho, conseguimos tocar Deus de várias formas [...], porém se o chamado do cristão é para que participe no processo criativo contínuo de Deus, o fundamento de nosso ministério tem de ser a competência. Temos de usar nossos talentos da maneira mais competente possível.

Competência é um valor básico. Não é um meio para outro fim, tal como riqueza

ou posição, embora esses resultados possam ocorrer.27

As aplicações deste ditado — que o trabalho competente é uma forma de amar — são muitas. Quem abraça essa compreensão de trabalho continuará almejando ser bem-sucedido, mas não será tão impulsionado a trabalhar em excesso nem ficará tão desesperado com resultados fracos. Se o ditado é verdadeiro, caso você tenha de escolher entre o trabalho que beneficia mais pessoas e o trabalho que lhe oferece melhor salário, pense seriamente em ficar com o emprego que paga menos e ajuda mais — especialmente se você consegue ser excelente no que faz. Isso significa que todos os trabalhos — não apenas os conhecidos como profissões de cuidado — são basicamente maneiras de amar o próximo. Os cristãos não precisam exercer o ministério diretamente ou trabalhar para organizações de caridade para amar o semelhante por meio do trabalho.

Em particular, esse princípio é um dos vários caminhos para encontrarmos satisfação no trabalho, mesmo que, de acordo com os padrões da sociedade, nossas ocupações não sejam empolgantes, lucrativas ou atraentes. Mesmo que, como afirma Lutero, todo trabalho seja objetivamente valioso para os outros, não será subjetivamente satisfatório a não ser que vejamos e entendamos conscientemente que ele é um chamado de amor ao próximo. João Calvino escreveu que, “desde que nela você obedeça a seu chamado, nenhuma tarefa será [considerada] tão repugnante e vil que não brilhe e seja considerada preciosa aos olhos de Deus”.28 Observe que Calvino diz “desde que nela você obedeça a seu chamado”, ou seja, devemos conscientemente ver nosso trabalho como um chamado de Deus e oferecer esse trabalho a ele. Quando fazemos isso, podemos ter certeza de que o esplendor de Deus irradia através de qualquer tarefa, seja ela tão comum como cuidar de um jardim, seja tão exclusiva quanto trabalhar no departamento de comércio exterior de um banco. Como o missionário e pai de Eric Liddell advertiu-o em Carruagens de fogo, “você pode louvar a Deus descascando batatas, se descascá-las com perfeição”.

Seu trabalho diário é, acima de tudo, um ato de culto ao Deus que chamou e equipou você para realizá-lo — não importa que tipo de trabalho ele seja. No

encarte de sua obra-prima, A Love Supreme, John Coltrane diz com imensa beleza:

Este álbum é uma oferta humilde a Deus. Uma tentativa de dizer “MUITO OBRIGADO, SENHOR” por meio do trabalho que realizamos com o coração e os lábios. Que Deus ajude e fortaleça a todos em toda boa obra.

▪

[1]O ponto de controvérsia é que no v. 21 Paulo mostra a escravidão como um “chamado” no qual é possível servir a Deus. Está fora de nosso escopo entrar nessa discussão (v. porém o cap. 9 sobre nossa nova motivação e Efésios 6). É importante observar que: a) no versículo 21 Paulo instruiu os escravos cristãos a comprar sua liberdade, se pudessem; e b) não podemos achar que toda escravidão na Antiguidade era igual à moderna, na qual o escravo era uma propriedade. Para um excelente estudo dessa passagem, v. R. E. Ciampa e B. S. Rosner, The First Letter to the Corinthians, Eerdmans, 2010, p. 306-28. Os autores observam: “Paulo faz questão de não fazer pouco caso das circunstâncias dos escravos cristãos” (p. 327).↩

[2]Ibidem, p. 308-9.↩

[3]Citado em Ibidem, p. 309.↩

[4]Robert Bellah, Richard Madsen, William M. Sullivan, Ann Swidler e Steven M. Tipton, Habits of the Heart: Individualism and Commitment in American Life, University of California Press, 1985, p. 287-8.↩

[5]Ciampa e Rosner, First Letter to the Corinthians, p. 309, n. 184.↩

[6]V. Louis Berkhof, Systematic Theology, Eerdmans, 1949, p. 569. [Publicado no Brasil com o título Teologia Sistemática, São Paulo: Cultura Cristã, 2013.]↩

[7]É interessante lembrar que outros grandes oponentes de Lutero na Reforma foram os anabatistas da "Reforma Radical". Para os anabatistas, o reino público era essencialmente o reino de Satanás e, assim, proibiam seus membros de ocupar cargos civis, como policiais, magistrados e semelhantes. Ironicamente, embora os anabatistas acusassem reformadores como Lutero e Calvino de não rejeitarem totalmente a tradição católica, tinham uma perspectiva tão negativa do trabalho "secular" quanto a Igreja Católica da época. Portanto, o ensino de Lutero (e de Calvino) de que todo trabalho é um chamado de Deus se opunha à Igreja Católica e aos anabatistas. ↩

[8]Martin Luther, Three Treatises, Fortress, 1970, p. 12.↩

[9]Ibidem, p. 95.↩

[10]Luther's Large Catechism: With Study Questions, F. Samuel Janzow, trad., Concordia, 1978, p. 90.↩

[11]Pelikan, Luther's Works, v. 14, p. 95.↩

[12]Ibidem, p. 96.↩

[13]Ibidem, p. 100.↩

[14]Ibidem, p. 96.↩

[15]Luther’s Works, Sermon on the Mount and the Magnificat, J. Pelikan, org., v. 21, Concordia, 1958, p. 237.↩

[16]Fabric, p. 45.↩

[17]Citado de seu prefácio à edição completa dos Escritos em Latim de Lutero, Wittenberg, 1545, in: Luther’s Works, v. 34, Career of the Reformer, Fortress, 1960, p. 336-8.↩

[18]Luther’s Works, Genesis Chapters 6—14, J. Pelikan e D.E. Poellot, orgs., v. 2, Concordia, 1960, p. 348.↩

[19]Luther’s Works, Sermon on the Mount, v. 21, p. 367.↩

[20]“Why Work?”, in: Creed or Chaos? Harcourt, Brace, 1949, p. 51.↩

[21]“Creed or Chaos?”, in: Creed or Chaos?, p. 42-3.↩

[22]Ibidem.↩

[23]Work: The Meaning of Your Life, Christian Library Press, 1982, p. 5,7,9,10.↩

[24]Creed or Chaos?, p. 56-7.↩

[25]Essa história é contada em William E. Diehl, The Monday Connection: A Spirituality of Competence, Affirmation, and Support in the Workplace, HarperCollins, 1991, p. 25-6.↩

[26]Ibidem, p. 29.↩

[27]Ibidem.↩

[28]Institutes of the Christian Religion, John T. McNeill, org., Ford Lewis Battles, trad., Westminster Press, 1960, III. 11.6.725.↩

PARTE DOIS

Nossas dificuldades com o trabalho

cinco

O trabalho se torna infrutífero

E disse para a mulher: Multiplicarei grandemente a tua dor na gravidez; com dor darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E disse para o homem: Porque deste ouvidos à voz da tua mulher e comeste da árvore da qual te ordenei: Não comerás dela; maldita é a terra por tua causa; com sofrimento comerás dela todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos e ervas daninhas; e terás de comer das plantas do campo. Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste tirado; porque és pó, e ao pó tornarás.

Gênesis 3.16-19

Paraíso perdido

Já examinamos a rica visão bíblica do design perfeito de Deus para o trabalho. Mas não é dessa forma que o avaliamos. Todo mundo sabe que vivemos em um mundo corrompido, repleto de problemas — infestado de doença e morte, injustiça e egoísmo, desastres naturais e caos. Desde o início dos tempos existe uma enorme gama de explicações sobre a causa disso e o que deve ser feito para sanar tal situação. O conceito de pecado se encontra no âmago do relato bíblico: a rebelião do homem contra Deus e a nossa resultante alienação dele. A Queda de Adão e Eva (e, por consequência, de toda a raça humana) em pecado foi desastrosa. Tem danificado diversas coisas no mundo inteiro — e nenhum campo é mais afetado que o do trabalho. A história contada pela Bíblia é que, embora Deus o tenha abençoado para que fosse um uso glorioso de nossos

talentos e de seus recursos para a prosperidade do mundo, agora o trabalho também é amaldiçoado por causa da Queda da humanidade. Agora o trabalho existe em um mundo sustentado por Deus, mas desorganizado pelo pecado. Apenas se tivermos algum entendimento sobre como o pecado distorce o trabalho é que teremos esperança de combater seus efeitos e recuperar um pouco da satisfação que Deus planejou para ele.

Em Gênesis 2.17, Deus coloca Adão e Eva em um jardim paradisíaco e explica que, se desobedecerem a ele e comerem de certa árvore, com certeza morrerão. O que havia de tão especial naquela árvore? Nela mesma, provavelmente nada. Ou seja, é bem possível que não houvesse nada mágico ou incomum na árvore ou em seus frutos; a árvore era um teste. Deus estava dizendo: “Quero que vocês façam algo para mim não porque sabem o motivo, não porque entendem que seria benéfico ou desvantajoso para vocês. Quero que me obedeçam simplesmente por quem eu sou, simplesmente porque me amam e confiam em mim mais do que em qualquer outra coisa”.

Essa ordem, na verdade, continha a essência de todos os mandamentos bíblicos que seriam apresentados à nação de Israel muitas gerações mais tarde.1 Era uma oportunidade para a raça humana transformar voluntariamente o relacionamento com Deus no valor principal da vida e obedecer à sua Palavra simplesmente porque isso lhe é devido. Quando Adão e Eva desobedeceram a essa ordem, tornaram-se “como Deus”, do jeito que a serpente (que os seduziu à desobediência) disse que aconteceria. Ou seja, os dois se colocaram no lugar de Deus; tomaram para si o direito de decidir como viver e o que poderiam ou não fazer. Para o casal, foi catastrófico tornar-se “como Deus” dessa maneira. Assim como um barco é projetado para a água e se ficar encalhado na areia acabará estragado e inútil, nós, seres humanos, “encalhamos” quando decidimos ser nossa própria fonte de autoridade. Fomos planejados para conhecer, servir e amar a Deus acima de tudo — e, quando somos fiéis ao plano, desabrochamos. Mas, quando decidimos viver por conta própria, tudo dá para trás. Depois dessa mudança de rumo, a raça humana passou a viver na contramão do universo, na contramão de nossa própria criação e propósito.2 Como Paulo diz em Romanos 8, agora a natureza toda está “sujeita à inutilidade”. O poeta W. B. Yeats expressou a questão desta maneira:

Coisas se despedaçam; o núcleo se desintegra;

Mera anarquia desaba sobre o mundo.3

Deus advertiu Adão e Eva de que, se comessem da árvore, morreriam. A maioria dos leitores entendem que Deus está falando de morte física imediata, de maneira que se surpreendem quando o casal come, mas não cai duro no chão. No entanto, isso aconteceria a seu tempo, pois o colapso físico futuro é um aspecto da morte e decadência abrangentes que agora afetam todos os aspectos da vida humana. Nada funciona como deveria. O pecado leva à desintegração de todos os aspectos da vida: espiritual, físico, social, cultural, psicológico, temporário, eterno.

É importante lembrar isso, porque para muitos cristãos a vida se divide em espaços e atividades "mundanas" e "sagradas", como se o pecado afetasse apenas as coisas do mundo; contudo, cada aspecto da vida humana — alma e corpo, vida pública e privada, oração e trabalho — tudo é contaminado pelo pecado. Yeats afirma que "coisas se despedaçam" e, por causa do pecado, se despedaçam mesmo.

Coisas se despedaçam

Uma leitura mais detalhada de Gênesis 3 mostra que, tão logo Adão e Eva pecaram contra Deus, sentiram vergonha, culpa e desolação. Os dois sofreram as consequências naturais de agir contra seu design, contra aquilo para que foram criados. "Ficaram sabendo que estavam nus" (v. 7). Isso é o oposto do versículo 25 do capítulo 2, no qual lemos que Adão e Eva andavam "nus [...] e não se envergonhavam". David Atkinson, estudioso do Antigo Testamento, escreve: "Vergonha [...] é aquele sentimento de desconforto consigo mesmo bem no âmago de seu ser".4 Sabemos que algo está errado conosco, mas não

conseguimos admitir nem identificar do que se trata. Sentimos uma inquietação profunda, que se apresenta de várias formas: culpa e esforço para nos justificar, rebeldia e necessidade de estabelecer nossa independência, aquiescência e necessidade de agradar os outros. Algo está errado, e talvez conheçamos os resultados, contudo não entendemos as causas verdadeiras.

A cultura ocidental contemporânea tenta explicar essa inquietação sem recorrer à doutrina bíblica do pecado. Psicólogos nos ajudam a entender como a infância colaborou para gerar essa vergonha excessiva ou a sensação de não sermos amados. O entretenimento desvia nossa atenção dessa inquietação. E fazer boas obras reforça nossa identidade de pessoas de bem. Contudo, a Bíblia estabelece que a raiz do problema é a nossa separação de Deus.

Outro reflexo dessa profunda inquietação inclui desconfiança e medo dos outros. No relato bíblico, a percepção da necessidade de colocar roupas (v. 7: “fizeram para si aventais”) vai além de um novo recato quanto ao sexo. Havia um desejo de se afastar do que poderíamos chamar de mutualidade desarmada. Adão e Eva ficaram desesperados para controlar o que o outro sabia, para se esconder e construir fachadas que bloqueassem o olhar do outro. Essa desconfiança e esse medo acabaram rapidamente se transformando em desgaste e raiva, como acontece até hoje em todos os relacionamentos.

Na conversa fascinante com Adão e Eva em Gênesis 3.10-13, Deus pergunta o que aconteceu. Adão foge completamente da verdade — que comeu da árvore — e passa a reclamar de sua infelicidade e humilhação. A segunda pergunta de Deus é tão direta que Adão não consegue esconder o que fez, mas imediatamente joga a culpa em Eva. Em resposta, Eva culpa a serpente. A hostilidade e raiva dos dois são direcionadas não somente às outras criaturas, mas também a Deus. Adão culpa Deus por seus problemas — “A mulher que [tu] me deste deu-me da árvore, e eu comi” (v. 12). Um comentarista de Gênesis escreve:

“Gênesis 3.8 mostra uma consciência inadequada da gravidade do pecado, as

percepções morais são obscurecidas, e a perspectiva de valores centrada no ser fica bem abaixo da perspectiva centrada em Deus [...] A cegueira do pecado está começando a fazer efeito [...] Desde o momento da Queda, a raça humana sofre de esquizofrenia moral: não consegue negar o pecado nem vê-lo exatamente como é".5

Gênesis 3 mostra como o pecado deforma cada componente de nossa natureza, cada aspecto da nossa vida. Ele começa distorcendo as áreas do sexo, gênero, amor e casamento. Deus explica de modo assustador o impacto do pecado no relacionamento conjugal. Os estudiosos debatem o significado exato da afirmação de Deus de que agora, por causa do pecado, "o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará" (v. 16); todos concordam, no entanto, que isso significa no mínimo que desentendimento, frustração, conflito profundo e infelicidade passam a ser a norma nos relacionamentos entre homem e mulher.6

Até mesmo a estrutura do mundo físico começou a se esfacelar, e os resultados são doença, envelhecimento, desastres naturais e a própria morte (Gn 3.17-19). O filósofo Al Wolters explica isso desta maneira:

A Bíblia ensina claramente que a queda de Adão e Eva no pecado não foi um simples ato isolado de desobediência, mas um evento de significado catastrófico para a criação como um todo [...] Os efeitos do pecado atingem a criação inteira; em princípio, nada do que foi criado está imune aos efeitos corrosivos da queda. Quer analisemos as estruturas sociais, como o estado ou a família, atividades culturais, como a arte ou a tecnologia, funções corporais, como sexualidade ou alimentação, quer analisemos qualquer outra coisa dentro da enorme abrangência da criação, descobrimos que o excelente trabalho das mãos de Deus foi arrastado para a esfera do motim contra Deus. "Toda a criação geme", Paulo escreve, sujeita ao "cativeiro da degeneração".7

Gênesis 3 é um texto antigo, repleto de rica teologia em forma de narrativa. Contudo, não poderia ser mais relevante e prático para os dias de hoje. Ele ataca

o ponto nevrálgico, como se dissesse: “Você acha que as duas principais tarefas na vida — amar e trabalhar — são terrivelmente difíceis? Isso explica o motivo”. Nesse capítulo, Deus une intimamente o sofrimento presente no amor e casamento com o sofrimento do trabalho. Os atos de dar à luz um filho e lavrar a terra são agora chamados de “trabalho doloroso”. O teólogo W. R. Forrester escreve: “Em idioma após idioma a mesma palavra é usada para o ato de dar à luz e para a labuta; por exemplo, ‘trabalho de parto’ e ‘trabalho’.”8 As empresas formam equipes que trabalham incansavelmente durante meses ou anos para “dar à luz” novos produtos ou empreendimentos, que podem ter morte súbita no mercado. Astros do futebol muitas vezes sofrem os efeitos de lesões pela vida toda. Empreendedores como Steve Jobs são dispensados de uma empresa quando há crise financeira. (Poucos são chamados de volta, como Jobs foi.) Ervas daninhas, vírus de computador ou escândalos de corrupção voltam sempre, com sede de vingança. A pesquisa sobre as propriedades do átomo se torna a base para a bomba atômica. Em outras palavras, o trabalho, mesmo quando rende frutos, é sempre doloroso, geralmente se frustra e às vezes nos mata.

Espinhos e ervas daninhas

O pecado não afeta somente a vida pessoal e privada, mas também a vida pública e social, e em particular o trabalho. Como vimos em Gênesis 1 e 2, Deus nos criou para o trabalho, e acabamos descobrindo que o trabalho se torna, debaixo do pecado, “um sofrimento” (3.17). O trabalho não é uma maldição em si mesmo, porém agora está, juntamente com todos os outros aspectos da vida humana, sob a maldição do pecado. “Espinhos e ervas daninhas” irão brotar enquanto procuramos produzir alimento (v. 18). Quando nos lembramos de que o trabalho de cuidar do jardim simboliza todos os tipos de trabalho humano e desenvolvimento cultural, e isso implica que todo trabalho e esforços humanos serão marcados por insucesso e frustração. “Uma das maldições do trabalho em um mundo despedaçado é sua perene inutilidade.”9

O que significa o fato de o trabalho ser infrutífero? Significa que, em todo o nosso trabalho, antevemos mais do que conseguimos realizar, tanto pela falta de

habilidade quanto pela resistência ao redor. O trabalho inclui sofrimento, conflito, inveja e fadiga, e a questão de que nem todos os nossos objetivos são alcançados. Por exemplo, você sonha com determinada carreira profissional e com um trabalho em que exerça toda sua capacidade e excelência, mas talvez não tenha essa oportunidade, ou, se tiver, pode ser que não consiga realizar o trabalho tão bem quanto ele deve ser feito. Os conflitos entre você e os colegas irão sugar sua confiança e minar sua produtividade.

Todavia, até mesmo quando fica satisfeito com a qualidade de seu trabalho, você pode ficar tremendamente decepcionado com os resultados. Pode acabar descobrindo que as circunstâncias conspiram para neutralizar qualquer impacto real decorrente de seu trabalho. Você pode ser um lavrador extremamente habilidoso, mas fome ou enchentes ou guerras surgem e destroem sua lavoura. Você talvez seja um cantor de primeira, porém não consegue viver de seu talento, porque é habilidoso em música, mas não em autopromoção, ou porque concorrentes implacáveis vivem “puxando seu tapete”. Assim, você acaba desistindo da carreira musical.

Você deseja muito contribuir de verdade para sua empresa ou destacar-se como especialista em seu campo de trabalho. Talvez sonhe em “transformar o mundo” — fazer uma melhoria extraordinária na sociedade ou causar impacto duradouro na cultura. Pouquíssimas pessoas alcançam esses objetivos na vida, e mesmo as que à distância parecem ter empregos fascinantes têm a sensação de que suas verdadeiras aspirações são frustradas com a mesma frequência com que são alcançadas. E nós, que fazemos parte da maioria, por mais que não queiramos admitir, somos os que muitas vezes contribuem para frustrar as realizações dos outros.

Imagine que você faça parte da administração de um hospital que sonha em fazer melhorias significativas na forma de tratar seus pacientes. Você faz uma série de mudanças importantes na maneira de a equipe médica tratar os doentes. A reação inicial dos pacientes é altamente positiva, e o mesmo acontece em relação aos índices de danos causados a eles, tais como infecções sanguíneas, infecções pós-

cirúrgicas e erros de medicamento. Porém, com as novas medidas de prestação de contas — tais como notas de avaliação dos setores e “painéis de controle de segurança” —, muitos dos médicos ficam revoltados. Reclamam que a pressão é excessiva, as medidas são injustas, e um erro acidental pode arruinar a carreira de alguém. Você tenta argumentar com alguns da equipe, mas começa a ficar na defensiva. Em uma reunião, você perde a calma e acusa alguns profissionais de não colocar o interesse dos pacientes em primeiro lugar. Talvez haja alguma verdade em sua acusação, mas imediatamente o tiro sai pela culatra. Alguns se enfurecem com sua insinuação. Vários de seus profissionais mais competentes vão embora e o estado de ânimo naufraga.

O que aconteceu? Muitas coisas. Você analisa os fatos e vê que poderia ter sido mais cuidadoso e sensível aos temores da equipe médica em certos pontos. Poderia não ter levado as críticas para um lado tão pessoal a ponto de ser imprudente em uma reunião. Assim, você — e seu pecado — foi parte do problema. A bem da verdade, você foi um espinho. Em muitos casos, os membros da equipe médica estavam simplesmente sendo teimosos e mais preocupados em manter seus currículos impecáveis do que em garantir a segurança dos pacientes. Por trás de tudo, permanece o fato trágico e aparentemente injusto de que, em estabelecimentos médicos, erros humanos pequenos e praticamente inevitáveis prejudicam ou tiram vidas. Nesses casos, os espinhos e as ervas daninhas brotam do distanciamento entre as pessoas, cujas raízes residem na perda de nosso relacionamento com Deus. Portanto, até em nossos melhores dias, cada um de nós trabalha dentro de um sistema que parece empenhado em nos prejudicar.

Geralmente eu acho que tenho o melhor trabalho do mundo — para mim. Amo o que faço e faço o que amo. O ministério de nossa igreja tem colhido mais frutos do que jamais esperei ver em toda a minha vida. Mas também deparo com muitos espinhos e ervas daninhas. Certa vez descobri que estava com câncer na tireoide, e meu ministério praticamente parou, a não ser por algumas tarefas essenciais. Minha esposa tem sofrido emergências médicas que frustraram meus planos de viagem ou nos afastaram de novos projetos. Às vezes, membros de minha equipe reclamam que meu sonho ultrapassa minha habilidade de liderança ou a habilidade deles de executá-lo. Líderes estratégicos de minha igreja

mudaram de cidade exatamente quando eu iria lhes confiar algum ministério. Agradeço a Deus pelos vislumbres que tem me concedido acerca da finalidade de meu trabalho. Porém, todos os dias sou lembrado dessa exasperadora intromissão dos espinhos e ervas daninhas no pedaço de mundo que me foi confiado neste momento.

Aceitando a improdutividade

Uma das descrições mais vívidas de frustração e improdutividade no trabalho é encontrada na peça Amadeus, de Peter Shaffer.10 Antonio Salieri é compositor da corte do imperador Habsburgo e autor famoso de óperas. Ele tem poder e riqueza, mas percebe a mediocridade do que tem produzido. Então ele conhece Mozart, ouve sua música e, num lampejo, se vê exatamente como é. Ele ouve na música de Mozart a beleza que almejou criar a vida inteira. Porém, ao mesmo tempo, admite que jamais conseguirá produzir algo assim. Ao estudar a pauta de uma música de Mozart, Salieri sente como se estivesse preso em uma jaula, observando e ouvindo através das grades, mas sem participar da glória pela qual sempre ansiou. Com o olhar fixo na pauta, Salieri pensa: “Desloque uma nota, e a obra será diminuída. Desloque uma frase, e a estrutura desaba... Aqui... está a voz do próprio Deus! Através das grades daquelas pinceladas meticulosas de tinta, meus olhos contemplavam uma beleza absoluta e inimitável”.11

Salieri teve de conviver com a frustração existencial no trabalho. Ou seja, apesar de sua dedicação e experiência, não tinha capacidade de compor tão bem quanto gostaria. No entanto, em termos de resultados, foi um profissional famoso, chegou a uma posição elevada e conseguiu sucesso financeiro. Enquanto isso, Mozart foi um prodígio musical farto de talentos, mas sofreu rejeição e pobreza. Tanto Mozart quanto Salieri foram bem-sucedidos em alguns aspectos de seu trabalho e fracassaram em outros.

É importante compreender e equilibrar o que a Bíblia diz sobre criação e Queda

— sobre o plano de Deus para o trabalho e também sobre as dificuldades do trabalho em um mundo esfacelado. Por serem produtos da Grande Depressão Americana e de duas guerras mundiais, as gerações de meus avós e meus pais eram gratas por qualquer tipo de trabalho, porque significava a sobrevivência da família inteira. Mas a geração de meus filhos é completamente oposta. Eles insistem em que o trabalho seja gratificante e frutífero, que se encaixe perfeitamente em seus talentos e sonhos e que realize "algo fantástico para o mundo", como um executivo do Google citou na descrição de missão de sua empresa.12 Andy Crouch observa: "Nós, homens modernos, não podemos ser acusados de falta de autoconfiança. A explosão de livros sobre 'transformar o mundo' é adequada à nossa autoimagem".13 Enquanto as circunstâncias que moldaram a geração de meus pais talvez lhes tenha dado uma imagem inferior de trabalho do que a encontrada no relato bíblico da criação, a geração dos meus filhos tem uma perspectiva mais ingênua e utópica do trabalho do que a proposta pela Bíblia em sua descrição da Queda do mundo no pecado.

À luz disso tudo, será que o chamado de Salieri lhe passou despercebido? Ele deveria ter ido trabalhar em outra área que não a música, na esperança de não sentir tanta frustração? Acho que muitos jovens de hoje lhe teriam dado esse conselho; e estariam errados. Salieri foi chamado a contribuir para o mundo como compositor — na verdade, ele compôs músicas que continuam sendo ouvidas até hoje. O mesmo pode ser verdade para você. Só porque você não consegue realizar suas mais altas aspirações no trabalho, isso não significa que fez a escolha errada, ou que está na profissão errada, ou que deve passar o resto da vida buscando a carreira profissional perfeita, que seja isenta de fracassos. Seria uma busca infrutífera para qualquer pessoa. Você deve estar preparado para as frustrações normais do trabalho, mesmo estando na profissão certa.

Todavia, será que Salieri fez as perguntas corretas? Sua ânsia por um trabalho que lhe oferecesse a satisfação profunda de grandiosidade era justificada? Claro que sim; e, embora tal linha de pensamento parecesse autoindulgência à geração dos meus pais, conhecemos dezenas de pessoas para quem essas perguntas levaram a uma nova profissão. Uma jovem de nossa igreja foi contratada para trabalhar na Wall Street assim que terminou a faculdade. Ela era uma das líderes do ministério que a igreja realizava com profissionais da área financeira. Apesar

do sucesso e da recompensa monetária, ela decidiu, após anos de emprego, que o que desejava de verdade na vida era ser enfermeira. A jovem abriu mão de um alto salário, foi fazer enfermagem e já exerce a profissão. Numa sociedade em que as pessoas mudam de carreira profissional de três a quatro vezes, em média, é perfeitamente lógico que mudar de carreira se torne necessário para maximizar os resultados. Deus pode mudar — e muitas vezes muda — o que nos chamou a realizar.

Consolação profunda

Devido à natureza da criação de Deus, temos de trabalhar para ser felizes. E, por causa do plano de Deus para nosso trabalho — a saber, contribuir para o desenvolvimento do mundo —, temos vislumbres do que poderíamos realizar. Mas, por causa da Queda da raça humana, nosso trabalho também é profundamente frustrante, nunca tão produtivo quanto gostaríamos e muitas vezes um fracasso total. É por isso que tantas pessoas habitam nos extremos do idealismo e do ceticismo — ou até oscilam entre esses dois polos. O idealismo afirma: “Por intermédio do meu trabalho, mudarei as coisas, farei diferença, realizarei algo novo, farei justiça no mundo”. O ceticismo afirma: “Nada muda de verdade. Não se encha de esperança. Trabalhe para se sustentar. Não se envolva demais. Tire o máximo proveito que puder”.

Gênesis 3.18 não diz apenas que “espinhos e ervas daninhas” brotariam do solo, mas também que comeríamos “das plantas do campo”. Espinhos e comida. O trabalho continuará dando fruto, embora nem sempre cumpra o prometido. O trabalho será tanto frustrante quanto gratificante, mas às vezes — apenas com a frequência suficiente —, ele nos oferece um vislumbre da beleza e genialidade extraordinárias que poderiam ter sido características comuns de todas as nossas tarefas e que, pela graça de Deus, voltarão a ser no céu e na nova terra. O sonho de Tolkien e a resultante história “Leaf by Niggle” são simplesmente uma representação dessa esperança. Niggle imaginou uma linda árvore que ele jamais conseguiu reproduzir em quadro nesta vida e, portanto, morreu lamentando porque essa pintura, a grande obra de sua vida, não foi completada. Ninguém

jamais iria admirá-la. No entanto, quando Niggle chegou ao país celestial — lá estava a árvore! Esse foi o jeito de Tolkien explicar, a nós e a si mesmo, que nossas mais profundas aspirações de trabalho vão frutificar completamente no futuro preparado por Deus. Assim como a árvore de Niggle sobreviveu em toda a sua glória, as pessoas ouvirão a música de Salieri e também vão, de alguma forma, saborear o fruto do trabalho que você está realizando agora. Haverá trabalho a ser feito no paraíso do futuro, assim como houve no paraíso do passado, pois o próprio Deus se alegra no que faz. Naquele paraíso, você será útil a outras pessoas em graus infinitos de alegria e satisfação; você trabalhará com toda a habilidade que sonha.

Por causa de sua esperança na história de que Deus vai redimir o mundo que ele criou, os cristãos sentem uma consolação profunda que os capacita a trabalhar de todo o coração e a nunca ficar irremediavelmente desconsolados pela realidade frustrante que existe neste mundo, onde espinhos crescem enquanto eles [cristãos] tentam cultivar outras coisas. Da mesma forma que aceitamos o fato de que nós, pecadores, sempre somos “destituídos da glória de Deus” (Rm 3.23), também aceitamos o fato de que neste mundo nosso trabalho será sempre deficiente, porque sabemos que nosso trabalho nesta vida não tem a palavra final.

Invocamos essa consolação cada Natal, apesar de muitas vezes nem tomarmos conhecimento do que estamos cantando:

Não permita que pecado ou sofrimentos cresçam,

Nem espinhos infestem o solo;

Ele vem derramar suas bênçãos

Até onde a maldição chega,

Até onde a maldição chega,

Até onde, até onde a maldição chega.14

▪

[1]Alguns argumentam que Adão e Eva poderiam ter obedecido pensando em causa própria, pois Deus lhes disse que, se comessem, morreriam — mas, no contexto da narrativa, não teriam entendido o que isso significava.↩

[2]Esta seção pressupõe que, quando Adão e Eva se afastaram de Deus, a raça humana pecou, e, portanto, você e eu pecamos também. Romanos 5.12 afirma que "todos pecaram" no pecado de Adão. Isso contraria a expectativa de nossa sociedade individualista ocidental (embora, devamos acrescentar, não do restante do mundo). Um modo de os teólogos cristãos explicarem a questão é desta forma: Adão foi especialmente criado por Deus para ser nosso representante perfeito. Assim sendo, não podemos protestar dizendo que, no lugar dele, teríamos agido de modo diferente. Adão e Eva fizeram exatamente o que nós teríamos feito, caso estivéssemos lá no Éden — e também o que continuamos fazendo hoje em dia. Então, pecamos "neles"; v. verbete "Sin", in: J. I. Packer e I. H. Marshall, orgs., The New Bible Dictionary, Third Edition, Inter-Varsity Press, 1996, p. 1105ss.↩

[3]"The Second Coming", in: Michael Robartes and the Dancer, Kessinger Publishing, 2010, p. 19.↩

[4]The Message of Genesis 1–11: The Dawn of Creation, Inter-Varsity, 1990, p. 87.↩

[5]Alec Motyer, Look to the Rock: An Old Testament Background to Our Understanding of Christ, Inter-Varsity Press, 1996, p. 118-9.↩

[6]Esse é um assunto amplo. V. Timothy Keller e Kathy Keller, O significado do casamento, Vida Nova, 2012, cap. 6. Derek Kidner comenta, em relação a Gênesis 3.16: “O amor escorregou do reino do puramente pessoal para o dos impulsivos desejos passivos e ativos”. “Amar e cuidar” tornou-se “desejar e dominar” (Derek Kidner, Genesis, p. 71).↩

[7]Creation Regained: A Transforming View of the World, Eerdmans, 1985, p. 44.↩

[8]Christian Vocation, Scribner, 1953, p. 129. Citado em Ibidem.↩

[9]“Work, Worker”, in: The Dictionary of Biblical Imagery, L. Ryken e T. Longman, orgs., Inter-Varsity Press, 1995, p. 966.↩

[10]É importante observar que as figuras históricas reais de Salieri e Mozart não são idênticas às dos personagens descritos na peça. ↩

[11]O roteiro da peça Amadeus, de Peter Shaffer, pode ser encontrado em The Daily Script, disponível em: <www.dailyscript.com/scripts/amadeus.xhtml>.↩

[12]De uma entrevista com Sebastian Thrun, in: Andy Kessler, “What’s Next for Silicon Valley?” The Wall Street Journal, 16-17/06/2012.↩

[13]Culture-making, p. 188. V. tb. David Brooks, “Sam Spade at Starbucks”, The New York Times, 12/04/2012.↩

[14][Tradução livre de hino natalino.] Isaac Watts, “Joy to the World”, in: Isaac Watts, The Psalms of David: Imitated in the Language of the New Testament and Applied to the Christian State and Worship, London: C. Corrall, 1818.↩

seis

O trabalho perde o sentido

Por isso, detestei a vida, pois tudo o que se faz debaixo do sol é cansativo para mim. Tudo é ilusão, é perseguir o vento.

Eclesiastes 2.17

Debaixo do sol

Já vimos que o trabalho em um mundo caído pode ser infrutífero; também pode ser sem sentido. Esse é outro aspecto da alienação que os seres humanos percebem em seu trabalho. Ou seja, enquanto muitos trabalhadores se frustram com a falta de habilidade e por causa de aspirações não alcançadas, vários outros não se sentem satisfeitos ou realizados no que fazem mesmo quando atingem suas aspirações e são bem-sucedidos. Uma das expressões mais agudas de o trabalho parecer tão profundamente sem sentido vem de um documento antiquíssimo, um livro do Antigo Testamento: Eclesiastes.

Em Eclesiastes o narrador é chamado, em hebraico, de Qōhelet, que pode ser traduzido como “o Mestre” ou até mesmo “o Sábio”. No entanto, para compreender o que Eclesiastes diz sobre trabalho, precisamos entender o gênero literário do livro e como o autor transmite seus ensinos.

Qualquer leitor ficará surpreso por encontrar em Eclesiastes tantas coisas que parecem contradizer o restante da Bíblia. Embora todos os outros livros nos incentivem a viver de modo totalmente sábio e correto, Eclesiastes parece nos advertir contra o viver “correto demais” ou errado demais e recomenda um meio-termo — não sermos morais nem imorais em excesso, nem sábios ou tolos em excesso (7.15-17). Como explicar afirmações desse tipo?

Tremper Longman, estudioso do Antigo Testamento, explica que existia naquela época uma forma literária chamada “autobiografia fictícia”.1 Nela, o escritor introduzia uma personagem fictícia, fazia um relato de sua vida e finalmente concluía com instruções e ensinamentos gerais extraídos do estudo de caso da vida que contara. E é bem verdade que em Eclesiastes conseguimos discernir dois narradores ou vozes. Primeiro, o escritor do prólogo apresenta a personagem fictícia Qōhelet , que, por sua vez, fala na primeira pessoa sobre todos os caminhos que percorreu para encontrar satisfação e significado na vida debaixo do sol. A expressão “debaixo do sol” é crucial para entendermos a perspectiva do Sábio. Em geral, ela se refere à vida neste mundo considerada em si mesma, desligada de qualquer realidade maior ou eterna. O Sábio busca uma vida significativa baseada somente no que pode ser encontrado dentro dos limites deste mundo físico — realização, prazer e aprendizado.2 Por fim, o escritor original fala novamente usando sua própria voz e, no epílogo, faz uma avaliação de tudo (12.8-14). Dessa forma, o escritor consegue dramatizar seus temas principais ao descrever o homem mais sábio, rico e talentoso que alguém poderia imaginar, mas que, apesar disso, não conseguiu encontrar satisfação nesta vida.3

Alguns livros da Bíblia nos dão a impressão de estarmos ouvindo os conselhos de um pastor sobre a maneira de viver (Tiago, no Novo Testamento, por exemplo, ou Provérbios, no Antigo Testamento). Mas ler Eclesiastes é como participar de uma aula de filosofia cujo professor nos provoca com perguntas socráticas espinhosas e casos de estudo bastante estranhos, os quais nos lançam em um diálogo que nos leva a descobrir a verdade por nós mesmos. O Sábio nos força a examinar os alicerces de nossa vida e a fazer perguntas básicas que, de outra forma, evitaríamos: “Minha vida tem algum significado? Afinal, o que estou fazendo com ela? Por que existe tanta maldade no mundo? Como lidar

com tudo isso?”.

O autor de Eclesiastes usa o Sábio para levar o leitor a entender a transcendente singularidade e necessidade que temos de Deus. Nada neste mundo é base suficiente para termos uma vida significativa aqui. Se baseamos nossa vida no trabalho e nas realizações, no amor e prazeres ou no conhecimento e aprendizado, nosso viver se torna ansioso e frágil — pois as circunstâncias estão sempre ameaçando o próprio fundamento de nossa vida, e é inevitável que a morte arranque de nós tudo o que nos é precioso. Eclesiastes argumenta que a dependência existencial do bondoso Deus Criador — não apenas uma crença abstrata nele — é pré-condição para uma vida estável e plena de propósito.

Katherine Alsdorf, assim como muitas pessoas que vieram para nossa igreja em um estágio avançado de suas carreiras, entende bem estas três buscas: busca de significado para a vida por intermédio de um diploma de faculdade, busca de prazeres e aventura depois de formada, vindo, então, um mergulho quase desesperado no trabalho e na carreira profissional aos 30 e poucos anos, em um esforço inútil de conferir um propósito à vida. Katherine passou a acumular realizações e também prosperidade financeira, contudo tornava-se cada vez mais estressada e até mesmo cheia de amargura. Ela descreve seu ressentimento naquela época contra pessoas que colhiam frutos de uma vida boa que nem mereciam ter! Suas realizações nunca eram suficientes, e os fartos benefícios nunca eram gratificantes. Como ela mesma explicou: “Eu não suportava a ideia de que era tudo sem sentido, assim simplesmente baixava a cabeça e trabalhava mais duro ainda”. Por fim, ela passou a considerar o evangelho de Cristo, porque as filosofias desse mundo não a estavam conduzindo a lugar nenhum. O vazio da vida a empurrou para seu próprio entendimento dessa transcendente singularidade de Deus.

A falta de sentido do trabalho

O sábio apresenta seu caso em estágios. O livro começa com o que poderia ser chamado de três “projetos de vida”, cada um representando um esforço para descobrir o propósito da vida debaixo do sol. O primeiro é uma busca para dar sentido à vida por meio do aprendizado e da sabedoria (1.12-18; 2.12-16). O segundo é um esforço de tornar a vida gratificante por meio da busca de prazeres (2.1-11).

O terceiro projeto que o sábio abraça para afugentar a sensação de inutilidade é a busca de realizações por meio do trabalho árduo (2.17-26). Depois de tentar viver para o aprendizado e o prazer, ele agora tenta viver para a conquista de objetivos concretos e a aquisição de riqueza e influência. Mas acaba concluindo que o trabalho não consegue, por si só, dar significado à vida. “Por isso, detestei a vida, pois tudo o que se faz debaixo do sol é cansativo para mim. Tudo é ilusão, é perseguir o vento” (2.17). Por que ele chega a essa conclusão?

Quando trabalhamos, desejamos causar impacto. Isso pode significar receber reconhecimento pessoal pelo nosso trabalho, ou fazer diferença em nossa área profissional, ou realizar algo que torne o mundo um lugar melhor. Nada é mais gratificante do que saber que por meio de nosso trabalho alcançamos resultados duradouros. Mas o sábio nos surpreende ao argumentar que, mesmo que você seja uma das poucas pessoas a “chegar lá” e realizar todos os seus sonhos, é tudo inútil, pois, afinal, não existem realizações eternas. “Também detestei todas as coisas que me havia esforçado por fazer debaixo do sol, visto que tenho de deixá-las ao que me suceder. E quem sabe se ele será sábio ou tolo? No entanto, ele se apoderará de tudo o que fiz com tanto esforço e de tudo o que realizei com a minha sabedoria debaixo do sol. Isso também é absurdo! Por isso, entreguei o coração ao desespero, por causa de todo o trabalho em que tanto me esforcei debaixo do sol” (Eclesiastes 2.18-20).

Mais cedo ou mais tarde, todos os resultados de nossa labuta serão apagados da história. O diretor que suceder você na empresa ou assumir seu lugar em uma causa ou organização talvez modifique todo o seu trabalho. Obviamente, algumas figuras históricas desenvolveram inovações que ficarão entre nós por

muito tempo, mas gente assim é raridade e, claro, até os mais famosos não serão “lembrados para sempre” (2.16), pois todas as coisas e realizações debaixo do sol acabarão virando poeira — incluindo a civilização. Todo e qualquer trabalho, mesmo o que marcou época, será esquecido e seus impactos, totalmente neutralizados (1.3-11).

Resumindo, ainda que seu trabalho não seja infrutífero, em última análise, ele acabará sendo sem sentido, se tudo o que existir for a vida “debaixo do sol”.

A alienação do trabalho

O trabalho debaixo do sol é sem sentido porque é transitório, passageiro e, assim, tira nossa esperança no futuro. Também nos afasta de Deus e das outras pessoas; dessa forma, mata nossa alegria no presente.

Mais uma vez entendemos bem Antonio Salieri no drama Amadeus. Temos aqui um homem que almeja criar música extraordinária, porém é um artista de talentos modestos. Ao lado de Mozart, Salieri percebe o quanto sua música é rudimentar. Ele pede que Deus o presenteie com brilhantismo e criatividade, mas não é atendido. Salieri se enfurece com Deus: “De hoje em diante, somos inimigos, eu e o Senhor. Pois não atendeste meu pedido. Tu és injusto, parcial, malvado...”. Salieri se amargura contra Deus e empenha-se em destruir Mozart, um instrumento de Deus.

Será que Deus estava mesmo sendo injusto e malvado? Se estava, não era apenas com Salieri. Temos de concordar que bem poucos compositores na história da humanidade foram talentosos como Mozart. Não, a reação de Salieri foi extraordinariamente sombria e desesperada, porque ele alicerçou sua vida no sonho de se tornar famoso por meio da música. Salieri a princípio tentou deixar Deus em dívida com ele:

Embora meu pai tenha orado fervorosamente para que Deus protegesse seus negócios, ofereço secretamente a oração mais soberba que um rapaz possa fazer. Senhor, faze de mim um grande compositor! Permite-me celebrar tua glória por intermédio da música — e que eu seja celebrado! Torna-me famoso no mundo inteiro, querido Deus! Torna-me imortal! Que depois de minha morte meu nome seja para sempre mencionado com amor devido ao que compus!4

A palavra “imortal” revela o que acontecia no íntimo de Salieri. Sua ambição justa e adequada se transformou em salvação inadequada; dessa forma, um sucesso moderado não lhe pareceu suficiente. Ele não experimentou uma decepção normal, e sim alienação e desgosto, pois não era tão bom quanto Mozart.

“Pois o que o homem ganha com todo o seu trabalho e com a aflição do coração com que se esforça debaixo do sol? Durante todos os seus dias, seu trabalho é dor e frustração; o seu coração não descansa nem de noite. Isso também é absurdo!” (Eclesiastes 2.22,23). Dor e frustração tão intensas que o homem não consegue descansar: é assim que vive aquele cuja alma descansa unicamente nas circunstâncias de seu trabalho. Neste cenário pungente, o autor está conscientemente nos comparando a Deus, cujo trabalho levou ao descanso verdadeiro (Gn 2.2), e inconscientemente ao Salvador, que conseguiu dormir durante uma tempestade (Mc 4.38).

Outro motivo de o trabalho nos parecer tão alienante é a injustiça e a despersonalização sempre presentes em todos os sistemas sociais e que tantas vezes influenciam a natureza da tarefa que realizamos. Por exemplo, em Eclesiastes 5.8, Qōhelet diz: “Se vires opressão de pobres e a perversão violenta do direito e da justiça em alguma província, não te surpreendas com isso. Pois quem está em posição elevada tem um superior sobre ele; e sobre ambos há outros em posição mais elevada”. Michael A. Eaton, comentarista do Antigo Testamento, escrevendo sobre esse texto, afirma que Qōhelet “considera as frustrações da burocracia opressiva com todos os seus atrasos e desculpas

infinitos [...] e a justiça se perde entre os níveis de hierarquia".5 Quando Qōhelet escreveu, somente o governo era uma instituição grande o bastante para ter burocracia, porém os dois últimos séculos testemunharam o nascimento da industrialização e do corporativismo moderno. Karl Marx foi o primeiro a falar sobre "trabalho alienado" no auge da indústria na Europa, no início do século 19, quando "milhares de operários lotavam os centros industriais [...] trabalhando 14 horas por dia em tarefas que debilitavam fisicamente e embruteciam mentalmente [...] na melhor das hipóteses, o trabalho era uma forma deprimente de autonegação por questões de mera sobrevivência material".6

É certo que durante séculos a maioria das pessoas suportou o trabalho opressivo por razões de sobrevivência, mas pelo menos nas pequenas propriedades agrícolas ou nas mercearias era possível ver o produto do trabalho de alguém. Nas fábricas, todavia, o operário tinha de colocar cinco porcas nos parafusos da roda de um automóvel a cada trinta segundos, hora após hora, dia após dia. Em seu livro Working [Trabalhando], Studs Terkel entrevistou muitos operários da indústria, incluindo Mike, que ajeitava peças de aço em um cavalete, mergulhava-o em um barril de tinta que aderia à superfície das peças e depois levantava e descarregava o cavalete. Isso era tudo o que ele fazia. " 'Ajeita, retira, ajeita, retira', Terkel descreve. 'Entre uma tarefa e outra, nem tento pensar... ' Sua tarefa é típica do trabalho industrial ou mesmo de escritório, o qual foi subdividido e simplificado em benefício da eficiência e maior produtividade".7

A grande mudança da economia industrial para a economia de informação e serviços melhorou de imediato as condições de trabalho de muitas pessoas, mas acorrentou muitas outras em setores de prestação de serviço de baixa remuneração que vivenciam a mesma alienação dos frutos ou produtos de seu trabalho.8 E em muitas áreas, tal como a financeira, na qual os salários são maiores do que os dos empregos em "condições sub-humanas", até mesmo os mais altos executivos têm dificuldade de entender o que seus esforços estão produzindo, devido ao tamanho e à complexidade das multinacionais. Nas cidadezinhas, os gerentes de banco que financiam a construção de casas e fazem empréstimos para pequenas empresas enxergam facilmente o propósito e o fruto de seu trabalho. Um agente que lida com uma cesta de produtos financeiros e

que compra e vende esses produtos em alta escala terá mais dificuldade em responder a esta pergunta: “Para que serve seu trabalho?” .

O trabalho pode nos alienar uns dos outros. “Havia um homem totalmente solitário; não tinha filhos nem irmão. Trabalhava sem parar! Contudo, os seus olhos não se satisfaziam com a sua riqueza. Ele sequer perguntava: ‘Para quem estou trabalhando tanto, e por que razão deixo de me divertir?’ Isso também é absurdo; é um trabalho por demais ingrato!” (Ec 4.8, NVI). Esse homem é “solitário” — sem amigos ou família — em decorrência de seu trabalho. O trabalho pode nos convencer de que estamos batalhando por nossos familiares e amigos enquanto somos seduzidos pela ambição a negligenciá-los. Trabalho envolve “privação” — gratificação adiada e sacrifício. Mas o homem sequer se pergunta: “Para quem estou trabalhando e por que deixo de me divertir?”. Se ele o fizesse, descobriria que trabalhar apenas para si mesmo não é recompensador. O comentarista Derek Kidner acrescenta: “Esse retrato do trabalho solitário e despropositado [...] cala qualquer reivindicação excessiva que desejemos fazer em favor das bênçãos do trabalho árduo”.9

O perigo da escolha

Eclesiastes afirma: “Não há nada melhor para o homem do que [...] ter prazer no seu trabalho” (2.24). Um dos motivos de tantas pessoas estarem insatisfeitas com o trabalho é, ironicamente, o fato de termos hoje mais oportunidades de escolher o tipo de ocupação do que as pessoas tinham antigamente. David Brooks escreveu no The New York Times sobre uma discussão online conduzida por um professor da Universidade Stanford com alunos e recém-formados sobre o porquê de tantos alunos de universidades de elite se interessarem por cursos de finanças e consultoria. Muitos defenderam suas trajetórias; outros se queixaram dizendo que “as pessoas mais inteligentes deveriam lutar contra a pobreza, dar fim às doenças e servir ao próximo, e não a si mesmas”.10 Brooks explicou que, embora a discussão fosse esclarecedora, ele se espantou com as conjecturas implícitas.

Muitos desses alunos parecem ter uma visão estreita de suas opções. Existe o setor de investimentos, crasso, mas abastado. Existe o mundo das organizações sem fins lucrativos, pobre, mas honrado. Mas existe também o mundo das novas empresas de alta tecnologia, que oferecem, como em passe de mágica, dinheiro e status simultaneamente. Mas demonstram pouco interesse no ministério religioso, nas Forças Armadas, no mundo acadêmico, no serviço público e em outros milhões de setores. Mais ainda, poucos alunos demonstram interesse em trabalhar para empresas que de fato fabricam produtos concretos [...]

O serviço comunitário tornou-se um atalho para a moralidade. Muitas pessoas hoje não têm palavras para explicar o significado de virtude, em que consiste o caráter ou qual é o caminho da excelência; portanto, simplesmente falam sobre serviço comunitário [...] Seja qual for o ramo de trabalho, você encontrará ganância, frustração e fracasso. Talvez você seja desafiado pela depressão, pelo alcoolismo, pela infidelidade, por sua própria estupidez e autoindulgência [...] Além disso [...] qual é o propósito maior de sua vida? Você é capaz de viver de forma altruísta e heroica ou a vida não passa de uma série de conquistas pessoais? [...] Você pode dedicar sua vida ao serviço comunitário e ser um completo imbecil. Pode gastar a vida em Wall Street e ser um herói. Entender heroísmo e imbecilidade exige menos planilhas Excel e mais Dostoiévski e o livro de Jó.11

A primeira observação de Brooks é que muitos universitários não escolhem a profissão mais adequada às suas habilidades, seus talentos e suas capacidades, mas um emprego que melhor se encaixe em sua imaginação limitada de como exaltar sua imagem pessoal. Para eles, existe somente três tipos de trabalho que oferecem prestígio: os que pagam bem, os que lidam diretamente com as necessidades sociais e os “que estão em alta”. Como não existe mais um consenso operante sobre a dignidade intrínseca que todo e qualquer trabalho possui, menos ainda sobre a ideia de que em todo trabalho somos as mãos e os dedos de Deus, esses universitários achavam que a gama de carreiras profissionais era extremamente limitada. Isso significa que muitos jovens estão escolhendo profissões que não lhes são adequadas ou áreas competitivas demais em que a maioria das pessoas não é bem-sucedida. E isso faz aflorar o senso de insatisfação ou inutilidade no trabalho.

Talvez tal fenômeno seja resultado da mobilidade da cultura urbana e a consequente ruptura da comunidade, mas para muitos jovens de Nova York a escolha da carreira profissional é mais a escolha de um marco de sua identidade do que uma avaliação do talento e de seus anseios de contribuir para o mundo. Um rapaz explicou: “Decidi trabalhar na área de consultoria de gestão porque esse é um campo repleto de profissionais talentosos — o tipo de pessoa que quero ter por perto”. Outro disse: “Percebi que, se continuasse na área da educação, ficaria envergonhado quando minha turma de faculdade se reunisse para celebrar cinco anos de formatura. Assim, comecei a estudar Direito”. Enquanto nas gerações precedentes a identidade da pessoa estava baseada no fato de ela ser filho dessa ou daquela pessoa, de viver em determinado bairro da cidade ou de ser membro de uma igreja ou de um clube, os jovens de hoje se definem pelo status do emprego que têm.

Por outro lado, que palavra de sabedoria a Bíblia nos dá para escolhermos nossa profissão? Primeiro, se temos o luxo de tantas opções, vamos escolher um trabalho que possamos realizar muito bem. Ele deve ser adequado aos nossos dons e capacidades. Escolher um trabalho que possamos realizar muito bem é o mesmo que cultivar nosso eu como se fosse um jardim repleto de potencial escondido; é abrir o maior espaço possível para o ministério da competência. Segundo, como o propósito maior do trabalho é servir à sociedade, devemos escolher um trabalho que beneficie o próximo. Temos de perguntar se nosso emprego ou organização ou indústria torna as pessoas melhores ou apela aos piores aspectos do caráter delas. A resposta nem sempre será clara; na verdade, a resposta pode ser diferente de pessoa para pessoa. Em um livro sobre a abordagem cristã à vocação profissional, John Bernbaum e Simon Steer relataram o caso de Debbie, uma senhora que ganhou muito dinheiro numa empresa de decoração em Aspen, no Colorado. O ofício de decorar ambientes, assim como o da arquitetura ou o das artes, é um modo construtivo de promover o bem-estar humano. Muitas vezes, porém, Debbie se viu usando recursos de um jeito que ela não podia conciliar com a busca do bem comum. Debbie abandonou a decoração, foi trabalhar em uma igreja e, mais tarde, no staff de um senador federal. Ela explicou: “Não havia nada desonesto ou ilegal em meu trabalho como decoradora, mas eu recebia por comissão — 30% do benefício bruto. Um cliente gastou 20 mil dólares [no início da década de 1980] para mobiliar um

cômodo de 12 metros quadrados. Comecei a questionar minha motivação em incentivar as pessoas a [...] gastar somas enormes de dinheiro em decoração. Assim, [...] resolvi abandonar tudo".12 Esse exemplo não tem a ver com o valor da profissão de decorador ou do salário em forma de comissão. Ao contrário, ele ilustra a necessidade de cada pessoa esclarecer em termos pessoais como o trabalho que ela realiza é útil para o mundo.

Outra pessoa na mesma situação talvez decidisse ficar onde estava, concentrar-se em ajudar os clientes a tornar suas casas lindas de morrer e aceitar as comissões como expressão legítima do valor da beleza que criou.

Terceiro, se possível, não nos interessaremos em beneficiar apenas nossa família, nossa comunidade e a nós mesmos — vamos querer beneficiar também nosso campo de trabalho. Em Gênesis 1 e 2, vimos que Deus não somente cultivou sua criação, mas criou outros cultivadores. Da mesma forma, nosso objetivo deve ser não apenas trabalhar, mas aumentar a capacidade da raça humana de cultivar o mundo que Deus criou. Contribuir para a melhoria de seu campo de trabalho, quando possível, é um objetivo extremamente válido: descobrir maneiras melhores, mais profundas, mais belas, mais habilidosas, mais nobres de trabalhar. Dorothy Sayers expande essa noção no famoso ensaio "Why Work?" [Por que trabalhar?]. Ela reconhece que devemos trabalhar para "o bem comum" e "para os outros" (como observamos no capítulo 4), mas não quer que fiquemos apenas nisso. Diz também que o trabalhador tem de "servir ao trabalho".13

O slogan hoje é que todos têm a obrigação de servir à comunidade, mas [...] há, na verdade, um paradoxo quanto a trabalhar para servir à comunidade: mirar diretamente em servir à comunidade é adulterar o trabalho [...] Existem boas razões para isso:

No momento em que (apenas) pensa em servir ao próximo, você começa a pensar que as pessoas lhe devem algo em troca do seu esforço; começa a achar que tem direitos sobre a comunidade. Passará a barganhar por recompensa, a buscar aplausos e a guardar mágoas se não for apreciado. Porém, se você estiver determinado a servir ao trabalho, não vai esperar por nada em troca; a única

recompensa que o trabalho pode lhe dar é a satisfação de contemplar sua perfeição. O trabalho absorve tudo, não dá nada em troca, a não ser trabalho; servir ao trabalho é uma obra de puro amor.

O único jeito verdadeiro de servir à comunidade é sendo verdadeiramente solidário com ela, é integrando-se à comunidade e servindo ao trabalho [...] É o trabalho que serve à comunidade; a função do trabalhador é servir ao trabalho.14

Esse argumento de Sayers é válido, embora poucos o sigam ou compreendam. É possível alguém imaginar que esteja "servindo à comunidade" por fazer algo que é popular — pelo menos por um tempo. Entretanto, à medida que o serviço for se tornando um meio de massagear o ego, deixaremos de servir à comunidade. Mas se fazemos tão bem nosso trabalho que, pela graça de Deus, ajudamos pessoas que jamais terão como nos agradecer, ou se ajudamos aqueles que nos hão de substituir a ser mais bem-sucedidos, então sabemos que estamos "servindo ao trabalho" e verdadeiramente amando nosso próximo.

Um punhado com tranquilidade

Alguns raios de luz brilham em meio ao desânimo de Qōhelet por causa da inutilidade do trabalho. "Não há nada melhor para o homem do que desfrutar do seu trabalho, porque esta é a sua recompensa" (Ec 3.22). Sim, o trabalho é a nossa "recompensa" inescapável, portanto o contentamento nessa área é essencial para uma vida satisfatória. Mas como ter contentamento à luz do que enfrentamos? A resposta é: "Desfrutar do seu trabalho é um presente de Deus" (3.13). Como nos apropriar dessa dádiva? Qōhelet dá uma pista:

O tolo cruza os braços e come a própria carne.

Melhor é ter um punhado com tranquilidade

do que as duas mãos cheias à custa de muito trabalho e de perseguir o vento.

Qōhelet recomenda, literalmente, “um punhado com tranquilidade” — em contraste com duas alternativas. Uma é ter “as duas mãos cheias” de riqueza, que resultam de “muito trabalho e de perseguir o vento” (v. 6b). A outra é ter as mãos vazias, como resultado do ócio do tolo que não trabalha de jeito nenhum (v. 5). Qōhelet concorda que ficar satisfeito com o trabalho neste mundo caído é sempre uma dádiva miraculosa de Deus — mas, ainda assim, temos a responsabilidade de buscar essa dádiva por meio de um equilíbrio especial. Tranquilidade sem trabalho não nos traz contentamento, e vice-versa. É preciso trabalho e tranquilidade.

Como obter essa vida equilibrada é um dos temas principais da Bíblia. Primeiro, isso significa reconhecer e abandonar nossa tendência de idolatrar o dinheiro e o poder (v. Eclesiastes 4.4: “Também vi que todo trabalho e todo êxito procedem da inveja entre as pessoas. Isso também é ilusão e perseguir o vento”). Segundo, isso significa colocar os relacionamentos em seus devidos lugares (v. Eclesiastes 4.8, NVI: “Havia um homem totalmente solitário; não tinha filho nem irmão”), embora provavelmente isso signifique ganhar menos dinheiro (“um punhado”, em vez de dois).

Acima de tudo, porém, isso significará buscar algo que está além do que Eclesiastes pode identificar, O Novo Testamento revela que a fonte maior de tranquilidade é Jesus Cristo, que — por ter labutado por nós na cruz — tem poder de oferecer descanso verdadeiro para nossa alma (Mt 11.28-30). Sem o evangelho de Jesus, teremos de trabalhar não pela alegria de servir aos outros, nem pela satisfação de um trabalho bem-feito, mas para conquistar nossa própria glória.

▪

[1]The Book of Ecclesiastes, Eerdmans, 1998, p. 15-20.↩

[2]Segundo a tradição, o orador que descreve esse acúmulo de sabedoria, dinheiro e poder é Salomão, que se tornou rei de Israel após a morte do pai, Davi. Mas existem sérios problemas com essa tradição, que decorrem especialmente da evidência no próprio livro. Em Eclesiastes 1.16, o orador afirma: “Tornei-me um homem próspero, cuja sabedoria é maior do que a dos que governaram Jerusalém antes de mim”. No entanto, apenas Davi governou Jerusalém antes de Salomão. É altamente improvável que Salomão tivesse afirmado isso. V. discussão em Longman, Book of Ecclesiastes, p. 2-9.↩

[3]A personagem Qōhelet não é tanto um ateu, está mais para um secularista, para quem Deus é vago e distante. Mas o autor do livro mostra bem no final que ele é um homem de fé, para quem a vida “debaixo do sol” não pode ser a única realidade. Não há na Bíblia paralelo exato ao gênero literário de Eclesiastes; o livro de Jó é o mais parecido. Nesse livro, também uma personagem é apresentada no início e, no fim, é avaliada de modo positivo e aberto. Ao longo do livro (entre o início e o fim), a personagem central sofredora diz muitas coisas duvidosas e autocontraditórias. ↩

[4]Peter Shaffer, Amadeus, The Daily Script, disponível em: <www.dailyscript.com/scripts/amadeus.html>.↩

[5]Ecclesiastes: An Introduction and Commentary, Inter-Varsity Press, 1983, p. 101.↩

[6]Hardy, Fabric of This World, p. 31. Nas páginas 29-37, Hardy apresenta um bom panorama e crítica do entendimento que Karl Marx fazia do trabalho.↩

[7]Citado em ibidem, p. 32.↩

[8]V. Peter Drucker, The Concept of the Corporation, John Day, 1946; The Age of Discontinuity, Harper and Row, 1969; Post-Capitalist Society, HarperCollins, 1993.↩

[9]A Time to Mourn and a Time to Dance, Inter-Varsity Press, 1976, p. 47.↩

[10]“The Service Patch”, The New York Times, 24/05/2012.↩

[11]Ibidem.↩

[12]Why Work? Careers and Employment in Biblical Perspective, Baker, 1986, p. 70.↩

[13]“Why Work?”, in: Creed or Chaos?, Harcourt, Brace, 1949, p. 59.↩

[14]Ibidem, p. 60-2.↩

O trabalho se torna egoísta

Os homens deslocaram-se para o oriente e acharam um vale na terra de Sinar; e passaram a habitar ali. E disseram uns aos outros: Vamos fazer tijolos e queimá-los por completo. Os tijolos lhes serviram de pedras, e o betume, de argamassa. Disseram mais: Vamos edificar uma cidade para nós, com uma torre cujo topo toque no céu, e façamos para nós um nome, para que não sejamos espalhados pela face de toda a terra.

Gênesis 11.2-4

Façamos para nós um nome

Uma das razões de o trabalho ser infrutífero e inútil é a poderosa inclinação do coração humano de tornar o trabalho e seus consequentes benefícios o fundamento primordial da importância e identidade da pessoa. Quando isso acontece, o trabalho deixa de ser um instrumento de criação e revelação das maravilhas da ordem estabelecida, como diria Calvino, ou de ser um instrumento da providência de Deus, suprindo as necessidades básicas de nossos semelhantes, como diria Lutero. O trabalho torna-se um jeito de eu me distinguir do meu semelhante, de mostrar ao mundo e provar a mim mesmo que sou especial. É um modo de acumular poder e segurança e de exercer controle sobre o próprio destino. A observação de Qōhelet mostra-se verdadeira muitas vezes: “Também vi que todo trabalho e todo êxito procedem da inveja entre as pessoas. Isso também é ilusão e perseguir o vento” (Ec 4.4).

Mais do que qualquer outro texto bíblico, os primeiros 11 capítulos de Gênesis revelam como o trabalho deixou de ser uma grata administração de nossos talentos para se transformar em uma edificação neurótica de nossa autoestima. Em Gênesis 1 e 2, o trabalho é um cultivo alegre da criação para si mesma e para Deus (Gn 1.28; 2.15). Já em Gênesis 4, a tecnologia transformou-se em instrumento de poder. Gênesis 11 conta a famosa história da construção da torre de Babel.

A torre foi construída por dois motivos, segundo o texto bíblico. No versículo 3, os habitantes de Sinar decidem: “Vamos fazer tijolos e queimá-los por completo. Os tijolos lhes serviram de pedras...”. Alguém havia descoberto um jeito de fabricar tijolos que tornava a construção mais eficiente do que com os métodos anteriores. Ou seja, poderiam construir um edifício mais alto do que os que existiam até então. Queriam usar seus novos talentos e descobertas em uma cidade maior. Desde então, as pessoas mais criativas continuam buscando nas cidades um ambiente fértil para a realização de seus sonhos. Até aqui, tudo bem.

Existe, contudo, outra razão, mais profunda, para a construção da cidade: “Façamos para nós um nome, para que não sejamos espalhados pela face de toda a terra” (v. 4). Por que os construtores da torre estavam trabalhando? Por que a maioria dos trabalhadores ambiciosos de hoje fazem seu trabalho? O versículo 4 deixa bem claro — e a motivação não mudou, desde aqueles dias até hoje. Para conquistar mais poder, fama e autonomia. Entretanto, até mesmo essa vanglória revela a insegurança máxima das pessoas. Construíram a cidade para fazer um nome para si mesmos por intermédio de suas realizações — mas, se não temos nome, não sabemos quem somos. Na linguagem bíblica, “fazer um nome” é criar uma identidade para nós mesmos. Ou ganhamos um nome — uma essência que nos define, nossa segurança, nosso valor e nossa singularidade — a partir daquilo que Deus fez por nós e em nós (Ap 2.17), ou fazemos um nome por intermédio do que conseguimos construir por conta própria. Derek Kidner, estudioso do Antigo Testamento, afirma: “Os componentes dessa história são característicos do espírito da sociedade em todos os tempos. O projeto é tipicamente grandioso; as pessoas o descrevem com entusiasmo, como se fosse a

realização suprema [...] Ao mesmo tempo, quando se juntam para preservar sua identidade e controlar seu destino, revelam que são inseguras".1

Parece que os habitantes de Babel "faziam" sua identidade de duas formas a partir do trabalho. Primeira, a afirmação bombástica "uma torre cujo topo toque no céu" sugere que estão atribuindo ao trabalho um valor espiritual que deveria vir de Deus. Isso gera materialismo, pois baseamos nossa saúde e segurança nos frutos de nosso trabalho. Segunda, o desejo de não ser "espalhados pela face de toda a terra" parece significar que também querem adquirir um nome por se juntarem em um grande grupo. Parte da sensação de poder e segurança deles está firmada no tamanho e na riqueza da cidade. Enquanto o primeiro tipo de afirmação de identidade é resultado de transformarem em ídolo os talentos individuais e as realizações, o segundo tipo é resultado de transformarem em ídolo o grupo a que pertencem. Isso, claro, resulta em esnobismo, imperialismo, colonialismo e várias formas de racismo.

Na cena final dessa breve história, Deus condena a cidade; mas observe bem o castigo que ele aplica. Se estivéssemos falando de um filme que é sucesso de bilheteria, cheio de efeitos especiais, Deus mandaria raios e terremotos para destruírem o assentamento. Como não se trata de filme, Deus "confundiu-lhes a linguagem", de modo que houve desunião e foram dispersos por toda a terra. Vemos aqui um princípio que percorre a Bíblia inteira: o pecado tem consequências naturais. Os desejos do coração pecador causam deformações na estrutura do mundo real, e isso sempre provoca destruição. Nosso orgulho e necessidade de reconhecimento pessoal provocam necessariamente competição, desunião e rixa. A vida de autoglorificação torna impossível a união e o amor entre as pessoas. Resta-nos a tristeza de decidir entre transformar o ego em ídolo (o que leva à desunião das culturas individualistas) ou transformar o grupo em ídolo (o que leva à supressão da liberdade individual em culturas coletivas ou tribais). As duas coisas pelas quais ansiamos desesperadamente — glória e relacionamento — só podem coexistir com Deus.

Babel é um contundente estudo de caso sobre a impossibilidade de criar qualquer

obra coletiva — seja uma sociedade, uma organização, um movimento — que realmente “funcione”, a não ser que esteja fundamentado em algo além de si mesmo, isto é, em Deus. Depois de Babel, todas as sociedades acabarão transformando em ídolo algo que se tornará uma grande decepção. A família, o próprio indivíduo, o patriotismo, o acúmulo de riqueza — algo que não seja Deus — acabará sendo considerado o fator decisivo, o summum bonum [o bem maior], aquilo que lhes dá nome, fama. Como Derek Kidner explica: “A cidade inacabada é um monumento bastante apropriado a esse aspecto do ser humano”.2

Os habitantes de Sinar planejaram construir a torre mais alta do mundo. Esse projeto peculiar da raça humana não tem dado sinais de enfraquecimento através dos milênios; parece que todos os anos, em algum lugar, um edifício é construído para fazer o nome de alguém, e será o mais alto do mundo, pelo menos durante um tempo. Esse é um exemplo claro da arrogância competitiva que impulsiona o trabalho em qualquer área. Naturalmente existe algo muito benéfico nessa dinâmica — ela estimula inovações e eficiência de produção —, contudo também existe nela algo pernicioso.

Observe como C. S. Lewis explica isso em Cristianismo Puro e Simples:

Quero lhes deixar claro que o Orgulho é essencialmente competitivo — é competitivo por natureza [...] O Orgulho não se contenta em possuir algo, mas em ter uma quantia maior do que outra pessoa tem. Dizemos que as pessoas se orgulham de ser ricas, ou inteligentes, ou bonitas, mas isso não é verdade. Elas têm orgulho de ser mais ricas, mais inteligentes ou mais bonitas que os outros.3

Lewis nos mostra que podemos construir uma ratoeira melhor (um edifício mais alto, um computador mais rápido, um voo mais barato, um hotel mais luxuoso) por termos interesse em excelência e em servir ao próximo, ou podemos construir tudo isso na ânsia de colocar nossa organização e nós mesmos em uma posição da qual menosprezamos os outros. Esta última escolha leva a atalhos

éticos e à opressão de quem atravessa nosso caminho.

A essa altura, quero deixar claro que ninguém consegue viver o tempo todo interessado apenas em servir aos outros. Até mesmo as pessoas mais amáveis e moralmente puras caem na armadilha do egoísmo, do medo e da fama. Aceitarmos nossa própria natureza caída — assim como a do mundo — nos faz buscar a Deus constantemente para nos lembrarmos do que não conseguimos realizar sozinhos. Na verdade, é bastante perigoso achar que algumas pessoas são “boas” porque trabalham para servir e outras são “más” porque buscam mostrar que são as tais e servir a si próprias. O DNA do egocentrismo e do orgulho competitivo trabalha no íntimo de todos nós.

O poder de estar “no palácio”

Um estudo de caso mais extenso sobre egocentrismo, poder e trabalho pode ser encontrado no Antigo Testamento, no livro de Ester. O livro relata um acontecimento da época em que os judeus estavam espalhados por todo o Império Persa. No primeiro capítulo, lemos que Xerxes, o imperador persa, destituiu a rainha Vasti porque ela foi ousada demais e desagradou-o imensamente. Xerxes sai à procura de uma nova rainha e descobre Ester, uma linda moça judia. O rei leva Ester para seu harém e ela lhe agrada bastante. Ester esconde sua identidade judia quando é coroada rainha e vai morar no palácio.

Quase todas as pessoas que leem essa história ficam chateadas com o início do livro de Ester. As feministas se enfurecem com a subserviência de Ester. Outros se sentem ultrajados pelo fato de Ester ter ficado de boca fechada, ao contrário de Daniel, que se identificou como judeu e viveu como judeu publicamente em uma corte pagã. Pessoas de padrões morais tradicionais acham uma vergonha Ester ter tido relações com um homem que não era seu marido. Por meio de todas essas transigências morais, ela alcança uma posição bem próxima ao poder central. Ficamos, então, diante de uma pergunta: Deus continua trabalhando

conosco e por nosso intermédio em situações ambíguas como essas, seja do ponto de vista moral, cultural ou espiritual? O livro de Ester responde que sim.

No começo do quarto capítulo do livro — o início do segundo ato, por assim dizer —, lemos que Hamã, um alto oficial, convence o rei de que os judeus ameaçam o império e consegue um decreto real segundo o qual em certa data, por todo o reino, os vizinhos dos judeus terão licença para matá-los e saquearem seus bens (Et 3.1-15). Mardoqueu, parente de Ester e líder judeu, entra em contato com a jovem e diz que ela tem de usar sua posição de rainha para evitar essa ameaça. É um pedido e tanto. Uma jovem que crê em Deus e com influência mínima na esfera pública é chamada a usar seu capital pessoal e cultural na promoção de uma ordem social mais justa. “Quem sabe”, diz-lhe Mardoqueu, “se não foi para este momento que foste conduzida à realeza?” (4.14).

O livro de Ester retrata uma situação parecida com a de Daniel e José. Todos os três criam no Deus de Israel. Todos tiveram cargo de autoridade em governos e culturas pluralistas e pagãos. Nenhum dos três era profeta, sacerdote, presbítero ou mestre. Os três frequentavam os mais altos círculos de poder nas instituições culturais seculares a que pertenciam. E foram usados por Deus de maneira extraordinária.

Dick Lucas, pastor inglês anglicano, pregou um sermão baseado na história de José. O que ele explicou se encaixa bem nessa história de Ester. Lucas disse que, se víssemos sobre a mesa de uma igreja uma biografia intitulada O homem que Deus usa ou A mulher que Deus usa, acharíamos de imediato tratar-se de um missionário, professor, líder de igreja ou especialista em algum tipo de obra religiosa. Ele enfatiza que o conteúdo da história de José fala sobre uma autoridade secular muitíssimo bem-sucedida. Lucas afirma: “Acho que, a longo prazo, ser pastor, missionário ou líder de estudo bíblico é, de várias maneiras, bem mais simples. Existe certo glamour espiritual nessas tarefas, e o que temos de realizar diariamente é mais fácil de discernir, mais preto no branco, menos cinza. Geralmente é difícil fazer os cristãos entenderem que Deus não deseja

usar homens e mulheres somente no ministério, mas também em outras áreas, como direito, medicina, administração, artes. Essa é a grande deficiência de nossos dias".4

Temos um exemplo perfeito na seguinte história. Como Jerusalém havia sido destruída por Nabucodonosor, os judeus estavam no exílio. Neste ponto do relato bíblico, eles estão retornando para casa. Os judeus tentam reconstruir suas vidas, sua cidade e sua nação. Ray Bakke, acadêmico e escritor, afirma que, para mostrar a diversidade do povo que usa, Deus incluiu na Bíblia três livros que descrevem como ele leva a nação de Israel de volta à terra natal.5 Primeiro, o livro de Esdras, que fala sobre um ministro, um mestre da palavra. Os judeus precisavam familiarizar-se novamente com a Bíblia para que suas vidas fossem moldadas pela vontade de Deus. Segundo, o livro de Neemias, que fala sobre um planejador e construtor urbano que usou suas habilidades de gestor para reerguer o muro de Jerusalém e trazer de volta a estabilidade, de modo que a vida cívica e econômica florescesse novamente. Por último, o livro de Ester, que fala sobre uma mulher com poder no governo civil que trabalhou contra a injustiça racial. Temos nesses livros homem e mulher, leigo e clérigo. Temos pessoas buscando maturidade espiritual, desenvolvimento econômico e melhores políticas públicas em culturas que definiam e valorizavam esses conceitos de modo diferente das concepções dos judeus. E Deus usa todo mundo.

Não se apresse em ignorar a ligação entre nós e Ester. Ouvi um pastor hispânico pregar sobre o livro de Ester. Muitos dos membros mais velhos de sua igreja eram imigrantes pobres e sem influência, porém muitos da geração mais nova haviam terminado a faculdade e exerciam suas profissões. O pastor explicou aos jovens que, embora não percebessem, estavam "no palácio". Tinham mais capital financeiro e cultural do que imaginavam. Disse em alto e bom som que muitos estavam usando aquele capital para afofar seus próprios ninhos e avançar na carreira profissional, em vez de ajudar outras pessoas. O pastor lembrou aos jovens que havia gente mais pobre na cidade que se beneficiaria das conexões e talentos que eles possuíam. Afirmou ainda que nos círculos de influência e campos de trabalho desses jovens havia corrupção com as quais deveriam lidar. O pastor admitiu que, se os jovens fizessem isso, talvez ganhassem menos dinheiro, demorassem mais para ascender profissionalmente ou entrassem em

conflitos prejudiciais às suas carreiras. Mas isso não importa, ele afirmou. Não adentre o palácio e simplesmente manipule cada regra que encontrar só para permanecer ali. Sirva. Foi para este momento que chegaste à realeza.

Sei que alguns de nós se sentem como Ester. Por exemplo, o vice-presidente de uma empresa de investimentos mantém muitos de seus acionistas na ignorância sobre detalhes dos negócios — ainda que o faça de maneira passiva. O técnico do time de futebol infringe várias regras da federação. O funcionário público não aceita suborno, mas finge que não vê quando um colega se deixa subornar. Em parte, todos eles ascenderam a posições elevadas por causa desses acordos; todavia, a consciência deles não está limpa. Talvez você se pareça com um deles, em menor ou maior escala. Talvez você tenha feito escolhas pouco éticas ou que se situam em uma "zona cinzenta". Talvez tenha recebido instruções para explicar repetidamente aos clientes que o trabalho foi feito de certa maneira, mas você sabe que não foi. Talvez tenha se calado quando deveria falar. Você exerce alguma influência agora, mas sabe que sua consciência não está tão limpa quanto deveria. Você acha que a consciência de Ester estava limpa? Será que alguém tem a consciência completamente limpa? Nunca é tarde demais. Deus insiste em que você analise onde está agora e por que está ali, que entenda a importância de estar no palácio. Pode ser que somente então ele usará você para o avanço de sua obra no mundo.

Tenho um amigo que trabalhou em uma instituição financeira muito famosa. Pedimos que ele realizasse na igreja um seminário sobre caráter e integridade. Durante o seminário, ele contou sobre um dilema que havia enfrentado recentemente. Sua equipe descobrira uma excelente oportunidade de investimento que ofereceria um bom retorno a eles mesmos e à empresa. O único problema era que, na cabeça do meu amigo, o empreendimento não apenas não contribuía de maneira positiva para a sociedade como também a prejudicava. Não era nada ilegal e a empresa não fazia restrições a nenhum investimento nesse negócio. Meu amigo se debatia entre a obrigação de produzir o valor mais alto para a empresa e sua equipe e seu compromisso de fé em prol do desenvolvimento do ser humano. Ele poderia vetar o investimento, mas isso apenas colocaria aquele negócio nas mãos de um concorrente. Ele poderia concordar com o investimento e lucrar com algo em que não acreditava. O

homem só queria tomar uma decisão e, de algum modo, testemunhar de suas convicções. Então ele anunciou à equipe que não impediria a realização do negócio, contudo não receberia nenhum bônus que pudesse resultar do investimento. Isso lhe deu a oportunidade de explicar seu raciocínio e apresentar um retrato das intenções de Deus para o florescimento da raça humana. O negócio foi fechado, e o investimento rendeu muito dinheiro para a empresa. Mas e quanto ao sacrifício de meu amigo? Ele aproveitou a oportunidade, a um alto custo, para assumir uma posição e apresentar aos colegas uma alternativa de vida no palácio.

O perigo de estar “no palácio”

A preocupação de Ester era legítima; Mardoqueu havia pedido que ela assumisse um risco enorme. Naquele tempo e lugar, indispor-se com o rei não significava perder o emprego; geralmente significava perder a vida. Ester responde a Mardoqueu que era ofensa capital alguém ir à presença do rei sem ser chamado, “... a menos que o rei lhe estenda o cetro de ouro e lhe poupe a vida. Mas já faz trinta dias que não sou chamada para entrar na presença do rei” (4.11). Ester, claro, não havia se esquecido de que a rainha anterior fora deposta por ser ousada demais! Mardoqueu não tinha ideia do que lhe pedira. Ester corria o risco de perder tudo.

Mardoqueu lhe responde que sabe muito bem o que está pedindo. Ele chega ao ponto alto da história, em termos de retórica, narrativa e teologia: “Não imagines que, por estares no palácio do rei, serás a única a escapar entre os judeus, pois se te calares agora, socorro e livramento surgirão de outra parte para os judeus, mas tu e a tua família sereis eliminados” (4.13,14). Mardoqueu está dizendo que, se Ester se arriscar a perder o palácio, talvez perca tudo, mas, se não se arriscar a perder o palácio, perderá tudo. É um argumento angustiante. Se todos os judeus forem mortos, Ester será descoberta e assassinada. Se os judeus não forem mortos, Ester será considerada traidora. Mardoqueu, porém termina com uma palavra de esperança: “Quem sabe se não foi para este momento que foste conduzida à realeza?” (v. 14). O que Mardoqueu diz aplica-se diretamente à

maioria de nós.

Na verdade, Mardoqueu apela à ideia de vocação. Ele disse a mesma coisa que o pastor hispânico disse: a não ser que você use sua influência, suas credenciais, seu dinheiro para servir aos que estão fora do palácio, o palácio se torna uma prisão; ele já lhe conferiu um nome. Você talvez ache que recebeu pouco porque está sempre lutando por mais; contudo, já recebeu bastante e Deus manda que coloque tudo em jogo. É natural firmar sua identidade na posição que ocupa no palácio; sentir-se seguro em ter algum controle sobre as variáveis de sua vida; encontrar significado na influência que exerce em determinados círculos. Mas se não estiver disposto a arriscar sua posição no palácio em benefício dos semelhantes, o palácio controla você.

Como obter um novo nome baseado em algo que não seja o palácio? O texto indica a resposta: graça. Mardoqueu diz a Ester: “Quem sabe se não foi para este momento que foste conduzida à realeza?”. Mardoqueu está lembrando Ester de que foi só pela graça que ela chegou ao palácio. Ela não desenvolveu ou conquistou sua própria beleza, nem tampouco criou essa oportunidade; tudo lhe foi dado. Você já pensou em como isso é verdadeiro também em relação à sua pessoa? Se alguém afirmar que seu sucesso profissional é resultado da graça, você pensa logo que a pessoa não tem a mínima ideia do quanto você “ralou” para passar no vestibular, de como você deu duro na faculdade e nos estágios, de que teve de se esforçar muito para superar os colegas de trabalho, e por aí vai. No entanto, você trabalhou com talentos que não conquistou; eles lhe foram dados. Você atravessou portas de oportunidades que não foram criadas por você; elas simplesmente lhe foram abertas. Dessa forma, tudo o que você possui é resultante da graça, portanto você tem liberdade de servir ao próximo por meio de sua influência, assim como de sua competência.

Vivendo com excelência no palácio

Ester entra em ação. A Ester que conhecemos nos capítulos 1 e 2 — a linda e tímida rainha que esconde sua etnia para ficar em posição de vantagem no palácio — começa a desaparecer. A Ester que jamais nada contra a maré e nunca pisa no calo de ninguém começa a dar ordens. Ela envia uma mensagem a Mardoqueu: “Vai e reúne todos os judeus que estão em Susã, e jejuai por mim. Não comais nem bebais por três dias, nem de noite nem de dia; e eu e as minhas criadas também jejuaremos como vós. Depois irei à presença do rei, ainda que isso seja contra a lei. Se for preciso morrer, morrerei” (4.16).

O que vem a seguir é uma das narrativas mais envolventes da Bíblia. Por meio de uma série de “coincidências” — claro que são tudo, menos isso — e também pela coragem de Ester, a moça é recebida pelo rei e desmascara o odioso e calculista Hamã. O oficial é enforcado e o povo judeu, salvo.

No entanto, seria um erro terminar aqui a história. O leitor corre o risco de ser meramente inspirado pelo exemplo de Ester. Você pode analisar Ester e decidir que agora verá seu cargo e seu capital intelectual, social e financeiro com novos olhos. Em vez de enxergar sua influência em benefício próprio, vai usá-la para servir ao próximo; vai se arriscar mais para que a justiça seja feita. Ou talvez perceba que tem se mantido calado demais sobre suas crenças e, então, resolve se manifestar e expor sua fé. Todas essas decisões são boas e corretas; por favor, coloque-as em prática.

Contudo, elas não são suficientes. Para começo de conversa, sua decisão não será duradoura. Se você é meramente inspirado por um exemplo — deseja ser parecido com Ester ou com as pessoas que o pastor hispânico disse que precisamos ser —, é provável que esteja sendo motivado pela culpa. Culpa por ser egoísta, culpa por ser elitista e até mesmo culpa por ser ingrato. E talvez esse seja o ponto de partida! Mas, se a culpa é sua única motivação, fique certo de que ela desaparecerá rapidinho, pois será difícil abraçar um novo jeito de viver.

Talvez você se sinta inspirado, mas exagere. Com frequência vejo pessoas que

mantiveram a fé em segredo caírem no outro extremo e se tornarem desagradáveis. Decidem ser cristãos destemidos e de princípios; vão ser diferentes “desses cristãos enrustidos”. Mas a verdade é que ainda não deixaram o palácio, porque sua identidade continua ligada ao desempenho de um tipo “melhor” de cristianismo. Não mudaram de verdade; estão sendo bem farisaicamente mais evidentes.

Gostaria de explicar como você pode viver com integridade, até mesmo com excelência, no palácio. Veja Ester não simplesmente como um exemplo, mas como um sinalizador, uma bússola. Sabe, Deus nos criou, nos deu tudo o que possuímos e sustenta nossa vida a cada segundo; portanto, devemos tudo a ele. Mas não é assim que vivemos. Vivemos como se tudo o que possuímos fosse nosso, para usar como bem entendermos, para fazer nosso próprio nome. Até mesmo pessoas que não se consideram cristãs sabem, depois de alguma reflexão, que há algo errado nesse cenário. Segundo o padrão de avaliação de todo mundo, estamos violando nosso relacionamento com Deus. As religiões que existem por aí discordam da história e dos motivos, todavia concordam em um ponto: existe uma fenda — ou um abismo — entre nós e o divino. Algumas religiões ensinam que temos de atravessar essa separação por meio de sacrifícios, rituais, transformação da consciência ou prática ética. Mas precisamos de alguma forma de uma ponte sobre o abismo que nos separa de Deus. Onde encontrar essa ponte?

A resposta bíblica está bem aqui, nessa história. Ester salvou seu povo por intermédio de identificação e mediação. Seu povo estava condenado, mas ela se identificou com os judeus e ficou debaixo da condenação. Ester arriscou sua vida e sentenciou: “Se for preciso morrer, morrerei”. Porque se identificou, ela conseguiu mediar diante do trono de poder como ninguém mais conseguiria. Porque recebeu favor ali, esse favor foi transferido a seu povo. Salvar as pessoas por meio da identificação e mediação — isso não lhe lembra alguém? Jesus Cristo, o Filho de Deus, vivia no melhor dos palácios, cercado da maior beleza e glória, mas, por vontade própria, deixou tudo para trás. Filipenses 2 afirma que ele era igual ao Pai, contudo não se apegou a isso; ao contrário, esvaziou a si mesmo e foi condenado por nós. Ele não fez isso arriscando sua vida, mas entregando-a. Jesus não disse: “Se for preciso morrer, morrerei”, mas “Quando

eu morrer, morrerei”. Ele foi para a cruz e nela morreu, expiando assim nosso pecado. Jesus se encontra agora assentado no trono do universo, e o favor que ele obteve é nosso, se crermos nele. Ele é o mediador por excelência.

Se para você Ester não for um exemplo, mas um sinalizador que aponta para Jesus, e se você enxergar Jesus não somente como um exemplo, mas como o Salvador que realiza isso tudo em seu benefício, então compreenderá como é precioso aos olhos dele. Medite nessas coisas e a verdade transformará sua identidade. Ela o convencerá de seu valor real e inestimável. E, ironicamente, quando perceber como é amado, seu trabalho ficará menos egoísta. De repente todas as outras coisas que cercam o trabalho — influência, currículo e benefícios que ele oferece — nada mais serão do que coisas. Você poderá arriscá-las, gastá-las e até perdê-las. Você estará livre. Ester conseguiu fazer o que fez baseada na revelação incompleta de que Deus é um Deus de bondade. Nós, porém, sabemos muito mais que isso! Ester não sabia que Deus viria ao mundo em carne e osso e faria o que ela estava fazendo, só que em escala infinitamente mais ampla, a um custo infinitamente mais alto, com benefícios infinitamente maiores para a humanidade. Hoje nós conhecemos muito mais da graça de Deus, do quanto lhe somos preciosos e do futuro que nos aguarda.

Se entender o que Jesus fez por você, deixando o palácio supremo por sua causa, poderá usar a posição que ocupa no palácio para servir a Deus e ao próximo. Karen Jobes, que escreveu um comentário sobre o livro de Ester, afirma que ela é chamada de rainha Ester 14 vezes; 13 delas acontecem depois que ela disse: “Se for preciso morrer, morrerei”.6 Ela se torna uma pessoa importante não porque tentou fazer seu próprio nome; você se tornará uma pessoa importante não por tentar fazer seu próprio nome, mas por servir Àquele que disse a seu Pai: “Por amor a ti, que tua vontade seja feita”.

[1]Gênesis, p. 109.↩

[2]Gênesis, p. 110.↩

[3]Mere Christianity, San Francisco: Harper, 2001, p. 122. [Publicado no Brasil com o título Cristianismo Puro e Simples, São Paulo: Martins Fontes, 2005.]↩

[4]Citação retirada de um sermão, “Gen. 44-45: Story of Joseph Recalled and Applied: 4. No Way but down to Egypt”, pregado pela primeira vez em St. Helens Bishopsgate, Londres, 26/07/1989.↩

[5]V. Raymond J. Bakke, A Theology as Big as the City, Inter-Varsity Press, 1997, cap. 13: “The Persian Partnership for the Rebuilding of Jerusalem”, p. 105ss.↩

[6]Esther: The NIV Application Commentary, Zondervan, 1999, p. 146.↩

oito

O trabalho revela nossos ídolos

Não farás para ti deuses.

Êxodo 34.17

A universalidade e o poder dos ídolos

David se fechou em seu pequeno escritório, em um canto da sala, enquanto a nova diretoria considerava as exigências que ele havia feito. “Eles vão rastejar até aqui”, David calculou, apoiando-se nas técnicas de negociação que havia aprendido durante uma carreira bem-sucedida. Em 20 anos, David havia ascendido ao cargo de diretor-executivo de várias empresas conceituadas de tecnologia de ponta, e a semana anterior tinha sido um daqueles momentos fabulosos de recompensa. Em um jantar, sentindo-se no topo do mundo após o telefonema do analista financeiro comunicando a venda de sua última firma a uma empresa reconhecida em todo o país, David falou ao sócio: “É isso aí! Melhor é impossível! É disso que estou falando!”.

No entanto, havia chegado a hora de bater em retirada e agarrar outra oportunidade. Embora o dividendo dessa negociação fosse respeitável — uma valorização três vezes maior que os ganhos anuais e a bela quantia de um milhão de dólares na conta —, era simplesmente outro passo rumo a empreendimentos mais importantes. David fez o que havia sido contratado para fazer — vender a

empresa antes que a tecnologia ficasse ultrapassada e entregar aos investidores um bom retorno por seus dólares.

Seus pensamentos flutuaram para os milhões de dólares. A esposa queria uma casa na praia, ele queria uma casa no lago; a casa fabulosa em que moravam havia acabado de ser reformada; as crianças estavam muito bem, obrigado. O casal também havia comprado casas para seus pais, não longe deles e num bairro bom. David se sentia feliz por sustentar tão bem sua família. Isso era importante para ele.

Muito tempo antes, quando seu pai trabalhava duro e o dinheiro da família era contado, David prometeu a si mesmo que sua vida seria diferente. Ele usaria as oportunidades que os pais lhe deram, por mais modestas que fossem, e se tornaria alguém importante. Seria um modo de honrar o pai, agora falecido. Seus filhos nunca passariam necessidade. A mãe, no entanto, vivia dizendo: “Filho, você já está muito bem de vida. Tem mesmo de criar uma empresa maior e melhor? O que se esconde por trás desse alvoroço todo?”.

A essa altura das lembranças, a porta se abriu e deu passagem ao membro da diretoria com quem ele havia trabalhado mais de perto durante as negociações. Ele se sentou e disse:

— David, precisamos muito que você honre o contrato e fique o ano inteiro aqui; a empresa necessita de sua liderança no momento. Você foi uma das razões de acharmos que a compra da firma era um bom negócio — você é esperto, é um bom líder, sabe negociar parcerias e empreendimentos para a empresa continuar no topo. Não concordamos com sua saída neste momento.

David odiava a perspectiva de ficar mais um ano e, apesar dos termos contratuais, estava determinado a receber tudo o que lhe era devido. Ele tinha

uma carta na manga: a diretoria não o obrigaria a ficar se deixasse bem claro que queria ir embora. Ninguém consegue ser um bom líder se o coração não estiver na empreitada, certo?

Uma semana mais tarde, não tendo cedido em nenhum item, David foi embora carregando seu lucro e mudou-se rapidamente para o escritório de uma das 500 maiores empresas do mundo.

Hoje em dia, quando as pessoas ouvem a palavra “ídolos”, é bem provável que pensem no mundo do entretenimento, em que as celebridades são chamadas de “ídolos” ou aspirantes ao sucesso participam de concursos que prometem transformá-los em ídolos. Talvez a palavra traga à mente povos primitivos curvando-se diante de estátuas e imagens. Caso a palavra esteja ligada ao ambiente do trabalho, geralmente é um estratagema retórico para explicar que alguém é workaholic [viciado em trabalho] ou vorazmente ganancioso, de modo que o sucesso ou o dinheiro tornou-se objeto de extrema adoração. Todos esses usos do termo são legítimos. Mas só se aplicam aos casos mais extremos do conceito poderoso e universal que se encontra no âmago da fé bíblica. O código moral mais famoso e influente do mundo, os dez mandamentos, começa com uma instrução vigorosa de Deus contra a idolatria: “Não terás outros deuses além de mim” (Êx 20.3).

O que significa ter outros deuses? O mandamento é: “Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te curvarás diante delas...” (20.4,5). Temos um deus alternativo ou falso quando tomamos qualquer elemento da natureza e passamos a nos “curvar” diante dele — ou seja, a amá-lo, a servi-lo e a buscar um significado maior nele do que no Deus verdadeiro. Por termos a capacidade de assentar ídolos em nosso coração (Ez 14.3-7), entendemos que “fazer uma imagem” de algo não é necessariamente um processo físico, mas certamente é um processo espiritual e psicológico. Significa idealizar alguma coisa e confiar que ela nos proverá o controle, a segurança, o significado, a satisfação e a beleza que somente o Deus verdadeiro pode oferecer. Significa transformar algo bom

em algo supremo.

Muitas pessoas reconhecem a importância do mandamento bíblico contra a idolatria, o qual é dado logo no início das instruções de Deus para a vida. Ninguém entendeu mais seu poder do que Martinho Lutero, que definiu idolatria como buscar em algo criado o que somente Deus pode dar. Assim, conforme argumenta ele, até mesmo os que não têm religião servem a “deuses” — ideologias ou habilidades que, segundo creem, podem justificar seu modo de vida. O filósofo francês Luc Ferry, ateu confesso, argumenta que todo mundo busca “um jeito de encarar a vida com confiança e enfrentar a morte sem medo nem arrependimento”. Todos nós buscamos algo que nos dê certeza de termos vivido bem aqui no mundo. David, da história que abriu este capítulo, talvez tenha visto a segurança financeira e o sucesso como “salvação” das dificuldades da infância, embora jamais usasse esse termo. Segundo Ferry, seja o que for que estamos buscando, isso se torna uma forma de salvação.1 Tal conceito está de acordo com o primeiro dos dez mandamentos, no qual Deus afirma: “Eu sou o Senhor teu Deus [...]. Não terás outros deuses além de mim”. Observe que Deus deixa claro que ou ele será nosso Deus ou outra coisa será. Ele não deixa a opção de não termos nenhum tipo de deus em quem confiar para nos “salvar”.

Lutero notou que o conceito de idolatria ligava harmoniosamente o Antigo Testamento ao Novo Testamento. O Antigo Testamento fala muito sobre idolatria, enquanto o Novo Testamento, especialmente as cartas de Paulo, fala sobre a união com Cristo e a justificação pela fé — por meio da qual somos salvos pela graça de Deus, e não pelos nossos próprios esforços. Lutero percebeu que essas duas ideias — criar um ídolo e tentar nos salvar por esforço próprio — descrevem essencialmente a mesma coisa. Em seu Treatise Concerning Good Works,2 Lutero escreveu:

O primeiro mandamento ordena: “Tu não terás outros deuses”. Isso significa: “Uma vez que apenas eu sou Deus, tu colocarás toda a tua segurança e fé unicamente em Mim e em ninguém mais”. [...] Aqueles que não confiam continuamente em Deus e [...] em sua mercê, graça e boa vontade, mas buscam

seu favor em outras coisas ou em si mesmos, não guardam esse mandamento e praticam verdadeira idolatria [...] Se não acreditamos que Deus é gracioso conosco e agrada-se de nós, ou se presunçosamente esperamos agradá-lo por meio do nosso trabalho, então tudo isso é puro engano, pois honramos a Deus exteriormente, mas interiormente o ego se torna um falso deus...3

Aqui Lutero afirma que, quando não acreditamos que Deus nos aceita completamente em Cristo e buscamos outra maneira de nos justificar ou aprovar, estamos sendo idólatras. Talvez os que não têm religião busquem “favor, graça e boa vontade” na conquista de poder ou nos prazeres, enquanto os religiosos talvez confiem em suas virtudes morais, atos de devoção ou ministério. Mas basicamente tudo é a mesma negociação interior. Nos dois casos, o coração está entregue a um deus falso.

Quando Paulo caminhava por Atenas, ele se indignou “vendo a cidade cheia de ídolos” (At 17.16). Ele se referia ali a objetos materiais, mas, quando entendemos a definição bíblica de idolatria, percebemos que todas as cidades e, na verdade, todos os corações humanos estão repletos de ídolos. Eles são encontrados literalmente por todos os lugares.

Os ídolos não só estão difundidos, mas também são poderosos. Por que os dez mandamentos começam com uma proibição à idolatria? Segundo Lutero, porque jamais quebramos os outros mandamentos sem quebrar o primeiro. Por exemplo, você sabe que ser totalmente transparente em uma negociação lhe renderá bem menos vantagem do que se trapacear um pouquinho. Nessa situação, mentir ou esconder fatos inconvenientes significa que ser bem-sucedido é mais importante do que obedecer a Deus ou querer o bem-estar do “próximo” com quem você está negociando. A verdade é que sob o pecado da mentira está o pecado da idolatria, que é mais profundo e determinante. Podemos argumentar que todos os nossos erros — cada atitude cruel, palavra mentirosa, promessa quebrada, atitude egoísta — resultam da convicção profunda de que existe algo mais determinante para nossa felicidade e para nosso propósito do que o amor de Deus.

A idolatria tem poder sobre nossas atitudes porque tem poder sobre nosso coração. Andrew, um jovem de 22 anos, está desempregado e falido porque morre de medo de aceitar o trabalho de empacotador num depósito e ficar estagnado para o resto da vida — ganhar salário mínimo, realizar tarefas mais apropriadas a pessoas inferiores a ele, perder sua imagem de "cara legal" entre os amigos e, quem sabe, até perder a namorada. Seu sonho sempre foi ser jogador de basquete, e Andrew continua acalentando esse sonho, achando que, se conseguisse fazer parte do time de basquete da faculdade, e com isso voltasse a estudar, sua vida entraria nos trilhos. Quando colocamos nossa esperança em um ídolo, estamos dizendo a nós mesmos: "Se eu tivesse aquilo, tudo seria perfeito; só assim minha vida teria valor". Ora, se alguma coisa é nossa "salvação", temos de tê-la, portanto ela se torna inegociável. Se as circunstâncias ameaçam tirá-la de nós, ficamos paralisados por um medo incontrolável; se algo ou alguém a tira de nós, ardemos de ódio e lutamos contra a sensação de desespero.

Ídolos culturais e coletivos

Até aqui falamos sobre ídolos individuais que distorcem a vida pessoal. Muita gente desenvolve "atrações fatais" por status e poder, aprovação e realizações, romance e prazeres sexuais ou por riqueza e conforto. Ídolos pessoais influenciam e moldam profundamente nosso comportamento, incluindo o trabalho. Ídolos ligados ao prazer e conforto nos impedem de trabalhar com o afinco necessário para desenvolvermos uma carreira fiel e produtiva. Por sua vez, ídolos ligados ao poder e à aprovação nos levam a trabalhar em excesso ou a ser inescrupulosos e desequilibrados em nossas práticas de trabalho. Ídolos ligados ao controle se apresentam de várias formas — incluindo preocupação intensa, desconfiança e microgerenciamento. Embora sejamos cegos aos nossos próprios ídolos, é fácil enxergá-los nos outros e atestar como os deuses falsos deixam as pessoas ansiosas, iradas e desencorajadas. Portanto, o conceito de ídolos individuais não é tão difícil de ser compreendido.

No entanto, os ídolos não são apenas fonte de pecados e problemas individuais; também são a base dos pecados coletivos. Quando alguém cria um ídolo e serve a ele, os resultados são distorção psicológica e problemas; quando uma família, um grupo ou um país cria um ídolo e presta-lhe serviço, isso resulta em problema social e cultural.4 Para entender esse conceito de ídolos culturais ou "coletivos" (no sentido de um grupo de pessoas, e não no sentido de estrutura empresarial), temos de começar com uma descrição mais precisa de cultura do que a apresentada no capítulo 3. O professor Andrew Delbanco, da Universidade de Columbia, escreve:

Usarei a palavra cultura como sinônimo das histórias e símbolos que usamos na tentativa de reprimir a suspeita melancólica de que vivemos em um mundo sem significado [...] Assim, qualquer história de esperança nos Estados Unidos tem de dar lugar em seu âmago a esta obstinada companheira da esperança — a suspeita oculta de que tudo o que ganhamos e gastamos se resume a nada mais do que agitação enquanto aguardamos a morte.

William James disse que todas as culturas sentem necessidade de contato com o que chamou de "Poder Ideal", por meio do qual "o sentimento de pertencer a uma vida mais ampla do que os míseros interesses deste mundo" talvez seja alcançado...5

Todas as culturas oferecem respostas às perguntas propostas no livro de Eclesiastes — perguntas como "Estamos aqui para realizar o que nesta vida? Para que estamos acumulando coisas, gastando dinheiro e vivendo?". Sem obter respostas a essas perguntas básicas, é impossível viver e tomar decisões, e toda cultura, até certo ponto, é baseada num conjunto de crenças compartilhadas que respondem a essas perguntas. Dessa forma, o indivíduo necessita viver para algo, e o mesmo acontece com a sociedade. Em outras palavras, cada sociedade propõe a seus membros algumas ideias ou valores que, a seu ver, darão significado à vida.

Friedrich Nietzsche concordou com essa constatação de que cada sociedade oferece "ideais" aos seus membros.6 As culturas antigas convocavam as pessoas

a viver para Deus (ou deuses), para a família e para a tribo ou nação. As sociedades modernas deram as costas às autoridades da religião e tradição, que foram substituídas pelas autoridades da razão e da liberdade individual. Nietzsche estava analisando principalmente as culturas modernas, mas observou que todas as culturas — até as que se autodenominam "seculares" — promovem absolutos morais e valores transcendentais aos quais (segundo dizem) todas as pessoas devem se conformar, se quiserem ter valor e significado. Esses ideais culturais, no sentido bíblico, são realmente ídolos; não são recomendados simplesmente como boas ideias. Ao contrário, são considerados sagrados, incontestáveis e são propagados com fervor e paixão. Acredita-se que eles concedem felicidade e satisfação (formas terrenas de salvação). Todo mundo é obrigado a servir a esses ideais, e quem se recusa é desprezado. Assim, enquanto as culturas antigas repudiavam quem não acreditava nos deuses, a cultura moderna castiga qualquer um que seja considerado culpado de intolerância ou inimigo da igualdade e liberdade individual.7

Se cada cultura possui ídolos, como eles influenciam a maneira de realizarmos nosso trabalho? Tendo em mente que um ídolo é algo bom transformado em algo supremo, um ídolo coletivo é a ênfase excessiva e a absolutização de um traço cultural admirável. Então, é de esperar que as ênfases de cada cultura exerçam influências benéficas sobre o trabalho e, ao mesmo tempo, lhe causem distorções perniciosas. Os cristãos que desejam trabalhar com fidelidade e excelência têm de descobrir os ídolos atuantes em suas profissões e seus setores, a fim de reafirmar os aspectos benéficos e contrabalançar os excessos e distorções.

Que tipos de ídolos coletivos e culturais existem por aí? Tendo em mente a inevitabilidade de exagerar na generalização nestas poucas páginas, apresentarei um panorama dos ídolos que prevalecem nas três culturas dominantes da história ocidental: a cultura tradicional, a moderna e a pós-moderna. Em praticamente todos os campos de trabalho, encontraremos uma mescla desses grupos de ídolos culturais, pois estes teriam influenciado de várias maneiras os fundadores, heróis, líderes e inovadores das principais instituições no curso de várias gerações.

Ídolos das culturas tradicionais

Como acabamos de mencionar, segundo as culturas tradicionais do passado e do presente, a sociedade mantém valores morais absolutos propagados especialmente pela tradição e pela religião. Sabedoria é transmitida de geração em geração por meio de figuras de autoridade, como pais, sacerdotes e governantes. Essas culturas ensinam que a vida tem significado se as pessoas assumirem fielmente suas responsabilidades e seus papéis dentro da comunidade — como filhos e filhas, pais e mães e membros de sua tribo e nação. Em tais culturas, família, raça e nação podem tornar-se perigosamente soberanas.

Essa é a base para assassinatos em defesa da honra em culturas como essas, nas quais membros de uma família matam outro que, segundo entendem, desonrou o clã. O engrandecimento da família nas culturas tradicionais deixa as vítimas de violência doméstica sem praticamente nenhum recurso e apoio. Dessa forma, entendemos por que soldados japoneses da Segunda Guerra Mundial desdenhavam dos prisioneiros que, segundo julgavam, valorizaram mais suas vidas do que a nação, por não terem lutado até a morte. Todas essas práticas são quase incompreensíveis a nós, ocidentais da atualidade.

Mesmo assim, nas sociedades ocidentais ainda temos de lutar ferozmente contra os ídolos da raça e do racismo. Para o teólogo americano Reinhold Niebuhr, a tendência de privilegiar os interesses do próprio grupo ou nação é fruto da "insegurança cósmica" de nosso coração pecador.8 Essa insegurança se firma na raça para fortalecer o senso de valor. Observamos as diferenças entre nossa cultura e outras culturas em termos profundamente moralistas; menosprezamos outras raças porque isso nos faz sentir superiores. Esse ídolo pode facilmente tornar-se muito cruel. Como resultado, a segurança nacional ou a pureza cultural e racial acabam se transformando num fim em si mesmas, justificando o militarismo e a opressão nacional ou, no mínimo, a indiferença às condições das minorias.

As idolatrias de lugares e culturas mais tradicionais também afetam o trabalho. O ídolo da raça talvez signifique o embargo a negócios com pessoas e ideias de contextos culturais e raciais diferentes — em detrimento geral da competitividade das empresas e da saúde da comunidade. O ídolo do nacionalismo obviamente levou líderes empresariais a apoiar programas militares que pareciam patrióticos na ocasião, mas que, em retrospecto, arruinaram a reputação deles para sempre.

As culturas tradicionais transformam em ídolos a estabilidade social e o bem comum em detrimento dos direitos individuais, causando impacto maciço nas práticas comerciais. No Japão, uma cultura ainda bastante tradicional, não é admissível que funcionários mudem de emprego em busca de maiores salários nem que as empresas dispensem funcionários só para aumentar seus lucros. Até o início deste século, o ideal japonês era o emprego vitalício — esperava-se que os funcionários continuassem na mesma empresa a vida inteira. Em uma cultura tradicional, os fins lucrativos da empresa são acompanhados de uma intensa obrigação social de fornecer emprego. Os funcionários preocupam-se menos com o próprio salário e mais com o status e a reputação da empresa em que trabalham.

É claro que essa ênfase em lealdade e estabilidade social rende benefícios. No entanto, também pode levar à exploração dos trabalhadores, que muitas vezes são estigmatizados se fizerem (o que as culturas ocidentais veriam como) demandas justificadas de aumento salarial e melhorias. Também pode resultar em desastre financeiro nos períodos de retração econômica. Um artigo publicado pelo New York Times durante a recessão de 1992, “No Layoff Ideal Costs Japan Dearly” [O ideal de não demissão custa caro ao Japão], explicou que durante as crises econômicas as empresas americanas recuperam mais rapidamente a saúde financeira — oferecendo assim, a longo prazo, trabalho a mais pessoas — ao reduzir seu quadro de funcionários. O ideal japonês levou ao colapso total de muitas empresas e causou ainda mais danos às pessoas, porque segundo sua cultura não se sentiram livres para atender à difícil demanda de demitir empregados.9

Ídolos das culturas modernas

Há mais ou menos 500 anos, as sociedades ocidentais sofreram mudanças extraordinárias. Com o surgimento da ciência moderna e do movimento filosófico chamado Iluminismo, a sociedade moderna destronou os ídolos da religião, tribo e tradição e os substituiu pela razão, pelo empirismo e pela liberdade individual, vendo-os como valores que sobrepujam todos os outros.

O valor moderno da “razão” inclui vários elementos. Um deles é o ideal de progresso, incorporado à marcha progressiva e irreversível da ciência e tecnologia. As sociedades modernas tornaram-se “convictas de que a propagação da ciência e da tecnologia traria dias mais felizes e que a história e a política deveriam ser moldadas por esse ideal”.10 Afirmou-se que somente a ciência tem um método rigoroso e empírico que oferece provas, e não mera especulação ou sentimentos. Mais ainda, na cosmovisão moderna, absolutamente tudo tem uma causa natural e, portanto, material. Essa perspectiva continua exercendo enorme autoridade cultural sobre a população como um todo. A maioria das pessoas não se aventura a expor publicamente suas ideias sem se basear na “evidência científica”, que é tida como objetiva e incontestável. A ideia implícita é que a ciência, sendo-lhe dado o devido tempo, responderá a todas as perguntas e resolverá todos os problemas.11 Os métodos científicos se estenderam para além das ciências físicas e sociais e alcançaram os domínios da publicidade, da política e do entretenimento. A cultura moderna deixou de buscar a sabedoria dos antigos ou qualquer revelação feita por autoridades religiosas, a não ser quando há necessidade de conforto “espiritual” opcional e privativo. Para a construção de uma sociedade próspera, basta o raciocínio humano esclarecido pelo método científico.

A absolutização da liberdade individual estava intimamente ligada a essa nova esperança radical na razão humana. As sociedades modernas deixaram de enxergar a vida em termos de normas morais de verdade que fossem obrigatórias, às quais todo mundo tinha de se submeter. Ao contrário, insistiam em dizer que não havia padrão mais elevado do que o direito de a pessoa

escolher seu modo de vida. De acordo com esse princípio, o único erro era impedir que as pessoas escolhessem a vida que mais lhe aprouvesse. Ou seja, em última instância, não existia autoridade moral ou causa mais importante do que a felicidade do indivíduo.12 Como muitos já observaram, esse princípio fez com que “escolha” e sentimentos se tornassem objetos sagrados. No mundo moderno, “o indivíduo é o centro do universo, e a criatura merece respeito absoluto acima de tudo”.13 Ou seja, o ser humano substituiu Deus.

Os ídolos da cultura moderna tiveram uma profunda influência na configuração de nosso trabalho hoje. Nas sociedades tradicionais, as pessoas descobriam seu propósito e senso de valor ao colocar seus interesses e sacrificar seus desejos a serviço de causas mais elevadas como Deus, família e semelhantes. Nas sociedades modernas, geralmente não existe causa maior que os desejos e os interesses pessoais. Essa alteração mudou drasticamente o papel do trabalho em nossa vida — ele se transformou no modo pelo qual nos definimos. As culturas tradicionais normalmente veem a posição de alguém na hierarquia social como algo estabelecido pela natureza ou pelo costume, então cada família tem seu “lugar próprio”. Essa perspectiva dá pouco crédito ao talento individual, à ambição e ao trabalho árduo no desfecho da vida de alguém. A resposta da sociedade moderna, porém, é dar crédito demasiado à autonomia pessoal. O filósofo Luc Ferry explica como o novo individualismo da sociedade moderna influenciou nosso trabalho:

Na cosmovisão aristocrática [tradicional], o trabalho era considerado uma imperfeição, uma atividade servil — literalmente, reservada aos escravos. Na cosmovisão moderna, ele se tornou um campo para a autorrealização, uma ferramenta não só de instrução, mas também de realizações [...] O trabalho se tornou a atividade definidora do ser humano [...] O objetivo do homem é criar a si mesmo por meio da recriação do mundo...14

Como vemos, o ídolo moderno do individualismo procura elevar o trabalho de uma coisa boa para quase uma forma de salvação. Ao mesmo tempo, os ídolos modernos da razão e do empirismo intensificaram a experiência do trabalho ao

criar a expectativa de uma produção mais alta do que nunca. No final do século 19, Frederick Taylor desenvolveu sua “administração científica”, que foi chamada de a “racionalização” da produção.15 Tratava-se de intensa aplicação de métodos científicos à administração de empresas com o objetivo de gerar máxima eficiência.

Na época, os operários das fábricas que aderiram aos métodos de Taylor reagiram com fúria. Sentiram-se desumanizados — pois toda decisão e iniciativa pessoais lhes foram arrancadas das mãos — e tratados como escravos. O sistema de Taylor determinava que cada tarefa fosse simplificada, padronizada e executada com uniformidade absoluta todas as vezes. Como muitas pessoas observaram, é assim que as máquinas trabalham. Peter Drucker, o crítico mais ferrenho da abordagem de Taylor, argumenta que a racionalização extrema do trabalho tratava o ser humano como uma peça na engrenagem. “As máquinas”, ele escreveu, “funcionam melhor se executarem apenas uma tarefa, se a fizerem repetidamente e se realizarem a tarefa mais simples possível [...] [Mas] o ser humano [...] não foi projetado para ser máquina. O ser humano notabiliza-se [...] pela coordenação. Ele sabe muito bem integrar percepção e ação. Ele funciona melhor quando o ser inteiro — os músculos, os sentidos e a mente — está engajado no trabalho”.16

Será que os ídolos modernos são uma influência benéfica em nosso trabalho hoje? A resposta é até certo ponto positiva, mas em última análise é negativa. Os ídolos modernos conferiram mais dignidade a alguns tipos de trabalho do que a que existia nas culturas antigas, e estamos, nesse sentido, mais próximos do alto respeito que a Bíblia tem pelo trabalho; contudo, ultrapassamos o limite de várias maneiras. Somos muito mais eficientes e produtivos do que éramos, mas esse avanço teve preço altíssimo. A experiência de meu avô é um excelente estudo de caso dessa combinação de bem e mal trazida ao campo do trabalho na época moderna. Nascido na Itália em 1880, em uma cultura tradicional e em uma família de oleiros, um dia meu avô informou ao pai que não seguiria sua carreira profissional. Meu bisavô respondeu que naquela sociedade estratificada seria impossível conseguir outro tipo de trabalho ou até se mudar para outro vilarejo. Meu avô, então, veio para os Estados Unidos em 1897, uma sociedade bem mais moderna que oferecia mobilidade social impensável em sua terra natal. Ele

começou a trabalhar na construção do metrô de Nova York, sob condições fatigantes que exigiam alta produtividade, mas sem segurança nenhuma, o que não lhe teria acontecido em seu vilarejo italiano. Depois de quase perder uma perna em um acidente de trabalho, ele se mudou para Wilmington, no estado de Delaware, onde conseguiu montar seu próprio açougue — o que também seria improvável em seu vilarejo —, e foi assim que se estabeleceu no novo país. Meu avô foi libertado, desiludido e reabilitado pelos efeitos da cultura moderna.

Ídolos das culturas pós-modernas

Iniciando pelos escritos do filósofo Friedrich Nietzsche, na última metade do século 19, uma nova mudança cultural começou a surgir nos países ocidentais.17 Bem antes dos horrores das guerras mundiais, Nietzsche afirmou que a noção de que a ciência levaria ao inevitável progresso humano era um ídolo — uma nova fé quase religiosa — e que não existia fundamento para isso na realidade. A ciência só consegue nos mostrar como as coisas são, nunca como deveriam ser. Os seres humanos são capazes de atos de bondade e altruísmo, mas também de crueldade e violência, e a ciência simplesmente serve aos interesses de quem está no poder. Não há razão específica, ele enfatiza, para acharmos que a ciência acabará nos levando a um mundo melhor. Ela poderia facilmente nos conduzir a um futuro sombrio por meio de conflitos armados, ou a um desastre ecológico, ou à ascensão de tiranos que usam a tecnologia para controlar a sociedade com mãos de ferro.

Nietzsche golpeia não somente o ídolo moderno da razão e da ciência, mas também o da nova moralidade dos direitos e liberdade individuais. Com grande mestria, ele mostrou a profunda inconsistência da visão moderna. A cultura moderna ensina que não existem absolutos morais e que cada pessoa deve escolher suas próprias medidas de certo e errado; contudo, ela em seguida volta atrás e afirma que temos de respeitar os direitos humanos e a liberdade e dignidade de cada pessoa. “Mas em que base?”, Nietzsche perguntaria. Se não existem absolutos morais, então como podemos dizer arbitrariamente que eles existem? Se os seres humanos nada mais são que o produto dos mesmos

processos naturais que formaram a ferrugem e as pedras, por que cada pessoa merece ser tratada com igualdade e dignidade?

Embora os argumentos de Nietzsche fossem profundamente perturbadores, suas ideias básicas foram bastante reveladoras, e de várias formas as calamidades e atrocidades do século 20 parecem lhes dar apoio. Como resultado, apesar de ainda existir no mundo ocidental uma influência poderosa e latente das cosmovisões tradicionais — tais como o cristianismo, juntamente com muito do otimismo moderno inicial a respeito da ciência, do progresso e da liberdade humana —, tem havido uma mudança geral chamada "virada pós-moderna". Trata-se mais de um estado de espírito do que de um conjunto lógico de crenças. O que existe é bem mais um cinismo sobre todas as pretensões de verdade e os planos para a sociedade — tanto os mais antigos e tradicionais quanto os mais modernos e liberais. Na metade do século 20, filmes e romances sobre o futuro geralmente descreviam uma sociedade humana em progresso ininterrupto nas áreas da saúde, da educação, de conhecimento científico e da harmonia social. Hoje quase todos os filmes e romances são bem mais pessimistas e narram todos os tipos de consequências distópicas.

Apesar do projeto de Nietzsche de abolir a cultura dos ídolos, muitos estudiosos afirmam que, no fim das contas, o pensamento pós-moderno cria um ídolo a partir da realidade como ela é. O escritor Edward Docx discorre muito bem sobre isso no artigo "Postmodernism Is Dead" [O pós-modernismo está morto]. Ele afirma que, se todas as reivindicações morais nada mais são que jogos de poder e produto da condição social e cultural da pessoa, como os teóricos pós-modernos declaram, então é impossível criticar qualquer situação em uma sociedade. Ninguém tem capacidade para propor um programa de reforma ou denunciar a injustiça. O pós-modernismo consagra, assim, a realidade presente como um absoluto.18

O crítico mais famoso de Nietzsche e dos resultados do pós-modernismo foi o filósofo alemão Martin Heidegger. Ele identificou o ídolo da cultura atual quando nos chamou de "o mundo da tecnologia". Luc Ferry explica a ideia

de Heidegger:

Antes de qualquer coisa, técnica tem a ver com meios, e não fins [...] Em vez de ser inspirada por ideias transcendentais [...], a economia moderna funciona como a seleção natural darwiniana [...] Ninguém [hoje] pode estar razoavelmente convencido de que esse impulso evolucionário perturbador e fervilhante [...] leva de modo infalível ao que é melhor [...] Pela primeira vez na história da vida, uma espécie vivente detém o poder de destruir o planeta inteiro, e essa espécie não sabe para onde está caminhando.19

Heidegger, Docx e outros, como Jacques Ellul,20 afirmam que a tecnologia, a incerteza e o mercado tornaram-se os ídolos de uma sociedade pós-moderna. Uma vez que na sociedade pós-moderna ninguém tem certeza ou concorda sobre os "fins" ou objetivos da raça humana, só nos restaram os "meios" ou as técnicas. Como não existe mais nenhuma perspectiva dominante de vida humana saudável ou de uma sociedade humana boa, só nos restou a competição dos indivíduos por sucesso e poder pessoais. Se algo pode ser feito, será feito, pois nossa tecnologia não possui ideais mais nobres ou valores morais que a guie ou limite.

A fragmentação da sociedade causada pelo rumo da pós-modernidade é um assunto dominante nos debates do mundo acadêmico. Robert Bellah e Andrew Delbanco argumentam que qualquer sociedade coesiva tem de oferecer às pessoas algo maior e mais importante do que elas mesmas como motivo para viver. Delbanco afirma que, ironicamente, o apogeu da nova Esquerda, na década de 1960, e da nova Direita, na década de 1980, "cooperou para o estabelecimento da gratificação instantânea como marco da vida boa [...] O que se perdeu [...] foi qualquer conceito de um destino comum merecedor de lágrimas, sacrifício e talvez até mesmo morte".21

Delbanco concorda que, no fim, os ídolos pós-modernos levam os indivíduos a ser joguetes dos anunciantes — "caindo em inconsciente conformidade com

quaisquer produtos de mercado passíveis de troca".22 Muitos escritores arrazoam de maneira convincente que os valores de mercado — consumismo e eficiência baseada no custo-benefício — estão adentrando todos os aspectos da vida, até da vida familiar. Isso acontece porque o capitalismo moderno não é mais simplesmente um instrumento útil para a distribuição de bens e serviços, mas transformou-se em um ídolo quase absoluto.23 Até mesmo nas sociedades capitalistas mais bem-sucedidas, como os Estados Unidos, por exemplo, muitos reconhecem a contradição de que o consumismo tende a solapar o autocontrole e a responsabilidade, ou seja, as próprias virtudes que são o alicerce do capitalismo.24

Como essas mudanças — de espírito e significado — afetam nosso trabalho hoje? Conversei com um senhor, agora com 80 e poucos anos, que foi um dos pioneiros do setor de hedge funds [fundos de investimento de alto risco]. Ele me contou que, no fim da década de 1950 e em grande parte da década de 1960, em geral as pessoas mais preparadas e brilhantes não queriam saber de serviços financeiros — queriam trabalhar no campo da educação e da ciência. Queriam lecionar para os mais jovens, mandar o homem para a Lua e acabar com a fome no mundo. E as vozes importantes da época lhes diziam que iriam conseguir tudo isso. Perto do fim da década de 1980, aquele senhor percebeu uma mudança na sociedade. Havia bem menos otimismo quanto ao progresso social ou até mesmo sobre como defini-lo. As pessoas estavam divididas por batalhas culturais. O cinismo tomou conta e, com o tempo, os indivíduos mais ambiciosos e talentosos se voltaram para o mundo dos negócios e das finanças. A ideia era que a vida só seria plena e livre se você fosse um profissional muito bem pago. "Isso não é saudável", o homem afirmou, e estava correto. Ele concordava com as análises dos filósofos e estudiosos, mas, em vez de observar uma tendência ideológica, observou como a mudança tinha afetado de maneira concreta a escolha profissional dos jovens. Ele tinha idade suficiente para notar que a sociedade havia trocado uma compreensão moderna de trabalho por outra mais pós-moderna.

O efeito mais visível da idolatria pós-moderna do "meio sem um fim" (na época em que este livro estava sendo escrito) é o logro difundido, a fraude, as atitudes egoístas das instituições financeiras, tudo que veio à tona na recessão de 2008 e

nas sequelas que ela deixou. Naomi Wolf, articulista do periódico inglês The Guardian, analisou as manchetes publicadas nos jornais de junho e julho de 2012. Ela apresenta o resultado: o Banco Barclays e outros fizeram conluio para manipulação de taxas de juros; o grupo HSBC foi multado em um bilhão de dólares por não impedir lavagem de dinheiro ("o não impedimento disso se faz altamente rentável") entre 2004 e 2010; 215 milhões de dólares de clientes "sumiram" da gestora de investimentos Peregrine Capital, cujo fundador está sendo processado criminalmente, após uma tentativa frustrada de suicídio; a cadeia de bancos Wells Fargo concordou em pagar 175 milhões de dólares em multas ("novamente, por algo muito lucrativo") por cobrar automaticamente juros mais altos em financiamentos de imóveis a afrodescendentes e hispânicos do que a brancos com perfis iguais de crédito. O Bank of America e o SunTrust também foram multados pelo mesmo tipo de prática. A própria recessão de 2008, é claro, foi desencadeada pelo lucro dos bancos obtidos com a venda de um número enorme de hipotecas, apresentadas de maneira a esconder seus baixos valores de subscrição.

A conclusão dessa triste litania é encontrada no subtítulo do artigo de Wolf: "A tese midiática da 'maçã podre' não funciona mais. Estamos presenciando corrupção sistêmica nas instituições bancárias — e conluio sistêmico".25

Os indivíduos com inclinações políticas mais de esquerda são rápidos em notar os ídolos pós-modernos dos "meios sem os fins" na área dos negócios. Entretanto, não são tão sensíveis em notar o problema ainda mais difundido: que a noção do "eu" não vem mais de nosso papel na família e na sociedade, mas do nosso papel como consumidores. Somos incentivados a criar uma persona, um personagem de nós mesmos por meio das grifes que usamos e da identidade que construímos online.

Esse fenômeno causa um impacto especialmente profundo na mídia, nas indústrias do entretenimento e no marketing. Tenho conversado com muitos publicitários membros da minha igreja sobre o fato de as agências abandonarem as propagandas que enfatizam os benefícios dos produtos e substituí-las por uma

história de vida que prometa ao consumidor identidade mais positiva e qualidade de vida mais elevada. O filósofo Nicholas Wolterstorff, da Universidade Yale, observa que a cultura moderna define vida feliz como uma vida que está “indo bem” — repleta de prazeres experienciais — enquanto, para os antigos, vida feliz significava uma vida bem vivida, com caráter, coragem, humildade, amor e justiça.26 Portanto, os publicitários têm a obrigação de prometer não apenas que os produtos irão funcionar de modo espetacular, mas que também trarão felicidade aos consumidores.

Conversei com um senhor e uma senhora que eram executivos na área de publicidade e cogitavam demitir-se das empresas onde trabalhavam. A agência da senhora tinha apenas dois clientes famosos, e os dois eram do setor de cosméticos. “A mensagem que querem que eu transmita sobre seus produtos — que eles ajudarão você a encontrar amor e a amar a si mesmo — é tóxica.” Um dos clientes da agência em que o homem trabalhava era uma revendedora de certo carro esportivo. O executivo estava sendo pressionado, e não pela primeira vez, a mostrar o carro como um instrumento de apelo sexual. Os dois publicitários discordaram do que seus clientes desejavam e tiveram de encarar forte resistência. O homem manteve o emprego porque mudou a mensagem de “apelo sexual” para “veículo de alta performance”, e fez isso com tal habilidade e de modo tão cativante que tanto o cliente quanto a agência ficaram satisfeitos. A mulher, no entanto, não se saiu tão bem e teve de deixar a agência, dando início a um negócio próprio.

Os cristãos concordam que, quando vendemos e anunciamos algo, temos de mostrar aos clientes em potencial que o produto “acrescenta valor” à vida deles. Isso não significa que o produto possa lhes dar uma vida que não possuem. Mas, porque os cristãos têm um entendimento mais profundo do bem-estar humano, muitas vezes nos veremos nadando contra as fortes correntezas dos ídolos coletivos de nossa cultura.

Encontrando esperança para nosso trabalho

Descrevemos até aqui qual era a intenção original para o trabalho e o que deu errado com ele. Mesmo que trabalhemos no que gostamos e nos melhores ambientes possíveis, a natureza corrompida do trabalho parece nos esmagar. “Existe esperança para o trabalho? Como endireitar o trabalho?”, alguém talvez pergunte. Como deixar para trás os grandes problemas e realizar o propósito e o plano de Deus? Esse é um alvo realista ou apenas uma ideia legal que não influenciará em nada a reunião de amanhã ou uma mudança de carreira no futuro?

Antes de dar a resposta a essas perguntas, temos de estabelecer um fato: nada será endireitado completamente, como Paulo diz, até o “dia de Cristo” no fim da história (Fp 1.6; 3.12). Enquanto esse dia não chega, a criação toda “geme” (Rm 8.22) e está sujeita à decadência e a deficiências. O trabalho só será completamente restaurado quando o céu se unir à terra e formos para nosso “verdadeiro país”. Falar em redimir totalmente o trabalho é, muitas vezes, ingenuidade; às vezes, é arrogância.

Mas nem tudo está perdido. A esperança transcendental descrita tão vividamente em “Leaf by Niggle” e a visão sublime de como será então a obra criativa podem nos incentivar bastante a trabalhar com satisfação mesmo nas limitações deste mundo. Sem dúvida nenhuma, o evangelho nos fornece os recursos para realizar hoje um trabalho mais inspirado, realista, gratificante e fiel. Como?

Primeiro, o evangelho oferece um enredo alternativo para nosso trabalho; isso é vital porque todo e qualquer trabalho é impulsionado por uma cosmovisão ou narrativa sobre o significado da vida humana e sobre o que nos impulsionará a florescer.

Segundo, a fé cristã nos oferece um conceito novo e rico do trabalho como parceria com Deus em seu amor e cuidado para com o mundo. Esse conceito

bíblico nos faz apreciar todos os tipos de trabalho, do mais simples ao mais complexo, realizado tanto por cristãos quanto por não cristãos. Assim, os cristãos que entendem a teologia bíblica do trabalho aprendem não somente a valorizar e envolver-se no trabalho de todas as pessoas, mas também a descobrir maneiras de trabalhar distintamente como cristãos.

Terceiro, o evangelho nos oferece uma nova direção, particularmente sensível, por meio de inúmeras diretrizes éticas saudáveis que nos ajudam a tomar decisões, bem como por sábios conselhos em relação ao coração humano.

Por fim, o evangelho muda radicalmente os motivos que nos levam a trabalhar e nos confere poder interior novo e duradouro que nos acompanhará em todo tipo de situação.27

A maioria dos livros e programas que se propõem a nos ajudar a integrar fé e trabalho normalmente focalizam apenas um ou dois desses fatores. Alguns, por exemplo, enfatizam o primeiro. Pegam um rumo mais ou menos acadêmico e reúnem princípios teológicos em uma "abordagem cristã" às artes, política, economia etc. Alguns se concentram quase totalmente no segundo fator. Temem que dar ênfase excessiva à cosmovisão bíblica sobre trabalho leve a triunfalismo e deixe de apreciar a ampla atividade providencial de Deus. Outros adotam uma abordagem mais pessoal e vivencial, convidando as pessoas a encontrar Jesus Cristo de uma nova maneira e enfatizando o poder interior do coração transformado pelo evangelho. Outros ainda temem que focalizar a transformação do coração coloque todo o peso na paz individual e no sucesso e ignore as implicações do evangelho em torno da justiça social, segundo as quais os cristãos têm responsabilidade de servir aos semelhantes por meio de seu trabalho.

No entanto, todas essas ênfases e preocupações estão corretas — e na última parte deste livro procuraremos mostrar que são totalmente complementares, e muito práticas. Na verdade, um dos motivos de a perspectiva bíblica sobre o

trabalho ser tão atraente e tão benéfica em todas as culturas, em todos os ambientes sociais e em todas as profissões é sua riqueza e aspecto multidimensional.

▪

[1]A Brief History of Thought: A Philosophical Guide to Living, Harper, 2011, p. 3-12.↩

[2]Obra publicada em português sob o título Das Boas Obras, volume 2, in: “Obras selecionadas”, Editora Sinodal. ↩

[3]A Treatise Concerning Good Works, 1520; Kessinger Publishing Reprint, s.d, X.XI. p. 18-20.↩

[4]V. Timothy Keller, Counterfeit Gods: The Empty Promises of Money, Sex, and Power, and the Only Hope That Matters, Dutton, 2009. [Publicado no Brasil com o título Deuses falsos, Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2010.] A maior parte do livro é dedicada ao discernimento de ídolos pessoais e individuais, mas partes dos capítulos 5 e 6 tratam um pouco sobre ídolos culturais e coletivos.↩

[5]The Real American Dream: A Meditation on Hope, Harvard, 1999, p. 3, 23, 91.↩

[6]Uma análise das ideias de Nietzsche sobre ídolos e cultura se encontra em Ferry, Brief History of Thought, p. 144-8. V. tb. Nietzsche, Twilight of the Idols, Duncan Large, trad., Oxford, 1998.↩

[7]Nietzsche, pai da desconstrução pós-moderna, tentou projetar um estilo de vida que não se tornasse refém da “idolatria”, mas é consenso geral que ele não conseguiu. Muitos afirmam que o relativismo e a “filosofia do martelo” de Nietzsche são basicamente pretensões de verdade. Ferry argumenta de maneira bem convincente que, em nome do destruir “ídolos”, Nietzsche transforma o real — o mundo como ele é — em algo essencialmente sagrado. V. Ferry, Brief History of Thought, p. 199-219.↩

[8]The Nature and Destiny of Man, v. 1, Human Nature, Scribner, 1964, p. 189. “A ânsia pelo poder é despertada pela realização consciente e sombria de sua insegurança.” V. tb. “As formas mais óbvias de idolatria são aquelas em que o mundo do significado é organizado ao redor de um centro [...] tal como a vida de uma tribo ou nação, o que é claramente contingente e não essencial” (p. 165).↩

[9]Steven Brull, “No Layoff Ideal Costs Japan Dearly,” The New York Times, 26/11/1992, disponível em http://www.nytimes.com/1992/11/26/business/worldbusiness/26iht-labo.html.↩

[10]Ferry, Brief History of Thought, p. 145-6.↩

[11]Philip Kitcher, “The Trouble with Scientism: Why History and the Humanities Are Also a Form of Knowledge”, The New Republic, 04/05/2012.↩

[12]V. Robert Bellah, Richard Madsen, William M. Sullivan, Ann Swidler e Steven M. Tipton, Habits of the Heart: Individualism and Commitment in American Life, University of California Press, 1985.↩

[13]Ferry, Brief History of Thought, p. 122.↩

[14]Ibidem, p. 126.↩

[15]Um exemplo foi o estudo de caso de Taylor “Science of Shoveling” [Ciência da Pá], de sua época, na Bethlehem Iron Company [empresa mineradora e siderúrgica] (mais tarde, Bethlehem Steel). Quando Taylor chegou ali, a empresa tinha cerca de 600 homens usando pá no trabalho com o carvão, e cada um tinha sua pá e seu próprio método. Depois de milhares de horas de análise, Taylor descobriu o formato mais eficiente de pá e a maneira mais eficiente de usá-la. Após Taylor instituir essas mudanças e monitorar de perto os operários minuto a minuto, houve uma redução de dois terços do quadro de trabalhadores e a quantidade média de carvão extraído por dia por operário mais que triplicou. Frederick W. Taylor, The Principles of Scientific Management, Harper and Brothers, 1911, p. 66ss. Apud Lee Hardy, The Fabric of This World: Inquiries into Calling, Career Choice, and the Design of Human Work, Eerdmans, 1990, p. 132.↩

[16]Apud Hardy, Fabric of This World, p. 139. V. tb. artigo de Stephen P. Waring, “Peter Drucker, MBO, and the Corporatist Critique of Scientific Management”, Ohio State University Press, disponível em: <https://ohiostatepress.org/Books/Complete% 20PDFs/Nelson%20Mental/10.pdf>.↩

[17]V. análise excelente, positiva, porém criteriosa, do pensamento de Nietzsche e de sua influência, em Ferry, Brief History of Thought, caps. 5,6, p. 143-219. Os parágrafos a seguir se apoiam no trabalho de Ferry. ↩

[18]Prospect, 20/07/2011, disponível em: <www.prospectmagazine.co.uk/magazine/postmodernism-is-dead-va-exhibition-age-of-authenticism>.↩

[19]Brief History of Thought, p. 215-6.↩

[20]The Technological Society, John Wilkinson, trad., Alfred A. Knopf, 1964.↩

[21]Real American Dream, p. 96-7, 102.↩

[22]Ibidem, p. 105.↩

[23]V. Wendell Berry, Sex, Economy, Freedom, and Community: Eight Essays, Pantheon, 1994; William T. Cavanaugh, Being Consumed: Economics and Christian Desire, Eerdmans, 2008; Richard A. Posner, A Failure of Capitalism: The Crisis of ’08 and the Descent into Depression, Harvard, 2009. Posner rebate a maior parte do dogma capitalista, ou seja, que os mercados são autocorretivos. V. tb. Bob Goudzwaard, “The Ideology of Material Prosperity,” Idols of Our Time, Inter-Varsity Press, 1984, p. 49ss.↩

[24]Daniel Bell, The Cultural Contradictions of Capitalism: 20th Anniversary Edition, Basic Books, 1996.↩

[25]“This Global Financial Fraud and Its Gatekeepers”, The Guardian, 15/07/2012, disponível em: <www.guardian.co.uk/commentisfree/2012/jul/14/global-financial-fraud-gatekeepers>.↩

[26]Justice: Rights and Wrongs, Princeton University Press, 2010, p. 145.↩

[27]Alguns leitores perceberão a ligação entre essas quatro maneiras de integrar fé e trabalho e as várias “correntes” teológicas que moldam a perspectiva cristã sobre o trabalho. O capítulo 9, “Novo enredo para o trabalho”, apoia-se no entendimento reformado das diferentes cosmovisões e perspectivas da vida. O capítulo 10, “Novo conceito de trabalho”, apoia-se na análise luterana de que todo o trabalho humano é uma forma de Deus cuidar de sua criação e da raça humana. O capítulo 12, “Novo poder para o trabalho”, concorda com o foco evangélico conservador sobre a salvação pessoal e o crescimento espiritual, enquanto o capítulo 11, “Nova direção para o trabalho”, alinha-se de certa forma com a ênfase ecumênica tradicional relacionada ao comportamento ético no trabalho, especialmente sobre justiça social.↩

PARTE TRÊS

O evangelho e o trabalho

nove

Novo enredo para o trabalho

Portanto, seja comendo, seja bebendo, seja fazendo qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus.

1Coríntios 10.31

Entendendo o mundo

Não conseguimos entender as coisas a não ser que as liguemos a um enredo. Depois dos ataques de 11 de setembro de 2001, ninguém mencionava o evento sem inseri-lo em algum tipo de estrutura narrativa. Algumas pessoas explicavam: “Isso aconteceu porque os Estados Unidos abusam de seu poder imperialista no mundo”. Outros afirmavam: “Existe muita gente diabólica neste mundo que nos odeia porque somos um país bom e livre”. Dependendo da história em que acreditava, você seria associado aos antagonistas ou aos protagonistas, e suas reações — tanto as emocionais quanto as comportamentais — seriam totalmente diferentes.

Uma ilustração clássica da necessidade de histórias é apresentada pelo filósofo Alasdair MacIntyre em seu livro After Virtue. Você está em um ponto de ônibus e um rapaz desconhecido se aproxima e diz: “O nome do pato selvagem comum é Histrionicus histrionicus histrionicus”. Embora você entenda a frase, o comportamento do rapaz não faz sentido nenhum. O que significa isso? A única

maneira de entender a situação é conhecer a história da qual o comportamento faz parte. Talvez o rapaz tenha problemas mentais, o que explicaria tudo. Será que ontem alguém do mesmo sexo, idade e altura que você, e até parecido com você, não teria se aproximado do rapaz em uma biblioteca e perguntado se ele sabia como se dizia pato selvagem em latim, e hoje ele confundiu você com aquela pessoa? Isso também explicaria a situação. Talvez o rapaz seja um espião estrangeiro "aguardando em hora e lugar marcados, repetindo uma frase-código esquisita que o identificará ao seu contato". A primeira história é triste, a segunda é cômica e a terceira é dramática. A questão, porém, é que sem a ajuda de uma história não há como entender o que aconteceu nem saber como reagir ao comportamento do rapaz.1

Se você chamar a polícia e tudo não passar de um simples erro de identidade, vai ficar com a cara no chão. Se partir para a briga com um espião bem treinado, o resultado será pior ainda! Mas, seja como for, se você entender errado a história, sua reação será errada. E, se entender errado a história do mundo — se, por exemplo, achar que a vida aqui gira em torno principalmente de autorrealizações e satisfação pessoal, e não do amor de Deus —, reagirá de forma errada à vida e à maneira de lidar com o trabalho.

Histórias e cosmovisões

Quais são os elementos de uma história? Embora haja muitas análises acadêmicas sobre estruturas narrativas, existe um modo simples de explicá-las.2 Uma história começa quando algo desequilibra a vida. A história então progride ou a trama se complica à medida que os protagonistas lutam para restaurar o equilíbrio e a paz e as forças antagonistas lhes impõem bloqueio e resistência. A história termina, e a luta resulta em restauração do equilíbrio ou malogro em recobrá-lo.

Portanto, para ser uma história tem de haver um problema que transforme a vida

no que ela não deveria ser. Se dissermos “Chapeuzinho Vermelho levou comida para sua avó e elas almoçaram juntas”, teremos uma descrição encantadora, mas que está longe de ser uma história, pois não há enredo.3 A história também precisa de algum conceito e possibilidade de as coisas serem consertadas. “Chapeuzinho Vermelho estava na casa da vovó quando um lobo arrombou a porta e devorou as duas” é um conjunto mais dramático de fatos, mas novamente não é uma história. Assim, uma história tem de relatar como a vida deveria ser, explicar como se desequilibrou e apresentar uma solução de como voltará aos eixos.

Esse é o significado das histórias. Embora muitas não passem de entretenimento, as narrativas são, na verdade, tão importantes à nossa mente que determinam como compreendemos e vivemos nossa vida. O termo “cosmovisão”, do alemão Weltanschauung, significa a perspectiva abrangente a partir da qual interpretamos toda realidade. Porém, uma cosmovisão não é meramente uma lista de tópicos filosóficos. É essencialmente uma narrativa mestre, uma história básica sobre: (a) como a vida humana deveria ser no mundo, (b) o que a desequilibrou e (c) como pode ser restaurada.4 Ninguém consegue agir e interagir de verdade no mundo se não obtiver respostas práticas a essas questões importantes; então, para fornecer tais respostas, adotamos uma história universal, uma narrativa que explica as coisas — uma cosmovisão.

Todos nós sabemos que as coisas neste mundo estão seriamente fora de eixo. Ninguém acha que sua vida é exatamente tudo o que deveria ser, e o mundo, então, nem pensar. Existe algo errado dentro de nós. Nada nos deixa felizes ou nos satisfaz a não ser de modo totalmente efêmero. Também existe algo errado entre nós. O mundo é cercado de pobreza, guerra, sofrimento e injustiça. Parece que algo desequilibrou o mundo inteiro. O quê? De quem é a culpa? Qual é a solução? Assim que começamos a responder às perguntas, encontramos uma história da qual somos personagens. Fomos criados de forma a viver perseguindo e repassando narrativas que prometem devolver ao mundo o seu equilíbrio.

MacIntyre afirma que as atitudes humanas são “narrativas encenadas”. Na

prática, todas as pessoas vivenciam uma história universal idealizada que traz sentido à vida.5 Essa história talvez seja sobre a luta por uma causa justa, como, digamos, proteger o meio ambiente, ou sobre nosso interesse pessoal em encontrar o amor verdadeiro, ou sobre sermos bem-sucedidos apesar de uma origem social adversa e das expectativas. Talvez a história seja sobre liberdade e igualdade, e nela você está resgatando uma família de uma situação de opressão e levando-a para um novo país e uma nova vida. Quem sabe seja um enredo em que você cria sua própria identidade sexual, cultural ou política contra os preconceitos alheios. Em todos os casos, você se vê em uma história mais ampla na qual o mundo seria um lugar melhor se mais pessoas seguissem o seu exemplo. Talvez você ache mesmo que o mundo passaria por um avanço espetacular se todos fossem independentes, progressistas e dispostos a desafiar as tradições opressoras. Ou talvez você ache que o mundo seria muito melhor se defendêssemos os absolutos morais tradicionais. Em cada situação, a pessoa se enxerga como um protagonista, um dos “mocinhos” que contribuem para o jeito que o mundo deveria ser.

No entanto, as cosmovisões não são particulares ou únicas. Na verdade, culturas e grupos inteiros têm suas histórias universais preferidas que fornecem respostas aceitas pela grande maioria às questões importantes. Tais histórias também são acompanhadas de ídolos que intensificam o enredo. Em seu clássico Seven Theories of Human Nature [Sete teorias da natureza humana], Leslie Stevenson relaciona perspectivas influentes acerca da natureza humana criadas por filósofos importantes que inspiraram sociedades inteiras. Platão achava que nosso maior problema era o corpo físico e suas fraquezas; para Marx, era o sistema econômico injusto; para Freud, eram os conflitos internos inconscientes entre desejo e consciência; para Sartre, era nossa incapacidade de reconhecer que somos totalmente livres, pois não existem valores objetivos; para B. F. Skinner, era não perceber que somos completamente controlados por nosso ambiente; e, para Konrad Lorenz, era a agressividade inata resultante de nosso passado evolucionário.6 Cada uma dessas teorias é, na verdade, uma história: diz o que há de errado conosco e o que podemos fazer sobre isso. E cada uma dessas perspectivas da realidade tem sido imensamente poderosa, influenciando sociedades e campos de pesquisa e trabalho. Quando qualquer dessas cosmovisões controla a imaginação de uma cultura, influencia profundamente o modo de viver até mesmo de quem não aceita a referida cosmovisão.

Um dos espaços mais importantes em que vivemos individualmente o drama de nossas narrativas pessoal e social é no trabalho diário. Nossa cosmovisão coloca o trabalho no contexto de uma história, uma causa, uma busca e um elenco de protagonistas e antagonistas, definindo assim a estratégia de nosso trabalho em uma dimensão bem ampla. Na dimensão do dia a dia, a cosmovisão determina nossas decisões e interações pessoais.

Como lemos no prefácio, Katherine Alsdorf recebeu uma nova história — o evangelho —, diferente da que predominava no Vale do Silício, que propagava com fervor e otimismo o poder da tecnologia em transformar o mundo para melhor. Os publicitários mencionados no capítulo anterior trabalharam no meio de uma história em que expressão pessoal, prazer sexual e riqueza eram o significado da vida, e a sobrevivência dos mais fortes era o jeito puro e simples de a vida funcionar. O evangelho, no entanto, ensina que o significado da vida é amar a Deus e ao próximo e que o princípio operante é o serviço. À primeira vista, esses contrastes talvez pareçam elevados e abstratos demais, contudo tornaram-se muito práticos quando esses dois publicitários elaboraram habilmente mensagens em suas propagandas.

O evangelho e outras cosmovisões

Afirmamos anteriormente que qualquer cosmovisão consiste em fazer três perguntas e lhes oferecer respostas:

1. Como as coisas deveriam ser?

2. Qual é o problema principal com as coisas do jeito que estão?

3. Qual é a solução e como pode ser alcançada?

O livro de Stevenson sobre a natureza humana inclui o cristianismo entre suas "teorias", porém o autor enfatiza que ele é bem diferente das demais alternativas. Stevenson observa que, "se Deus criou o homem para ter comunhão com ele, e se o homem virou as costas para Deus, então somente Deus pode perdoar o homem e restaurar o relacionamento".7 Ou seja, a cosmovisão bíblica tem um entendimento singular da natureza do problema e da salvação da humanidade como fundamentalmente relacionais. Fomos criados para o relacionamento com Deus, perdemos nosso relacionamento com Deus porque pecamos contra ele, e esse relacionamento pode ser reatado por meio da salvação e da graça que Deus nos concede.

Platão, Marx e Freud identificaram uma parte do mundo criado como o principal problema e outra parte do mundo criado como a principal solução. Os protagonistas e antagonistas de suas respectivas histórias universais são encenados por coisas finitas. Assim, o marxismo supõe que nossos problemas são causados por capitalistas gananciosos que se recusam a dividir com os outros os meios de produção. Para o marxismo, a solução é um estado totalitário. Freud, por outro lado, acreditava que nossos problemas resultavam da repressão de profundos desejos de prazer. Os vilões são encenados pelos "guardiões" da repressão moral na sociedade, como a igreja, por exemplo. A solução é a liberdade não reprimida do indivíduo. Até certo ponto, algumas pessoas devem sua cosmovisão aos gregos e a Platão. Acham que o problema do mundo é causado por pessoas egoístas e rebeldes que não aceitam os valores morais tradicionais e as responsabilidades. A solução é um "avivamento" da religião, da moral e da virtude na sociedade.

O filósofo Al Wolters escreve:

O grande perigo é destacar sempre algum aspecto da criação perfeita de Deus e identificar isso, em vez de a hostil intromissão do pecado, como vilão. Tal erro concebe a dicotomia bem-mal como intrínseca à própria criação [...] algo na criação perfeita é identificado como [a fonte] do mal. No curso da história, esse

“algo” tem sido às vezes identificado como [...] o corpo e suas paixões (Platão e muito da filosofia grega), como a cultura em contraste com a natureza (Rousseau e Romantismo), como figuras de autoridade na sociedade e família (psicologia psicodinâmica), como forças econômicas (Marx), como tecnologia e administração (Heidegger e existencialistas) [...] Até onde sei, a Bíblia é única em sua rejeição às tentativas de demonizar parte da criação como sendo a raiz de nossos problemas ou idolatrar parte da criação como a solução. Todas as outras religiões, filosofias e cosmovisões caem, de uma maneira ou de outra, na armadilha da [idolatria] — não mantêm distinção entre criação e queda. E essa armadilha é um perigo constante para os cristãos [também].8

Observe novamente a singularidade do cristianismo. Somente a cosmovisão bíblica atribui o problema do mundo não a qualquer parte que seja do mundo ou a qualquer grupo humano em particular, mas ao próprio pecado (nossa falta de relacionamento com Deus). E somente ela encontra a solução na graça de Deus (a restauração de nosso relacionamento com Deus por meio da obra de Cristo). O pecado afeta todos nós, portanto não podemos simplesmente dividir o mundo em mocinhos e bandidos. (E, se o fizéssemos, teríamos de nos colocar no grupo destes últimos, e não só no primeiro.) Sem uma compreensão do evangelho, seremos ingenuamente utópicos ou cinicamente desiludidos. Demonizaremos algo que não é ruim o bastante para explicar a confusão em que nos metemos e idolatraremos algo que não é poderoso o bastante para nos tirar do problema. No fim das contas, é assim que todas as outras cosmovisões agem.

O enredo cristão se empenha lindamente para dar sentido às coisas e até nos fazer apreciar a verdade incrustada nas histórias que claramente resultam de outra cosmovisão. O enredo cristão, ou cosmovisão cristã, é: criação (plano), queda (problema), redenção e restauração (solução):

Toda a criação é boa. Deus criou o mundo e tudo nele era bom. De modo intrínseco, não há partes do mundo que sejam malignas. Nada é mau em sua origem. Como Tolkien explicou sobre seu arqui-inimigo na trilogia O senhor dos anéis, no início “nem mesmo Sauron era assim”. Podemos encontrar esse

caráter bom da criação em todas as coisas.

Toda a criação está caída. Não há no mundo um aspecto que seja mais afetado pelo pecado do que outro. Por exemplo, as emoções e as paixões são duvidosas e a razão é infalível? A matéria é má e o espírito é bom? O cotidiano é profano, mas os dias de observância religiosa são sagrados? Nada disso é verdade; mas os enredos não cristãos têm de adotar algumas variações dessas ideias para, assim, desprezar e até mesmo demonizar alguma coisa criada no lugar do pecado.

Toda a criação será redimida. Jesus irá redimir espírito e corpo, razão e emoção, pessoas e natureza. Existe esperança para cada aspecto da realidade.

O evangelho é a história verdadeira de que Deus criou um mundo bom, que foi danificado pelo pecado e o mal; contudo, o mundo foi redimido a um custo incalculável por meio de Jesus Cristo, e um dia o Senhor voltará para renovar toda a criação, acabar com todo o sofrimento e morte e restaurar a paz absoluta, a justiça e a alegria no mundo para sempre. As enormes implicações dessa cosmovisão bíblica — sobre o caráter de Deus, a natureza boa da criação física, o valor do ser humano, a Queda de todas as pessoas e todas as coisas, a primazia do amor e da graça, a importância da justiça e da verdade, a esperança de redenção — afetam tudo, especialmente nosso trabalho.

Eis um exemplo. No início de sua carreira como administrador escolar, nosso amigo Bill Kurtz percebeu que esse enredo do evangelho — como o mundo deveria ser, o que deu errado e a esperança futura — oferecia-lhe uma melhor perspectiva para a educação nas escolas pobres da área urbana. Todas as histórias individuais de ruína — de problemas no lar, de falta de sono e de alimentação inadequada, de gangues nas ruas e de drogas na escola — reforçavam a cultura de rebeldia e desesperança nas escolas. Muitas crianças achavam que a escola era “perda de tempo”. Kurtz desejava colocar em seu trabalho a esperança oferecida pelo evangelho.

Na pedagogia urbana atual existem muitos enredos que explicam como a

educação deveria ser, qual é seu principal problema e o que precisa ser mudado. Na verdade, a própria educação é normalmente vista como redentora dos males da pobreza e da injustiça sistêmica. Os alunos são tema de análise contínua enquanto uma estratégia ou outra é aplicada à experiência educacional deles. Bill descobriu que o evangelho lhe deu um entendimento mais abrangente dos problemas enfrentados pelas escolas e uma esperança de redenção que incorporava algumas das melhores práticas de seu campo, contudo, sem as idolatrar.

Bill pratica uma abordagem holística, reconhecendo que o evangelho pode mesmo moldar a cultura de uma escola toda. Em 2004, iniciou uma escola de ensino médio public charter [escola que recebe ajuda do governo, mas é administrada por professores, pais ou um grupo da comunidade] em Denver para servir a uma população de alunos bastante diversificada. Trabalhando com uma série de cada vez, Bill ajudou a criar na escola uma cultura de responsabilidade e sucesso compartilhados. Alunos e professores se reúnem diariamente para celebrar e premiar o êxito, com salva de palmas, assobios e palavras de incentivo por serviços prestados e por colocarem em prática os valores da escola, compartilhando histórias que enfatizam a esperança. Mas também tratam dos fracassos. Para incentivar a mudança de comportamento quando os alunos deixam de exibir os valores da comunidade, os jovens participam de um momento de pedido público de desculpas, ocasião em que prestam conta uns aos outros e apoiam-se mutuamente para viver mais de acordo com os valores da escola. Se um aluno ou professor chega atrasado à aula, desculpa-se com o restante da escola.

Bill entendeu a necessidade inata que os alunos têm de ser conhecidos, mas também de prestar contas, e criou um ambiente onde ninguém possa se perder pelo caminho. Embora bons professores sejam, é claro, um fator-chave, Bill atribui o sucesso à cultura da escola e ao objetivo único e compartilhado de verem 100% dos formandos do colegial fazer a faculdade. A escola tem colhido um sucesso espetacular — em toda a sua história, cada um de seus formandos do colegial conseguiu matricular-se em uma faculdade. Essa primeira escola deu origem a uma rede de seis escolas de alta performance em toda a cidade de Denver.

O evangelho e o mundo corporativo

A cosmovisão bíblica exercerá todos os tipos de influência — profunda e corriqueira, estratégica e tática — em nossa maneira de trabalhar. Cada área de trabalho é até certo ponto influenciada por cosmovisões alternativas e seus respectivos ídolos, e cada uma atribui valor supremo a algum ídolo — que não leva totalmente em consideração nosso pecado ou a graça de Deus. Os detalhes de como o evangelho opera em cada área são de uma riqueza incalculável — na verdade, centenas de pessoas se reúnem mensalmente na igreja Redeemer para discutir essas ideias dentro de suas respectivas áreas. Assim, embora esses conceitos mereçam a atenção de um livro inteiro, gostaria de esboçar aqui as implicações do evangelho em apenas alguns campos de trabalho.

Quais são alguns ídolos do mundo corporativo, por exemplo? Dinheiro e poder certamente estão no topo da lista. Mas não nos esqueçamos de que um ídolo é algo bom que transformamos em algo supremo. Lucros e influência corporativa, se administrados com sabedoria, são meios saudáveis para um fim benéfico. São vitais para a criação de produtos novos e úteis aos clientes, oferecendo um retorno adequado ao dinheiro dos investidores e pagando bem aos funcionários pelo trabalho que fazem. Da mesma forma, o salário é uma recompensa adequada aos esforços feitos por alguém e é necessário ao sustento da pessoa e sua família. Mas ele não é nossa identidade, nossa salvação, nem mesmo nossa fonte de segurança e consolo. O trabalhador ou o administrador cristão que experimentou a graça de Deus — que sabe que “não sois de vós mesmos [...] fostes comprados por preço” (1Co 6.19,20) — é livre para honrar a Deus, amar o próximo e servir ao bem comum por meio do trabalho.

Na Reedemer Church, acreditamos que esse princípio é tão importante para a vida na cidade, que trabalhamos com empreendedores e oferecemos cursos para ajudá-los a descobrir como a história do evangelho molda-lhes a visão para projetos futuros. Seja um negócio com fins lucrativos ou sem fins lucrativos, seja

um projeto artístico, direcionamos cada empreendedor para a visão de satisfazer uma necessidade de modo que reflita o plano de Deus para o mundo.

Descobrimos e compartilhamos exemplos de bons líderes — cristãos ou não — que equilibram os interesses de todos os envolvidos em uma empresa: acionistas, funcionários, fornecedores e até mesmo a comunidade ao redor. Milton Hershey, por exemplo, fundou a empresa de chocolate que leva seu nome em 1903 com uma inovação: acrescentar leite à barra de chocolate. A empresa prosperou, assim como os produtores de leite da região. Quando a Grande Depressão golpeou os Estados Unidos e os negócios despencaram, Hershey se comprometeu a não demitir nenhum funcionário. Ao contrário, ele desenvolveu projetos de obras públicas na cidade e mandou os empregados construírem casas, um parque de diversões e um hotel. Quase no fim da vida, Hershey e sua esposa (que não tinham filhos) fundaram um internato para órfãos com o objetivo de lhes oferecer educação prática para a vida dentro de uma comunidade solidária. O procurador que dirige o internato é dono de uma grande parte das ações da empresa, portanto hoje o internato é custeado pelos dividendos e pela valorização das ações.

Até certo ponto isso tudo deveria ser óbvio. O princípio de que os negócios deveriam promover o bem comum tem recobrado força na última década, sendo reforçado pelo rosário de escândalos financeiros nos últimos anos. Como exemplo disso, em um discurso feito em 2009, James Murdoch, filho de Rupert Murdoch, diretor-executivo da News Corporation [um dos maiores conglomerados de comunicação social do mundo], disse ao auditório do Festival de Televisão de Edinburgh que “a única garantia perpétua e fidedigna de independência é o lucro”. Todavia, no rastro do escândalo das escutas telefônicas na divisão de jornais da News Corporation no Reino Unido, Elisabeth Murdoch, irmã de James, disse ao mesmo auditório, três anos depois, que seu irmão “havia se esquecido de algo”, e declarou que “lucro sem propósito é receita para desastre”. Elisabeth continuou: “Pessoalmente, creio que uma das lições mais importantes do último ano é a necessidade que qualquer organização tem de discutir, afirmar e institucionalizar um conjunto rigoroso de valores baseado em uma declaração explícita de missão”.9

No entanto, apesar desse consenso crescente, talvez seja justo afirmar que as pressuposições implícitas no mundo corporativo são que ganhar dinheiro é a coisa mais importante da vida, que negócios têm tudo a ver com acúmulo e exercício de poder e que maximizar lucro dentro dos limites legais é um fim em si mesmo. Isso acontece porque o pecado circula pelo coração de cada trabalhador e pela cultura de cada empresa. O resultado é rios poluídos, serviços de má qualidade, salários injustos, egoísmo em relação aos direitos, trabalhos sem perspectiva de melhoria, burocracia desumanizadora, traições e luta pelo poder. Por isso é tão importante que sejamos intencionais em aplicar a contranarrativa do evangelho ao mundo corporativo.

Embora aparentemente não haja diferenças visíveis imediatas entre uma empresa bem gerenciada que reflete a cosmovisão bíblica e uma empresa que reflete basicamente o enredo secular dos negócios, internamente as diferenças podem ser bastante óbvias. As empresas centradas no evangelho têm a perspectiva clara de servir ao cliente de maneira especial. Não se baseiam em relações antagônicas e exploração. As empresas centradas no evangelho enfatizam a excelência e a qualidade dos produtos e oferecem um ambiente ético que vai “de cima a baixo” no organograma e alcança as realidades do comportamento diário, mesmo quando altos padrões morais significam perda na margem de lucros. Para os negócios impulsionados pela cosmovisão do evangelho, o lucro nada mais é que um dos muitos resultados importantes.

Meu amigo Don Flow aplicou o enredo do evangelho à cosmovisão prevalecente no mundo das concessionárias de carro. A narrativa típica nesse mercado é vender cada carro pelo preço mais alto possível; assim, os vendedores são recompensados por identificar e conquistar os clientes mais abastados. A visão de Don enfatizou a entrega de um bom automóvel para cada cliente. Don, no entanto, descobriu um problema: mulheres e minorias pagavam mais por seus carros do que os homens brancos espertos em negociação. Ele decidiu colocar preços fixos em todos os veículos — nada de negociação — para que todos os clientes tivessem oportunidades iguais.

Don era proprietário de sua loja e tinha autoridade para fazer mudanças radicais. A maioria das pessoas não tem essa liberdade. Contudo, uma das coisas que os funcionários menos graduados podem fazer é perguntar sobre a missão da empresa e, se ela for idônea, tratá-la com seriedade e incorporá-la à conversa. Normalmente, os líderes se sentem esmagados pelo cepticismo e apatia de seus funcionários e acabam perdendo a motivação para manter os valores da empresa. O interesse e o compromisso do funcionário com esses valores, pressupondo que sejam bons, talvez seja exatamente o incentivo de que o chefe esteja precisando.

Ser cristão no mundo corporativo significa, portanto, muito mais do que ser honesto ou não ir para a cama com colegas de serviço. Significa até mais do que evangelismo pessoal ou promover um estudo bíblico no escritório. Antes, significa analisar as implicações da cosmovisão do evangelho e dos propósitos de Deus para tudo o que envolve seu trabalho — e para todos os setores da organização sob sua liderança.

O evangelho e o jornalismo

Temos de analisar as implicações da cosmovisão bíblica em todos os campos de trabalho, e muitas vezes essas implicações são bastante sutis. Por exemplo, o evangelho influencia seu modo de ser jornalista? Talvez você responda: “Não, eu simplesmente relato os fatos com objetividade”. Mas não existe “perspectiva nascida do nada”. Até a escolha do que será publicado reflete os valores de alguém e as crenças sobre o que é importante. É assim que conseguimos identificar prontamente a estratégia editorial ou tendenciosidade de cada empresa jornalística: esta é progressista, enquanto aquela é conservadora; esta idolatra a inovação, ao passo que aquela idolatra a riqueza e aquela outra, a autodeterminação. Mais ainda, se o sucesso é muito importante para o jornalista — se é um ídolo em sua vida —, então esse objetivo vai afetar o filtro do que ele decide publicar e como ele redigirá o artigo.

É impossível escrever uma história sem mocinhos e bandidos. Os melhores jornalistas são ótimos em relatar fatos empíricos da maneira mais objetiva possível. Contudo, os fatos que você destaca, deprecia ou omite e como você os relaciona uns aos outros — tudo isso é feito em função de uma narrativa universal repleta de pressuposições sobre quais forças no mundo são boas e quais são más. Se prestarmos atenção, é fácil perceber como essa narrativa influencia o modo de a história ser contada. Algumas pessoas argumentam de modo convincente que o campo do jornalismo, como muitos campos profissionais, tem um caráter "religioso", com uma série de doutrinas e costumes enfatizados por uma espécie de sacerdócio.10

Como os jornalistas cristãos podem ser diferentes? Para mim, a cosmovisão do evangelho — que não idolatra nem demoniza nada na natureza — pode preparar de modo singular um jornalista a ser imparcial e sem preconceitos em suas reportagens e redações. Como observamos antes, praticamente todas as cosmovisões tendem a crer demais em algumas coisas e muito pouco em outras. Então, seja qual for a cosmovisão básica de um jornalista, ela o levará a ser mais ingenuamente positivo ou desnecessariamente cínico e cético do que se abraçasse a cosmovisão bíblica.

Gostaria de dar um exemplo simples. Na maioria das histórias de crises, a cosmovisão moderna de causa e efeito procura imediatamente culpar alguém ou alguma coisa. Após o furacão Katrina ter destruído Nova Orleans, as notícias básicas da devastação foram anunciadas em um período finito de tempo. A história descambou rapidamente para o jogo de culpa: os culpados eram os construtores do dique que barrava o mar ou o governo federal e sua lentidão em agir. Não estou dizendo que falhas no planejamento urbano ou lentidão por parte de agências do governo não sejam problemas que mereçam a atenção da mídia, porém a necessidade de culpar algum aspecto da criação é um impulso humano — não é impulso motivado pelo evangelho. O evangelho afirma que a Queda resulta em devastação na natureza e nos seres humanos. A "história" verdadeira do evangelho é a evidência de redenção e renovação. As histórias de sacrifícios e perseverança são um ápice mais apropriado à narrativa do evangelho do que as

histórias de negligência.

O evangelho e o ensino superior

O excelente livro de Andrew Delbanco College: What It Was, Is, and Should Be [Faculdade: o que era, é e deveria ser] explica como as mudanças nas cosmovisões dominantes de nossa cultura têm provocado crises no mundo acadêmico. Delbanco observa que cosmovisões mais antigas (cristã e greco-romana) acreditavam que muita sabedoria importante teve de ser redescoberta pelas novas gerações enquanto lidavam com textos antigos que falavam sobre a maneira de compreender e viver bem no mundo. Hoje somos profundamente influenciados pela perspectiva do Iluminismo, que via somente o conhecimento empírico e científico como verdade em sentido mais elevado. “Esse método de estimar o valor do conhecimento [...] apresenta um desafio sério às ciências humanas — pelo menos até onde os humanistas continuam preocupados em preservar a verdade rearticulando-a, em vez de promover a verdade descartando o velho em favor do novo”.11 C. S. Lewis explanou assim a mesma ideia:

Para os sábios de antigamente, o problema fundamental era como moldar a alma à realidade, e a resposta era conhecimento, autodisciplina e virtude [...] Para a [...] ciência aplicada [...] o problema é como subjugar a realidade aos desejos humanos; a solução é uma técnica.12

Delbanco mostra como essa mudança de cosmovisão está causando impacto negativo direto no estudo das ciências humanas nas sociedades ocidentais, o qual, ele argumenta, é crucial para o desenvolvimento de pessoas capazes de “cidadania reflexiva”. Em outra parte do livro, Delbanco lamenta que a educação superior esteja se tornando cada vez mais inacessível aos pobres. A competição ferrenha por um número relativamente pequeno de vagas nas grandes universidades significa que apenas os mais bem preparados, instruídos, aconselhados e financiados conseguem entrar. Alunos de comunidades mais

pobres não têm esperança de conseguir o mesmo tipo de apoio. De modo crescente, a melhor educação capacita as elites a se perpetuarem e deixarem para trás o restante da população. Além de o número de alunos pobres em faculdades estar diminuindo, aumenta a distância entre as instituições acadêmicas de primeira linha e grande parte da classe média, que enxerga essas instituições como arrogantes e sem contato nenhum com os valores e experiências do povo. Sob todos esses movimentos, encontramos a noção moderna de meritocracia — a crença de que todos os que entram nas boas escolas merecem estar lá porque são os melhores e os mais inteligentes. Em um artigo escrito para o New York Times intitulado “A Smug Education?” [Educação presunçosa?], Delbanco mostra que existe alguma verdade na acusação de que os jovens que entram em faculdades mais exclusivas aprendem que aqueles que ficaram de fora são inferiores, o que gera “presunção e autossatisfação”.

É digno de nota o fato de que o professor da Universidade de Columbia enfatiza que os fundadores das escolas de elite eram “protestantes rígidos” que acreditavam que “a marca da salvação não era a autoestima elevada, mas a consciência humilde da inferioridade aos olhos de Deus [...] Aqueles a quem Deus favorece recebem graça não por méritos próprios, mas pela imerecida misericórdia de Deus”.13 Delbanco não é cristão e espera que a cultura secular ofereça alguma base que deixe as elites mais humildes, porém ele é perspicaz ao reconhecer que a cosmovisão cristã possui os recursos para colocar os egos dos bem-sucedidos e ricos na linha, o que é um enorme impulso à coesão social. Mas hoje o conceito cristão — de que ninguém merece vida boa, de que todo talento, riqueza e poder nada mais são do que uma dádiva de Deus — praticamente desapareceu de nossa cultura, e o “lado escuro de nossa meritocracia” está gerando mais injustiças do que as que já existiam.

Tudo isso é bastante sugestivo aos educadores cristãos e a qualquer um que trabalhe no reino das ideias. Nas décadas futuras, pode ser que faculdades católicas e protestantes estejam na vanguarda da preservação e recuperação das humanidades — assim como os monastérios conservaram as obras da literatura antiga durante a Idade Média. Os educadores cristãos deveriam ser motivados pelo evangelho a descobrir maneiras de resistir às gigantescas pressões econômicas que lutam hoje contra a boa qualidade do ensino e o acesso à

educação de nível superior.

O evangelho e as artes

O mundo das artes também tem seus ídolos, naturalmente. Como em qualquer campo, alguns artistas transformam o lucro financeiro no valor supremo e desempenham seu trabalho de acordo com esse alvo. E, em geral, quem atua para agradar ao público realiza, por assim dizer, um trabalho demasiadamente sentimental e piegas, ou repleto de frases de efeito, sexo gratuito e violência. Muitos artistas desdenham de colegas que buscam lucrar com a arte; para eles, autoexpressão, originalidade e liberdade são os valores máximos que sustentam seu trabalho. Porém, essa atitude moralista denuncia que há várias cosmovisões em jogo — cada uma com seus demônios, ídolos, heróis, ortodoxias e buscas de redenção.14 Muitas vezes os artistas que mais desprezam o público são os que criam obras, para não dizer piores, sem grande dose de beleza e esperança.

Como o cristianismo afeta o trabalho de um artista? Esse é e continuará sendo um tópico que renderia vários livros. Mas, resumindo, a cosmovisão bíblica capacita o artista, assim como o jornalista, a fazer uma combinação singular de otimismo e realismo quanto à vida. De modo geral, o evangelho é mais pessimista quanto à natureza humana do que praticamente qualquer outra visão. Não existe um grupo ou classe de pessoas responsável pela situação do mundo; todos nós somos responsáveis. Todos nós somos capazes de cometer as piores maldades e não podemos fazer nada para mudar nosso comportamento, ou até mesmo para nos enxergar exatamente como somos, sem o auxílio de Deus. Mesmo assim, com base na salvação oferecida por Deus em Cristo, o evangelho nos permite ser profundamente otimistas, antevendo não apenas o céu, mas uma criação física perfeitamente restaurada. Assim, os artistas moldados pelo evangelho não podem ser caracterizados pelo sentimentalismo nem pela amargura da desesperança.

Por exemplo, o filme Encontros e desencontros pressupõe que a vida é totalmente sem sentido, contudo oferece um mínimo de consolo por meio da amizade; o filme Babe, o porquinho atrapalhado sugere que até um porco pode ser um cão pastor, se desafiar as tradições e esforçar-se o bastante. Acho que os cristãos conseguem apreciar as duas histórias, se forem bem contadas, porque, da perspectiva do evangelho, tanto as histórias ingênuas quanto as céticas são parcialmente verdadeiras. A vida nesse mundo caído é sem sentido em grande parte, nossas aspirações vivem sendo frustradas e, às vezes, pessoas respeitáveis são opressoras e preconceituosas. Mesmo assim, existe o Bem, que, no fim da história, triunfará sobre o Mal. Da perspectiva cristã, a dificuldade com os dois tipos de história é que elas tendem a colocar a culpa dos problemas em coisas além do pecado e a buscar salvação em coisas além de Deus — e, portanto, são absolutamente simplistas. A riqueza da história universal contada pelo evangelho esclarece tanto as cosmovisões mais sombrias quanto as mais otimistas e entrelaça-as na formação de uma tapeçaria mais ampla, porém de modo que não sobrepujem o quadro todo. Os artistas cristãos têm acesso a uma perspectiva de mundo mais equilibrada e abrangente, o que explica por que, através dos séculos, essa perspectiva tem produzido obras artísticas maravilhosas.

O evangelho e a medicina

Permitir que o evangelho de Jesus molde nosso trabalho significa considerar a influência tanto dos ídolos guardados no coração quanto dos ídolos psicológicos de nossa cultura e profissão.15 Para exemplificar isso, volto-me para a área da medicina. Há alguns anos, fiz uma pesquisa informal com vários cristãos que trabalhavam no campo da medicina. Perguntei-lhes: “Que fatores inerentes à prática da medicina hoje dificultam o trabalho do cristão nessa área? Quais são as maiores tentações e provações?”. Fui surpreendido, instruído e ajudado pelas respostas que ouvi.

Um dos maiores problemas mencionados era profundamente pessoal — a enorme tentação de perder sua identidade na profissão. Antes de ser pastor, Martyn Lloyd-Jones foi médico famoso em Londres. Em uma palestra a

estudantes de medicina e a médicos, ele disse com muita franqueza: “Tive o privilégio de conhecer muitos cuja lápide poderia carregar o epitáfio cruel [...] ‘nasceu homem, morreu médico!’. O maior perigo confrontado por um médico é ele se perder em sua profissão [...] essa é a grande tentação de um médico...”.16 Outro médico britânico acrescentou:

... a tentação é que a medicina sobrepuje sua vida e a controle com poder escravizante. É um poder sutil porque [...] existe uma espécie de massagem no ego quando você investe tanto — horas, responsabilidade, estresse — para realizar tanto bem na vida de outras pessoas. Há muito poder de autojustificação nessa área de idolatria. É bem mais fácil sentir-se moralmente superior como médico do que como investidor financeiro [...] Além disso, algumas pessoas sentem necessidade de ser necessárias e do poder que vem de terem influência...17

As pessoas que trabalham nas profissões de cuidado (e o ministério pastoral, assim como a medicina, incluem-se aqui) são tentadas a se sentir superiores porque seu trabalho é bastante nobre e bem exaustivo. Embora os profissionais da saúde se desgastem em longas e estressantes horas e literalmente salvem vidas, encontram muita gente ingrata, irracional e teimosa que retribuem todo esse trabalho árduo com malevolência e processos na justiça. Isso pode resultar em um perigo espiritual correlato. Um médico escreveu:

É fácil tornar-se extremamente cínico em relação às pessoas e emocionalmente insensível à vida. Você depara com tantos horrores da vida e da morte que acaba achando que seu mecanismo essencial de defesa é afastar-se emocionalmente e manter distância para, assim, conservar a sanidade mental.

Vários médicos me disseram que foi o evangelho que os levou a enxergar os traços de orgulho, cinismo e distância que estavam começando a afetar seu caráter. Um deles afirmou: “No início da carreira, você trabalha tantas horas que sua vida de oração simplesmente seca. Isso é mortal. Apenas se Jesus continuar

real no coração é que você consegue manter-se feliz o bastante nele para não fazer da medicina seu valor absoluto e não se tornar insensível ao deparar com tanta ingratidão".

Minha pesquisa também revelou as pressões culturais sofridas por médicos. Uma médica me indicou um artigo publicado no The New England Journal of Medicine intitulado "God at the Bedside" [Deus ao lado da cama].18 O autor, um médico, descobriu que geralmente as crenças e práticas espirituais dos pacientes influenciavam muito nas questões de saúde, mas "na era moderna, religião e ciência são áreas nitidamente separadas e ocupam domínios bem diferentes". O autor escreveu que muitas vezes observou que as culpas e medos dos pacientes eram fatores importantes em suas doenças e também que a fé em Deus era parte da cura, porém ele achava que o curso de medicina não o preparara em nada para tratar nenhuma dessas realidades. "É compreensível", ele escreve, "que os médicos tenham receio de sair do estritamente clínico para se aventurar no reino espiritual".

O dr. Martyn Lloyd-Jones enfatiza a mesma questão em uma de suas palestras aos profissionais da saúde. No fim da década de 1920, Jones fez parte da equipe do Hospital Saint Bart, em Londres, sob a direção do notável Lord Horder. Certa vez, Lord Horder pediu que o jovem médico reorganizasse e reclassificasse suas fichas médicas. Jones criou um novo sistema de arquivo, organizando os casos não por nome dos pacientes, mas por diagnóstico e tratamento. Enquanto trabalhava, Lloyd Jones ficou surpreso ao ver que, em bem mais da metade dos casos, as observações diagnósticas de Horder incluíam comentários tais como "trabalha demais", "bebe demais", "infeliz no lar e no casamento". Uma vez, Jones passou o fim de semana com Lord Horder e aproveitou a chance para lhe perguntar sobre o que havia descoberto nos arquivos. Horder respondeu que, em sua opinião, apenas um terço dos casos eram estritamente médicos — o restante era formado por situações causadas ou agravadas por ansiedade e estresse, escolhas malfeitas na vida e alvos e crenças irreais a respeito de si próprios. Os casos mais graves, obviamente, eram encaminhados à psiquiatria, contudo na maioria das vezes isso não era adequado. Assim, Horder concluiu, o médico não deveria se meter na vida pessoal de ninguém. Lloyd-Jones disse que, depois dessa resposta:

... discutimos o fim de semana inteiro! Minha argumentação era que deveríamos tratar a vida integral do paciente. “Ah”, Horder respondeu, “é aí que você se engana! Se os pacientes quiserem nos pagar para tratar praticamente de nada, que paguem. Assim, poderemos dar atenção aos 35% que precisam da verdadeira medicina”. Em meu ponto de vista, no entanto, tratar essas outras pessoas [levando em conta a vida integral delas] também era “verdadeira medicina”. Todas estavam realmente doentes. Certamente não eram saudáveis! Tinham procurado um médico — ou diversos médicos, quem sabe — em busca de ajuda.19

Lloyd-Jones não estava insinuando que os médicos eram, sozinhos, competentes para fazer isso, mas que, juntamente com conselheiros e outros profissionais, deveriam tratar da pessoa por completo. O ser humano tem natureza espiritual, moral e social e, se uma dessas áreas for agredida por crenças, escolhas e comportamentos errados ou insensatos, poderá ocorrer falência física e emocional ao mesmo tempo. E até mesmo aqueles pacientes cuja doença original foi causada apenas por fatores físicos acabam precisando de muito mais do que a mera medicina para se recuperar totalmente.

A conversa citada ocorreu em 1927, mas duas tendências simplesmente exacerbaram a situação discutida por Horder e Lloyd-Jones. Primeira, as especializações têm crescido de maneira gigantesca, de modo que nenhum profissional por si só consegue dar um tratamento integral ao paciente. Tão importante quanto isso é a influência crescente de uma perspectiva que passou a ser chamada de “socioconstrutivismo evolucionário”, segundo a qual “todos os aspectos de cada nível de realidade têm uma única explicação evolucionária”.20

Na verdade, o próprio conceito integral de pessoa está desaparecendo. Nossa consciência e emoção, nossas escolhas e desejos, nossos objetivos e alegrias são cada vez mais entendidos como resultantes de nossa composição genética. A antiga noção de que a pessoa era constituída de corpo, mente e espírito se foi — agora existe apenas um corpo que possui uma neurologia mental, emocional e

espiritual. Em adição a esse entendimento reducionista da natureza humana, as crescentes pressões econômicas e legais impostas aos médicos e hospitais provavelmente levam a classe médica a ter cautela e "não se intrometer na vida pessoal dos pacientes" no que se refere ao cuidado integral da pessoa.

Por entenderem os efeitos da criação e da Queda no ser humano, os cristãos que exercem profissões médicas conseguem resistir às implicações restritas dessa perspectiva. A perspectiva cristã da natureza humana é rica e multifacetada. Deus criou e vai ressuscitar nosso corpo — portanto, ele é importante! Se o próprio Deus vai redimir nosso corpo (Rm 8.23), então ele é o Grande Médico, e a vocação médica ocupa um lugar sublime. Deus, porém, não cuida apenas do corpo; ele criou e redime nossa alma também. Desse modo, os médicos cristãos levam em conta o ser humano integral. A fé lhes fornece recursos para combinar humildade e sabedoria suficientes, a fim de enxergar os pacientes como sendo mais do que meros corpos.

A cosmovisão cristã molda todo e qualquer trabalho

Quando afirmamos que os cristãos trabalham a partir de uma cosmovisão bíblica, isso não significa que vivem falando sobre os ensinos da Bíblia no local de trabalho. Algumas pessoas acham que o evangelho é algo que devemos "enxergar" no trabalho. Se fosse assim, os músicos cristãos deveriam tocar música cristã, os escritores cristãos deveriam escrever histórias de conversão e os executivos cristãos deveriam trabalhar em empresas que ofereçam produtos e serviços cristãos para clientes cristãos. É verdade que alguns cristãos que trabalham nessas áreas fariam bem, às vezes, em agir assim, mas é um erro pensar que a cosmovisão cristã está atuando apenas quando estamos envolvidos em atividades notoriamente cristãs. Ao contrário, pensemos no evangelho como um par de lentes por meio das quais "enxergamos" tudo no mundo. Os artistas cristãos, quando são fiéis em sua arte, não são motivados unicamente por lucro nem por mero prazer de se expressar; e, por certo, contarão a mais ampla variedade de histórias. Para os cristãos que trabalham no mundo corporativo, o lucro será apenas um de vários resultados; e trabalharão de corpo e alma para

qualquer tipo de empresa que sirva ao bem comum. O escritor cristão pode mostrar continuamente o desastre que é transformar qualquer coisa que não seja Deus em foco central da vida, e podem fazer isso até mesmo sem mencionar Deus diretamente.

Apesar de a Bíblia não ser um manual completo para administrar negócios, consertar torneiras ou cuidar de enfermos, ela se dirige a uma ampla gama de questões culturais, políticas, econômicas e éticas que fazem parte de nossa maneira de viver. Além disso, a cosmovisão cristã já fez contribuições fundamentais para nossa cultura que não são facilmente perceptíveis. O pano de fundo de nosso trabalho, especialmente no Ocidente — o surgimento da tecnologia moderna, do etos democrático que fez o capitalismo atual florescer, a ideia da liberdade humana inerente como base para a liberdade econômica e o desenvolvimento do mercado — deve-se em grande parte às mudanças culturais provocadas pelo cristianismo. O historiador John Sommerville afirma que as ideias mais difundidas no mundo ocidental, tais como a de que perdão e serviço são mais importantes do que vingança e manter as aparências, têm raízes fincadas na Bíblia.21 Muitos afirmam, e concordo com eles, que até mesmo o surgimento da ciência moderna só teria acontecido em uma sociedade na qual a noção bíblica de um Criador único, todo-poderoso e pessoal prevalecia.22 Assim, todos nós devemos muito mais do que imaginamos aos traços ímpares da cosmovisão cristã e ao seu poder singular.

Você analisa seu trabalho através das lentes de uma cosmovisão cristã? Costuma se perguntar, por exemplo:

Qual é o enredo da cultura em que vivo e do campo em que trabalho? Quem são os protagonistas e os antagonistas?

Quais são as pressuposições básicas sobre significado, moralidade, origem e destino?

Quais são os ídolos? As esperanças? Os temores?

Como minha profissão recria esse enredo e qual é o seu papel no enredo?

Que partes das cosmovisões predominantes estão basicamente alinhadas com o evangelho, de modo que posso concordar e alinhar-me com elas?

Que partes das cosmovisões predominantes são insolúveis sem Cristo? Em outras palavras, em que pontos devo desafiar minha cultura? Como Jesus Cristo pode completar esse enredo de modo diferente?

De que maneira essas histórias influenciam tanto a forma quanto o conteúdo do meu trabalho? Como posso trabalhar não apenas com excelência, mas também de modo distintamente cristão?

Que oportunidades minha profissão oferece para: a) servir as pessoas individualmente; b) servir à sociedade como um todo; c) servir a meu campo de trabalho; d) exemplificar competência e excelência; e) testemunhar de Cristo?

Entre todas as maneiras de a fé cristã influenciar o trabalho, o campo da cosmovisão é a mais penetrante e, ao mesmo tempo, a mais difícil de ser praticada. Todos os cristãos vivem em culturas e trabalham em campos profissionais que operam por meio de grandes narrativas predominantes e poderosas, visivelmente diferentes do relato que o evangelho faz das coisas. Mas essas narrativas atuam em um nível tão profundo que seus efeitos sobre nós dificilmente são percebidos. Um americano que se muda para outro país fica chocado ao descobrir quanto de suas intuições e práticas, que para ele eram consideradas universais, uma questão de mero bom senso, são, na verdade, particularmente americanas — e são ridículas para muitos outros povos. Ao viver em outro país, a pessoa adquire um novo e vantajoso ponto de vista a partir do qual poderá criticar a si mesma e, como resultado, mudar pouco a pouco, abandonando algumas atitudes e adotando outras.

Tornar-se cristão é uma experiência bem parecida com a mudança de país, só que mais profunda, pois nos oferece uma nova perspectiva sobre toda e qualquer cultura, cosmovisão e área de trabalho. Com o passar do tempo, o evangelho nos leva a ver tudo sob uma nova luz, mas é preciso tempo para entender e incorporar essa nova informação em nosso modo de viver e atuar em nossa

profissão. E podemos ficar certos de que esse aprendizado, que é o maior de todos, jamais terá fim; a Bíblia afirma que nem mesmo os anjos se cansam de examinar o evangelho para descobrir novas maravilhas (1Pe 1.10-12).

▪

[1]After Virtue: A Study in Moral Theory, 2. ed., University of Notre Dame Press, 1984, p. 210. [Publicado no Brasil com o título Depois da virtude, São Paulo: EDUSC, 2001.]↩

[2]Para um resumo fácil mas acadêmico de como as histórias se relacionam à cosmovisão, v. N. T. Wright, “Stories, Worldviews and Knowledge”, The New Testament and the People of God, Fortress, 1992, p. 38-80. Esse material é bastante útil e deve ser consultado para um bom entendimento de cosmovisão e narrativa em geral, especialmente sobre como a cosmovisão é apresentada na Bíblia por meio de narrativas. ↩

[3]Ibidem.↩

[4]Uma boa introdução à história do conceito e um argumento instigante para sua utilidade encontra-se em David K. Naugle, Worldview: The History of a Concept, Eerdmans, 2002. V. tb. James W. Sire, Naming the Elephant: Worldview as a Concept, Inter-Varsity Press, 2004. James K. A. Smith não nega que tenhamos perspectivas abrangentes por meio das quais interpretamos a realidade e concorda entusiasticamente que assumem forma narrativa, porém argumenta que a maioria das pessoas hoje imagina uma “cosmovisão” em termos muito cognitivos. Ele afirma que nossa cosmovisão não é simplesmente um conjunto de crenças doutrinárias e filosóficas formadas totalmente por raciocínio e informação. Também abrange um conjunto de esperanças e paixões — conhecimento “tácito” e atitudes do coração — que não são todos adotados de modo consciente e deliberado. Portanto, a formação de uma cosmovisão não acontece apenas por meio de argumentos ou principalmente por intermédio da

política. Ao contrário, é resultado das narrativas que abraçamos, especialmente aquelas que nos oferecem um cenário atraente e desejável de um florescer humano que conquista nosso coração e imaginação. Essas narrativas nos são apresentadas não apenas (nem principalmente) em salas de aula, mas por meio de histórias que testemunhamos, ouvimos e lemos de várias fontes da cultura. James K.A. Smith, Desiring the Kingdom: Worship, Worldview, and Cultural Formation, Baker, 2009. Smith, citando o filósofo canadense Charles Taylor, propõe que o termo "imaginários sociais" seria mais apropriado do que "cosmovisões".↩

[5]After Virtue, p. 211, apud Wright, New Testament, p. 38.↩

[6]Leslie Stevenson, Seven Theories of Human Nature, Oxford, 1974.↩

[7]Ibidem, p. 42.↩

[8]Creation Regained: a Transforming View of the World, Eerdmans, 1985, p. 50. [Publicado no Brasil com o título A criação restaurada, São Paulo: Cultura Cristã, 2006.]↩

[9]"Two Murdochs, Two Views" The Wall Street Journal, 24/08/2012.↩

[10]V. Jay Rosen, "Journalism Is Itself a Religion", Pressthink, 07/01/2004, disponível em: <http://archive.pressthink.org/2004/01/07/press_religion.html>.↩

[11]Princeton University Press, 2012, p. 94-5.↩

[12]"Illustrations of the Tao", in: The Abolition of Man, Collier, 1955, p. 7. [Publicado no Brasil com o título A abolição do homem, São Paulo: Martins Fontes, 2005.]↩

[13]"A Smug Education?" The New York Times, 12/03/2012, disponível em: <www.nytimes.com/2012/03/09/opinion/colleges-and-elitism.html>.↩

[14]Uma desconstrução clássica do mundo artístico como um campo essencialmente religioso, com seus próprios sacerdotes, doutrinas e templos, é a breve obra de crítica social de Tom Wolfe, The Painted Word, Bantam, 1975. [Publicada no Brasil com o título A palavra pintada, Rio de Janeiro: Rocco, 2009.]↩

[15]É impossível fazer uma distinção completa entre ídolos psicológicos e sociológicos, pois todos os ídolos trabalham no coração, controlando-nos por intermédio do medo e do desejo. E um ídolo interior, tal qual o desejo intenso de aprovação humana, sempre age em íntima proximidade com os ídolos da cultura. Nas culturas tradicionais, o caminho para a aprovação humana é diferente do da cultura ocidental, individualista. (Na verdade, os mesmos comportamentos que conquistam aprovação em uma cultura são desaprovados em outra.) Mesmo assim, os ídolos psicológicos sempre trabalham bem próximos dos ídolos sociológicos para formar um "complexo de ídolos" singular que nos cega e controla. V. mais sobre o assunto em Timothy Keller, Counterfeit Gods: The Empty Promises of Money, Sex, and Power, and the Only Hope That Matters, Dutton, 2009. [Publicado no Brasil com o título Deuses falsos, Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2010.]↩

[16]D. Martyn Lloyd-Jones, Healing and the Scriptures, Thomas Nelson, 1982, p. 14.↩

[17]As respostas de médicos estão na correspondência pessoal do autor deste livro.↩

[18]Jerome Groopman, The New England Journal of Medicine, v. 350, n. 12, 18/03/2004, p. 1176-8.↩

[19]Healing and the Scriptures, p. 50.↩

[20]Christian Smith, What Is a Person? Rethinking Humanity, Social Life, and the Moral Good from the Person Up, University of Chicago Press, 2010, p. 203.↩

[21]The Decline of the Secular University, Oxford, 2007, p. 69-70.↩

[22]V. Rodney Stark, For the Glory of God, Princeton University Press, 2004, e Diogenes Allen, Christian Belief in a Postmodern World: The Full Wealth of Conviction, Westminster, 1989.↩

dez

Novo conceito de trabalho

Tudo o que você tiver de fazer faça o melhor que puder.

Eclesiastes 9.10 (NTLH)

Todos participam do trabalho de Deus

A comunidade judaica tem contribuído imensamente para a prosperidade da cidade de Nova York. Os judeus estiveram na vanguarda do desenvolvimento de hospitais e tratamento médico, das artes e dos centros culturais e de comunidades sólidas que sustentam os idosos e instruem os jovens. A herança e as crenças recebidas das Escrituras inspiram neles um compromisso forte com a instrução: "... que pratiques a justiça, ames a misericórdia e andes em humildade com o teu Deus" (Mq 6.8). Os judeus não são discípulos de Cristo, mas, sem dúvida nenhuma, Deus continua trabalhando por meio deles.

A comunidade gay é bastante conhecida pela disposição de se mudar para bairros em decadência e reconstruí-los. Nas últimas décadas, esse grupo tem se empenhado em melhorar várias das piores áreas da cidade. E, claro, todos nós conhecemos alguém que não é cristão em nosso campo de trabalho, mas mantém um alto padrão de valores e fabrica produtos sofisticados, cria um musical inspirador ou monta um time de funcionários de confiança e bem treinados. Ora, se a cosmovisão cristã é tão singular, como explicar tudo isso?

No capítulo anterior, vimos que o evangelho fornece uma cosmovisão, ou enredo, que oferece aos cristãos a orientação verdadeira para seu trabalho, dando-lhes uma visão profunda e multidimensional do florescimento humano que, em geral, os capacita a trabalhar de maneira diferente das pessoas ao redor. Esse, porém, não é o cenário bíblico completo. Se fosse, talvez achássemos que os não cristãos são incapazes de realizar bons trabalhos ou boas obras, ou que o cristão deve trabalhar de modo completo e visivelmente distinto dos não cristãos. Não é bem assim.

Deus é o Criador do mundo, e nosso trabalho espelha sua obra criativa quando desenvolvemos uma cultura que se amolda à vontade e à visão dele para os seres humanos — quando o trabalho se encaixa no enredo bíblico. Porém, os teólogos falam não apenas sobre a criação de Deus; falam também de sua providência. Deus não cria e ponto-final; ele ama, cultiva e nutre a criação. Ele alimenta e protege tudo o que criou. Contudo, como seu cuidado e providência chegam até nós? Como vimos em capítulos anteriores, especialmente nos ensinos de Martinho Lutero, o cuidado amoroso de Deus nos é oferecido principalmente por meio do trabalho de outras pessoas. O trabalho é um instrumento vital da providência de Deus; é com o trabalho que Deus sustenta o mundo.

Como extensão da obra criadora de Deus, o trabalho do cristão é direcionado para o Senhor e tem de ser realizado de modo distinto e para a glória dele. Como extensão da obra providencial de Deus, nosso trabalho é direcionado para o semelhante e tem de ser realizado com excelência e para o bem do próximo. Essa última motivação está ao alcance de todos nós. O agricultor e o cozinheiro suprem a necessidade que o semelhante tem de alimento; o mecânico supre a necessidade que alguém tem de consertar o carro. Esse aspecto do trabalho como provisão explica por que muito do que os cristãos fazem não é, pelo menos não visivelmente, nada diferente daquilo que os não cristãos fazem. Por exemplo, não é assim tão fácil identificar a maneira singularmente cristã de um dentista tratar uma cárie. E porque todos os seres humanos são criados à imagem de Deus (Gn 1.26-28) e todos receberam talentos e habilidades para trabalhar no mundo criado por Deus (1Co 7.17), não devemos estranhar que tantas pessoas que não

acreditam em Jesus realizem coisas tão boas quanto os cristãos, ou até melhores.

Na verdade, uma ênfase desequilibrada sobre cosmovisão apresenta certos perigos. Por exemplo, o desequilíbrio pode nos levar a privilegiar executivos e menosprezar operários. Escritores e administradores têm oportunidade de analisar a influência das crenças bíblicas em seu trabalho. Mas qual é a relevância disso para o operário da linha de montagem, o artesão ou o técnico, cuja cosmovisão não faz diferença óbvia nos afazeres diários? É claro que todos os cristãos trabalham por motivos íntimos radicalmente distintos dos motivos dos não cristãos, e isso certamente pode fazer diferença na qualidade, no espírito e na integridade do trabalho do cristão. Mas isso não significa que um cristão, ao fabricar um motor de avião, faça-o de modo diferente do não cristão. Portanto, analisar o trabalho somente em termos de cosmovisão, e não em termos de providência e amor divinos, pode sutilmente sugerir que a visão bíblica de trabalho é menos relevante para pessoas da classe operária.

Um perigo mais sério ligado a pouca ênfase na questão do trabalho como instrumento da providência de Deus é que os cristãos acabam desvalorizando o bom trabalho realizado por não cristãos.1 A plenitude e o equilíbrio do ensino bíblico nos impedem de valorizar apenas o trabalho cristão ou apenas o trabalho profissional. Os cristãos, ao contrário, têm de dar alto valor a todo trabalho humano (em especial o trabalho feito com excelência), realizado por todas as pessoas, como um canal do amor de Deus pelo mundo que criou. E serão capazes de apreciar seu próprio trabalho e alegrar-se nele, tenha ele prestígio ou não, como também o trabalho habilidoso de todas as outras pessoas, sejam elas cristãs ou não.

Esse conceito bíblico de trabalho — como instrumento da provisão amorosa de Deus para o mundo — é essencial. Ele contra-ataca o elitismo e o sectarismo que podem afetar nossa abordagem ao trabalho quando entendemos o caráter distintivo da cosmovisão bíblica.

O equilíbrio da graça comum

Quando aprendemos a valorizar o trabalho de todas as pessoas e todos os tipos de trabalho, estamos entrando no campo da teologia chamado “graça comum”, e a essa altura seria bom aprofundarmos nossa compreensão desse conceito. Aos olhos dos cristãos, o que eles podem ter em comum com pessoas que aparentemente não vivenciaram a graça salvadora, que não são discípulos de Jesus? Será que Deus trabalha em círculos mais amplos da interação cultural para conceder algumas bênçãos a todas as pessoas — bênçãos que fornecem a base para os cristãos cooperarem e aprenderem com os não cristãos e aprenderem com eles?2

A resposta da Bíblia é “sim”. O salmo 19 faz distinção entre o “discurso sem palavras”, que fala a todas as pessoas sobre a presença e a glória de Deus, e a revelação que os cristãos recebem da Bíblia e da obra de convencimento do Espírito Santo. Romanos 1 e 2 confirmam que todos nós temos um conhecimento primordial de Deus: em Romanos 2.14,15, Paulo afirma que a lei de Deus está escrita em cada coração humano. As pessoas têm uma consciência inata que já vem carregada de sentimentos como honestidade, justiça, amor, a Regra de Ouro [“Trate os outros como gostaria de ser tratado”] etc.3 Bem no íntimo, as pessoas sabem que existe um Deus, que somos suas criaturas, que devemos lhe servir e que ele exige certo comportamento quando nos relacionamos com ele e com o próximo. Além disso, Deus se revela a todas as pessoas por intermédio do esplendor da natureza — como também se revela por meio da cultura humana, que é essencialmente moldar e preencher a natureza como Deus a criou. Atente para Isaías 28.24-29:

Por acaso o lavrador que semeia lavra sem parar? [...] Depois de nivelar [...] ele espalha o endro, semeia o cominho, lança o trigo em eiras, a cevada no lugar determinado e a espelta na margem. Pois o seu Deus o instrui como devia e lhe ensina [...] Por acaso o trigo é esmiuçado? Não! [...] Isso procede do Senhor dos Exércitos, que é maravilhoso em conselho e grande em sabedoria.

É impressionante. Isaías está dizendo que qualquer lavrador habilidoso ou alguém que leve melhorias à agricultura está sendo ensinado por Deus. Um comentarista disse o seguinte sobre esse texto: “O que parece uma descoberta (a estação e as condições apropriadas à plantação, gerenciamento da lavoura, rotação do plantio etc.) nada mais é que o Criador abrindo seu livro da criação e revelando suas verdades”.4

É importante lembrar que a lavoura é uma analogia para todo tipo de cultura. Portanto, qualquer progresso no aprendizado, todo trabalho artístico, cada inovação na área da saúde, da tecnologia, da administração ou do governo nada mais são que Deus “abrindo seu livro da criação e revelando suas verdades” a todos nós. Claro que a maioria dos lavradores na história do mundo não sabia que Deus estava agindo assim, mas Isaías afirma que era exatamente isso que estava acontecendo. É o que os teólogos chamam de “revelação geral”, um aspecto da graça comum na qual Deus se revela a todo mundo. Observe como outros versículos da Bíblia têm conotação semelhante:

Tiago 1.17 afirma que “toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto [...] do Pai das luzes”. Isso significa que cada ato de bondade, sabedoria, justiça e beleza — não importa de quem — é capacitação vinda de Deus. É uma dádiva e, portanto, uma forma de graça.

Êxodo 31.1-4 relata que Deus encheu Bezalel “do Espírito de Deus, dando-lhe sabedoria, entendimento e habilidade em toda atividade artística, para criar obras artísticas”. Vemos aqui algumas habilidades artísticas vindas de Deus. Salieri estava certo — a música de Mozart era a voz de Deus, apesar da condição moral e espiritual de seu coração.

Isaías 45.1 fala sobre Ciro, um rei pagão a quem Deus ungiu com seu Espírito e escolheu para ser líder mundial. Em Gênesis 20.6,7, lemos que Deus impediu outro rei pagão de cair em pecado. Esses exemplos mostram como o Espírito de Deus trabalha no mundo tanto como uma força enobrecedora não salvadora quanto como uma força impeditiva não salvadora. São casos em que o Espírito não está operando como agente de conversão ou santificação. Ao contrário, está

oferecendo sabedoria, coragem e discernimento e impedindo os efeitos do pecado — mesmo em relação às pessoas que negam a existência de Deus.

Por meio dessa graça comum, Deus abençoa todo mundo, de modo que os cristãos podem ser beneficiados por não cristãos e também colaborar com eles. No entanto, existem limites à graça comum, o que exige que respondamos a essas bênçãos com equilíbrio. Em Romanos 1.18 lemos que os homens impedem "a verdade pela sua injustiça". Essa afirmação tem dois aspectos, e Calvino explica ambos muito bem. Primeiramente ele escreve sobre autores seculares (está pensando principalmente nos filósofos gregos e romanos pagãos da Antiguidade):

Que a admirável luz da verdade brilhando sobre eles nos ensine que a mente humana, embora depravada e extraviada de sua integridade, está, mesmo assim, revestida e ornamentada com as excelentes dádivas de Deus. Se considerarmos o Espírito de Deus como a única fonte de verdade, não a rejeitaremos nem a desprezaremos onde quer que ela apareça, a menos que queiramos desonrar o Espírito de Deus [...] Esses a quem a Escritura (1Coríntios 2.14) chama de "homem natural" são, na realidade, perspicazes em sua investigação de coisas inferiores. Aprendamos, portanto, com o exemplo deles sobre as muitas bênçãos que o Senhor derramou sobre a natureza humana, mesmo depois de ela ter sido despojada de sua excelência.5

Nesse texto, Calvino aprecia a maneira de Deus abençoar todos os que foram criados à sua imagem. Mas, pouco antes disso, Calvino escreve que, embora "na natureza degenerada e pervertida do homem algumas fagulhas ainda lampejem, a luz é ofuscada pela densa ignorância e não consegue brilhar eficazmente. Sua mente, por causa do embotamento [...] denuncia o quanto é incapaz de buscar e encontrar a verdade".6

Como alguém poderia escrever duas coisas aparentemente contraditórias poucas páginas distantes uma da outra? Os não salvos conseguem ou não discernir a

verdade? Sim e não. Calvino está lendo Romanos 1 com muito cuidado!

Primeiro, temos de aceitar que não existe neutralidade no mundo. Todos os que não reconhecem Cristo como Salvador agem sob uma perspectiva falsa de realidade suprema, ao passo que confessar que Cristo é o Senhor significa estar alinhado com a realidade absoluta. Todo mundo age a partir de uma cosmovisão que nega a Cristo ou que se submete a ele. Ninguém é objetivo ou neutro; ninguém pode fugir da questão.

Ao mesmo tempo, a doutrina da graça comum significa que, apesar de todas as cosmovisões falsas, todos entendem e até certo ponto reconhecem aspectos da cosmovisão bíblica: verdades sobre Deus, a criação, a natureza humana e nossa necessidade de salvação. No centro do sistema operacional de nosso coração, Deus gravou sua história. Esse conhecimento universal de Deus e do bem — esse aspecto da revelação natural — tem sido denominado “crenças de primeira ordem”. Até certo ponto, todas as pessoas carregam tais crenças, mesmo que suas “crenças de segunda ordem” — que são consciente, intelectual e culturalmente condicionadas — neguem-nas completamente. Paulo afirma que impedimos a verdade pela injustiça, e isso significa que todos temos a verdade de alguma forma. Caso contrário, como iríamos impedi-la?

Essa tensão estranha significa que o melhor daquilo que os não salvos dizem e fazem será baseado nas verdades que eles “conhecem” em certo nível, mas desconhecem em outro. Por exemplo, as crenças de segunda ordem de Leonard Bernstein eram seculares e naturalistas. Contudo, segundo dizem, ele afirmou em um programa de televisão: “Ao ouvir a Quinta Sinfonia de Beethoven, você tem a impressão de que há algo certo com o mundo, algo que traz harmonia, algo que segue suas próprias leis de modo consistente, algo em que podemos confiar, que nunca nos decepcionará”.7 Bernstein estava dizendo que a música lhe trouxe não apenas emoção, mas significado. Apesar de ele crer formalmente que a vida era resultado de um acidente cósmico e, portanto, nada tinha significado, a música o fez sentir que havia significado para tudo, que seu modo de viver importava, sim! Suas crenças de primeira ordem estavam vindo à tona apesar das

crenças de segunda ordem, como acontece a todos nós.

A liberdade da graça comum

Sem uma compreensão da graça comum, o mundo poderia tornar-se um lugar bastante confuso para o cristão. Seria natural que muitos cristãos se identificassem com Antonio Salieri: ele fica perplexo e amargurado porque seu talento é modesto, embora seja uma pessoa moralmente boa, enquanto Mozart (alguém moralmente desprezível, pelo menos na peça Amadeus, de Peter Shaffer) fora agraciado por Deus com um talento arrebatador. Além de sua cegueira quanto ao próprio pecado, o problema de Salieri foi não entender a realidade da graça comum. Deus distribui dons como sabedoria, talento, beleza e habilidades de acordo com sua graça — ou seja, de um modo totalmente imerecido. Ele os espalha pela raça humana como sementes, com o objetivo de enriquecer, abrilhantar e preservar o mundo. Seria de se esperar que o pecado tornasse a vida na terra muito mais insuportável do que é; de fato, toda a criação e cultura já deveriam ter desabado. A graça comum é a razão de o mundo não estar pior do que está.

Sem uma compreensão da graça comum, os cristãos achariam possível viver com autossuficiência dentro de seu próprio gueto cultural. Alguns iriam insistir em que nos tratássemos unicamente com médicos cristãos, só lidássemos com advogados cristãos, ouvíssemos apenas psicólogos cristãos ou apreciássemos unicamente o trabalho de artistas cristãos. É óbvio que todos os não cristãos são espiritualmente míopes, porém Deus agraciou muitos deles com talentos extraordinários. Mozart foi uma dádiva para todos nós — fosse ele cristão ou não. Assim, os cristãos têm liberdade de estudar o domínio da cultura humana e aprender mais sobre Deus, pois, como criaturas feitas à sua imagem, podemos apreciar a verdade e a sabedoria onde quer que as encontremos.

Sem uma compreensão da graça comum, os cristãos terão dificuldades em

compreender porque, muitas vezes, os não salvos excedem os cristãos em termos de moral e sabedoria. Mas, se entendida corretamente, a doutrina do pecado significa que os cristãos nunca são tão bons quanto nossa verdadeira cosmovisão deveria nos tornar. Da mesma forma, a doutrina da graça significa que os não salvos nunca ficam tão debilitados quanto sua falsa cosmovisão deveria torná-los. Na história cristã, o antagonista não é o não cristão, mas a realidade do pecado, que (como o evangelho explica) habita em nós, cristãos, tanto quanto habita neles, não cristãos.

Portanto, é provável que nos sintamos em terra firme caso criemos interesses comuns com os não cristãos para juntos realizarmos um trabalho que sirva ao mundo. O trabalho dos cristãos com os outros deve ser marcado por humilde cooperação e incitamento respeitoso. O entendimento da graça comum assim como a experiência da graça perdoadora de Deus em Cristo deveriam nos levar a trabalhar livre e humildemente com pessoas que não compartilham de nossa fé, mas podem ser grandemente usadas por Deus para a realização de algo extraordinário. Ao mesmo tempo, a compreensão da cosmovisão bíblica significa que, às vezes, deveríamos procurar com todo respeito um caminho diferente ou mostrar de modo cativante como a fé cristã nos capacita e guia poderosamente na realização de nosso trabalho.8

O diálogo com a cultura popular

Em geral, a reação cristã à cultura popular nos últimos 80 anos tem sido a de desengajamento.9 Música, filmes e televisão são avaliados de forma global como perigosos, corruptores e degradantes. O desengajamento ocorre de várias formas. Uma delas é a renúncia completa. Outra forma é a criação de uma subcultura cristã alternativa, repleta de músicas, filmes, programas de TV, literatura, roteiros turísticos etc. descontaminados e declaradamente evangelísticos. Uma terceira forma de desengajamento é o consumo indiscriminado da cultura popular sem o discernimento de uma cosmovisão.10 Qual é a razão desse desengajamento com a cultura?

Um motivo é a visão “estreita” ou legalista do pecado, ou seja, o pecado é visto como uma série de atos sutis de desobediência aos mandamentos de Deus. Segundo essa visão, de forma geral, o amadurecimento cristão é buscado em ambientes onde temos menos chances de pecar ou de encontrar gente que peca. O pecado pode ser essencialmente removido de nossa vida por meio da separação e da disciplina. Essa visão de pecado anda de mãos dadas com a falta de entendimento da plenitude e riqueza da obra graciosa de Cristo a nosso favor. Pois, sem não entendermos a graça, acreditaremos que é necessário (e possível) conquistar a salvação. Mas, para conseguir tal coisa, precisaremos ver o pecado como algo mais fácil de ser vencido por intermédio de esforço consciente.

Se temos uma visão estreita de pecado, vamos nos sentir seguros removendo de nossa frente qualquer coisa que nos tente a cometer imoralidade sexual, a dizer palavrões, a ser desonestos ou violentos. Se afastarmos esses “textos” culturais de nossa presença, vamos nos sentir menos pecadores; mas é provável que estejamos nos enganando. A natureza complexa e orgânica do pecado continuará transformando em ídolos as coisas boas de nossa vida — tais como nossa integridade moral, segurança financeira, família, pureza doutrinária ou patriotismo. É claro que existe muita coisa perniciosa na cultura popular, com sua glorificação do sexo e da violência. A Bíblia nos manda fugir da tentação sexual (1Co 6.18-20), e a pessoa sábia edificará limites sábios. Mas enfatizar demais o afastamento completo da cultura provavelmente aumenta a chance de cairmos em idolatrias mais “respeitáveis”. Por outro lado, uma visão “mais densa, mais profunda” do pecado irá enxergá-lo como uma compulsão da alma em criar ídolos. Essa visão não deve levar nem ao desengajamento nem ao consumo indiscriminado, e sim a um envolvimento humilde e crítico com a cultura.11

Outro motivo de desengajamento é uma visão estreita ou intelectualizada da graça comum. Como já observamos, todo mundo possui — e reprime — algum conhecimento de Deus e seu caráter. Muitos entendem, no entanto, que esse conhecimento é principalmente (ou estritamente) uma informação cognitiva que pode ser recuperada e transmitida quando oferecemos prova da existência de

Deus, da verdade do cristianismo etc. Em outras palavras, somos inclinados a pensar nesse conhecimento inato de Deus em termos intelectuais.

Todavia, a linguagem de Romanos 1.18-25 nos oferece um quadro bem mais abrangente e dinâmico de como a revelação geral, ou graça comum, funciona na vida real. A verdade está sendo reprimida (v. 18), porém continua a nos confrontar. O versículo 20 afirma: “Pois os seus [de Deus] atributos invisíveis [...] são vistos claramente desde a criação do mundo e percebidos mediante as coisas criadas, de modo que esses homens são indesculpáveis”. Mas os verbos nooumena (“são percebidos”) e kathoratai (“são vistos”) estão, respectivamente, nas formas do particípio passivo presente e do indicativo passivo presente. Ou seja, a realidade da natureza de Deus e nossas obrigações com ele estão continuamente perante nós. Essas realidades não são informações estáticas, proposicionais, e sim uma pressão contínua, insistente e renovada na consciência de cada indivíduo. Se isso é verdade, então cada artefato da cultura humana é uma resposta positiva à revelação geral de Deus e simultaneamente uma declaração de rebeldia contra sua soberania sobre nós (Rm 1.21).

Portanto, podemos entender toda produção cultural (e lembre, tudo o que fazemos no trabalho é uma forma de produção cultural) como um diálogo entre nossa reação inata e afirmativa à graça comum de Deus e a natureza rebelde e idólatra de nosso coração. Dessa forma, a cultura humana é uma mistura extraordinariamente complexa de verdade brilhante, meias verdades distorcidas e resistência aberta à verdade. “A perda da fé em qualquer religião não significa, de jeito nenhum, a erradicação do instinto religioso. Significa apenas que o instinto, temporariamente reprimido, buscará um objeto em outro lugar qualquer”.12

Eis um exemplo interessante desse diálogo:

Um dos filmes que apresentamos aos estudantes é a produção vietnamita-americana Three Seasons [Três estações], uma coletânea de quatro histórias

entrelaçadas. Uma história é sobre um motorista de ciclo (um cruzamento de bicicleta com jinriquixá) chamado Hai e sua paixão por uma prostituta ambiciosa, uma jovem que tem certeza de que o sexo irá tirá-la da pobreza e levá-la ao mundo chique e limpo dos hotéis luxuosos perto de onde ela trabalha. Após ganhar dinheiro numa corrida de ciclo, Hai paga cinquenta dólares por uma noite com a jovem. Ele aluga um quarto em um hotel luxuoso, e nessa altura você espera a típica cena erótica. Mas, de modo contrário à expectativa do público, Hai não faz sexo com a moça. Tudo o que ele quer é observá-la cair no sono, contemplar seu descanso no mundo do qual ela sonha participar. Bem confortável, ela adormece aos poucos. Hai vai embora de manhã, sem exigir nada da jovem a não ser a chance de realizar o desejo que ela tem de pertencer àquele mundo. Algo muda na mente da prostituta, e ela descobre que não poderá retornar ao antigo trabalho. [Existe aqui uma semelhança com a bondade do bispo que transforma Valjean em um homem honesto, em Os miseráveis.] É uma cena poderosa, um vislumbre totalmente inesperado da beleza frágil e abnegada do amor que transforma vidas. Até onde sei, o diretor/roteirista Tony Bui não é cristão, e talvez nunca tenha ouvido falar do evangelho [...] Porém, momentos de beleza e verdade [e cenas incrivelmente emocionantes da obra redentora de Cristo] são evidências da obra de Deus que preserva em nós sua imagem nobre e criadora, apesar dos efeitos deformantes do pecado.13

Dualismo versus integração

O desengajamento dos cristãos com a cultura popular geralmente se transforma em dualismo no trabalho. “Dualismo” é um termo usado para descrever uma parede de separação entre o sagrado e o secular. É resultado direto de uma visão estreita do pecado, da graça comum e da providência de Deus.

O dualismo leva muitos a achar que, para agradarem a Cristo com seu trabalho, este deve ser feito abertamente no nome dele. Acham que devem escrever e realizar trabalho artístico que mencione Jesus de maneira explícita, ou devem ensinar Bíblia em escolas evangélicas; ou devem trabalhar em ambientes onde todos são cristãos professos. Ou acham que todos devem saber que leem a Bíblia

no escritório logo de manhã, antes do expediente. (Lembre que Lutero criticou a separação de todo trabalho em “estado espiritual” e “estado temporal”.) Esse tipo de dualismo acontece porque não enxergamos o escopo panorâmico da graça comum nem as profundas sutilezas do pecado humano. Quem abraça essa perspectiva não entende que o trabalho executado por não salvos sempre contém uma pitada da graça comum de Deus assim como distorções do pecado. Também não entende que o trabalho executado por cristãos, mesmo que mencione abertamente o nome de Jesus, também é distorcido de modo significativo pelo pecado.

A abordagem dualista contrária, no entanto, é ainda mais predominante — e, com base em nossa experiência, ainda mais difícil de ser desmantelada. Nessa abordagem, os cristãos se acham cristãos apenas nas atividades da igreja. Sua vida cristã se resume aos cultos de domingo e às atividades espirituais durante a semana. No restante da semana, não têm capacidade de pensar com prudência sobre os valores básicos que estão consumindo e vivenciando. Na vida e no trabalho “lá no mundo”, essas pessoas aceitam e encenam sem nenhum espírito crítico todos os valores fundamentais da cultura e todas as idolatrias do ego, máscaras de aparência, técnicas, liberdade pessoal, materialismo e outras características do individualismo expressivo. Enquanto a primeira forma de dualismo não compreende a importância do que temos em comum com o mundo, essa forma não entende a importância do que é distinto na cosmovisão bíblica — ou seja, que o evangelho reformula todas as coisas, e não somente as coisas religiosas.

A integração entre fé e trabalho é o oposto do dualismo. Temos de nos dispor a estar bastante engajados com os mundos cultural e profissional dos não cristãos. Nossa visão profunda do pecado nos fará lembrar que até o trabalho e a cultura explicitamente cristãos sempre terão um discurso idólatra em sua composição. Nossa visão profunda da graça comum nos fará lembrar que até mesmo o trabalho e a cultura explicitamente não cristãos sempre trarão algum testemunho da verdade de Deus em sua composição. Como os cristãos nunca são tão bons quanto suas crenças corretas deveriam torná-los e os não cristãos nunca são tão ruins quanto suas crenças erradas deveriam torná-los, adotaremos uma posição de apreciação crítica da cultura humana e suas expressões em cada profissão.

Aprenderemos a reconhecer as meias verdades e a resistir aos ídolos; também aprenderemos a reconhecer e celebrar os vislumbres de justiça, sabedoria, verdade e beleza que encontrarmos a nossa volta em todos os aspectos da vida. Por fim, o entendimento do evangelho e do ensino bíblico sobre engajamento cultural deve levar os cristãos a apreciar mais a mão de Deus sustentando o trabalho de nossos colegas e semelhantes.

▪

[1]Como já observamos, a abordagem da cosmovisão (trabalho como criatividade) é propensa a seguir a linha reformada, ou calvinista, da Reforma Protestante, enquanto a abordagem da providência (trabalho como amor) pende para o luteranismo. Para um bom resumo, v. Lee Hardy, The Fabric of This World: Inquiries into Calling, Career Choice, and the Design of Human Work, Eerdmans, 1990, Cap. 2, “Our Work, God’s Providence: The Christians Concept of Vocation”, p. 44-78. Hardy esboça as perspectivas luterana, calvinista e católica moderna do trabalho.↩

[2]Richard Mouw, He Shines in All That’s Fair: Culture and Common Grace, Eerdmans, 2001, p. 14.↩

[3]Frances Hutcheson, filósofo moral do século 18, usava uma ilustração famosa para explicar isso. Ele pede que imaginemos que um homem descobriu enterrado no quintal um tesouro que vale milhões de dólares. Então, você fica sabendo que o homem doou tudo aos pobres. Mesmo que não agisse como ele agiu e mesmo que alardeasse publicamente que esse fora um ato de completa idiotice, você não deixaria de admirar o que ele fez. Existe um sentimento indelével de beleza moral no gesto do homem.↩

[4]Alec Motyer, The Prophecy of Isaiah, Inter-Varsity Press, 1993, p. 235.↩

[5]João Calvino, Institutes of the Christian Religion, John T. McNeill, org., Ford Lewis Battles, trad., Westminster Press, 1960, II. 2.15.↩

[6]Ibidem, II.2.12.↩

[7]V. Leonard Bernstein, The Joy of Music, Simon & Schuster, 2004, p. 105.↩

[8]Timothy Keller, Generous Justice: How God's Grace Makes Us Just, Dutton, 2010. V. Cap. 7, "Doing Justice in the Public Square", p. 148ss. [Publicado no Brasil com o título Justiça Generosa, São Paulo: Edições Vida Nova, 2013.] V. tb. Daniel Strange, "Co-belligerence and common grace: Can the enemy of my enemy be my friend?", Cambridge Papers, v. 14, n. 3, 09/2005, disponível em: <www.jubilee-centre.org/document.php?id=48>.↩

[9]Esse estudo de caso é profundamente baseado em Ted Turnau, "Reflecting Theologically on Popular Culture as Meaningful", Calvin Theological Journal 37, 2002, p. 270-96. Não trataremos das diferenças entre cultura popular e a chamada "alta" cultura que Turnau explora.↩

[10]Para uma excelente pesquisa e descrição prática dessas abordagens fundamentais à cultura, v. Andy Crouch, Culture Making: Recovering our Creative Calling, Inter-Varsity, 2008, cap. 5, "Gestures and Postures", p. 78ss.↩

[11]Como é esse envolvimento "humilde e crítico"? V. Timothy Keller, Center Church: Doing Balanced, Gospel-Centered Ministry in Your City, Zondervan, 2012, Parte 5, "Cultural Engagement", p. 181ss. [Edição em português no prelo

por Edições Vida Nova.] V. tb. James D. Hunter, To Change the World: The Irony, Tragedy, and Possibility of Christianity in Late Modernity, Oxford, 2010.↩

[12]R. C. Zaehner, apud Steve Turner, Hungry for Heaven: Rock ’n’ Roll and the Search for Redemption, Inter-Varsity Press, 1995, p. 1.↩

[13]Turnau, “Reflecting Theologically”, p. 279.↩

onze

Nova direção para o trabalho

No dia em que jejuais, cuidais dos vossos negócios e exigis que se façam todos os vossos trabalhos [...]. Por acaso não é este o jejum que escolhi? Que soltes as cordas da maldade, que desfaças as ataduras da opressão, ponhas em liberdade os oprimidos e despedaces todo jugo? Não é também que repartas o pão com o faminto e recolhas em casa os pobres desamparados? Não é que vistas o nu, o cubras e não deixes de socorrer o próximo?

Isaías 58.3,6,7

As limitações da ética

Logo após o colapso financeiro em 2008 e 2009, uma jornalista escreveu na coluna “Sunday Opinion” do The New York Times sobre uma amiga que havia trabalhado em um banco de investimentos antes de ficar desempregada. Ela era conhecida por ser dedicada ao trabalho, justa e honesta e havia sido generosa com seu dinheiro ajudando amigos e instituições de caridade. No entanto, seu trabalho principal era de securitizar1 empréstimos hipotecários de alto risco, empréstimos estudantis e dívidas de cartão de crédito. “Nunca lhe ocorreu — embora provavelmente devesse ter ocorrido — que toda essa dívida que ela manejava como um quebra-cabeça e vendia a investidores iria ter um papel tão sinistro no desmoronamento da economia.”2 Por que isso não lhe ocorreu? Em Wall Street muitos fazem a si mesmos e aos outros essa pergunta. O motivo é que nossos ídolos modernos e pós-modernos trabalham contra nossa inclinação de fazer tais perguntas. Eles nos garantem que, se nossas práticas são legais e se

todo mundo está fazendo isso, a única pergunta válida é: Dá pra ganhar dinheiro?

Alguns ridicularizam ao ouvir que a indústria financeira e o mundo dos negócios em geral precisam de mais regulamentação para serem éticos. Em resposta aos difundidos clamores por uma ética mais elevada entre os empresários, o jornal The Economist citou o comentário de Milton Friedman de que os empresários têm apenas um objetivo: maximizar o valor das ações para os acionistas.3 O articulista afirmou que o próprio mercado recompensa a integridade e castiga a desonestidade. Ninguém tem de vigiar diretores e empresários; se eles são desonestos, serão pegos e a lucratividade será arruinada. Fique de olho no lucro e o restante cuidará de si mesmo.

De fato, muitos cursos e livros sobre ética nos negócios trazem sutilmente esse mesmo discurso. É verdade, segundo eles afirmam, que empresários e funcionários devem ser honestos e justos. Claro que devemos tratar nossos funcionários com generosidade e devemos contribuir para o bem da comunidade. Mas por quê? Qual é a base para tal apelo? A resposta mais comum é: porque isso é bom para os negócios. Melhora sua reputação e a longo prazo desenvolve um ambiente de negócios mais favorável. Ou seja, a maioria das pessoas adota um discurso ético — ou, pelo menos, vive sua ética — com base em uma análise custo-benefício. A integridade é lucrativa; a desonestidade não é. E, na maior parte do tempo, pelo menos a longo prazo, isso é verdade.

Mas é suficiente? Não haverá pelo menos algumas situações em que os ganhos a curto prazo resultantes de um ato eticamente questionável serão tão grandes e o perigo para você ou seus amigos será tão pequeno que, com base na análise custo-benefício, os lucros potenciais ultrapassam sobremodo o risco? Claro que sim. E, não importa o campo de trabalho, haverá situações em que fazer algo puramente ético seria desastroso financeiramente e, portanto, de acordo com uma rigorosa análise custo-benefício, vale a pena correr o risco de ser pego em uma infração ética ou de destruir um relacionamento. Então é mau negócio ser honesto, pelo menos parte do tempo.

Vamos aplicar isso a uma situação mais pessoal e aparentemente menos importante com a qual muitas pessoas podem se identificar. Quando Howard estava com 27 anos, teve a chance de trocar uma empresa grande por outra onde teria um cargo só um pouquinho mais alto, mas em que as oportunidades de crescimento eram maiores. Quando chegaram às negociações salariais, perguntaram quanto Howard ganhava no atual emprego. Howard elevou a quantia anual em meros 4%, poucos milhares de dólares. O moço raciocinou, claro, que quanto mais alto eles achassem que era o seu atual salário mais iriam lhe oferecer. Para Howard, a mentira era justificada porque o possível futuro emprego oferecia duas semanas a menos de férias do que a atual. Ele simplesmente acrescentou o valor desse benefício ao salário. Na ínfima possibilidade de ser pego na mentira, Howard tinha uma desculpa plausível. O benefício superava o custo e o risco. Além disso, ele tinha certeza absoluta de que todo mundo agia assim. O que havia de errado com isso?

Nossa ética profissional individual tem efeito acumulativo bom ou ruim no bem comum mais abrangente. Em um livro pequeno, mas bastante persuasivo, Fred Catherwood, antigo vice-presidente do Parlamento Europeu, sustenta que a corrupção é um dos maiores desafios ao desenvolvimento econômico e à estabilidade política no mundo.4 Quando era jovem, Catherwood trabalhou para uma construtora multinacional e descobriu que suborno era prática comum em áreas do mundo onde havia pouca estabilidade política e extremos horrorosos de riqueza e pobreza; no entanto, onde essa prática era menos prevalecente, tanto a economia quanto a sociedade eram mais fortes. Em resposta a esse padrão, representantes de muitas empresas multinacionais, agências de desenvolvimento, governantes e ONGs criaram um movimento anticorrupção chamado Transparência Internacional.5

Catherwood conta uma ilustração para mostrar que a honestidade pessoal causa impacto social mais amplo e também que a prática da honestidade não é uma questão individual apenas, mas necessita do apoio de toda uma comunidade. Ele conta a história de um jovem médico cristão brilhante de um país onde, por lei, o cuidado hospitalar deveria ser gratuito a todos os cidadãos. A realidade, porém,

era que o suborno oferecido a médicos e enfermeiros era prática rotineira, e, assim, apenas os ricos recebiam tratamento. Muitos doentes morriam porque não tinham dinheiro. Esse mal era sistêmico, pois o governo não conseguia oferecer os cuidados hospitalares que havia prometido; em grande parte isso era resultado de suborno e corrupção em outras áreas da estrutura política. Por questão de consciência, o jovem médico recusava os subornos e praticamente ficou fora dos programas sociais da comunidade. Quando buscou o apoio de sua igreja, ficou decepcionado. A igreja em seu país crescia rapidamente, mas ainda era nova e socialmente acanhada. Os cristãos tinham medo de se opor aos interesses poderosos do governo. Em total frustração, o jovem médico acabou se mudando para outro país, deixando para trás a nação que tanto necessitava de suas habilidades e de seu compromisso com a justiça.6

Paul Batchelor, da Transparência Internacional, adverte que a maioria das pessoas acredita que a corrupção é um problema apenas nos países “atrasados” do mundo. Isso é uma simplificação demasiadamente grosseira, como ele escreve em um ensaio intitulado “Salt and Light: Christians’ Role in Combating Corruption” [Sal e luz: o papel dos cristãos no combate à corrupção].7 Quanto maior a corrupção, maior a fragilidade econômica. No entanto, mesmo nas áreas mais prósperas do mundo a corrupção solapa economias que poderiam ser mais fortes e despoja muitas pessoas — geralmente pobres — dos benefícios da vida nessas sociedades. Batchelor mostra algo que estamos percebendo cada vez mais: no mundo financeiro existe, muitas vezes, “distorção de investimento e incentivos”, de tal forma que investidores e acionistas não podem mais confiar nos números que as empresas e instituições financeiras lhes apresentam, e essa falta de confiança mina os investimentos e o crescimento. Na semana em que escrevi este capítulo, o Barclays Bank foi multado em mais de 450 milhões de dólares por manipular os preços de produtos financeiros em proveito próprio (nesse caso, fraudando a taxa LIBOR — sigla usada para designar a London Interbank Oferred Rate — uma taxa oferecida para grandes empréstimos entre os bancos internacionais que atuam no mercado de Londres) e em detrimento de pequenos negócios e investidores.8

Batchelor salienta que a corrupção não é marca somente do mundo corporativo. Ele relaciona casos de corrupção, suborno explícito e a busca do interesse

próprio também por parte de governantes e líderes políticos. Isso produz ceticismo cada vez maior nos cidadãos e menos participação no processo político, o que facilita ainda mais o avanço da corrupção. Hugh Heclo, professor de Política da Universidade Harvard, e George Mason escreveram um livro intitulado On Thinking Institutionally [Pensando institucionalmente], que delineia a história da contínua falta de confiança dos norte-americanos em suas instituições — governamentais, empresariais, religiosas — e seus terríveis efeitos na sociedade.9

E como fica o Howard? De que modo sua pequena mentira afetaria a sociedade como um todo? Ao contar a história hoje, Howard explica que a verdadeira revolução em seu raciocínio aconteceu quando ele percebeu que o desejo por mais um pouquinho de dinheiro poderia levá-lo facilmente a abrir mão de sua integridade. Por que ele simplesmente não tinha sido honesto e explicado que as duas semanas de férias a menos valiam alguns milhares de dólares adicionais? Por que ele simplesmente não confiou que Deus, que lhe havia aberto as portas para essa entrevista, providenciaria seu salário? Seu interesse na empresa era baseado no salário ou no trabalho que Deus estava lhe entregando? Howard percebeu que o impacto maior na sociedade começou quando ele reconheceu que, com a integridade sacrificada no altar do dinheiro, a próxima mentira ficaria mais fácil. Ele percebeu que quem o observava poderia ser tentado a fazer a mesma coisa. Cada pessoa confiaria um pouco menos na outra. Howard percebeu também que trabalhar tendo em vista o dinheiro, e não o valor que o próprio trabalho agregasse, poderia causar danos à cultura da empresa à qual ele estava se unindo.

Os cristãos devem se posicionar contra o comportamento antiético, mesmo que isso exija grande sacrifício de sua parte. Felizmente, o enredo da fé bíblica oferece um alicerce aos cristãos — uma base bem mais firme para agir com integridade do que o oferecido pela abordagem pragmática da análise custo-benefício. Devemos ser honestos, compassivos e generosos não porque essas características são recompensatórias (o que geralmente são, daí a abordagem custo-benefício quanto à ética), mas porque são corretas em e por si mesmas — porque agir assim honra a vontade de Deus e seu plano para a vida humana. Às vezes, é claro, essas características nos colocam entre a minoria e até em

desvantagem. Mas a verdade é que, como o teólogo Bruce Waltke ressalta, a Bíblia afirma que a própria definição de pessoas justas é que elas se colocam em desvantagem para que os outros fiquem em vantagem, enquanto “os maus [...] estão prontos a colocar a comunidade em desvantagem para que eles tenham vantagem”.10

Um conjunto diferente de virtudes

No capítulo 10 afirmamos que o conceito bíblico de graça comum enfatiza pontos em comum entre nós, cristãos, e nossos colegas de trabalho que têm crenças diferentes das nossas. Assim, cristãos e não cristãos podem partilhar aprendizado e conhecimentos, podem usufruir juntos os avanços no seu campo de trabalho e admirar os profissionais mais habilidosos, não importa a fé que professem. É importante ser o máximo possível habilidoso, diligente, experiente e disciplinado como profissional. Colossenses 3.23 ensina que “tudo quanto fizerdes, fazei de coração, como se fizésseis ao Senhor”. Quem leva essa instrução bíblica a sério buscará o respeito de seus colegas pela qualidade e integridade do trabalho que realiza. Isso significa sermos conhecidos por dizer a verdade e cumprir o que prometemos, seja por promessas formais, seja por informais, e sermos transparentes e justos.

Muitos acham que ser íntegro e dedicado é questão de sensatez, que não requer fé bíblica. Até certo ponto isso é correto. O famoso apêndice à obra The Abolition of Man [A abolição do homem], de C. S. Lewis, demonstra como várias culturas e religiões se assemelham na compreensão que têm da vida humana virtuosa.11 Não obstante, os cristãos são equipados com uma bússola ética e poder do evangelho que nos diferencia — às vezes nitidamente, às vezes sutilmente — das pessoas ao redor. Isso acontece porque a fé bíblica nos oferece recursos significativos não presentes em outras cosmovisões, que, se usados, distinguirão os cristãos no ambiente de trabalho.

Tomás de Aquino, o maior teólogo cristão da Idade Média, examinou as quatro virtudes cardeais de Platão — justiça, coragem, temperança e prudência — e concordou que também eram ensinadas nas Escrituras Cristãs.12 Ele acrescentou três virtudes teológicas — fé, esperança e amor — às quatro virtudes cardeais, porque elas decorrem específica e unicamente da revelação cristã sobre o caráter de Deus e sua graça. Embora as culturas antigas certamente valorizassem a compaixão dentro de certos limites, o ensino cristão elevou a definição de amor a um novo patamar, para incluir o amor pelos inimigos e o perdão aos que nos perseguem. Isso era visto como algo ultrajante para pessoas de culturas baseadas na vergonha e honra, em que a vingança era tida como virtude.

Em sua história da filosofia, o francês Luc Ferry argumenta que o cristianismo levou "vantagem sobre o pensamento grego e dominou a Europa" especialmente por causa do que ensinava no "campo da ética". Para o pensamento grego em específico, a realidade absoluta foi sempre fundamentalmente impessoal, mas "a estrutura divina e harmoniosa do cosmos [...] veio a ser identificada pelos cristãos com uma personalidade única e singular, a de Cristo".13 Antes do cristianismo, tanto a cultura ocidental quanto a oriental tinham a salvação como entrada em um estado impessoal e anônimo. Não existia o conceito de que viemos do amor divino e poderíamos voltar a experimentá-lo. Todavia, o cristianismo entendeu que a realidade suprema estava enraizada em um Deus pessoal que criava por amor. Isso resultou na "transição de uma doutrina cega e anônima da salvação para outra que prometia não somente que somos salvos por meio de uma pessoa, Cristo, mas que somos salvos como indivíduos".14

Os cristãos entenderam que fomos criados por e para amor eterno, que era o significado primário da vida. Até mesmo a doutrina cristã sobre o Deus triúno, constituído de três pessoas que se conhecem e se amam desde sempre, mostra que relacionamentos de amor são a pedra fundamental de toda a realidade. E o propósito maior da obra de Deus foi criar um mundo de pessoas com quem ele tivesse prazer de se relacionar. Deus não criou as pessoas porque desejava ser amado e honrado por elas, mas para compartilhar o amor, a alegria, a honra e a glória que já usufruía com a Trindade.15

O amor, então, ocupa um lugar supremo no conceito cristão. Como Jesus afirma, ser plenamente humano se resume em amar a Deus e ao próximo. Todas as outras coisas — nossas realizações, nossas causas, nossa identidade e nossos sentimentos — ficam num distante segundo lugar. Claro que essa compreensão da natureza da realidade afetará profundamente o modo de fazermos nosso trabalho. Por exemplo, usamos nossos relacionamentos para acumular poder, riqueza e conforto? Ou a conquista de riqueza é um meio para alcançar o fim de amar os outros? Esse primeiro modo de agir vai contra a natureza do universo criado pelo Deus triúno e, portanto, não lhe presta honra nem leva ao desenvolvimento do ser humano; o outro modo é o paradigma do trabalho cristão.

Dizem que ninguém jamais chega ao fim da vida desejando ter passado mais tempo no escritório. Até certo ponto, faz sentido, claro. Mas existe uma perspectiva mais interessante: no fim da vida, será que você achará que teria sido melhor investir mais tempo, ânimo e habilidades em ambientes e produtos que ajudariam as pessoas a oferecer e receber mais amor? Sua atual trajetória profissional levaria você a responder “sim” a essa questão?

Uma perspectiva diferente de humanidade

Juntamente com a supremacia do amor, a fé cristã nos fornece outro recurso para o comportamento ético — uma base específica para respeitarmos os direitos humanos. Se toda pessoa foi criada à imagem de Deus, então cada uma possui direitos invioláveis, não importa sua etnia, classe social, sexo, estilo de vida ou caráter moral. Ferry diz que, entre os gregos e romanos, o valor de uma pessoa estava em seus talentos e habilidades inatas, e não simplesmente no fato de ser humana.16 Foi por isso que Aristóteles escreveu que algumas pessoas nascem para ser escravas, pois eram incapazes de pensamentos racionais avançados. Ele afirmou: “A natureza faz distinção entre homens livres e escravos, criando estes últimos fortes para o trabalho servil e aqueles primeiros nobres e, ainda que inúteis para o trabalho servil, úteis na arte da vida política tanto em tempos de guerra quanto de paz [...]. Vemos claramente, então, que alguns homens são

livres por natureza e outros são escravos, e que para estes a escravidão é oportuna e correta".17

Em contraste absoluto, João Calvino, um dos reformadores protestantes, escreveu:

Os seres humanos são quase todos indignos, se julgados por seus próprios méritos. Mas aqui a Bíblia ajuda da melhor maneira ao ensinar que não devemos achar que temos algum mérito, mas, sim, admirar em todas as pessoas a imagem de Deus, a quem devemos toda honra e amor [...]. Você dirá: "Ela merece algo bem diferente do que eu mereço". Mas o que o Senhor mereceu?[...] Lembre-se de não considerar as intenções maldosas dos homens, mas [...] admire neles a imagem de Deus, que [...] com sua beleza e dignidade nos instiga a amá-los e aceitá-los.18

Ao fundamentar seu ponto de vista em uma definição singular do ser humano (como alguém que é portador da imagem de Deus) e na ideia sem precedentes do amor (como origem, propósito e destino do mundo), o cristianismo iria exercer influência incalculável na história das ideias e no desenvolvimento da cultura. Não fosse pela perspectiva cristã do indivíduo, por exemplo, a filosofia dos direitos humanos com a qual concordamos hoje em dia nunca teria emergido. O cristianismo defende que todos os seres humanos são criados à imagem de Deus e, assim, têm direito a ser tratados com respeito e amor, não importando se, do ponto de vista cultural, moral e pessoal, nos agradam ou ofendem. A natureza abrangente desse princípio ético é surpreendente, e não surgiu nada parecido nas culturas anteriores ao cristianismo. Como Ferry observa e outros têm discutido extensamente, essa compreensão quanto aos direitos humanos brotou no solo da crença bíblica da imagem de Deus.19

Como essa crença deve se manifestar na maneira de os cristãos trabalharem? Katherine relatou que, assim que deixou o mundo corporativo e foi trabalhar na igreja, ela estava conversando com um pastor sobre alguns de seus "contatos" na

cidade. O pastor se voltou para ela e corrigiu gentilmente: “Katherine, você está no ministério agora. No ministério, nós os chamamos de ‘pessoas’ ”. As pressões e práticas do mercado nos levam cada vez mais a racionalizar os aspectos da vida por meio da análise de eficiências. As pessoas se tornam contatos que podem nos beneficiar; clientes são reduzidos a globos oculares e carteiras; funcionários são recursos para a execução de tarefas. É muito fácil medir o valor dos clientes, funcionários e até dos membros da igreja em termos financeiros. De uma perspectiva estritamente econômica, acionistas, administradores, funcionários, fornecedores, clientes e residentes da comunidade têm valor financeiro desigual, e é difícil não tratá-los de modo desigual em alguns aspectos. Mas, embora economicamente falando alguns sejam mais valiosos que outros, teologicamente falando todos nós somos feitos à imagem de Deus e temos, assim, a mesma importância.

Consideremos a hipótese de uma inevitável demissão de funcionários. É claro que, às vezes, em qualquer comunidade alguns de seus membros têm de se sacrificar pelo bem de todos a longo prazo. Mesmo assim é possível tratar essas situações com amor. Os gerentes que têm de demitir funcionários podem minimizar seu próprio desconforto, energia e tempo emitindo comunicados ríspidos e fechando todas as portas ao diálogo. Mas tratar as pessoas como seres humanos, com dignidade, e não como recursos intercambiáveis, significa ser transparente com as informações, dar chance ao diálogo e buscar persuadir de verdade, e não simplesmente controlar a reação das pessoas. Tratar as pessoas com dignidade em meio à realidade da redução do quadro de funcionários exige uma bússola moral afinadíssima. Crer na imagem de Deus, porém, traz uma nova dimensão à conduta da vida organizacional.

Como Ferry e outros observam, o conceito de direitos humanos, nascido da virtude teológica do amor, tem sido adotado e implementado amplamente por muitas pessoas que não creem no cristianismo — e sendo bem claro — nem mesmo em Deus. Milhões de pessoas sem religião são capazes de crer e de fato creem com muita convicção em direitos humanos. Muitos advertem, contudo, que em uma sociedade totalmente secularizada, que não crê em um Deus amoroso e pessoal do qual brotou todo esse conceito, o compromisso a longo prazo com os direitos humanos pode se esvanecer. Os cristãos têm de manter um

compromisso total e absoluto com um entendimento de direitos humanos baseado na imagem de Deus.20

Uma fonte diferente de orientação

Muitas pessoas pensam em fé e espiritualidade como algo formado por um conjunto de crenças, comportamento moral e experiência espiritual. Portanto, quando pensam na "bússola moral" dada por Deus, imaginam um conjunto de regras e regulamentos éticos, um tipo de manual divino para a vida. É verdade que a Bíblia oferece aos cristãos muitos princípios éticos sobre como viver e muitos marcos de delimitação mostrando-nos os comportamentos que devem ser totalmente evitados. Se isso fosse tudo o que Deus tem a nos oferecer, já seria bastante útil, mas insuficiente. Pois uma categoria inteira ficaria de fora — a sabedoria.

De acordo com a Bíblia, sabedoria é mais do que simplesmente obedecer às normas éticas de Deus; é saber agir corretamente em 80% das situações cotidianas em que as regras morais não oferecem resposta clara. Não existe lei bíblica dizendo que emprego você deve aceitar, se deve ou não voltar a estudar, com quem se casar ou de quem ser amigo, quando falar e quando calar, quando realizar um negócio ou esquecê-lo totalmente — mas uma decisão errada pode acabar com sua vida.

Como adquirir sabedoria para tomar as decisões certas? A Bíblia ensina que a sabedoria vem de várias fontes. Primeiro, não basta simplesmente crer em Deus; precisamos conhecê-lo pessoalmente. Quando o amor gracioso de Deus deixa de ser uma doutrina abstrata e torna-se uma realidade viva, nosso coração é menos controlado pela ansiedade e pelo orgulho, duas forças intensas que sempre nos levam à insensatez de reagir às situações de modo aquém ou além da conta. Segundo, temos de nos conhecer. Muitas decisões erradas brotam de nossa incapacidade de saber o que somos capazes ou não de realizar. O evangelho nos

impede de superestimar ou subestimar nossas habilidades, porque ele revela tanto o nosso pecado quanto o amor de Deus por nós em Cristo Jesus. Terceiro, adquirimos sabedoria com a experiência. O coração tolo — cego à realidade por causa de seus ídolos — não aprende com a experiência. Na verdade, os altos e baixos da vida acabam nos levando a muitas conclusões falsas. A pessoa orgulhosa culpa os outros por seus fracassos, enquanto a que se menospreza aceita toda a culpa por seus insucessos, mesmo quando a culpa é dos outros. Sem o conhecimento que o evangelho oferece de Deus e de nós mesmos, a experiência talvez nos ensine muito pouco; mas, se conhecermos a Deus e a nós mesmos, o tempo aprofundará nossa compreensão da natureza humana, da época em que vivemos, do poder e uso das palavras, de como os relacionamentos humanos funcionam. Tudo isso resulta em sabedoria na hora de tomar decisões.

No Antigo Testamento, Provérbios é o livro que mais ensina o caminho da sabedoria. É uma fonte rica de instruções sobre como tratarmos a raiva, a inveja, o orgulho e o desânimo; como resistir às tentações da beleza, do dinheiro e do poder; como lidar com a questão do autocontrole; como tomar decisões; e como manter os relacionamentos em bons termos. E o que o Novo Testamento ensina? Ele pressupõe tudo o que o Antigo Testamento ensina sobre a natureza da sabedoria, porém oferece aos cristãos um recurso novo e maravilhoso para fazermos o que Provérbios manda. Como deixamos de simplesmente saber a respeito de Deus e passamos a conhecer Deus? Como entender profundamente nosso coração e o coração dos outros? Por meio do Espírito Santo, que nos é dado por Jesus quando o recebemos pela fé.

O Novo Testamento chama o Espírito Santo de “espírito de sabedoria” (Ef 1.17) e “poder” (1.19). O apóstolo Paulo ora por seus amigos e pede que Deus os encha de “toda a sabedoria e compreensão que o Espírito de Deus dá” (Cl 1.9, NTLH). Quando ele fala no conhecido texto de Efésios 5 sobre sermos cheios do Espírito, os leitores são advertidos a estar “atentos para que o vosso procedimento não seja de tolos, mas de sábios” (v. 15). Ter sabedoria é saber aproveitar ao máximo, e de modo estratégico, cada circunstância da vida. E esse discernimento é resultado da influência do Espírito Santo, que também nos fortalece a viver de maneira que glorifique o Senhor (Cl 1.11) e que é chamado de “espírito de poder, de amor e de moderação” (2Tm 1.7).

Mas como o Espírito nos dá sabedoria? Devemos nos sentar quietinhos até ouvir uma voz? De jeito nenhum. Em Atos 15 observamos os líderes da igreja primitiva envolvidos em uma controvérsia para determinar se os gentios convertidos deveriam seguir as leis judaicas alimentares e outros hábitos culturais. Na verdade, estavam labutando com uma questão de política organizacional. O texto mostra que eles debateram e discutiram o assunto intensamente até chegar a uma solução. Após tomar a decisão, instruíram a igreja com estas palavras fascinantes: “Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...” (At 15.28). Ou seja, pensaram e raciocinaram da melhor maneira possível, lançaram mão do que tinham de melhor em seu repertório de conhecimentos e experiências, e chegaram a um resultado sensato que atribuíram ao Espírito Santo.

É assim que o Espírito nos faz sábios. Na noite antes de ser crucificado, Jesus explicou aos discípulos que iria enviar o Espírito Santo e salientou: “quando, porém, vier o Espírito da verdade [...] Ele me glorificará...” (Jo 16.13,14). O Espírito não nos torna sábios em um passe de mágica, dando-nos pequenas sugestões e dicas de informante sobre os melhores investimentos na Bolsa. Não, não. Ele torna Jesus uma realidade viva e luminosa, transformando nosso caráter, mudando nosso comportamento interior, dando-nos clareza, humildade, audácia, contentamento e coragem. Tudo isso, com o passar do tempo, leva ao acúmulo de sabedoria e a decisões pessoais e profissionais cada vez melhores.

Um público diferente

Em Efésios 6, Paulo expõe um princípio simples, mas profundo, que tanto enobrece o trabalho (para aqueles em perigo de achá-lo um enfado) quanto o desmistifica (para aqueles em perigo de transformá-lo em sua identidade). Paulo afirma que todo trabalho deve ser feito “como se servissem ao Senhor”:

Vós, escravos, obedecei a vossos senhores deste mundo, com temor e tremor, com sinceridade de coração, assim como a Cristo, não servindo só quando observados, como para agradar os homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus, servindo de boa vontade como se servissem ao Senhor e não aos homens. Sabendo que cada um, seja escravo, seja livre, receberá do Senhor todo bem que fizer. E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando de ameaçá-los e sabendo que o Senhor, que é Senhor tanto deles como vosso, está no céu e não faz diferença entre as pessoas (Ef 6.5-9).

Paulo está falando a servos e a senhores, e isso levanta muitas questões entre os leitores modernos quanto ao retrato bíblico da perversidade que é a escravidão. Embora haja muito a ser dito sobre o assunto,21 é importante lembrar que a escravidão no mundo greco-romano era diferente daquela do Novo Mundo, que se desenvolveu no rastro da escravidão africana. Nos tempos de Paulo, a escravidão não era baseada na raça e quase nunca era vitalícia. Era mais parecida com o que chamaríamos de contrato de servidão. Mas, para nossos objetivos, vejamos esse texto como um amplificador retórico e consideremos o seguinte: Se os senhores de escravos não deveriam tratá-los com arrogância e na base do medo, não seria isso muito mais verdadeiro para os empregadores de hoje? E se escravos aprendiam que era possível encontrar satisfação e significado em seu trabalho, não seria isso muito mais verdadeiro para os empregados de hoje?

A chave para o ensino de Paulo é tanto psicológica quanto espiritual. Ele manda que empregadores e empregados mudem seu público. Quem observa você trabalhar? Para quem você trabalha? A opinião de quem realmente vale, no fim das contas?

Aos empregados. Primeiro, os empregados devem trabalhar incondicionalmente (“com sinceridade de coração”, v. 5). Não devem trabalhar o mínimo necessário para não ser punidos; não devem se empenhar apenas quando os supervisores estão de plantão; não devem trabalhar de modo negligente ou distraído. Ao contrário, os cristãos têm de estar totalmente engajados no trabalho de mente, coração e corpo para, assim, realizá-lo da melhor maneira possível. Por quê?

Os trabalhadores cristãos conseguem pensar e trabalhar dessa maneira porque têm uma razão nova para o que fazem. Trabalham “assim como a Cristo” (v. 5), ou seja, como se trabalhassem para Cristo. Porque têm uma recompensa inimaginável em Cristo (v. 8), o trabalho não deve estar indevidamente ligado ao tamanho da recompensa que receberão de seus patrões. Um texto paralelo exorta: “E tudo quanto fizerdes, fazei de coração, como se fizésseis ao Senhor e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor a herança como recompensa” (Cl 3.23,24). O artigo definido “a” antes de “herança” mostra que Paulo está falando da bênção do mundo que está por vir.

Como podemos ver, nós, cristãos, fomos libertos para desfrutar do trabalho. Se trabalharmos como se estivéssemos servindo a Cristo, não trabalharemos demais nem de menos. Nem a possibilidade de dinheiro e fama nem a falta dessas coisas irão controlar nossas atitudes. O trabalho será, antes de tudo, um modo de agradarmos a Deus realizando sua obra no mundo, unicamente por amor ao seu nome.

Uma vez que os cristãos entendam esse princípio, observarão que existem várias implicações práticas. Primeira, devem servir com “temor e tremor” — expressão que significa, por um lado, ser gentil e respeitoso (em vez de desdenhar do que faz) e, por outro, ser confiante com humildade (em vez de ser medroso ou subserviente). A palavra “temor” provavelmente significa “o temor do Senhor”. Na Bíblia, ela não significa se acovardar de medo de Deus. Textos como Salmos 130.4 ensinam que, quanto mais experimentamos a misericórdia e o perdão de Deus, mais o verdadeiro temor do Senhor aumenta em nós. Esse temor verdadeiro do Senhor significa viver em tanta reverência e maravilha e com amor e respeito tão intensos, que tememos desonrá-lo ou magoá-lo. Imagine que você esteja hospedando alguém a quem sempre admirou e que nunca achou que iria conhecer pessoalmente. Por admirar a pessoa pela reputação que ela tem, você não se comportará de maneira descuidada; empregará todos os esforços para satisfazer todos os pedidos e desejos dessa pessoa. É assim que devemos cuidar do interesse de Deus em nosso trabalho. Devemos trabalhar de todo o coração e força, com toda a nossa habilidade e sem achar que a tarefa é um peso,

mas sim um privilégio.

Segunda, os cristãos devem trabalhar “com sinceridade de coração”, que literalmente significa singeleza de coração, um termo que conota foco e integridade. Isso quer dizer que nosso trabalho deve ser ético, sem desonestidade ou duplicidade em qualquer aspecto. Terceira, devemos trabalhar “não servindo só quando observados, como para agradar os homens”. Isso quer dizer que não trabalhamos com afinco somente quando estão de olho em nós, nem fazemos somente o que é necessário para cumprir o contrato. Por fim, o termo “de boa vontade”, no versículo 7, significa que os cristãos devem trabalhar com alegria e disposição.

Aos empregadores. Aqui Paulo diz aos patrões que eles também são escravos — escravos de Cristo (v. 9). Esse é um conceito extraordinário e radical para ser introduzido em uma cultura rigidamente hierárquica. Paulo está dizendo: “Comportem-se entre seus escravos como se vocês fossem escravos também!”. É fácil não tomar conhecimento da pequena frase “fazei o mesmo”, ou seja, fazei do mesmo modo. De que modo? Do mesmo modo que os escravos deviam tratar seus senhores — com o maior respeito por suas necessidades! Peter O’Brien, estudioso do Novo Testamento, escreve:

Em uma exortação chocante aos donos de escravos do mundo greco-romano do primeiro século, o apóstolo os adverte: tratem seus escravos da mesma forma. De acordo com uma afirmação atribuída a Sêneca, “todos os escravos são [nossos] inimigos”, enquanto muitos senhores eram tiranos e abusivos. Na forma de lidar com seus escravos, sabe-se que os mestres os atormentavam com surras, assédio sexual ou com ameaças de vendê-los e mandá-los para longe de suas famílias. A enigmática exortação de Paulo é ultrajante. Mas não significa que os donos devam servir aos seus escravos [...] provavelmente ela mira suas atitudes e ações, que, como as dos escravos, devem ser governadas pelo relacionamento com o Senhor celestial. Um resultado disso é que os senhores deixarão de ameaçar seus escravos. Isso não sugere que os escravos não pudessem ser advertidos e punidos quando errassem. Antes, a afirmação rejeita todas as

formas de manipular, degradar ou aterrorizar os escravos com ameaças. No contexto imediato, os escravos já foram instruídos a mostrar respeito, sinceridade de coração e boa vontade; agora os donos são incentivados a tratá-los da mesma forma.22

O motivo dessa atitude radical de Paulo não é somente porque senhores e escravos são iguais perante Deus, mas também porque Deus (a quem todos prestarão contas de igual modo) é imparcial. Deus não tem favoritos. Deus não trata ninguém de modo diferente por causa da raça, classe social ou escolaridade da pessoa. Como Romanos 3 mostra, todos são considerados igualmente culpados e todos podem igualmente receber graça por meio da fé. Paulo está dizendo de maneira incisiva aos senhores: “Não se achem melhores, nem em condições espirituais mais vantajosas do que seus empregados e escravos”.

Uma vez que os empregadores e líderes cristãos entendam esses princípios, várias implicações práticas aparecem. Primeira, “deixando de ameaçá-los” significa que os empregadores não devem usar a culpa e a intimidação para motivar seus empregados. Não podemos pressupor que cada servo a quem a carta de Paulo se dirigia tinha patrões cristãos ou que os patrões tinham somente escravos cristãos. Então os senhores não podiam supor que seus servos estavam “trabalhando como se servissem a Deus”. De qualquer maneira, quer o servo fosse cristão ou não, é dito que os patrões não devem recorrer ao medo como fonte primária de motivação ao trabalho. Segunda, “fazei o mesmo para com eles” significa: “Busquem maneiras de promover os interesses das pessoas sob sua liderança assim como acabei de mandar que elas servissem a vocês”. Isso mostra que você se interessa por elas como pessoas e investe de forma integral na vida delas, e não apenas na sua capacidade produtiva. Terceira, Paulo lembra aos senhores que Deus não tem o mínimo interesse em distinções de classe social, e, portanto, elas não deveriam nos interessar. Os patrões não devem agir com condescendência, menosprezo nem arrogância.

Todos nós trabalhamos para determinado público, quer tenhamos conhecimento disso ou não. Alguns querem agradar os pais, outros querem impressionar os

amigos, outros buscam a aprovação dos superiores, e muitos têm o objetivo estrito de satisfazer seus próprios interesses. Entretanto, todos esses públicos são inadequados. Trabalhar só para satisfazê-los resultará em trabalho demais ou de menos — às vezes em uma mistura dos dois, dependendo de quem estiver observando. Mas os cristãos buscam o Público que é o único Deus, nosso amoroso Pai celeste, e isso confere responsabilidade e alegria a nosso trabalho.

A orientação de uma nova bússola

Se os cristãos são motivados por virtudes diferentes, inspirados por uma perspectiva diferente da humanidade, estimulados por uma fonte diferente de sabedoria e apresentam-se para um público distinto, como se comportarão de modo diferente no trabalho? Gostaria de dar alguns exemplos.

Os cristãos devem ficar conhecidos por não serem cruéis. Devem ter a reputação de serem justos, cuidadosos e preocupados com os outros. Devem ser marcados pela simpatia e pela disposição incomum de perdoar e se reconciliar. Não devem ter vingança, falsidade e rancor no coração.

Há tempos ouvi uma história inesquecível de um cristão que exibia esse tipo de integridade e compaixão. Logo após plantarmos nossa igreja na cidade de Nova York, notei que uma jovem, obviamente visitante, saía do recinto logo ao término do culto. Um dia eu a interceptei. Ela me explicou que estava analisando o cristianismo. A moça ainda não havia abraçado nossa doutrina, mas achava-a interessante. Perguntei como ela havia chegado até nossa igreja, e esta foi sua história.

A moça havia trabalhado para uma empresa de Manhattan e, assim que começou sua jornada ali, cometeu um erro imenso que, em sua opinião, lhe custaria o emprego. Mas seu chefe foi conversar com o superior dele e assumiu toda a

responsabilidade pelo acontecido. Como resultado, sua reputação ficou arranhada e ele perdeu um pouco do trânsito que possuía dentro da organização. A moça ficou impressionada com a atitude do chefe e foi lhe agradecer. Ela explicou que muitas vezes seus supervisores levavam crédito pelo que ela havia realizado de bom, mas nunca soube de um que tivesse aceitado a culpa por um erro dela. A moça quis saber por que ele era diferente. O chefe se comportou com humildade e evitou a pergunta, mas ela insistiu. Por fim, ele respondeu: “Sou cristão. Isso significa que, entre outras coisas, Deus me aceita porque Jesus Cristo levou a culpa pelas coisas erradas que cometi. Ele fez isso na cruz. Esse é o motivo pelo qual desejo e às vezes consigo levar a culpa que é dos outros”. A moça fixou o olhar nele por um longo tempo e perguntou: “Que igreja o senhor frequenta?”. Ele sugeriu que ela fosse à igreja Redeemer, e ela foi. O caráter daquele homem foi moldado pela experiência da graça encontrada no evangelho, o que tornou atraente e notoriamente distinto seu comportamento como supervisor. A ausência de egocentrismo e crueldade por parte do supervisor acabou transformando a vida daquela jovem.

Além disso, os cristãos devem ser conhecidos pela generosidade, e isso se revela de muitas maneiras no ambiente de trabalho. Os administradores podem ser generosos com seu tempo e investimento na vida dos funcionários e clientes. Os pequenos empresários podem reter menos lucro e repassar a diferença em melhores preços aos clientes e melhores salários aos funcionários. Como cidadãos, podem ser visivelmente generosos com seu tempo e dinheiro, ofertando mais de sua renda financeira do que outros na mesma situação econômica. Podem adotar um estilo de vida mais modesto do que aquele que poderiam usufruir, a fim de ser mais generosos financeiramente para com os semelhantes.

Os cristãos também devem ser conhecidos por se manterem calmos e equilibrados diante de dificuldades ou fracassos. Essa talvez seja a maneira mais correta de avaliar se a pessoa está se nutrindo das fontes do evangelho no desenvolvimento do seu caráter pessoal. Em Mateus 6.19,21, Jesus diz: “Não ajunteis tesouros na terra, onde traça e ferrugem os consomem, e os ladrões invadem e roubam [...] Porque onde estiver teu tesouro, aí estará também teu coração”. O que ele quis dizer? Todo mundo tem tesouros — coisas que

estimamos, com as quais nos alegramos e que prezamos acima de tudo. Essas coisas também são chamadas de ídolos, e entendê-los significa entender muito da hierarquia que trazemos na alma e do alicerce de nossa personalidade. Se nosso valor depende principalmente da aprovação dos amigos, ou da conta bancária, ou de sermos sempre bem-sucedidos — isso tudo se transforma em tesouros. Mas Jesus deixa bem claro que somos pessoas inseguras demais se nos apegamos a essas coisas. Elas podem se acabar ou ser roubadas.23 Então, nossa vida desmorona.

É por isso que tantas pessoas se desesperam diante da possibilidade de um revés na carreira profissional ou um fracasso nos negócios. Quando o significado da vida e a identidade pessoal correm perigo, entramos em pânico, agimos impulsivamente, muitas vezes descobrimos nossa capacidade de mentir e trair para salvar a própria pele ou simplesmente nos entregamos ao desespero. Mas Jesus ensina: “Ajuntai tesouros no céu” (v. 20). O que isso significa? Paulo afirma que todos os tesouros estão escondidos em Cristo (Cl 2.3), e Pedro diz que Cristo foi rejeitado por nós, morrendo para receber o que nós merecíamos, e, assim, para os que creem, ele é precioso (1Pe 2.7). (Na verdade, Pedro diz literalmente, “ele é preciosidade”. Jesus é o padrão pelo qual as coisas são avaliadas.) Isso não é simplesmente retórica ou teologia abstrata. A Bíblia está dizendo: você só é verdadeiramente rico se Jesus for o seu tesouro, pois ele é a única riqueza que jamais se desvaloriza. E você só é verdadeiramente bem-sucedido se ele for o seu Salvador, pois o status que temos com Cristo é o único que jamais é rebaixado.

Por fim, os cristãos não devem ser vistos como intolerantes. Muitos cristãos não se identificam como cristãos diante dos colegas. Simplesmente se confundem com a multidão. Outros exibem sua fé, mas falam e agem de modo que os não cristãos se sentem sutilmente (ou abertamente) marginalizados ou desdenhados. Porém, se temos uma compreensão integrada e não dualista do trabalho, sabemos que, por meio da providência de Deus e da graça comum, muitos não cristãos receberam talentos para realizar suas tarefas de modo excelente. Assim, respeitamos e tratamos as pessoas de outras crenças como parceiros valiosos no trabalho — e, ao mesmo tempo, não sentiremos vergonha de ser identificados com Jesus. Se o cristão evitar esses dois erros, estará conseguindo um equilíbrio

raro e sólido.

Sei de um homem que, há alguns anos, iniciou uma empresa baseado no conhecimento de que, em determinado setor de serviços financeiros, os fornecedores de um produto específico usavam a complexidade da burocracia e o desconhecimento dos clientes para manter os preços lá em cima. Esse empresário acreditava que uma nova empresa, sendo mais honesta com os clientes, conseguiria oferecer preços menores e serviços melhores, o que resultaria não apenas em lucros sólidos, mas também ajudaria a promover reforma e integridade em um campo de trabalho que precisava disso desesperadamente. Quando apresentou a ideia a sócios e funcionários em potencial, o homem alcançou um equilíbrio notável. Ele explicou que a nova empresa seria guiada por valores e expôs esses valores. O empresário enfatizou que estava comprometido com os valores não meramente por questão de honestidade. Explicou que esses valores eram resultantes de sua fé cristã, mas, acrescentou rapidamente que, independentemente das crenças individuais, se as pessoas estivessem comprometidas com os mesmos valores, seriam parceiras de igual importância. Esse é um ótimo exemplo de como testemunhar abertamente da fé sem ser intolerante ou sectário. É algo difícil de ser colocado em prática e também raro acontecer; mas pode ser uma força extraordinária para o bem do ambiente de trabalho.

Ética cristã em sua profissão

Mesmo quando cristãos trabalham com integridade dentro de sistemas que não são inerentemente corruptos, é necessário que façam perguntas abrangentes sobre o modo que o trabalho é feito em sua profissão. Em particular, os cristãos têm de estar sempre descobrindo — nas comunidades de fé e práticas — como sua área de trabalho pode ser mais justa e benéfica para um número maior de pessoas.

Por exemplo, o economista cristão Michael Schluter resume as críticas que cristãos e outros fizeram ao capitalismo em sua forma atual.24 Quase todos os problemas citados resultam da perda da primazia dos relacionamentos humanos. Primeiro, o tamanho cada vez maior e o alcance global das empresas distanciam da comunidade local os investidores e os responsáveis pelas decisões. Assim, por exemplo, antigamente os diretores dos bancos de Baltimore moravam em Baltimore e faziam parte do conselho de hospitais, museus e outras instituições culturais. Hoje, os principais executivos dos bancos de Baltimore moram em Charlotte, Nova York ou Londres. Estão praticamente desligados das necessidades das comunidades onde tantos funcionários e clientes vivem.

Segundo, o risco envolvido em um empréstimo financeiro está diminuindo — às vezes chegando a zero — devido ao socorro do governo e a instrumentos financeiros altamente complexos. Isso significa que praticamente não existe consequências para os maus investimentos e empréstimos. Por exemplo, se você fosse um gerente de banco e uma conhecida pedisse empréstimo para comprar uma casa e um conhecido pedisse empréstimo para iniciar uma pequena empresa, você avaliaria profundamente se os empréstimos iriam ser proveitosos. O empréstimo imobiliário ajudaria a valorizar o investimento feito pela mulher? A nova empresa seria bem-sucedida em criar empregos na comunidade? Como gerente de banco, as consequências de uma decisão malfeita são óbvias. Nos dias de hoje, os envolvidos nem se conhecem, e os antigos mecanismos que puniam os maus investimentos e recompensavam os lucrativos estão desaparecendo.

Terceiro, há uma tendência cada vez maior, baseada em fatores já discutidos, de administradores que correm atrás de lucro aumentarem seus rendimentos à custa da saúde da empresa a longo prazo e também à custa de seus funcionários, clientes e do meio ambiente. Com isso eles conseguem lucrar, deixar todo mundo mais pobre, e a cada dia que passa a infâmia dessa atitude perde força.

Por fim, existe uma tendência que os sociólogos chamam de “comodificação”, algo definido como atribuir valor monetário e aplicar a análise custo-benefício a coisas como relacionamentos, família e compromisso cívico. É inexorável que os

valores do mercado se intrometam em todos os aspectos da vida. Por exemplo, acidentes e tragédias eram tratados por meio do apoio comunitário e ensinos espirituais, mas, na era de litígios em que vivemos, o “estresse mental” tem de ser recompensado por algum valor financeiro objetivo. O sofrimento é mensurado por um número; portanto, nos tribunais, a discussão gira em torno desse número. Qual é a extensão do sofrimento e da dor do pleiteante? Que quantia monetária irá ajudá-lo a lidar com seu sofrimento? Um livro recente, The Outsourced Self: Intimate Life in Market Times [A terceirização do eu: a vida íntima em tempos de mercado], afirma que a vida íntima da família não é mais, como a descrevia o historiador e crítico cultural Christopher Lasch, “um refúgio em um mundo cruel”. A descrição apresentada no livro resume um ponto de vista que muitos defendem faz tempo:

A família sempre foi um refúgio em um mundo cruel, o único lugar imune às forças do mercado e aos cálculos econômicos, onde predominam o pessoal, o privado e o emocional. Porém [...] isso não mais acontece: tudo que fazia parte da vida privada — amor, amizade, educação de filhos — está sendo transformado em técnicas para serem vendidas a americanos confusos e atormentados [...] Este livro traça as incursões do mercado em cada estágio da vida íntima. De agências de namoro que treinam pessoas para serem CEOs de sua própria vida amorosa a organizadores de festas de casamento que ajudam os noivos a elaborar sua “história pessoal”; de especialistas que ajudam os pais a escolher o nome do bebê a especialistas em coaching pessoal (profissionais que ajudam as pessoas a definirem seus alvos); de agências de barrigas de aluguel na Índia a carpideiras contratadas para espalhar as cinzas de seu ente querido no oceano de sua preferência [...] o mais intuitivo e emocional dos atos humanos se transformou em trabalho que pode ser contratado.25

Como observamos, a natureza triúna de Deus e o fato de sermos criados à imagem dele significam que a vida humana é fundamentalmente relacional. No entanto, o capitalismo moderno tem poder cada vez maior de eliminar a intimidade e a responsabilidade dos relacionamentos humanos. Assim, no mundo corporativo, como em qualquer campo de trabalho, existe uma necessidade urgente de pessoas com bússolas poderosas para nos orientar.

Reflexão teológica e ética na profissão é coisa difícil. É muito mais fácil nos concentrarmos na tarefa que temos pela frente e simplesmente trabalhar com integridade pessoal, habilidade e alegria de coração. Na verdade, esse é um aspecto importante do que significa para o cristão ser íntegro no trabalho, porém é necessário mais do que isso. Os cristãos devem analisar de modo persistente e profundo a configuração do trabalho em sua esfera de ação e se (em termos bíblicos) ela está o mais possível de acordo com o bem-estar humano e a justiça.26

E se não estiver, o que devemos fazer? Muitos profissionais em início de carreira não têm influência para fazer nenhum tipo de mudança importante em seu campo ou ambiente de trabalho. Mas, se você investiu tempo em reflexão séria, quando tiver mais poder e influência — e especialmente se puder iniciar um negócio próprio —, é bem provável que consiga fazer mudanças que levem seu trabalho a influenciar sua profissão. Talvez você ajude uma empresa de serviços financeiros ou de informática a ser tão transparente com os acionistas e clientes que force outras empresas a agir com mais integridade. Talvez inicie uma produtora de filmes, funde uma escola ou administre uma galeria de artes — combinando excelência e valores de tal modo que cause impacto em muitas pessoas que trabalham no mesmo ramo. Essas iniciativas permitirão que você "sirva ao trabalho" em um patamar totalmente novo. No entanto, a não ser que comece a analisar profundamente seu trabalho agora, nada disso acontecerá. Só quando fizer essa análise você estará pronto para fazer as mudanças se e quando as oportunidades se apresentarem. Trabalhe na esperança de que Deus lhe abra essas portas no futuro.

[1]Segundo o dicionário Houaiss, securitização é "conversão de empréstimo e outros ativos em securities, a serem vendidas a investidores". [N. do E.]↩

[2]Sheelah Kolhatkar, "Trading Down", The New York Times, 05/07/2009.↩

[3]“Forswearing Greed”, The Economist, 06/06/2009, p. 66.↩

[4]Light, Salt, and the World of Business: Why We Must Stand Against Corruption, International Fellowship of Evangelical Students, 2007.↩

[5]“Why Was Transparency International Founded?”, Transparency International, disponível em: <www.transparency.org/whoweare/organisation/faqs_on_transparency_internatio #whyTIFounded>.↩

[6]Op. cit., p. 20.↩

[7]Paul Batchelor e Steve Osei-Mensah, Lausanne Global Conversation, disponível em: <http://conversation.lausanne.org/en/conversations/detail/12129#article_page_4>

[8]V. Meera Selva, “UK Politicians: Banking System Is Corrupt”, Seattle Times, 30/06/2012, disponível em: <http://seattletimes.nwsource.com/ html/businesstechnology/2018564970_apeubritainbanks.html>.↩

[9]New York: Oxford University Press, 2011.↩

[10]The Book of Proverbs: Chapters 1-15, Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 96. Meu livro Justiça Generosa (Edições Vida Nova, 2013) amplia esse conceito.↩

[11]V. p. 95-121. Lewis relaciona algumas características que eram reconhecidas universalmente nas culturas antigas, fosse a cultura pagã do norte da Europa ou as culturas grega, romana, egípcia, judaica, confucionista, budista ou cristã. Essas características eram: “beneficência” em geral (ou seja, tratar o semelhante como você gostaria de que ele o tratasse); beneficência especial (lealdade e amor para com o próprio povo, tribo ou nação); amor e respeito pelos pais e ancestrais, cuidado e preocupação com os filhos e a posteridade; “justiça” (incluindo ser fiel ao cônjuge, falar a verdade e tratar a todos igualmente nos tribunais); cumprir o prometido; misericórdia com o pobre e o fraco; e “grandeza de coração”, ou seja, coragem, autodisciplina e honra. Como veremos no restante deste capítulo, as “virtudes teológicas” do cristão estão ausentes dessa lista, em sua grande maioria. Embora as culturas antigas exigissem misericórdia para com os pobres e os fracos, a exigência não estava enraizada no ensino de que cada pessoa foi criada à imagem de Deus e, portanto, tinha direito de ser bem tratada. Ao contrário, ser misericordioso era comportamento de uma pessoa nobre. Resumindo, praticar misericórdia era mais para a felicidade e a honra da própria pessoa do que para beneficiar o pobre. Veja como Agostinho aplicou a doutrina cristã à ética e mudou o antigo pensamento pagão quanto ao motivo e à maneira de tratar os mais fracos, em Nicholas Wolterstorff, “Augustine’s Break with Eudaimonism”, in: Justice: Rights and Wrongs, Princeton: Princeton University Press, 2010, p. 180-207. ↩

[12]Summa Theologica, II.1.61. Há muitas versões disponíveis, inclusive online. V. por ex. New Advent, disponível em: <www.newadvent.org/summa/2061.htm>. [Para versão em português, consulte: <www.permanencia.org.br/drupal/node/8>.] ↩

[13]A Brief History of Thought: a Philosophical Guide to Living, New York: HarperCollins, 2011, p. 58-9.↩

[14]Ibidem, p. 60.↩

[15]Para a exposição mais detalhada desse entendimento da criação do mundo por Deus, v. o tratado de Jonathan Edwards “Concerning the End for Which God Created the World”, in: The Works of Jonathan Edwards: Ethical Writings, v. 8, Paul Ramsey, org., New Haven: Yale University Press, 1989. ↩

[16]Ibidem, p. 58.↩

[17]Politics, I.V. A citação é da tradução de Benjamin Jowett, Mineola: Dover Thrift Edition, 2000, p. 12.↩

[18]Institutes of the Christian Religion, John T. McNeill, org., Ford Lewis Battles, trad., Philadelphia: Westminster Press, 1960, III.4.6.696-7. Eis a citação mais completa: “Os homens são quase todos indignos, se julgados por seus próprios méritos. Mas aqui a Bíblia ajuda da melhor maneira ao ensinar que não devemos achar que temos algum mérito, mas, sim, admirar em todas as pessoas a imagem de Deus, a quem devemos toda honra e amor. Você dirá: ‘Essa pessoa é desprezível e inútil’; porém o Senhor mostra que ela é alguém a quem Deus concedeu a beleza de sua imagem. Você pode afirmar que não lhe deve nada; mas Deus, por assim dizer, a colocou em lugar dele mesmo, para que você possa reconhecer em relação a essa pessoa os muitos e grandes benefícios com os quais Deus trouxe você para seus braços. Você pode dizer que ela não merece o mínimo de esforço da sua parte; mas a imagem de Deus nela, algo que lhe confere respeito, é digna de que você doe a si mesmo e a todos os seus bens [...]. Você dirá: ‘Ela merece algo bem diferente do que eu mereço’. Mas o que o Senhor mereceu? [...] Lembre-se de não considerar as intenções maldosas dos homens, mas [...] admire neles a imagem de Deus, que [...] com sua beleza e dignidade nos instiga a amá-los e aceitá-los”.↩

[19]A obra principal é de Brian Tierney, The Idea of Natural Rights: Studies on Natural Rights, Natural Law and Church Law 1150– 1625, Atlanta: Scholars

Press, 1997. V. tb. Tierney, “The Idea of Natural Rights— Origins and Persistence”, Northwestern Journal of International Human Rights, v. 2, primavera de 2004.↩

[20]Embora seja óbvio que pessoas que não creem em Deus possam crer nos direitos humanos e trabalhar fervorosamente por justiça — o que, na verdade, está de acordo com o entendimento cristão da graça comum —, isso é bem diferente de achar que sua crença nos direitos humanos é intelectualmente fundamentada. A maioria das pessoas sem religião partilha essencialmente das crenças de muitos dos pensadores gregos e romanos da Antiguidade, ou seja, a crença de que viemos de um cosmo impessoal e que depois da morte nossa matéria voltará a um estado indiferenciado, inconsciente e impessoal. Mas governos e organizações seculares não retornam à posição dos antigos pensadores, que seria mais logicamente consistente, e continuam mantendo a dignidade inviolável e o valor de cada pessoa. Nada os impede de fazer isso e, de qualquer ponto de vista que se analise a questão, para a sociedade é melhor que eles não retornem mesmo à maneira que os antigos pensadores concebiam a vida humana. Tais crenças nos direitos humanos, contudo, são um enorme salto de fé que os distancia de sua própria cosmovisão da natureza humana, pois crer nos direitos humanos faz muito mais sentido se Deus existir do que se ele não existir. Nicholas Wolterstorff defende esse argumento em “Is a Secular Grounding of Human Rights Possible?” [É possível um fundamento secular para os direitos humanos?] e “A Theistic Grounding of Human Rights” [Um fundamento teísta de direitos humanos], caps. 15 e 16 em seu livro Justice: Rights and Wrongs [Justiça: erros e acertos]. V. tb. Christian Smith, “Does Naturalism Warrant a Moral Belief in Universal Benevolence and Human Rights?” [O naturalismo garante uma crença moral na bondade universal e nos direitos humanos?], in: The Believing Primate: Scientific, Philosophical, and Theological Reflections on the Origin of Religion [O primata piedoso: reflexões científicas, filosóficas e teológicas sobre as origens da religião], J. Schloss e M. Murray, orgs., Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 292-317. Portanto, embora milhões de pessoas sem religião creiam na dignidade humana e nos direitos humanos, tal crença é de natureza essencialmente religiosa.↩

[21]O leitor de hoje se retrai ao ouvir “escravos” (v. 5) e “senhores” (v. 9),

especialmente porque pensamos logo no mercado de escravos africanos de nosso tempo, em que a escravidão era baseada na raça, era vitalícia e acontecia por sequestro. Mas no Mundo Antigo, havia muitos tipos de "escravidão". Há evidências fortes de que muito da escravidão envolvia inclemência e brutalidade, mas também existem evidências de que muitos escravos não eram tratados como os escravos africanos, mas tinham vida normal e recebiam salário vigente, porém não tinham permissão para desistir do trabalho nem mudar de patrão e permaneciam na escravidão por uns dez anos. Prisioneiros de guerra normalmente tornavam-se escravos, e os homens que cometiam crimes podiam ser sentenciados à escravidão em navios. A pessoa poderia se tornar escrava por um período de tempo para pagamento de dívidas, pois não existia declaração de falência naquela época. Geralmente, isso resultava em um contrato de servidão até que a dívida fosse paga. Talvez nos surpreendamos ao saber que escravos podiam ser donos de escravos, e muitos escravos eram médicos, professores, administradores e funcionários públicos. (V. a discussão sobre escravidão na Antiguidade de Andrew T. Lincoln, Word Biblical Commentary: Ephesians, Word, 1990, p. 415-20.) → Em sua pesquisa, Lincoln afirma que ninguém no mundo antigo conceberia uma estrutura econômica ou trabalhista sem a escravidão. Embora houvesse formas brutais de escravidão, o conceito — contrato de servidão no qual o trabalhador não tinha liberdade para comercializar suas aptidões a outros empregadores — era algo normal. Citando outro estudioso, ele escreve que isso era tão aceitável que "é incorreto que alguém discorra sobre o 'problema' da escravidão na Antiguidade" (Lincoln, apud Westerman, p. 415). Em outras palavras, ninguém — nem mesmo os escravos — achava que essa instituição deveria ser totalmente abolida. É por isso que as cartas de Paulo não falam sobre abolição dos escravos, mas têm como objetivo transformar interiormente essa antiga instituição diversificada. Como o teólogo F. F. Bruce comenta sobre as breves afirmações de Paulo quanto à igualdade entre escravos e senhores em 1Coríntios, Gálatas, Efésios, Colossenses e Filemom: "O que as cartas de Paulo fazem é nos levar a um ambiente no qual a escravidão poderia simplesmente secar e morrer" (F. F. Bruce, Paul: Apostle of the Heart Set Free, Grand Rapids: Eerdmans, 1977, p. 407). [Publicado no Brasil com o título Paulo, o apóstolo da graça, Shedd Publicações, 2003.] É isso mesmo. A escravidão era algo aceitável em todas as culturas e sociedades do mundo desde tempos imemoriais. Foi somente no cristianismo que surgiu a ideia de que a escravidão era algo abominável. Por quê? Em grande parte, por causa das implicações do evangelho, apresentadas por Paulo. Todos os cristãos são "escravos" de Cristo, que se tornou ele mesmo um doulos, ou servo (Fp 2.7). Paulo estava sempre dizendo aos cristãos donos de escravos que, aos olhos de

Deus, seus escravos eram iguais a eles e tinham de ser tratados como irmãos (1Co 7.22,23). Em Gálatas 3.26-29, Paulo escreve que, em Cristo, não há escravo nem livre — novamente, todos são iguais. O estudo de caso ao qual ele aplica sua teologia do evangelho é o livro de Filemom. Nele, o apóstolo envia Onésimo, um escravo cristão, de volta a seu dono cristão. Paulo diz a Filemom que Onésimo é agora seu amado irmão no Senhor e companheiro. No livro Public Faith: How Followers of Christ Should Serve the Common Good, Grand Rapids: Brazos, 2011, Miroslav Volf afirma que esse tipo de ensino transforma de tal forma o relacionamento senhor-servo que, apesar de ainda existir na forma — pois o empregado continua a trabalhar para seu empregador —, "a escravidão foi abolida, embora a instituição externa persista..." (p. 92). Isso naturalmente minou e enfraqueceu a escravidão entre os cristãos de forma rápida, e ela acabou "esvaziada de seu conteúdo central" até que, finalmente, foi descartada. Mais tarde, a instituição da escravidão no Novo Mundo, baseada na raça e alimentada por sequestros, era tão contrária aos princípios bíblicos que os cristãos iniciaram a luta para que ela fosse abolida. Apesar de o assunto ser bem complicado, é importante que cristãos de hoje reflitam sobre ele. Muitas pessoas que criticam o cristianismo simplesmente pressupõem que a Bíblia apoia a escravidão e que, assim, pode estar errada sobre outras coisas que ensina. Na verdade, a teologia bíblica destruiu o âmago coercivo da escravidão dentro da comunidade cristã e, por fim, levou os cristãos a abolir a instituição que, inevitavelmente, se predispunha à opressão. Para saber mais a respeito de como o cristianismo plantou no mundo a ideia de que a escravidão era um erro, v. Rodney Stark, For the Glory of God, Princeton:Princeton University Press, 2003, cap. 4, "God's Justice". Em resumo, quando Paulo fala aos cristãos em Efésios 6, não está denunciando a escravidão em si (o que teria sido inútil na Roma imperial). Está falando diretamente aos indivíduos cristãos dentro da instituição da escravidão sobre a maneira de se portarem, e o que Paulo diz é bastante revolucionário. ↩

[22]The Letter to the Ephesians, Pillar New Testament Commentary, Grand Rapids: Eerdmans, 1999, p. 454.↩

[23]Na época de Jesus aqui na terra, a traça representava um grande perigo, pois a maior parte da riqueza de alguém era constituída de roupas; a moda variava muito pouco e geralmente as roupas eram passadas de uma pessoa a outra — e,

claro, os “ladrões” humanos estão sempre prontos a roubar o que mais amamos.↩

[24]V. Jonathan Rushworth e Michael Schluter, Transforming Capitalism from Within: A Relational Approach to the Purpose, Performance, and Assessment of Companies, Cambridge: Relationships Global, 2011.↩

[25]Arlie Hochschild, Metropolitan Books, 2012.↩

[26]Bons lugares por onde começar: Sobre capitalismo – Bob Goudzwaard, Capitalism and Progress: A Diagnosis of Western Society, Paternoster Press, 1997; John Medaille, The Vocation of Business: Social Justice in the Marketplace, New York: Continuum Books, 2007. Sobre decisões empresariais – Jeff Van Duzer, “How Then Should We Do Business?”, in: Why Business Matters to God: And What Still Needs to Be Fixed, Downers Grove: Inter-Varsity Press, 2010; Lee Hardy, “Part Two: Applications”, in: The Fabric of This World: Inquiries into Calling, Career Choice, and the Design of Human Work, Grand Rapids: Eerdmans, 1990; v. tb. Rushworth e Schluter, Transforming Capitalism from Within. Em geral – Michael Goheen e Craig Bartholomew, “Life at the Crossroads: Perspectives on Some Areas of Public Life”, in: Living at the Crossroads: An Introduction to Christian Worldview, Grand Rapids: Baker, 2008.↩

doze

Novo poder para o trabalho

E tudo quanto fizerdes, fazei de coração.

Colossenses 3.23

O trabalho que está por trás do trabalho

Após terminar sua residência em psiquiatria, uma jovem médica foi trabalhar em um hospital de Nova York. A jovem se tornou amiga de uma médica um pouco mais velha e que estava grávida do segundo filho. “Sabe do que eu gosto mais na gravidez?”, essa médica perguntou à amiga. “Gosto de estar grávida porque é a única ocasião em que me sinto produtiva o tempo inteiro. Mesmo dormindo, estou fazendo alguma coisa!”. A jovem médica ficou admirada de a amiga basear sua autoestima tão inteiramente na produtividade, que parecia aliviada por ter enfim descoberto uma tarefa que podia realizar incessantemente. A jovem ponderou: “Para muitos de nós, ser produtivo e fazer alguma coisa se transforma [...] numa tentativa de redenção. Ou seja, por meio do trabalho, buscamos construir nosso valor, segurança e significado”.1

Muita gente está buscando consciência pessoal por meio da produtividade e do sucesso — mas acaba extenuada. Para outras pessoas, a motivação é levar para casa um contracheque de modo que possam aproveitar a “vida de verdade” — mas isso transforma o trabalho em amolação fútil. Essas motivações são o que

chamamos de o “trabalho que está por trás do trabalho”. E são elas que, no fim das contas, tornam o trabalho física e emocionalmente exaustivo.

Embora os doze discípulos tenham deixado suas redes depois que conheceram Jesus (Lc 5.11), mais tarde eles voltaram à atividade da pesca. Vemos que Paulo continuou fabricando tendas enquanto trabalhava como evangelista. Esses homens não deixaram o “trabalho secular” de lado após terem conhecido Jesus e também não refrearam sua disposição e fervor. Ao contrário, o que mudou para sempre foi o relacionamento dos discípulos com o trabalho. Jesus lhes deu uma perspectiva global da questão; na verdade, ele próprio era essa perspectiva. Jesus chamou deliberadamente os discípulos para um tipo de pescaria que ia além da pescaria a que estavam acostumados: “Não temas; de agora em diante serás pescador de homens” (Lc 5.10). Em outras palavras, ele veio redimir e curar o mundo e convidou os discípulos para participarem do projeto. Agora eles possuíam identidade e importância desvinculadas de seu trabalho e posição financeira. Assim, os homens poderiam se afastar do trabalho (se necessário), retornar a ele ou encará-lo de maneira diferente. Conheceram uma nova libertação do trabalho e no trabalho. Observe que Jesus chamou os discípulos num momento de grande sucesso financeiro — mas eles não tiveram problemas em deixar suas redes para trás. Na presença de Jesus, eles não eram mais controlados pelo trabalho.

Isso tudo talvez pareça bastante idealístico para nós. Afinal, o mar não iria ficar sem peixes e nenhum chefe da indústria pesqueira iria impedi-los de voltar ao trabalho após um período de ausência não remunerada com Jesus. Entretanto, a história nos obriga a fazer perguntas importantes. Será que deixamos o trabalho nos controlar tanto que nem percebemos quando Deus nos apresenta uma nova oportunidade? Conquistamos nossa “grande pesca” — um bônus gordo no fim do ano ou um novo emprego — e imediatamente nos concentramos em conseguir algo melhor ainda? Como nos libertar das tentações do trabalho e, ao mesmo tempo, continuar nele?

Encontramos um exemplo fascinante dessa liberdade no segundo livro de Reis,

capítulo 5. Depois que Naamã, o primeiro-ministro da Síria, passa a ter fé no Deus de Israel, ele não abandona seu trabalho. Ao contrário, carrega um punhado da terra de Israel para se ajoelhar nela sempre que sua responsabilidade de acompanhante do rei da Síria o levasse ao templo de Rimom, o deus sírio. Rimom era basicamente uma versão divinizada da própria Síria. Portanto, de fato, Naamã está dizendo: “Continuarei servindo ao meu país, contudo não vou mais adorar o meu país. Os interesses nacionais da Síria são importantes para mim, porém deixaram de ser meu valor ou deus absoluto”. Meu amigo que trabalhava na empresa de fundos de ativos privados tomou decisão parecida quando abriu mão do bônus resultante do investimento de sua organização num projeto que era perfeitamente legal, mas não ajudava o desenvolvimento da comunidade. Para esses dois homens, o encontro com Deus lhes deu poder para se libertarem dos ídolos de suas profissões. Esse poder os libertou das garras do trabalho que está por trás do trabalho.

Já dissemos que o evangelho substitui o enredo que motiva nosso trabalho, altera o conceito do que é trabalho e reorienta a direção ética que adotamos no trabalho. Além disso, o evangelho também nos dá poder para o trabalho ao nos envolver em uma nova paixão e em um tipo mais profundo de descanso.

O poder da verdadeira paixão

Uma palavra que lemos e ouvimos muito hoje em dia é paixão. A paixão nos faz sobressair em tudo o que realizamos. Todavia, há diferentes fontes e tipos de paixão. Às vezes, ela gera uma atividade frenética alicerçada mais no medo de fracasso do que na busca de sucesso. Esse tipo de paixão até produz muita atividade, mas da perspectiva cristã ela é falsa. Ela é alimentada pelo trabalho que está por trás do trabalho e é insustentável, como o brilho intenso de uma lâmpada que, ao queimar, se extingue.

Dorothy Sayers nos ajuda a entender a paixão falsa que motiva nosso trabalho.

Em seu livro Creed or Chaos? [Crença ou caos?], Sayers discute os sete pecados capitais tradicionais, incluindo a apatia ou indiferença, que geralmente é traduzido como “preguiça”. Mas, como Sayers explica, esse é um termo errôneo, porque preguiça (como geralmente definimos a palavra) não é a natureza verdadeira dessa condição. A apatia, como a escritora afirma, significa uma vida guiada simplesmente pela análise custo-benefício do lema “o que eu ganho com isso?”. Sayers escreve: “A apatia é o pecado de não crer em nada, não se importar com nada, não se alegrar em nada, não amar nada, não odiar nada, não achar propósito em nada, não viver para nada e continuar vivo somente porque não há razão para morrer. Todos conhecemos isso muito bem e há muito tempo; a única coisa que talvez não soubéssemos é que se trata de um pecado mortal”.2

Sayers diz ainda que a pessoa caracterizada pela apatia — situação em que a paixão motivadora visa a interesses, necessidades e conforto pessoais — não parece necessariamente preguiçosa de modo algum. Ao contrário, esse tipo de pessoa parece ser bem ativa. Na verdade, segundo Sayers contesta, a apatia, “o pecado da alma vazia”, leva você a permitir que todos os outros pecados o motivem a trabalhar.

Um dos truques favoritos desse Pecado é se disfarçar sob uma capa de atividade física errática. Achamos que, se estamos correndo de lá pra cá e realizando tarefas aqui e ali, não estamos sofrendo de apatia [...]. A Glutonaria oferece um mundo de festas, jantares, esportes e correria de um lugar a outro, para nos encantarmos com locais bonitos [...]. A Cobiça nos arranca da cama de madrugada para trabalharmos com mais garra e vigor. A Inveja nos predispõe à fofoca e à difamação, a escrever cartas impertinentes aos jornais e a desenterrar segredos e fuçar as latas de lixo do escritório. A Ira providencia (muito engenhosamente) o argumento de que a única atividade correta em um mundo tão cheio de gente maldosa e atividades demoníacas é maldizer continuamente a plenos pulmões: “Este mundo foi criado por um estúpido e salafrário”. A Luxúria oferece a medonha órbita da promiscuidade que se faz passar por vigor físico. Mas tudo isso é um disfarce para o coração vazio, a mente vazia e a alma vazia que caracterizam a apatia, a indiferença [...]. No mundo, isso se chama Tolerância, mas, no inferno, se chama Desespero.3

Acho que essa observação acerta em cheio como brilhante exposição da idolatria. Sem ter nada mais importante que você mesmo como objetivo para trabalhar, todo seu esforço no trabalho é, na verdade, alimentado por um dos outros seis pecados capitais. Você pode dar um duro danado no trabalho porque a cobiça o impulsiona a superar alguém, ou porque o orgulho o força a provar que é bom, ou por causa da ganância ou fome de prazer. Resumindo, a apatia é a forma mais sutil de idolatria. Ela coloca o eu cético no centro de sua vida. E quem age assim permite que todos os piores vícios e pecados sejam as forças motivadoras de seu trabalho.

A trama principal da trilogia de O senhor dos anéis gira em torno do efeito corruptor do Anel do Poder. Quando você usa o Anel, ele amplia seu desejo por poder; e com isso, você se torna mau. Nas vezes em que um hobbit usa o anel, a descrição é mais ou menos assim: “Quando o Anel entra no seu dedo, você se torna a única coisa verdadeira. Você é uma pedrinha sólida e escura em um mundo fantasmagórico. Tudo o mais é vago e sombrio”. De certa forma, nossa cultura funciona como o Anel do Poder, ampliando a natureza self-service do pecado em cada coração humano. Ele afirma diariamente de milhares de formas diferentes que ninguém tem o direito de mandar em nossa vida — pois, no fim das contas, não existe padrão nem autoridade maior do que do Ego obstinado. Nossa consciência e nossas necessidades são mais verdadeiras do que qualquer coisa fora de nós; não há nada a que devamos nos submeter, nada que atrapalhe nossa felicidade sem nossa permissão; e não há nada que mereça o sacrifício de nossa liberdade. Na Bíblia, porém, a própria definição de paixão — pense na Paixão de Cristo — é sacrificar sua liberdade em favor de outra pessoa.

Romanos 12 trata dessa verdade em um nível prático. Paulo começa assim: “Portanto, irmãos, exorto-vos pelas compaixões de Deus que apresenteis o vosso corpo como sacrifício vivo” (v. 1). Paulo usa aqui a linguagem do templo; está nos levando a imaginar um adorador indo ao templo com sua oferta. Mas não está falando de oferta pelo pecado, feita quando você pecou e deseja reconciliar-se com Deus. Está se referindo à oferta queimada, que tinha de ser o melhor animal de seu rebanho — saudável e sem nenhum defeito. A oferta queimada era

uma forma de mostrar seu compromisso absoluto com Deus, como se dissesse: “Tudo o que tenho pertence ao senhor, sem restrições”. Em outras palavras, era uma declaração de paixão.

Na verdade, a expressão “sacrifício vivo” é deliberadamente paradoxal porque o sacrifício estava morto. Estar morto é parte do que significa ser sacrifício. Dizer ao povo de Deus: “Quero que vocês sejam uma coisa viva que foi morta” tem o objetivo de sacudir os cristãos; é um jeito de dizer que devemos nos manter na direção do morrer para os próprios interesses e do viver para Deus. É esse tipo de paixão que Deus pede de nós. E como ela é? O restante de Romanos 12 explica do que se trata, mas um versículo em particular traça com clareza o significado de sacrifício vivo: “Não sejais descuidados no zelo; sede fervorosos no espírito. Servi ao Senhor” (v. 11).

Há dois detalhes no versículo. Primeiro, “zelo” é tradução de uma palavra grega que significa uma combinação de urgência e diligência. É possível ser frenético — mostrar senso de urgência — sem ter foco e disciplina. É possível ser laborioso ou diligente sem o sentido de urgência. Mas Deus ordena que tenhamos senso de urgência e sejamos disciplinados. Segundo, quando o versículo diz “sede fervorosos no espírito”, o grego diz literalmente, “de espírito fervente”. Portanto, a ordem é que coloquemos emoção, disciplina e urgência na tarefa de ser sacrifícios vivos em nosso viver e no trabalho que realizamos. A ordem é que vivamos de forma apaixonada.

De onde vem essa paixão verdadeira? Paulo inicia o capítulo assim: “Portanto [...], exorto-vos pelas compaixões de Deus que apresenteis o vosso corpo como sacrifício vivo”. O que há na graça de Deus que, se notada, permite que você se transforme em um sacrifício vivo — em uma pessoa que morreu para suas próprias necessidades, que transferiu sua paixão para Deus? A resposta, claro, é Jesus, o supremo sacrifício vivo e a expressão por excelência da misericórdia de Deus. Quando você observa Jesus sofrendo e sacrificando-se por sua causa, quando a paixão dele é gravada em seu pensamento, torna-se bem claro se as coisas pelas quais você é apaixonado são apenas expressões dos outros seis

pecados capitais.

Mas por que Jesus sofreu? De onde vieram sua paixão e seu sacrifício? Em João 17, Jesus Cristo contempla os discípulos e diz ao Pai: “E por eles me santifico” (v. 19). No original, a palavra “santificar” significa coloca-se à parte como um corredor olímpico fazia. Sabemos como é treinar para as Olimpíadas. Tudo, absolutamente tudo na vida é subordinado a esse alvo. Cada minuto do dia, cada atividade é feita de tal modo que contribua para esse alvo. Existe muita dor todos os dias, mas ela é suportada sem reclamações. Somente esse nível de paixão e compromisso conquista a medalha de ouro.

E o mesmo aconteceu com Jesus e sua paixão. Ele se colocou à parte tendo como objetivo a nossa salvação. Ele perdeu tudo, suportou tudo, para alcançá-la. A paixão de Jesus Cristo era por você e pelo Pai — não por si mesmo. Esse é o nosso exemplo. Quando a extensão e a profundidade da paixão de Jesus tomar conta de seu coração, ela irá gerar paixão pelo trabalho que ele chamou você a realizar de maneira especial no mundo. Quando entender o que ele fez para resgatá-lo, seu orgulho e inveja começarão a desaparecer, porque sua autoestima não mais dependerá de você ser mais rico, mais legal, mais poderoso ou viver com maior conforto.

Em vez de trabalhar sustentado pela falsa paixão da apatia, que é filha do egoísmo, você trabalhará motivado pela paixão verdadeira, que é filha da abnegação. Você é adotado na família de Deus e, portanto, já tem sua autoafirmação. Você está justificado aos olhos de Deus, então não tem de provar nada a ninguém. Você foi salvo por meio de um sacrifício morto, de modo que está livre para ser um sacrifício vivo. Você é amado eternamente, assim pode trabalhar de forma incansável em resposta a uma tranquila plenitude interior.

O poder do descanso profundo

Existe um relacionamento simbiótico entre trabalho e descanso. Naturalmente todos nós sabemos disso até certo ponto. Tiramos folga do trabalho para reabastecer o corpo e a mente. Descansar, ou praticar a guarda do sábado, também é um modo de colocarmos o trabalho em perspectiva e em seu lugar apropriado. Geralmente não enxergamos o trabalho de maneira adequada até nos afastarmos dele e imergirmos em outras atividades. Vemos, então, que a vida não é feita apenas de trabalho. Com essa perspectiva e corpo e mente descansados, trabalharemos mais e melhor.

Mas a relação entre trabalho e descanso funciona em nível mais profundo também. Todos nós somos assombrados pelo trabalho que está por trás do trabalho — por aquela necessidade de provar e salvar a nós mesmos, de conquistar valor e identidade. Contudo, é possível experimentar o descanso do evangelho no íntimo do coração. Se conseguirmos nos libertar da necessidade de conquistar a salvação por meio do trabalho, teremos uma reserva profunda de refrigério que nos rejuvenesce constantemente, restaura nossa perspectiva e renova nossa paixão.

Para entender esse descanso profundo, temos de examinar o significado bíblico do sábado — entender o que ele sinaliza e para onde aponta.

Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás o teu trabalho; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que vive contigo. Porque o Senhor fez em seis dias o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e no sétimo dia descansou. Por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou (Êx 20.8-11).

Guarda o dia do sábado, para o santificar, como te ordenou o Senhor, teu Deus; seis dias trabalharás e farás todo o teu trabalho; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho,

nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu boi, nem teu jumento, nem qualquer animal teu, nem o estrangeiro que vive em tuas cidades; para que teu servo e tua serva descansem como tu. Lembra-te de que foste escravo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão forte e braço estendido. Por isso, o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia do sábado (Dt 5.12-15).

Êxodo 20 liga a observância do sábado ao trabalho criador de Deus. “Pois Deus descansou no sétimo dia.” O que significa isso na prática? Como Deus descansou após terminar a criação, temos de descansar após a nossa também. Esse ritmo de trabalho e descanso não é apenas para os cristãos; é para todo mundo, como parte da natureza que recebemos. Trabalhar demais ou de menos agride essa natureza e causa esgotamento. Descansar é, na verdade, um modo de aproveitar e celebrar os benefícios do trabalho de Deus e do nosso. Atrapalhar o ritmo do trabalho e descanso (ficando em um extremo ou em outro) resulta em caos na vida e no mundo ao redor. Portanto, o sábado é uma celebração do design de nossa criação.

Deuteronômio 5 liga a observância do sábado à redenção providenciada por Deus. O versículo15 diz: “Lembra-te de que foste escravo na terra do Egito e que o Senhor, teu Deus, te tirou dali com mão forte e braço estendido. Por isso, o Senhor, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia do sábado”. Deus apresenta o dia sabático como uma representação do fim da escravidão. Esse dia nos recorda que Deus libertou seu povo de uma condição em que não eram seres humanos, mas simplesmente unidades de produção na olaria do faraó. Quem não consegue obedecer ao mandamento de Deus quanto ao sábado é escravo, mesmo que por vontade própria. Seu próprio coração, ou nossa cultura materialista, ou uma organização exploradora, ou todas essas coisas irão tirar proveito de você, caso lhe falte a habilidade de ser disciplinado na prática do sábado. O dia sabático é, então, uma declaração de nossa liberdade. Ele significa que você não é escravo — seja das expectativas da nossa sociedade, dos sonhos da família, das exigências do curso de medicina, nem mesmo de suas próprias inseguranças. É importante que aprenda a falar essa verdade a você mesmo com uma pitada de triunfo — caso contrário, ou sentirá culpa por descansar, ou não conseguirá se desligar de verdade.

A lei do dia sabático em Israel foi implantada após o êxodo do Egito. Foi algo singular entre as culturas daquela época. Ela limitava o trabalho, o lucro, a exploração e a produção econômica em geral. A cada sete dias nenhum trabalho poderia ser realizado nos campos, e a cada sete anos os campos ficariam sem cultivo nenhum. Isso obviamente significava que, a curto prazo, Israel seria menos produtivo e próspero economicamente que seus vizinhos. No entanto, era uma terra de gente livre. A longo prazo, obviamente um povo descansado é muito mais produtivo.

Também devemos pensar no sábado como um ato de confiança. Deus escolheu o sábado como um lembrete de que ele trabalha e descansa. Respeitar o sábado é um modo disciplinado e fiel de lembrar que não é você quem mantém o mundo girando, que sustenta sua família, nem tampouco realiza seus projetos de trabalho. Os empresários, de modo especial, têm dificuldade em acreditar nisso. Eles têm muito trabalho e pouca gente para realizá-lo. Se não fizerem horas extras, nada sai do papel. Como é fácil aos empresários sucumbir à tentação de acreditar que são os únicos a sustentar seu cantinho da criação!

A essa altura, você tem de entender que Deus está presente — que você não está sozinho em seu trabalho. O famoso ensino de Jesus contra a preocupação (Mt 6.25-34) é apresentado no contexto do trabalho. Ele nos repreende dizendo que as flores do campo recebem cuidados, embora não trabalhem nem teçam (v. 28). Jesus nos faz lembrar que somos claramente mais importantes para Deus do que as plantas — então não deveríamos “correr atrás” de coisas materiais por meio do trabalho (v. 32).

Assim, se você se preocupa durante o descanso, não está observando o sábado. Ele é uma oportunidade que temos de meditar em textos iguais a Mateus 6 até que o descanso comece de fato a nos envolver.

Talvez achemos que os benefícios práticos do descanso sabático segundo ensina o evangelho só nos alcançam como indivíduos, quando oramos e lemos a Palavra — mas não é assim. Deus também nos fortalece por meio da comunhão com outros cristãos. Por exemplo, Paulo incentiva os cristãos a levar “os fardos uns dos outros e assim estareis cumprindo a lei de Cristo” (Gl 6.2). Aprendemos, no entanto, que Jesus aliviará os fardos (Mt 11.28-30) e que devemos lançar todas as nossas ansiedades e preocupações sobre Deus (1Pe 5.7), que diariamente leva nossa carga (Sl 68.19). Então como é que fica? Devemos esperar que Deus nos sustente sob o trabalho e os fardos — ou buscar isso nos irmãos em Cristo? A resposta, claro, é que devemos fazer as duas coisas, porque normalmente é por intermédio da solidariedade e do encorajamento dos amigos cristãos que experimentamos o refrigério e apoio de Deus em nosso trabalho.

O descanso que está por trás do descanso

Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mt 11.28-30).

Para entender mais profundamente o que acontece com nosso trabalho após conhecermos Jesus, examine esse texto. Quando Jesus chama todo mundo para si, ele afirma saber que estamos “cansados e sobrecarregados” e precisamos de alívio. Porém a cura de Jesus para nosso cansaço é um “fardo” (v. 30) e até mesmo um “jugo” (v. 29)! O jugo ou arreio colocado em um jumento de carga era símbolo de escravidão e do trabalho de moagem. Como isso seria a solução para o cansaço profundo? Jesus está falando de seu fardo e de seu jugo — e um é leve, enquanto o outro é suave. Por quê? Porque “sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma” (v. 29). Ele é o único chefe que não irá esmagá-lo até o pó, o único público que não precisa de sua melhor atuação para ficar satisfeito com você. Por quê? Porque o trabalho dele em seu benefício já foi consumado.

Na verdade, a definição real de cristão é alguém que não apenas admira Jesus, imita Jesus e obedece a Jesus, mas que “descansa na obra consumada de Cristo”, e não em sua própria obra. Lembre-se de que, em Gênesis 2.1-3, Deus descansou apenas depois de terminar seu trabalho criador. O cristão só descansa porque o trabalho redentor de Deus está igualmente terminado em Cristo. Quando o trabalho que está por trás do trabalho foi consumado pelo Filho, tudo o que nos resta a fazer é servir ao trabalho que o Pai nos deu.

Dissemos antes que muitas pessoas estão realizando “o trabalho que está por trás do trabalho”. Não estão meramente fazendo o trabalho que lhes paga o salário — também trabalham para espantar o sentimento de inferioridade. Mas em Jesus encontramos o “descanso que está por trás do descanso”, a paz que restaura a alma. Sem ele, todo e qualquer trabalho será insatisfatório. Não conseguimos relaxar, mesmo quando deveríamos estar descansando. Não conseguimos nos afastar das redes, nem mesmo à noite. Não seremos capazes de aproveitar o contentamento que Deus tinha em mente quando nos chamou a realizar a tarefa que preparou para nós.

Vemos um exemplo clássico desse contraste no filme Carruagens de fogo, no qual um corredor participa das Olimpíadas literalmente “para justificar a existência”, enquanto outro atleta descansava tão profundamente em Cristo que não se importaria em ficar sem a medalha de ouro por não correr no domingo. O primeiro atleta tinha de ganhar o ouro, pois estava realizando o trabalho que está por trás do trabalho. (Pelo menos no filme, nem a medalha de ouro seria suficiente para lhe dar o descanso profundo que buscava.) O segundo atleta, Eric Liddell, cristão fiel, tinha outra perspectiva sobre medalhas olímpicas. Ele estava descansando. Eric disse à irmã que Deus o tinha feito um atleta veloz, só isso, e afirmou: “Quando corro, sinto a alegria dele”. Eric corria pelo prazer de correr e para alegrar aquele que lhe dera o talento de fazer isso.

Recordemos a citação de John Coltrane no início deste livro:

Em 1957, vivenciei, pela graça de Deus, um despertamento espiritual que resultou em vida mais produtiva, mais rica e mais completa. Naquela época, como forma de gratidão, pedi humildemente os recursos e o privilégio de levar felicidade às pessoas por intermédio da música [...], para inspirá-las a desenvolver cada vez mais sua capacidade de ter uma vida significativa. Pois certamente a vida tem significado. Creio que isso me foi concedido pela graça de Deus. A ELE SEJA TODA A GLÓRIA.

Em certa altura da vida, Coltrane foi igual a todo mundo. Ele havia dito do fundo da alma: “Se eu for um profissional realmente bom, se for bem-sucedido, se as pessoas me aplaudirem e apreciarem, então verei que sou importante; saberei que tenho algum valor”. Mas essa dinâmica interior geralmente não produz o melhor trabalho — ou o descanso mais profundo. Como C. S. Lewis observou:

Você nunca deixará uma boa impressão enquanto estiver pensando no tipo de impressão que está deixando. Mesmo na literatura e na arte, ninguém que se preocupe com originalidade será original: ao passo que, se você simplesmente disser a verdade (sem dar a mínima para quantas vezes ela já foi dita), conseguirá, nove vezes entre dez, ser original sem nem mesmo perceber [...]. Desista de si mesmo e encontrará o seu eu verdadeiro.4

Algo aconteceu que levou Coltrane a revelar quem ele era. Certa noite, após uma apresentação excepcionalmente brilhante da suíte A Love Supreme [Amor supremo] —32 minutos de uma efusão de louvor a Deus —, Coltrane deixou o palco e alguém o ouviu dizer: “Nunc dimittis”. Essas foram as palavras de Simeão, em Lucas 2, após ele ter visto o Messias prometido. Essencialmente, a frase significa: “Eu poderia morrer feliz agora”. Coltrane afirmou que uma experiência com o amor de Deus o libertou do trabalho que está por trás do trabalho por causa do trabalho em si. Ele havia recebido o poder de Deus e sentido a alegria de Deus.5 Coltrane parou de criar música em benefício próprio e começou a compor pela música em si, para o bem dos ouvintes e pensando em Deus.

Na perspectiva cristã, o modo de descobrir nosso chamado é analisando como fomos criados. Nossos dons não surgiram por acaso; nós os recebemos do Criador. E se não tivermos capacidade de correr em uma Olimpíada nem de nos apresentar num palco internacional? E se você labuta com um chefe injusto ou um trabalho chato em que seus talentos não são aproveitados? É um alívio saber que Deus está totalmente consciente de sua situação a todo momento e que, ao servir ao trabalho que recebeu, você serve ao Senhor.

É isso que Dorothy Sayers tinha em mente quando nos motivou a servir ao trabalho. E era disso que Tolkien estava falando em “Leaf by Niggle”. Quando nosso coração passa a esperar em Cristo e no mundo futuro que ele nos garantiu — quando carregamos o jugo suave dele —, recebemos poder para trabalhar de coração liberto. Conseguimos aceitar com alegria qualquer patamar de sucesso e realização que Deus nos der em nosso trabalho, porque ele nos chamou a realizá-lo. Trabalharemos com tranquilidade e paixão, sabendo que, no final das contas, os mais profundos desejos de nosso coração — incluindo aspirações específicas para nosso trabalho aqui nesse mundo — serão concretizados quando chegarmos ao nosso verdadeiro país, o novo céu e a nova terra. Assim, em qualquer época e lugar conseguimos trabalhar com alegria, satisfação e sem arrependimentos. E também podemos declarar: “Nunc dimittis”.

▪

[1]Dr. Ann, “I Do, Therefore I Am! Aren’t I?” [“Faço, portanto sou! Não sou?”], Crosswalk, disponível em: <http://christiannewsrssfeed.blogspot.com/2012/06/crosswalk-i-do-therefore-i-am-arent-i.html>.↩

[2]Harcourt Brace, 1949, p. 81.↩

[3]Ibidem., p. 81-2.↩

[4]Mere Christianity, San Francisco: Harper, 2001, p. 226 [Edição em português publicada pela Martins Fontes sob o título Cristianismo puro e simples].↩

[5]Devo acrescentar que, enquanto Eric Liddell era cristão e missionário evangélico, a crença de John Coltrane não é facilmente definida, e alguns dizem que não era especificamente cristã. Mesmo assim, a ligação que ele faz entre o amor de Deus, nossa fé e nosso trabalho é vívida e correta.↩

Epílogo

Orientando os cristãos a integrar fé e trabalho

Faz uns dez anos que a Redeemer Presbyterian Church tornou o discipulado vocacional — que se dedica a ajudar os cristãos a integrar fé e trabalho — um objetivo importante de seu ministério global. Os membros e frequentadores de nossa igreja vivem como "estrangeiros residentes" em uma metrópole onde 3% da população é cristã. Muitos cristãos lutam para manter a fé enquanto tentam colaborar com a comunidade de seu local de trabalho. Outros desejam que seu relacionamento com Cristo seja atraente, pois não querem aumentar a distância entre a igreja e a cidade. Muitos ainda são novos na fé e não têm a menor ideia de como ser um discípulo de Jesus em todas as áreas da vida, inclusive no trabalho. O desafio é aprofundar a fé e a teologia de nossa igreja e também capacitar os membros a se engajar na cidade com o amor e a verdade do evangelho. Temos procurado ajudar nossa congregação a testemunhar do evangelho em todas as esferas da cultura de modo que busquemos a paz e a prosperidade (Jr 29.7) da cidade onde Deus nos colocou.

A carta que Jeremias enviou de Jerusalém aos líderes, sacerdotes e povo de Israel que estavam exilados na Babilônia tem sido instrumental no estabelecimento do propósito e do tom de nosso ministério. Primeiro, a carta logo deixa bem claro que o Senhor Deus afirma ser o responsável pelo cativeiro do povo. Diante das provações da vida em uma cidade grande e das exigências de uma carreira profissional estressante, é muito bom pensar na soberania de Deus, de modo que, por definição, tenhamos certeza de estar onde ele quer que estejamos. Segundo, Deus manda que seu povo busque a paz e a prosperidade da Babilônia "porque a prosperidade dela será a vossa prosperidade". Como igreja, nós nos vemos como uma pequena minoria a quem Deus chamou para amar e servir à cidade, às nossas profissões, aos nossos locais de trabalho e à comunidade do bairro em que moramos. Buscamos levar outros à fé redentora e restauradora, mas também

procuramos servir ao lado de pessoas que não têm as mesmas crenças que nós, pelo bem da cidade e do mundo. O discipulado para estrangeiros residentes, ou exilados, é diferente daquele feito em culturas nas quais a fé cristã é predominantemente aceita, e o objetivo é trazer as pessoas de volta a algo que a cultura já mostra que deveriam seguir. Em nossa igreja, chamamos esse discipulado para estrangeiros residentes de “discipulado exílico”.

A Redeemer também é moldada pela profunda certeza de que o evangelho transforma tudo — em nosso coração, nossa comunidade e nosso mundo. Nas palavras de Abraham Kuyper: “Não existe sequer um centímetro quadrado em todo domínio de nossa existência humana sobre o qual Cristo, que é Soberano sobre todas as coisas, não reivindique: ‘Meu!’”.1 Nosso ministério de fé e obras busca explorar o poder e a promessa de que a história cristã tem de mudar, redimir e renovar cada aspecto de nosso trabalho, de nossos relacionamentos e da sociedade que influenciamos por meio do que fazemos.

À medida que buscamos levar os cristãos a uma melhor integração entre fé e trabalho, é importante ter em mente quem eles são. Muitos estão totalmente voltados à carreira profissional — advocacia, artes, finanças, negócios, educação, saúde, tecnologia, política, arquitetura, propaganda e publicidade. Também são jovens (idade média de 33 anos), 70% são solteiros e estão em início de carreira. Depois de 9 anos, com mais de 1.500 pessoas envolvidas e mais de 150 líderes voluntários, podemos agora identificar alguns modos específicos de pensar (enredos ou cosmovisões) e alguns comportamentos explícitos (práticas ou hábitos) fundamentais para nossa liderança capacitar esse pessoal a testemunhar mais efetivamente do evangelho no ambiente de trabalho.

Ao promover uma mudança, é bom analisar onde nos encontramos e para onde desejamos ir. A coluna da esquerda no gráfico a seguir lista várias crenças ou maneiras de pensar que são pontos de partida para muitos membros de nossa igreja. São pressupostos que moldam o enredo que eles seguem, como discutimos no capítulo 9. A coluna da direita apresenta a crença correspondente que ensinamos, buscando ajudar as pessoas a reformar o enredo que elas

seguem. Essas ideias, quando se tornam bem reais para nós, transformam nosso modo de pensar, sentir e agir. Quase todas foram analisadas em detalhes neste livro em linguagem mais elaborada; a lista simplesmente mostra como captamos as mudanças de pensamento mais importantes que levam a pessoa a aplicar o evangelho de modo mais completo no trabalho que realiza.

▪

	Mudança de		Mudança para
1.	Salvação individual	1.	O evangelho transforma tud
2.	Ser bom	2.	Ser salvo
3.	Graça barata	3.	Graça que custou um alto pr
4.	O céu é “lá em cima”	4.	Cristo voltará — ao mundo
5.	Deus como valor que é agregado a nós	5.	A providência de Deus nos
6.	Ter ídolos deste mundo	6.	Viver para Deus
7.	Atitude de desprezo pelo mundo	7.	Engajamento no mundo
8.	“Voo solo”	8.	Vida em comunidade
9.	O indivíduo é importante	9.	As organizações são import
10.	Superioridade cristã	10.	Deus trabalha por meio de c

Temos na igreja muitos jovens vindos de outras cidades e que cresceram em igrejas evangélicas que limitavam a aplicação do evangelho à salvação individual. Uma grande parte de nosso ministério se concentra em expandir o entendimento que esses jovens têm do evangelho, para que o apliquem (por meio de relacionamentos transformados pelo evangelho) em nossas comunidades, organizações, cidade e cultura.

Muitos ministérios que conjugam fé e obra enfatizam a ética — como ser bom, honesto e justo. Como explicamos no final do capítulo 7, é muito difícil (e até incompatível com o evangelho) esforçar-se para ser apenas uma pessoa boa ou um "herói", como foi o caso de Ester. O esforço para sermos bons nos desvia do foco principal, que é lidar com nosso pecado, pois foi por causa do nosso pecado que Cristo teve de morrer. Queremos levar as pessoas a entender que, quanto mais reconhecerem seu pecado, mais e mais experimentarão a graça de Deus. Uma vida de gratidão pela salvação traz muito mais contentamento do que uma vida alicerçada no farisaísmo resultante da atitude de nos acharmos bons. Isso nos leva ao próximo ponto — Deus pagou um alto preço por nós. Ao contemplar a morte de Cristo na cruz a nosso favor, somos levados à humildade e motivados a nos entregar a ele em agradecimento.

Os dois próximos pontos caminham de mãos dadas. Um céu apenas com almas flutuando pelos ares é bem diferente daquele em que viveremos na cidade mais maravilhosa que alguém poderia imaginar neste mundo: uma cidade onde as árvores que retratamos em nossos quadros (ver a Introdução) ou nossas tecnologias novas e geniais serão mais perfeitas do que alguém poderia imaginar neste mundo caído. Essa visão confere valor à materialidade das coisas que nos cercam. Motiva-nos a empregar nosso melhor em benefício do desenvolvimento do mundo atual e do reino futuro.

O capítulo 8 falou sobre ídolos. Os ídolos impedem nosso relacionamento com Deus e nos tornam orgulhosos. Procuramos levar as pessoas a identificar os

ídolos de sua profissão e os ídolos que elas usam para lidar com os espinhos e aguilhões da vida e com o perigo terrível de uma existência sem Deus. Cada vez que desmascaramos um ídolo, ficamos mais perto de Deus, e nossa confiança nele aumenta.

Na sociedade individualista que nos cerca, enfrentamos muita resistência à noção bíblica de comunidade. Naturalmente, todo mundo diz que deseja comunidade, amizade e amor. Mas é só mencionar "responsabilidade" e "compromisso" que as pessoas correm na direção oposta. Nós nos esforçamos para mostrar que Deus trabalha na comunidade e por meio dela; ele até instituiu a igreja para que testemunhássemos juntos de seu evangelho. Também deparamos constantemente com a excelência, a generosidade e o amor das pessoas que não conhecem a Jesus. "Por que aquele meu colega de trabalho é muito melhor do que cristãos que eu conheço?" Ficamos felizes da vida quando sabemos que um famoso jogador de futebol ou basquete é cristão, como se o fato nos tornasse membros de uma classe nobre aos olhos do mundo. É um desafio ser diferente em nossa maneira de trabalhar por meio do poder dos recursos que Jesus oferece e, ao mesmo tempo, ver centenas de pessoas que não têm esses recursos do evangelho ser mais bem-sucedidas e ganhar mais destaque do que nós. Entender a graça comum é a chave para a humildade e a apreciação da soberania de Deus.

Nunca passaria por minha cabeça afirmar que a vida de trabalho mergulhada no evangelho resume-se a essas dez ideias básicas. Essa é a maneira mais rápida de nos tornarmos moralistas e cegos à beleza do evangelho. Entretanto, é muito bom ter algumas ideias deste livro resumidas em algumas frases, para, assim, ensinarmos as pessoas a ter um pensamento teologicamente saudável em relação à vida no trabalho.

Nossa oração é que, ao lutarmos para entender quem Deus é e como nos relacionamos com ele, nossa igreja cresça em humildade, amor, verdade, graça e justiça; e que nossos semelhantes na cidade se desenvolvam porque fazemos parte dela.

Centro Redeemer para fé e trabalho

Em 2002 a Redeemer Presbyterian Church voltou seu foco para cinco áreas básicas do ministério na cidade de Nova York: adoração e evangelismo, formação de comunidade, misericórdia e justiça, plantação de igrejas, fé e trabalho. Quando me chamaram (Katherine) para criar um ministério para a área de fé e trabalho, a Redeemer estava começando a desenvolver a visão de renovar as organizações culturais da cidade por intermédio dos membros da igreja que trabalhavam em Nova York. Fiquei perplexa com a resposta entusiasmada da congregação. Já havia iniciado uma porção de projetos ou serviços em minha vida que consumiram meses e muito dinheiro em publicidade, mas dessa vez o telefone começou a tocar antes mesmo de eu ser oficialmente apresentada à igreja.

O CFW (Center for Faith & Work [Centro para fé e trabalho]) da igreja começou sem orçamento nenhum, mas com uma alta demanda. Em 2003 tínhamos mais ou menos três mil pessoas participando dos cultos dominicais, e boa parte delas era nova na fé. Muitas estavam em início de carreira e dando o sangue para cumprir as exigências diárias do trabalho, sem tempo para mais nada, muito menos para testemunhar sua fé. Havia escassez de mentores ou modelos dentro da igreja.

Realizamos uma série de estudos, dirigidos por mim e outros líderes, sobre escolha de profissão, liderança e teologia do trabalho. Queríamos descobrir o que a Bíblia tinha a dizer sobre as preocupações que nossa congregação enfrentava diariamente e como entender melhor as necessidades de nossa comunidade. Uma pesquisa com centenas de participantes desses cursos revelou que:

6% já haviam testemunhado de sua fé aos colegas de trabalho;

55% oravam a respeito do trabalho;

50% de todos os entrevistados responderam que lutavam para equilibrar ou integrar seus desejos ao desejo de Deus para sua vida;

bem poucos reconheceram alguma forma que seu trabalho contribuísse para a sociedade.2

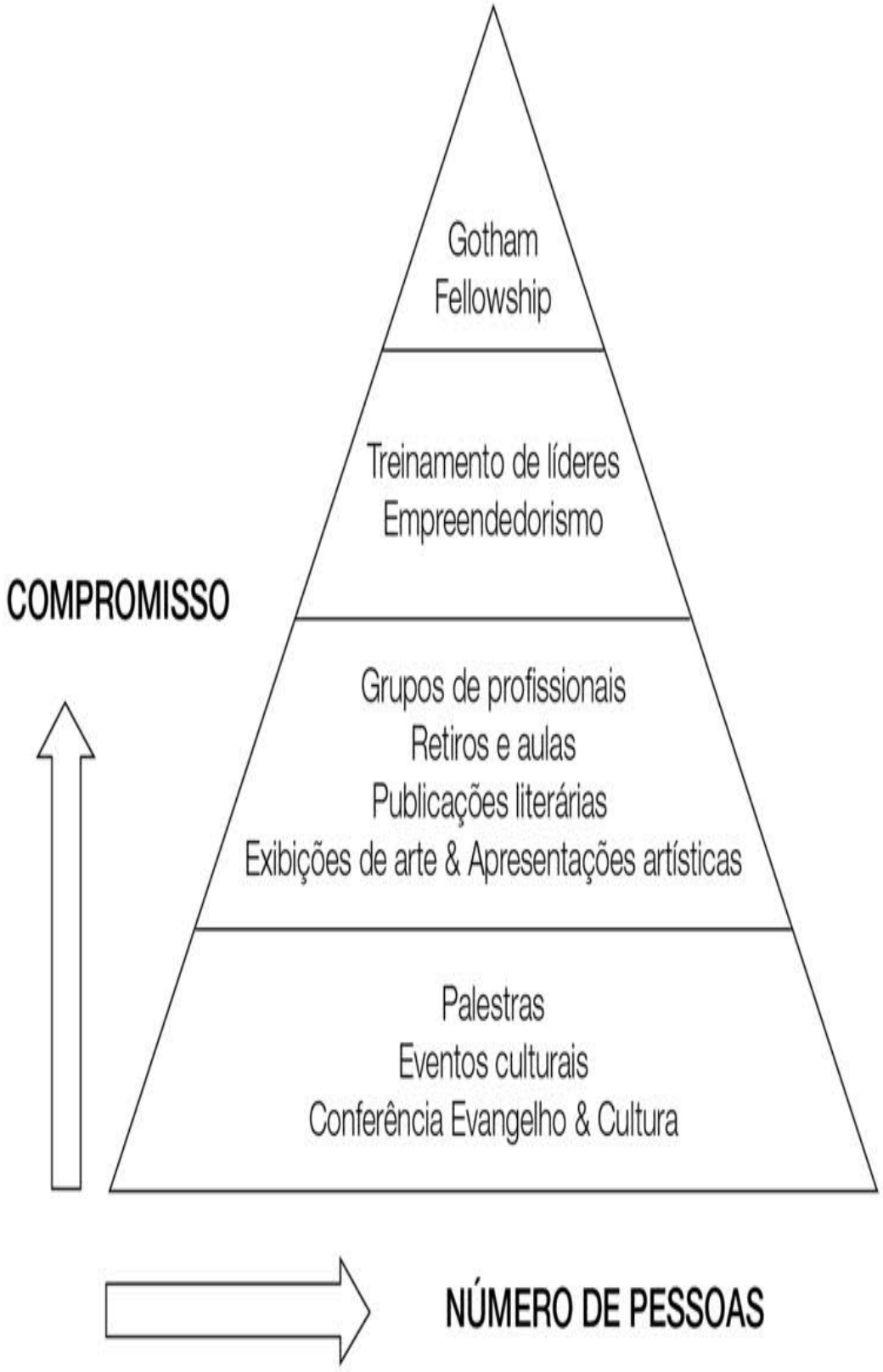
Em 2005, a Redeemer Church levantou recursos por intermédio de uma grande campanha na igreja, e construímos o CFW em cinco anos. Nossa missão é capacitar, conectar e mobilizar os membros da igreja em seus respectivos campos de trabalho rumo à transformação centrada no evangelho para o objetivo comum. Cada um dos objetivos — a saber, capacitar, conectar e mobilizar — é importante para ajudar as pessoas a trabalhar de modo diferente à luz do evangelho. Muitos cristãos se reúnem em pequenos grupos, mas se não tiverem uma estrutura comum que os ajude a refletir sobre sua fé, as discussões permanecem superficiais. Geralmente as igrejas acham que sua tarefa é apenas ensinar, pressupondo que a congregação irá praticar o que lhe foi ensinado. Contudo, uma pesquisa sobre aprendizagem na vida adulta mostra que as pessoas mudam somente quando ouvem a nova ideia (é assim que as capacitamos), discutem-na com os amigos (é assim que as conectamos) e aplicam-na em situações simuladas ou verdadeiras (é assim que as mobilizamos).

Também analisamos nossos programas em termos do número de pessoas que alcançam e da quantidade de recursos investidos. Quanto maior for o comprometimento dos participantes, mais investimos. Dessa forma, fazemos um investimento significativo no programa Gotham Fellowship [dedicado ao estudo de teologia e liderança cultural para jovens que buscam a paz e a transformação da cidade], que tem duração de quase um ano, em 2012-2013, por exemplo, atendeu 40 pessoas. Na base da pirâmide (a seguir), temos muitos membros da igreja que só podem participar de uma conferência de fim de semana ou uma palestra noturna durante a semana. Muitos participantes pagam por essas programações, mesmo que sejam compromissos de curto duração. Veja em nosso

site (www.faithandwork.org) uma breve descrição dos programas desenvolvidos pelo CFW; destacaremos alguns nas páginas seguintes.

Grupos de profissionais

Nossos grupos de profissionais se reúnem mensalmente e às vezes convidam um palestrante de fora ou promovem eventos sociais. Cada grupo é liderado por um time de voluntários comprometidos em ajudar colegas de profissão em sua busca vocacional à luz do evangelho, ajudando-os a crescer na fé e a explorar desafios e oportunidades em sua área de trabalho. As equipes de líderes são inovadoras em seus formatos e tópicos. No momento, nossa igreja possui vários grupos para os mais diferentes tipos de profissionais: atores, publicitários, arquitetos, engenheiros, construtores, administradores de empresa, bailarinos, educadores, empreendedores, estilistas, cineastas, investidores, médicos, enfermeiros, professores universitários, técnicos de informática, diplomatas, advogados, estudantes de doutorado, artistas plásticos e escritores.


Gotham
Fellowship
Treinamento de líderes
Empreendedorismo
Grupos de profissionais
Retiros e aulas
Publicações literárias
Exibições de arte & Apresentações artísticas
Palestras
Eventos culturais
Conferência Evangelho & Cultura
COMPROMISSO
NÚMERO DE PESSOAS

Gotham Fellowship

Gotham Fellowship (Gotham é o apelido que o escritor, biógrafo, historiador e diplomata Washington Irving deu a Nova York) é um curso intensivo de teologia e liderança, com duração de nove meses, para jovens profissionais de todas as áreas. Estudando fontes como Agostinho, Calvino, Owen e Lutero, os participantes desenvolvem a habilidade de aplicar o evangelho aos seus corações, a seus relacionamentos e à compreensão que têm de suas profissões. O programa desenvolve estruturas teológicas e práticas espirituais que podem ser utilizadas no trabalho. Em seu quinto ano de funcionamento, Gotham Fellowship tem mais de cem ex-alunos trabalhando em igrejas e em suas áreas profissionais, os quais continuam se reunindo periodicamente para “estimular uns aos outros ao amor e às boas obras” (Hb 10.24).

Empreendedorismo

A Redeemer se comprometeu a servir à cidade de Nova York não somente pela plantação de igrejas que alcancem quem não frequenta igreja nenhuma e não segue a Jesus, mas também ajudando a construir um ecossistema de organizações e instituições que sirvam à cidade. Esse grupo que formamos apoia empreendedores promovendo um Concurso de Planos de Negócios, que convida empresários iniciantes a desenvolver seus projetos de maneira mais teológica e estratégica. Os vencedores recebem um pequeno incentivo financeiro e também consultoria de empresários mais experientes da igreja. A iniciativa criou uma rede de investidores, líderes, consultores, empresários tarimbados e empresários iniciantes que trabalham juntos para servir à cidade com novos empreendimentos centrados no evangelho.

Ministérios de Artes

Entre 15 e 20% dos membros da Redeemer trabalham com artes — música, teatro, artes visuais, dança, literatura, moda etc. Muitos artistas de Nova York se sentem particularmente incompreendidos ou até rejeitados pelas igrejas porque realizam um trabalho que não é explicitamente cristão, ou seja, não é voltado diretamente para a igreja ou não contém uma mensagem claramente cristã. Nosso Ministério de Artes envolve os artistas na teologia da arte e cultura e lhes oferece oportunidades para que exibam seu trabalho e cooperem em projetos conjuntos.

Discipulado baseado na igreja

A Redeemer Church e o CFW acreditam que é de vital importância que o ministério voltado para fé e trabalho seja integrado à vida da igreja. Muita gente quer saber se planejamos transformá-lo em uma organização independente sem fins lucrativos, e a resposta é “não”. Nosso objetivo sempre foi exemplificar nossa convicção de que a vida profissional é essencial para termos uma humanidade plena no sentido bíblico. As igrejas têm de abraçar a pessoa por inteiro — casada ou solteira, doente ou saudável, no trabalho ou em casa. Um ministério voltado para fé e trabalho, que seja baseado na igreja local, é importante por dois motivos: 1) quase sempre o trabalho é o cadinho em que Deus lança luz sobre os ídolos das pessoas e as refina à semelhança de Cristo; e 2) a igreja alcança o mundo em geral por meio da presença fiel de seu povo no local de trabalho. Os últimos dez anos têm nos mostrado que esse ministério voltado para a integração entre fé e trabalho é tão importante para a vida da igreja que não pode ser ignorado. Ele convence formadores de opinião com influência sobre a cultura a serem mais moldados pelo evangelho; propicia à igreja uma visão compartilhada mais ampla de serviço ao próximo; e oferece à igreja maior credibilidade na cultura na qual ela serve.

Embora a maioria das igrejas seja menor que a Redeemer e tenha de adaptar seu ministério para integrar fé e trabalho de modos bem diferentes, encorajamos

todas as igrejas a desenvolver algo que se encaixe em seu contexto. A maioria das igrejas pode criar grupos de profissionais para discutir os desafios particulares e as oportunidades para pessoas que trabalham em três áreas básicas: negócios, artes e profissões nas áreas de saúde, educação e cuidados humanos. Como alternativa, o pastor poderia formar um grupo de 12 a 24 pessoas de diferentes profissões para lerem um livro como O chamado, de Os Guinness,3 ou A criação restaurada, de Al Wolters,4 e discutirem as implicações em sua própria vida. Nossa igreja tem observado que as pessoas estão buscando mais estudo teológico para manejar com mais habilidade os desafios de suas profissões e desejam muito que seus pastores tenham interesse em aprender mais sobre as situações que elas enfrentam no dia a dia.

[1]Citação do discurso de Kuyper na inauguração da Universidade Livre de Amsterdã. Apud Abraham Kuyper: a Centennial Reader, James D. Bratt, org., Eerdmans, 1998, p. 488. ↩

[2]"Reflections on Work: A Survey", Redeemer Report (boletim informativo da igreja, fora de circulação), janeiro de 2004.↩

[3]São Paulo: Cultura Cristã, 2001.↩

[4]São Paulo: Cultura Cristã, 2006.↩

Biografia dos autores

Timothy Keller nasceu e cresceu no estado americano da Pensilvânia. Estudou em instituições como Bucknell University, Gordon-Conwell Theological Seminary e Westminster Theological Seminary. A princípio, foi pastor na cidade de Hopewell, na Virgínia. Em 1989, iniciou a Redeemer Presbyterian Church em Manhattan, com sua esposa, Kathy, e seus três filhos. Hoje, a igreja tem uma frequência de mais de cinco mil membros aos domingos e já ajudou a plantar cerca de duzentas igrejas ao redor do mundo. Keller é um autor prolífico. Entre outros livros, escreveu: A cruz do rei, O significado do casamento e Justiça generosa, todos publicados por Edições Vida Nova. Keller e sua família moram em Nova York.

Katherine Leary Alsdorf trabalhou durante 25 anos na indústria de alta tecnologia como analista econômica e ocupou diferentes posições de liderança no mundo corporativo. Após Katherine ter sido CEO de One Touch Systems e Pensare, a Redeemer Presbyterian Church recrutou-a para liderar o ministério da igreja voltado ao mercado de trabalho, hoje chamado de Center for Faith & Work [Centro para Fé e Trabalho], que atende a mais de duas mil pessoas por ano. Katherine já foi membro do conselho diretor de International Arts Movement, Fellowship for the Performing Arts e do projeto Theology of Work.